

# *Alma Quebrada*

*Pedro Ernesto Poli Filho*

*2021*

---

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

# Índice

- [1 CHUVA GÉLIDA](#)
- [2 CORREDORES SOMBRIOS](#)
- [3 A VINGANÇA DOS ESPÍRITOS](#)
- [4 A BUSCA ENTRE DUNAS](#)
- [5 FUGA CONGELANTE](#)
- [6 ATAQUE AO ANOITECER](#)
- [7 DOR E AGONIA](#)
- [8 O ANOITECER NO DESERTO](#)
- [9 CURA MILAGROSA](#)
- [10 ATORMENTADO](#)
- [11 TEMPOS SOMBRIOS](#)
- [12 PESADELO SEM FIM](#)
- [13 TRÊS DESTINOS](#)
- [14 ÁRIA E ONIRODINIA](#)
- [15 MILKAR A EXECRÁVEL](#)
- [16 A CAÇADA](#)
- [17 SONHOS E ALUCINAÇÕES](#)
- [18 ARREPENDIMENTO](#)
- [19 OS EFEITOS DA CORRUPÇÃO DA DEIDADE](#)
- [20 RASTROS E VESTÍGIOS](#)
- [21 REINADO PAVOROSO](#)
- [22 CHUVA DE FOGO](#)
- [23 AS ENTRANHAS DO FIM](#)
- [24 GLOSSÁRIO](#)
- [25 Mapas](#)

## **SUMÁRIO**

- 1 CHUVA GÉLIDA**
- 2 CORREDORES SOMBRIOS**
- 3 A VINGANÇA DOS ESPÍRITOS**
- 4 A BUSCA ENTRE DUNAS**
- 5 FUGA CONGELANTE**
- 6 ATAQUE AO ANOITECER**
- 7 DOR E AGONIA**
- 8 O ANOITECER NO DESERTO**
- 9 CURA MILAGROSA**
- 10 ATORMENTADO**
- 11 TEMPOS SOMBRIOS**
- 12 PESADELO SEM FIM**
- 13 TRÊS DESTINOS**
- 14 ÁRIA E ONIRODINIA**
- 15 MILKAR A EXECRÁVEL**
- 16 A CAÇADA**
- 17 SONHOS E ALUCINAÇÕES**
- 18 ARREPENDIMENTO**
- 19 OS EFEITOS DA CORRUPÇÃO DA DEIDADE**
- 20 RASTROS E VESTÍGIOS**
- 21 REINADO PAVOROSO**
- 22 CHUVA DE FOGO**
- 23 AS ENTRANHAS DO FIM**
- 24 GLOSSÁRIO**
- 25 Mapas**

# 1 CHUVA GÉLIDA

Durante dezenas de Luas uma chuva fina e gélida que em apenas em uma determinada região não cessava, a terra já se tornara quase líquida. Nela o atoleiro já só não cobria as estradas constantemente reconstruídas perto do vilarejo Waterfront — o maior da região, com dezenas de barracos servindo de depósitos de óleos, sementes e vinho.

As ruas formavam corredores ladrilhados de pedras; as casas eram simples, construídas de madeiras, poucas eram de pedras. As que se encontravam nas ruas mais movimentadas possuíam jardins pequenos, em vasos quadrados na beira da janela.

Dentro da cidade não possuía muitos lugares com terra a vista, apenas nas esquinas árvores cresciam criando sombras sobre bancos e mesas. Toda pavimentada, a água escorria por pequenos aquedutos até o mar, improvisando pequenas cascatas onde crianças sempre brincavam na beira mar. Ao centro se encontrava a grande taverna Agárico, a qual tinha uma base fina. O salão e aposentos ficavam elevados no andar superior.

Continuando a haste de sustentação, subia uma torre central com uma escada girando sobre a base com capacidade de acomodar quatro sentinelas com vista de toda cidade.

Ao redor do vilarejo muros de madeira protegiam-na até a costa.

Possuía também um pequeno porto com capacidade para uma dezena de embarcações ligando várias regiões do outro continente. Seu mercado a céu aberto possuía inúmeras barracas com condimentos, verduras, peixes, animais vivos, além do comércio de óleo de baleia ao litoral. O óleo sem dúvidas era o item mais valioso criado dentro da cidade.

Quando o Sol estava no centro do céu, os marujos festejavam a captura de duas baleias, motivo o suficiente para manterem todos felizes e comemorando com suas tripulações no Robalo Mestre, uma tasca montada sobre uma embarcação de pesca adaptada. As baleias dariam vinte barris de óleo e algumas toneladas de carne. Apesar da chuva, as pescas em alto mar estavam muito boas já que

ela não atingia uma distância grande da costa. As crianças brincavam felizes ganhando pães e bebidas dos marujos; messalinas e michês de todas as idades eram convidados para irem até os quartos dos marujos em seus baleeiros.

Durante o anoitecer do mesmo dia, os portões de Waterfront ainda não estavam trancados. Os guardas mantinham apenas encostado até acenderem os lampiões nos postes próximos ao portão e nos arredores escuros da muralha.

À entrada e saída não eram proibidos, apenas era necessário que se identificassem para tal. Um portão pequeno era aberto e a entrada então era liberada.

Os relâmpagos eram a única fonte de iluminação. Com a ausência da luz lunar, até mesmo dentro da cidade a sombra e escuridão se mantinham presentes e mais escuras em todos os cantos, diminuindo a permanência dos moradores fora de suas casas ou da taverna central. Fora do muro, apenas era possível ser ouvido ao longe o cavalgar de cavalos e urros indistinguíveis dividindo espaço com os trovões.

Aos poucos o silêncio que caía gelado com a chuva perdia sua força gradativamente.

O barulho dos cavalos se aproximava rápido do vilarejo, aos poucos podia ser visto uma sombra formada por um grupo de mercenários iluminados pelas luzes dos raios, os quais entravam pelo portão com facilidade pisoteando os guardas. O grupo era formado por orcs selvagens, *goblins*, *hobgoblins*, homens da montanha e bárbaros. Os mesmos adentraram destruindo tudo pelo caminho dos corredores ladrilhados de Waterfront, tingindo-o de vermelho com o sangue de suas vítimas.

O barulho de cascos e de carne sendo cortada reverbera pelos corredores, e antes que o último dos mercenários passasse pelos pedaços de madeira do portão, os arqueiros a frente do bando dispararam suas flechas assoviando em direção das sentinelas e guardas da cidade. Com a primeira morte, uma fumaça quase invisível saía de cada corpo, como se a alma pudesse ser vista deixando o corpo, subindo até as nuvens de chuva e pairando sobre a cidade aos montes.

Com todas as dezenas de salteadores terminando de passar pela grande entrada da cidade o guarda da torre central, sobre a taverna da cidade, deu início ao toque do alarme com um chifre de carneiro, conseguindo soá-lo e acabando por morrer logo em seguida atingido por várias flechas que o derrubara de sua guarita. Os moradores, ao escutarem o tremendo barulho do portão destruído pelos cavaleiros e depois o alarme sendo soado, começaram a deixar suas casas para ver o que estava acontecendo, pensando ser um raio atingindo novamente uma das casas.

Ao saírem de suas casas, alguns eram decapitados, enquanto os que conseguiam fugir, as setas os acertavam. Os bárbaros sem montaria tentavam atear fogo nas casas de madeira, mas a chuva de tão forte, impossibilitava o incêndio de se concretizar.

Alguns homens então encontraram o depósito de barris de óleo, os quais carregaram e rolaram pelas ruas enquanto eram furados, deixando rastros de óleo seguido pelas chamas, rapidamente atingindo os lares. O fogo se alastrava rapidamente, devorando com voracidade tudo o que encontrava em seu caminho. As pessoas fugiam envoltas de chamas e se atiravam no mar.

Os gritos eram abafados pelos trovões, os raios cortavam iluminando todo o céu enquanto o sangue se misturava com a água e cinzas. O número de soldados que protegiam o vilarejo não era suficiente para um ataque surpresa, acabando por serem dizimados em instantes. Suas espadas e armaduras não eram páreas para o bando de mercenários preparados para o ataque surpresa.

Algumas crianças e mulheres que foram capturadas estavam na festa que os marujos tinham proporcionado. Alguns dos barcos que conseguira fugir do ataque, deixara parte da tripulação para trás para morrer.

Com todas as mulheres e crianças capturadas as mesmas acabaram colocadas em uma das carroças — roubadas dos vendedores do porto — e levadas por uma equipe entre *orcs* e humanos. As pessoas que tentaram fugir nadando, seguravam-se em destroços que voavam das explosões dos reservatórios de óleo; outros tentavam se segurar nos navios e barcos fugitivos navegando



o mais rápido que podiam. Porém nem todos sabiam nadar, tendo por fim as ondas levando os corpos de volta para a encosta.

Cumprindo o contrato, os mercenários atacaram até o último sobrevivente. Todos sendo exterminados sem piedade: os que tentaram fugir nadando foram atacados por flechas, restando somente quem conseguira se segurar nos navios salvando-se. Poucos sobreviventes tiveram êxito na fuga pelo mar.

Após o massacre, com nenhuma baixa do pelotão de mercenários, o bando começara a roubar tudo o que conseguiam carregar.

Começavam roubando todo carregamento de bebidas, mantimentos e óleo de baleia dos depósitos que ainda não haviam sido tocados pelas chamas; os carregamentos que ainda estavam nas embarcações atracadas no porto também acabaram sendo levadas.

Ao se retirarem rapidamente desse campo de morte flamejante, somente os cães uivavam fugindo das chamas entre as centenas de mortos mutilados e carbonizados. Alguns cavalos perambulavam pelos corredores de pedra com carroças ainda amarradas em seus corpos também em chamas, ajudando a incendiar o resto do vilarejo.

Com a última pessoa sem vida, sua essência subira junto das outras e ainda assim, nenhum dos mercenários notara a concentração de uma nuvem verde sobrevoando a cidade morta.

Ao adentrarem o jângal da Floresta Escura, foi possível que os salteadores vissem uma floresta com árvores extremamente altas, sem possuir vegetação rasteira e nenhum animal exótico além de pássaros e alguns morcegos pendurados nos troncos grossos e pretos. As madeiras leves e resistentes eram usadas para criar embarcações grandes, motivo esse de quase boa parte da floresta perto da cidade ter sido derrubada. Ao andar entre as árvores se fazia necessário o uso de lampiões — tochas não se mantinham acesas com a chuva, mesmo durante o dia não seria possível identificar se o comandante era o Sol ou a Lua.

Mesmo toda a floresta sendo inabitada, lendas de monstros terríveis que ali caminhavam assombravam a todos, tornando o lugar

especial para quem precisasse se esconder. As árvores escuras e poderosas conseguiam quase que por completo sugar e absorver toda água que caia. Apenas com ajuda dos lampiões foi possível que humanos conseguissem andar entre as árvores, uma vez que não estavam em um caminho e sim tentando se esconderem entre os troncos virgens.

Montando acampamento sem a iluminação necessária para os humanos, era nítido o desconforto entre eles, já os não humanos não encontravam dificuldade no escuro, todos então ficaram esperando pelo grande pagamento combinado ao amanhecer.

Rompendo o silêncio, uma discussão começava entre os humanos e os *orcs* mais perto da carroça de prisioneiros.

Rapidamente o líder do bando, um homem da montanha, um sujeito grande e escuro como a noite sem Lua, que já se encontrava sem sua armadura e armas e também coberto pelo sangue de suas vítimas, seguiu para apartar a briga.

Ao chegar ao foco da discussão, desviando dos homens sentados em suas fogueiras cobertas, segurando fortemente seu candeeiro nas mãos, percebeu que os *orcs* reclamavam com os guardas da carroça, alegando estarem com fome e que havia muita comida ali na carroça; os outros não humanos de outras raças não tinham coragem de se intrometer na briga.

O chefe por fim esbravejara contra a balburdia de seus subordinados:

— Calado, Mack! Seu imbecil. Estes aí na carroça são prisioneiros que o contratante pediu para pegarmos vivos. Vocês deveriam comer aqueles que deixamos para trás no vilarejo. — Enquanto falava, o homem negro apontava para o caminho invisível na escuridão.

Mack, o segundo no comando e chefe dos não humanos era um *orc* com as costas curvadas que não media mais que meio homem nessa posição, com braços tão longos e fortes protegidos envoltos por couro de crocodilo. Também contava com uma lâmina enferrujada no lugar de sua mão direita. Segurava com a mão esquerda uma lamina negra quase sem fio.

Usava apenas um par de “*tassets*” de couro na cintura, enquanto em suas pernas, um par de botas diferentes — sendo uma delas tão escuras quanto sua faca.

Em seu abdômen, duas faixas de couro cru se cruzavam repleto de facas de arremesso e um alforje com flechas negras e com um arco nas costas. Cicatrizes enfeitavam seu maxilar largo com chumaços de pelos, com os dentes que um dia já foram longos, mas agora estavam quebrados pela metade; seus cabelos grossos como crina de cavalo eram arrepiados. Seu focinho tinha como adorno uma aldrava prateada salteada de um antigo castelo, enquanto em seu pescoço largo e forte estava atravessado por um fio de ferro: os olhos de seus antigos desafetos ou vítimas que tinham para ele um sabor especial.

Mack então, rangendo seus dentes quebrados e pontiagudos, reclamou deixando escapar guinchos semelhantes à de javalis para aos de sua espécie em forma de comando.

Os demais não humanos se levantaram após ouvirem as ordens.

Os que eram da mesma espécie que Mack posicionaram-se logo atrás de seu líder:

—Você deveria dar pra gente algum *dessis aí* da carroça. Colérios, precisamos de carne! A viagem de navio demorou muito e depois de vir até aqui não comemos nada. Somos poucos entre vocês. Três ou quatro *dessis aí*, já mata *nussa* fome. Amanhã vamos no vilarejo ver se sobrou alguma coisa para *nus* comer e *num* morrer de fome. — Mack guardara sua faca, apontando sua lâmina encravada para o rosto de seu comandante.

Colérios, vendo que não conseguiria segurar todos aqueles rebeldes somando a metade de seus homens, dos quais estavam ensandecidos de fome, autorizou com a cabeça que pegassem os prisioneiros, que imediatamente começaram a se encolher para o fundo da jaula improvisada de cordas e troncos.

Virando as costas, o líder andou lentamente até a árvore oca onde havia se desequipado ao som dos gritos, começando a se limpar sentado a beira de sua fogueira improvisada com pedras de fogo, sem esconder seu incomodo.

Na escuridão da Floresta Escura, os *orcs* pegavam dois meninos, uma mulher e uma garota que se encontravam mais próximos. Jogados ao chão, os corpos se contorciam amarrados e amordaçados. Algo típico dos *orcs* para começaram a despedaçar os quatro infelizes como porcos raivosos.

Os gritos de dor e desespero, gemidos e barulhos de carne sendo rasgada tomaram conta por alguns minutos do silêncio da escuridão.

Os trovões ora ou outra iluminavam a carnificina quando surgiam no céu.

Tingindo toda a terra negra, os *orcs* assemelhavam-se com uma vara de porcos comendo a lavagem servida.

O último a ser liquidado fora o menino, que agonizava de dor, tossindo e se afogando com o próprio sangue. Mack, com seus dentes quebrados e afiados como facas, logo dilacerava seu pescoço.

Depois da carnificina provocada ao vilarejo e a recente causada pelos *orcs*, à maioria dos salteadores já dormia com a ajuda do carregamento de vinho rapinado há pouco.

Colérios, no entanto, cutucava uma brasa em sua fogueira, protegido da chuva incessante ao pé da árvore oca quando um raio caiu em meio ao acampamento, desviando das gigantescas árvores.

O estrondo deixara todos com os ouvidos doendo e zumbindo, enquanto os que estavam acordados, tiveram sua visão ofuscada pelo fulgor.

O barulho ensurdecedor acabou acordando todos.

Assustados, olhavam para a figura de três sombras surgindo da luz que ainda era emanada de pequenos raios orbitando os vultos que caminhavam até o líder do bando que os esperavam em pé. Alguns *orcs* gemeram guinchando de medo feito ratos acuados diante do que viam.

Ao terminar o clarão, as imagens de três mulheres se apresentaram:

Uma das mulheres era uma jovem; a mais alta das três, com cabelos de um tom incomum de euclásio azul. Uma parte de sua

armadura metálica aparecia entre os trapos rasgados de um manto surrado e encardido, cintilando em dourado e púrpura.

A outra tratava-se da menor jovem entre elas. Sua pele oriental a fazia se distinguir entre as outras duas. Ela mostrava seus longos cabelos pretos presos por uma longa trança, possuindo olhos penetrantes quase cerrados, combinando com seu sorriso aterrorizante. Em seu nariz continha uma pequena argola e, entre um manto sujo como de sua amiga, uma armadura também em tom púrpura com dourado que cintilava contrastando com o auxílio dos raios que agora pareciam sair de sua outra companheira, chicoteando para todos os lados iluminando tudo como se o amanhecer estivesse se adiantado.

A última parecia comandar os raios.

Uma jovem loura, com um diadema cravejado de pedras preciosas, assim como sua armadura dourada. A jovem flutuava a mais de um metro de altura, com os braços erguidos deixando sua capa esvoaçando com um turbilhão de vento a orbitando e em sua bela face, onde deveria estar seus globos oculares, saltavam pequenos relâmpagos brancos e azuis. Diferente de suas amigas, não vestia roupas esfarrapadas, apenas ostentava sua belíssima armadura reluzindo e refletindo seus raios.

A figura feminina com cabelos azulados se aproximava do líder dos ferinos enquanto aqueles que estavam mais próximos se afastavam rastejando para trás.

Já próxima de Colérios, as figuras se revelaram como jovens belas, ainda muito novas, mas que causavam temor no grande homem negro com mais de dois metros de altura. Sem falar, as jovens apenas jogaram quatro sacos de moedas no chão e com um sinal com a mão, pediu para que a jovem oriental jogasse mais quatro sacos. Um dos sacos, ao cair no chão, se abriu, deixando que algumas gemas grandes e preciosas de ouro fossem a lama.

— Obrigado mestra Imi, e mestra Shoiú! Até amanhã de madrugada estaremos prontos para ir até o vilarejo de Side City. Lá é um local mais habitado, precisarei contratar mais vagabundos pra dar conta, há essa hora os que fugiram deve ter alertado a cidade

vizinha. Acho que mais trinta homens são o suficiente, as senhoras autorizam? — Colérios agradece trêmulo e com a voz falhando.

— Não se faz necessário! Shoiú irá com vocês. Ela vai até a vila que visitaram hoje e até amanhã, terá toda a ajuda que você quiser quando estiver pronto para atacar a próxima cidade após o rio. Eu e Gewitter voltaremos quando acabar seu trabalho na segunda cidade, traremos o dobro do pagamento. Depois espero que a terceira vila seja a última. — Imi respondeu olhando para Shoiú com olhar penetrante.

Shoiú se aproximando lentamente de Imi, afagou seu rosto com carinho e após um longo beijo em sua pequena companheira, seguiu em direção de Gewitter, e logo segurando o rosto da outra em sua direção, beijou-a também.

Gewitter e Imi sumiram da vista de todos com uma luz ofuscante de um raio as atingindo; causando mais uma vez um estrondo altíssimo e um grande clarão.

Shoiú tirou então o capuz por completo e virando-se de costas, sua longa trança chicoteara no ar enquanto perguntara aonde os prisioneiros estavam.

Colérios então se dirige até eles com a jovem em seu encalço pelo acampamento.

Ao chegarem onde estavam, mostrou a carroça cercada de *orcs* e outros não humanos cutucando e se divertindo com o medo de seus prisioneiros.

Se aproximando da carroça e afugentando todos que rodeavam os prisioneiros, Shoiú vê apenas meninas e mulheres amarradas.

Virando-se encarando Corélios, começara a rugir de raiva.

— Vocês não capturaram nenhum menino? Preciso de um menino! As ordens que tive é que *precisa* ser um garoto, isso vai custar caro para seu bando se não sobrou nenhum. — Conforme falava sua voz ficava cada vez mais grave e baixa.

Pisando em poças de sangue, a mesma se agacha passando os dedos ornamentados de anéis nas manchas de sangue e trapos rasgados e logo em seguida lambe os dedos. Com uma luz roxa saindo de seus olhos quase fechados fala pausadamente:

—Vocês tinham um menino? Eu senti o gosto de um, o que aconteceu aqui? Qual parte da ordem de capturarem prisioneiros vocês não entenderam? — Questionara irritada.

Rapidamente Mack subiu em um salto a carroça, com medo de ser responsabilizado por ter feito o maior erro de sua vida. Abriu a gaiola improvisada e pegou um menino de cabelos longos e com roupas esfarrapadas e sem os sapatos. A jovem então vira o *orc* com um menino nas mãos.

Realmente o havia confundido com uma menina quando procurara entre os prisioneiros.

— Só *essi* magrelo que não encheria a pança de nenhum de *nus*, ele tem cabelo grande de mulher. Veja é um menino mesmo. — Mack grunhiu enquanto jogava o menino por alguns metros até as botas de Shoiú.

Ao cair no chão o menino soltou um gemido de dor, estatelado com o rosto enfiado parcialmente na lama, ficou encarando para a jovem de olhos puxados.

Com um olhar de ternura, mostrando estar triste por toda essa dor do menino, Shoiú se ajoelha e gentilmente segura à cabeça do menino com a mão direita a tirando da lama enquanto que com a outra, afagou em seus cabelos sujos e emaranhados:

— Pobrezinho, lamento ter passado por tudo isso! Deve estar com fome, machucado, aterrorizado e se perguntando o que estará acontecendo. Com esse cabelo longo parece uma menina; certamente é um escravo e foi feito de garota por alguém, pelo cheiro de rum foi em alguma embarcação. Vida difícil não é mesmo? — Acabando de falar, continuara afagando os cabelos engrenhados e gargalhando histericamente, o erguera pelos cabelos para encará-lo. Segurando-o com a mão esquerda, arranhou com suas longas unhas face esquerda do menino, conseguindo tocar seus dentes e língua. Desse arranhão uma pequena luz verde adentrara o corpo do menino.

Ainda rindo de forma desvairada, arremessou-o aos pés de Mack, agora já ao lado da carroça:

— Não quero mais nenhum prisioneiro. Matem todos, com exceção desse menino! Por favor, senhor Mack, peço que cause

*muita, muita* dor nesse aí. Quero que torture ele, mas não o mate. *Quero que sofra de todas as formas possíveis!* Pode violar o corpo dele como quiser, mas preciso dele inteiro. Vocês aí *orcs*, e seja lá o que for esses outros bichos aí, podem comer os outros, fiquem à vontade. — Piscando e mandando um beijo flutuante para o chefe *orc*, virou-se cobrindo o rosto com o capuz e seguiu caminhando em direção onde jogara os sacos de moedas.

Escutando essas ordens, Mack meio abobalhado e olhando para os outros sem saber o que fazer, acatou a ordem chutando o menino até um grupo de *orcs* iniciando a tortura e sofrimento do menino. Enquanto isso, Mack pegava os demais prisioneiros e os jogava para seus companheiros.

Os gritos de dor mais uma vez rompiam a escuridão e dividiam espaço com os trovões ao longe.

Os soldados humanos de Colérios haviam ficado irritados com essa ordem da jovem. Eram mercenários e não aceitariam ordens de uma jovem desdenhando de seus feitos.

— Colérios, se você não fizer nada eu mesmo paro essa vagabunda! Quem essa miserável de 'olho fechado' pensa que é, hem? — Disse um sujeito baixo e caolho já munido de seu machado gritando a todo pulmão em direção de seu chefe.

Vendo que Colérios apenas olhava para baixo sem dar importância, o soldado com seu machado empunhado partia para cima de Shoiú.

Com um urro, o bárbaro corria com seu grande machado cortando as gotas pesadas da chuva por todo acampamento e, no ponto que poderia cortar a jovem ao meio com sua lâmina, o mesmo, saltando para desferir o golpe com toda sua força, ficara paralisado no ar como uma estátua a mais de um metro do chão.

A jovem novamente retirava o capuz e jogava sua grande trança para trás.

Andando lentamente até o bárbaro, seus olhos negros se transformavam em perfeitas ametistas flamejantes. Falando em sua língua nativa, ninguém a entendera, assombrando ainda mais a todos que a via e escutava.



Ao levantar a mão, apontando o dedo indicador direito e mirando para o centro da cabeça do homem paralisado no ar a sua frente, uma aura verde surgira a orbitando e criando ventos fortes, esvoaçando sua roupa encardida e rasgada.

Da ponta do dedo da asiática, um fecho de luz verde esmeralda iluminava uma grande área escura da floresta. Este raio verde, por alguns segundos, parecia centenas de milhares de crânios minúsculos girando em turbilhão enquanto alcançavam a testa do bárbaro.

Ao tocar sua pele, o homem começava a derreter de dentro para fora.

Atrás de sua cabeça saía o raio verde juntamente de um jorro de sangue e cérebro, espirrando em que estavam mais próximos.

Após a luz atravessar a nuca, o corpo todo do bárbaro saía voando a uma velocidade semelhante a uma flecha e explodindo enquanto lançava pedaços de si por toda parte ao atingir uma grande árvore.

Com toda essa demonstração do poder de Shoiú, todos sem exceção paralisaram de medo, somente podendo ser escutado os gritos do menino. Shoiú rindo, falou:

— Continuem com o que estavam fazendo, bebam e se divirtam, eu preciso desse menino em frangalhos até o amanhecer, se ele desmaiar o acorde e continuem. Ele não irá morrer graças um presentinho que o fiz engolir. — Falando feliz para os *orcs*, voltou-se para o seu destino de origem anterior.

Ao se virar, tudo voltara ao normal.

A jovem então sentou-se ao lado de Corélios, na fogueira da árvore oca, abrigando-se da chuva gelada que caía. Retirando as botas metálicas e suas meias, colocou os pés, com anéis nos dedos e unhas pintadas de verde, perto das brasas para se secar. Ela então pega uma fruta de uma pequena bolsa amarrada na cintura e logo começa a saboreá-la. E enquanto mastigava, balançava os pés alegremente cantarolando uma música indecifrável.

Um dos homens próximos viu a cena da fruta e ri questionando Shoiú:

— Mas como você pode fazer toda essa festa sangrenta e não comer carne? Tenho comigo um pedaço de cordeiro e porco assado, você não quer? Ou se preferir ainda tem alguns pedaços daquelas pobres criaturas que trouxemos como prisioneiras, pego pra você se quiser, aqueles monstros não negariam seu pedido. Me pareceu que você gosta de garotas também, não é? — Disse o soldado com sorriso sagaz no rosto oferecendo a carne espetada na ponta da faca.

Rindo, Shoiú concordou com a cabeça respondendo ao homem:

— Vocês homens que são fracos e precisam balançar seus pedaços de ferro pra todo lado mostrando que são fortes. Aí sim precisam comer carne e provar ser capaz de matar um coelho, porco ou mesmo uma criança. Ao contrário, eu apenas me contento com essas frutas, me mantém com o corpo em forma e bem alimentado. Os cadáveres de humanos ou animais não me alimentam como as almas que saem deles o fazem. — A jovem falou rindo e assustando ainda mais o soldado que fechou o sorriso e voltara a encarar a fogueira.

Durante as horas restantes da noite, a estranha figura doce, meiga e perigosa conversava sentada com inúmeros ouvintes encantados com suas histórias e sua beleza oriental exótica. Parecia hipnotizar alguns com o balanço dos pés apoiados na beirada do braseiro.

A conversa continuou até Shoiú olhar para o céu e começar a calçar suas meias e suas botas metálicas. Espreguiçou-se e, em um salto, levantou-se começando a caminhar em direção ao menino que gemeia.

— Bom meus amigos, preciso me preparar, tenho muito trabalho pela frente, e agora vamos ver como meu amiguinho magricela passou a noite. Espero que tenha aproveitado *muitíssimo* esse meu presente. — Espreguiçando-se novamente, Shoiú parecia muito feliz e descansada, mesmo não tendo dormido durante a noite.

Enquanto caminhava sorrindo, todos abriam caminho para ela chegar ao corpo trêmulo do menino.

Era um garoto magro e ainda aparentando doze invernos. Seus cabelos longos estavam iguais cipós sujos.

Segurando o maltrapilho pelos cabelos, começou averiguar o estado do infante.

Mack, assemelhando-se a um filhote de cachorro, aproximara-se e perguntava se estava tudo bem. Shoiú acenou com a cabeça concordando. Logo em seguida a mesma pediu que alguns dos mercenários a acompanhasse até a cidade Waterfront.

— Vamos visitar o local de que tomaram conta ontem. Será que fizeram um bom trabalho? Qual de vocês é digno de ir comigo até Waterfront? — A jovem parecia uma criança esperando para abrir seu presente ao falar.

— Mas senhora, não existe uma viva alma na cidade. O que a senhora quer fazer naquele lugar? — Perguntou um *hobgoblin* de olhos arregalados e com uma longa barba trançada.

Shoiú o respondeu gargalhando de forma teatral:

— É exatamente por isso que estou indo pra lá! Quem ir comigo irá saber quem sou realmente. E quem sabe gostem do meu espetáculo. — Rapidamente todo o bando concordara em segui-la, talvez por medo, mas com toda certeza a curiosidade de saber quem era ela e sua capacidade os estigmaram também.

A jovem seguiu andando enquanto arrastava o menino pelos cabelos na lama. Os outros a seguiam a cavalo; e, alguns que para tentar impressionar Shoiú, andavam a sua volta com as armas em punho. Todo espólio foi abandonado na floresta, tamanha era a curiosidade de todos. Escoriações e lesões por todo corpo do menino eram agravadas por estar sendo arrastado na lama com pedras no caminho.

Sua respiração era difícil já que havia sangue saindo aos montes por todo seu corpo, principalmente da boca e nariz. O tom níveo da pele do menino era agora apenas um amontoado de lama e sangue, marcando superficialmente o caminho que era rapidamente pisoteado pela guarnição de bandidos que os seguiam.

A caminhada a passos calmos retardou a chegada aos escombros parcialmente queimados do muro de Waterfront. Com a luz do dia, a destruição era contemplada por uma Shoiú sorridente

que caminhava pelas ruas em meio a cinza, madeiras e cadáveres, chutando-os com toda força para o mais longe possível.

Chegaram até os destroços da taverna no centro da cidade, onde encontraram alguns corpos esquartejados e queimados; ali era onde estava a maior quantidade de corpos juntos. As pedras estavam encharcadas de sangue e cinzas.

Soltando o menino, Shoiú ficou parada com as palmas das mãos unidas e com a cabeça abaixada, ciciando palavras indecifráveis. Sob seus pés a água tingida começava a se evaporar, formando um círculo perfeito a seu redor que logo começava a empurrar tudo a sua volta criando uma abóboda verde, barrando até mesmo a chuva. Tão quente a temperatura estava que secara sua capa suja e a lama que cobria o menino.

Arrastando-o pela perna, colocou-o em sua frente, sentado e encostado em uma parede parcialmente quebrada. Shoiú agachou-se e começou a passar um lenço úmido de sua saliva no rosto do menino, limpando-o parcialmente.

Estava completamente nu e com respiração dificultada por conta das costelas quebradas. Em gestos de acalento, afagou-lhe o rosto cheio de cortes e hematomas com suas unhas afiadas como faca e logo começa a cortar o longo cabelo do menino.

Pegando um pequeno frasco de dentro do peitoral de sua armadura, abriu-o, observando o líquido vermelho brilhante que carregava.

Arregaçando a boca do menino que contava com uma boa parte dos dentes lhe faltando, fez com que o líquido viscoso escorresse garganta a baixo, somente se afastando ao descer a última gota pela garganta do mais novo.

Em frente à tropa, curiosa e amedrontada, Shoiú se pronunciou:

— Por favor, não me atrapalhem enquanto estiver em transe. Cuidem para não me interromperem ou acontecerá o mesmo com todos vocês o que aconteceu com aquele “heroizinho” enxerido de ontem à noite. Não se assustem com o que irão ver. Tudo o que acontecer, será eu que estou no comando. Conto com vocês, Colérios e Mack. — Ao terminar de falar, a tropa a observava amedrontados, escondendo-se como podiam.

Os dois chefes do bando concordaram com a cabeça e ficaram assistindo com os olhos arregalados, prestando atenção em todos os movimentos de Shoiú.

Aproximando-se novamente do menino, a jovem abriu um sorriso ao vê-lo corado.

Os hematomas e cortes (com exceção do da bochecha) haviam sumido.

Com a boca entreaberta, o sangue já cessara de escorrer e as costelas voltaram ao normal, deixando apenas as manchas de sangue secas.

Ajoelhou-se em frente ao menino e deu-lhe tapinhas em seu rosto para acordá-lo. Como o despertar de um pesadelo o menino acordou gritando, enquanto tentava se arrastar para trás com os pés e protegendo o rosto com as mãos. O jovem parecia estar mais saudável do que quando fora capturado.

Seu corpo parecia estar tão bem quanto jamais estivera.

Acalmando o menino como uma mãe acalmando seu bebê, a asiática acariciou a perna esquerda do menino e logo também seu cabelo, agora irregular.

Falou docemente enquanto acariciava o menino de forma tenra e materna.

A mesma começou a conversar sorrindo para ele.

— Oi, tudo bem? Está tudo bem agora, fique calmo eu vim te ajudar. Olhe estamos a sós aqui! Agora não chore e me diga seu nome, vai ficar tudo bem! — De seus olhos saltavam uma luz cálida e pura, fazendo-o se acalmar.

O menino relutou abraçando os joelhos, sentindo apenas as mãos quentes de Shoiú em sua perna esquerda e em seu rosto cortado. Com a voz tremula e com frio deixou escapar entre os lábios seu nome, já que as feições amigáveis e angelicais da garota estranha agachada em sua frente o convenceram:

— *Allis Hel...*

Antes de pronunciar seu sobrenome o menino engasgara, tossindo enormes quantidades de sangue. Lágrimas escorreram de seu rosto. Os olhos estavam trêmulos. Com uma das mãos, apertou o peito, enquanto a outra procurava por Shoiú.

Olhando para baixo com a visão turva, identificou apenas borrões púrpura com o tom avermelhado crescendo.

Seu coração não batia mais, sua respiração estava diminuindo e alguns ruídos escapavam como engasgos acompanhados de muito sangue de seus orifícios faciais.

Eles imitavam o efeito água de um canal, criando uma poça de sangue escuro empapando as pedras.

Ainda com espasmos, Allis se contorceu esticando as pernas. A mão esquerda afrouxando a pressão do aperto no braço de Shoiú. Com os olhos perdendo a vida, as últimas imagens que os olhos verdes de Allis gravaram em sua alma era a felicidade do par de olhos brilhantes ametistas. Aos poucos a cabeça trêmula perdia a força e tombava mantendo os olhos já sem vida abertos.

Rindo, Shoiú puxou o pequeno coração de Allis, deixando-o no chão.

Enfiando as duas mãos dentro do peito aberto da criança, retirou inúmeros órgãos de dentro de sua caixa torácica, jogando com ferocidade contra o chão.

Com o corpo oco, Shoiú caminhou até os escombros da taverna e logo voltava empunhando uma grande panela de ferro negra e uma concha grande. Sentou-se como uma criança brincando e, com a panela entre as pernas, começou a bater nas vísceras com a grande concha, até que a mesma virasse uma pasta gosmenta vermelha, deixando a oriental toda respingada e suja de sangue, novamente.

— Olha menino Allis, isso não foi pessoal, por isso não deixei terminar o seu nome. Como você era o único menino capturado, precisou ser com você todo esse ritual. Se der certo com você, ótimo, se não precisarei procurar por outras cidades. Você era bem bonitinho. Uma pena matar crianças, *ainda mais fofinhos assim*. — Desculpando-se, Shoiú acariciou o rosto do falecido.

Ainda sentada, seus olhos emanavam uma luz atormentadora. O corpo do menino se encontrava igual a de um animal abatido: pronto para ser limpo e assado. De joelhos e falando em sua língua nativa, aumentou o ritmo das palavras, logo fazendo com que o clima à sua volta se alterasse rapidamente.

As nuvens enegrecidas se aproximavam do mar formando furacões. As ondas arremessavam os corpos para cima do porto e logo um tremor de terra começava a colocar em pedaços as últimas paredes que resistiam.

Grandes fendas emergiram diante de todos.

Acovardados, os soldados corriam para longe da divisa da cidade, observando de uma distância segura.

Uma aura de tom roxo escuro começava a surgir em volta da jovem.

A nuvem verde que estava sobrevoando a cidade, formando o furacão, atravessaram as fendas e logo desaparecendo para dentro dos grandes buracos do chão.

Com um movimento, como se pedisse para alguma coisa se levantar, fechos de luzes verdes saíam das profundezas e tomavam conta do céu. Todavia elas acabavam corrompidas.

Em uma língua desconhecida Shoiú ordenou e, com outro movimento de suas mãos, coordenou as luzes como desejava.

Ergueu a mão — ainda suja das entranhas do menino — para as nuvens, apontando para baixo. As luzes verdes que gemiam de forma aterrorizante, caíam lentamente sobre cadáveres espalhados por toda parte da cidade.

Quando todas as luzes atingiram seus alvos, os corpos sem cabeça começavam a se retorcer e a se levantar. Os guardas cravejados por flechas começavam a pegar suas armas caídas no chão; os corpos carbonizados dos camponeses, surgiam andando até formarem uma roda com Shoiú ao centro, de forma que tapavam a visão dos poucos soldados que observavam a distância.

Os poucos curiosos que haviam ficado, estavam amedrontados, mas ainda assim apontavam suas armas para os cadáveres que há pouco tempo haviam sido assassinados por eles.

Flutuando a alguns palmos do chão, Shoiú disse em voz alta:

— Todos esses que se levantam são minhas invocações, não temam. Eles irão lutar por mim. Pela quantidade que eu os trouxe de volta, não consegui deixá-los poderosos, mas serão os primeiros a entrarem em Side City. Isso irá poupar alguns de seus homens, não é mesmo, Mack e Colérios? — Shoiú falou com naturalidade para os

líderes e para os poucos dos homens que ficaram vendo e que não haviam fugido para longe.

Com uma risada que gelara a alma de todos os vivos presentes, ainda flutuando, rasgou o velho e surrado manto que a cobria.

A armadura, ao invés de brilhar, parecia roubar toda a luz que lhe atingia.

— Sou Shoiú Shisha no Josei<sup>1</sup>, sou uma das poucas necromantes ainda vivas. Trabalho para retorno de Milkar, nossa rainha. Com a ajuda de vocês seremos as governantes, não somente da terra antiga, mas do mundo desconhecido e do oriente de onde vim.

Voltando ao chão toda a tormenta de furacões se desfizera.

A fenda se fechou e a chuva voltava a cair, calma e fria como antes.

Com um movimento das mãos, um vulto verde envolveu a panela com o creme de tripas e desapareceu.

Shoiú então voltara-se para o líder estático, Colérios:

— Atacaremos à vila vizinha ao cair dessa noite. Infelizmente vocês disseram que algumas pessoas escaparam... *Isso não será fácil se já avisaram o exército do rei.* Seria uma complicação maior. E nós não queremos ter complicações com mais soldados treinados e armados prontos e querendo matar todo mundo, *não é mesmo, Corérios?* Vamos andando até a divisa daquela pocilga. Quanto antes terminar melhor para todos. — Advertiu Shoiú aos seus homens.

Marchando, os mortos-vivos seguiram as ordens da necromante. O bando de Colérios a seguiu, mesmo amedrontados com a ideia de enfrentarem os soldados reais extremamente mais preparados do que os soldados das vilas. Ficando para trás, os soldados vivos observaram suas antigas vítimas andando e rastejando seguindo até a próxima cidadela alvo.

Deixando os destroços para trás não deram mais importância para os espólios na floresta e nem para Allis abandonado como um leitão de barriga aberta na chuva.



Sozinho em meio aos destroços, sua pele alva se destacava de toda a destruição.

Sem ter alguém para testemunhar, seus ferimentos e o corte da barriga se fecharam e aos poucos, as lágrimas e soluços voltavam baixinho junto da tosse da garganta ainda cheia de sangue seco.

Sessando aos poucos as tosses e engasgos, pareceu dormir tranquilo sob a chuva branda.

Indo para a cidade vizinha, os mercenários seguiam o exército de mortos até chegarem à metade do caminho, encontrando uma floresta rasa que esconderia todos por hora. Os humanos estavam incômodos com seus novos companheiros, os *orcs*, os *hobgoblins* e os próprios *goblins* estavam aterrorizados dos mortos e de Shoiú. Esta até então sem falar nada.

O silêncio só era rompido por pingos nas armaduras, nas poças, nas cabeças e nos corpos em pé retalhados.

Esse terror da tropa só encerraria ao cair da noite, iniciando o ataque à vila que era observada de longe.

## 2 CORREDORES SOMBRIOS

Nos corredores de pedras negras escorregadias apenas passos leves, rápidos e descalços eram ouvidos. Param por um instante, mas logo retomam à velocidade anterior.

Uma porta grande de madeira se abriu e fechou rapidamente.

Uma chave trancava a pesada porta em silêncio e um suspiro de alívio tomou conta da escuridão. Em instantes ela começou a tremer.

A pesada tranca rangeu como se estivesse viva e com pesadas pancadas, os pregos e travas nas tábuas da porta começaram a cair e a respiração ofegante aumentara, fazendo força para segurar a porta.

Com duas fortes pancadas na porta, as antigas dobradiças se arreventaram e caíram, derrubando-a sobre o corpo que se escondia ali. Uma gargalhada gutural se espalhou criando eco por todos os corredores do qual o vento gelado trazia inúmeros flocos brancos de neve. Uma voz rouca rompeu o silêncio da noite:

— Milorde Kalt ficará feliz em saber que foi capturado por mim. Farei você querer a morte, há de passar um dia em meu poder seu fedelho. *Você não merece o sobrenome que carrega!*

Alguns passos metálicos se apresentaram ao fundo do longo corredor.

Alguém aos gritos perguntou:

— Roter Bär, você pegou o fedelho?

Roter Bär, um homem grande de altura e largura tinha sua barba finalizada por longas tranças vermelhas, gargalhou gritando:

— Sim. Esta *mocinha* é minha. Vocês precisam melhorar a caçada. Principalmente você, Alter Kojote. Acha que não percebi que você não aceita essa delícia de oportunidade? Ficaré na mão me vendo a noite com esse imprestável. — Era impossível esconder tamanha felicidade do gigantesco homem vermelho.

Falando isso Roter levantou um garoto, magro, louro que estava desacordado, segurando-o pelo tornozelo esquerdo como um

troféu.

Ele vestia roupas sujas com sangue e rasgadas. Verdadeiros trapos que mal o cobriam direito. Estes trajes em algum dia já foram da cor amarela; um tom muito elegante.

Seus lábios estavam azulados de frio.

As sardas de seu rosto estavam mais vermelhas, contrastando com a palidez de sua pele. Os ossos de suas costelas já estavam à vista, deixando inúmeras cicatrizes recentes por todo seu corpo, mostrando o estado precário que o menino estava.

Roter colocou o garoto sobre os ombros, semelhante a um coelho recém-abatido, e seguiu por onde acabara de passar. Outros três homens, incluindo Kojote que lamentava, o seguiam como um líder pelos corredores altos e estreitos montados com pedras escuras, dificultando a visão ao anoitecer. Cruzaram salas, corredores e desceram escadas semelhantes a um labirinto feito de pedras e portas até chegarem ao salão principal.

No salão grande e amplo, dezenas de homens e mulheres estavam em verdadeiro pândego.

Quando o gigante vermelho, vestindo sua amadura feita de peles de ursos e lobos, arremessou o corpo inerte sobre uma mesa, fazendo um estardalhaço com as pratarias caindo no chão, acabou funcionando como um alerta para todos do salão olhassem para ele.

Diferente dos corredores frios, era um salão quente possibilitando que a cor do garoto aos poucos voltasse ao tom natural.

Gritando mais uma vez como um urso feroz, ele vociferou:

— Mais uma vez capturei esse lixo que carrega o nome real. Não serve nem para fugir de um velho gordo como eu, nunca será rei! *Me deu muito trabalho ficar te procurando sempre.* Agora é meu troféu. Será meu escravo até que eu enjoje e o mate. Talvez daqui alguns meses eu o engorde um pouco e depois o engula vivo. Foi ótimo pagar nossa lealdade com esse verme, milorde Kalt. — Ele riu sem esconder sua excitação falando com o homem sentado no trono.

Ainda rindo, o gigante começava a rasgar as roupas do menino.

Observando a cena com um sorriso no rosto, um jovem esguio com olhos fundos sentado no trono dourado, cercado de donzelas nuas, riu de forma anormal. Bateu palmas enquanto oferecia uma caneca de vinho para Bär.

Já despido, o menino fora banhado com um barril de vinho jogado pelo grandalhão. Com uma das mãos, despejou um líquido amarelo e grosso no garoto e logo que terminou, começou a retirar sua armadura e as peles. Estava ensandecido, parando para lambar o corpo do menino durante o ato.

O homem que estava sentado no trono não conseguia esconder sua felicidade. Sua risada agora eram gritos histéricos, com um sorriso de orelha a orelha.

O gigante, já sem sua armadura, é interrompido pelo som de uma corneta proferida do outro lado da porta, alarmando todos os presentes. O barulho de uma batalha, lâminas se encontrando e metal caindo no chão eram encobertos por urros de dor e de raiva. Cessando o barulho da curta batalha, a porta que mantinha todos dentro do salão, começou a tremer com fortes pancadas. Mais uma vez o soar do instrumento e tambores de guerra começaram a serem ouvidos. Neste instante, todos que estavam no salão, ou procuravam abrigo ou fugiam do perigo iminente. Os poucos soldados que ali estavam, entraram em formação em frente ao homem assustado e que tremia em seu trono.

Roter Bär pegou sua espada e foi seguido pelos outros três de seus homens — os mesmos que haviam perseguido o menino.

Eles *claramente* estavam aterrorizados.

Mais um soar da trombeta e o medo tomou conta do salão.

O barulho dos tambores não parava, ajudando a congelar até os ossos dos presentes. Mais três batidas na grande porta que tinha mais de cinco metros de altura e três de largura, fez com que as tábuas e tiras de metal já não aguentassem mais, explodindo em lascas e pregos caindo por todo o local.

Os acovardados e os outros homens do salão acabam escutando uma ordem proferida do outro lado da porta e logo começaram a tremer ao reconhecerem a voz:

— *Vamos homens. Mais uma vez e entraremos! Estes malditos irão pagar caro.*

Com a última batida na porta com o aríete, a mesma estourou, tornando-se visível uma enorme cabeça de dragão com a boca em chamas entrando pelo buraco, o que deixou os pedaços da porta pegando fogo e também lançando lascas de madeira e metal por toda. Por esse mesmo local, vinte armaduras negras como o carvão adentraram o local.

Em meio a inúmeros soldados com armaduras semelhantes, uma voz alertou para os guardas reais abaixarem as armas. Os mesmos lançam suas espadas e machados o mais longe que conseguiam e, de joelhos pediam clemência.

Os inúmeros soldados com armaduras negras então empunharam as suas flechas, prontas para serem atiradas.

Um guerreiro andou a frente, sendo seguido de outros três de seus guerreiros negros. Tirando o capacete, um homem — por volta dos trinta anos, com cabelos escuros até a altura de suas orelhas pontudas e com uma barba rala cobria o seu rosto, deixando à mostra uma cicatriz no queixo esquerdo — gritou para o outro sentado no trono a sua frente, apontando uma enorme espada que pulsava em vermelho como o bater de um coração:

— *Verräter, seu lixo imprestável! O que houve nesse castelo? Volto da longa viagem da suposta batalha que me enviou e quando retorno, o antigo castelo foi abandonado. Se enfiou no palácio no topo da Montanha Congelada! Sabe que aqui é perigoso para todos incluindo você. Diga-me, o que está acontecendo Verräter? Agora!*

Como um urso, o grandalhão avermelhado pulou a frente de Verräter gritando e brandindo sua espada:

— *Caia fora deste palácio, seu verme insolente. Como ousa falar assim com o seu rei? Sua corja será morta como exemplo! — Trocando a lâmina de mãos, ameaçou o exército negro a sua frente.*

Enquanto Roter Bär gritava e expelia grandes quantidades de saliva, uma jovem apontou gritando:

— *Miur, olhe ali sobre a mesa, é Aluin! Olhe o estado do menino, vamos ajuda-lo. Agora! — Arregalando os olhos, o líder dos*

guerreiros negros se apressou em direção ao jovem. Porém fora barrado pelos três homens que a pouco o perseguiram.

Miur parou diante deles e vociferou:

— Se não desejarem uma morte horrível, sugiro que saíam da minha frente.

Um dos homens da guarda real sacara a espada curta e estava prestes a apunhalar Miur quando, enquanto erguia o braço, seu corpo se chocava contra o chão; estava morto com uma flecha lhe atravessando a cabeça entre os olhos — que mesmo caído se mantinham abertos.

— Obrigado Jäger. Procure a rainha Gütig com os outros homens. Eu cuido destes patifes; *sozinho*. E caso precise, matarei todos. — Miur acenou para que ela seguisse sua ordem e seus homens a seguissem.

A jovem Jäger era uma moça aparentando vinte anos, com olhos azuis e severos. Ela também tinha um longo cabelo loiro do qual do lado esquerdo de sua cabeça eram trançados até a nuca, de forma que apareciam os brincos vermelhos em suas orelhas alongadas na parte da hélice. Elas eram ainda maiores que as de Miur.

Acenou, também com a cabeça, para que três de seus companheiros a seguissem. Todavia quando iam começar a correr, Verräter levantou-se e falou, ainda mais bêbado:

— Não precisa se preocupar com minha mãe. Ela morreu. E eu, assumi o lugar dela. Agora *eu* sou o rei! Vocês vão morrer, seus bastardos Schwarze Drachen<sup>2</sup>. Eu sou o rei ouviram bem? O rei! Vocês me devem obediência e estes homens que vocês ameaçam são minha nova corte; meus contribuintes. Vocês são subalternos deles. Devem que os obedecer. — Sem controle Verräter se encontrava em pé sobre o trono, segurando a caneca.

Seus gritos desafinavam enquanto gritava.

Dando as costas sem se importar para Verräter, Miur seguiu até o menino desmaiado. Sentiu seu coração que estava fraco, entretanto batendo. Pegou-o no colo e, retirando sua capa negra, o

enrolara enquanto voltava em direção de seus homens, pedindo para segui-lo com a cabeça.

Em pouco tempo o salão era tomado pelo frio que vinha da porta destruída.

Sozinhos, os guardas reais pegavam suas armas e voltavam para seus postos.

— Jamais perderei essa insolência! Sou um homem honrado! Você pagará caro aberração! Você e sua mulher *puta*. Acabarei com sua raça e com sua corja de patifes! Está me ouvindo, Miur? Guarde essas palavras! Devolva Aluin, ele pertence a mim! — Roter Bär balançava a cabeça gritando sem controle.

Saindo pela porta despedaçada, o menino agora se encontrava entre os braços de Jäger como um bebê. Seu cabelo, de tão longo, quase alcançava o chão.

Os soldados negros seguiam Miur e Jäger pela neve até seu pequeno acampamento improvisado no meio do caminho da gigantesca da montanha congelada.

Já distante do castelo, no topo da montanha, os soldados chegavam às barracas do acampamento com dificuldade causada da tempestade de neve. Dentro de sua barraca, os guerreiros escutaram um raio atingir o pico da montanha, mas esta era a menor das preocupações deles no momento. Apenas os cavalos que estavam amarrados se incomodavam, ficando assustados com o estalar do trovão em meio à escuridão.

Dentro da barraca de Miur e Jäger, a jovem retirou a capa que servia de cobertor e com um tecido limpo e úmido, retirou todo o vinho, mel e o sangue que cobriam Aluin.

Levou-o coberto com algumas peles próximo a fogueira. Jäger sentou-se colocando a cabeça do menino em seu colo e pegando uma tigela com mingau, despejou outro líquido, um avermelhado e deu aos poucos ao garoto que tremia de frio e fraqueza.

Miur, pegando uma de suas adagas, a desembainha colocando no colo de Aluin e instantaneamente uma luz vermelha emanava da espada, aquecendo toda a barraca, corando a pele pálida do menino.

Em minutos, Aluin abriu os olhos com dificuldade. Estava repleto de ferimentos, sendo um deles em um de seus olhos fazendo com que não conseguisse enxergar com clareza onde estava. Ainda enfraquecido, começou a chorar e a suplicar por piedade:

— Por favor, não, me machuque! Chega de me bater! Eu não aguento mais fugir! Piedade, *por favor*, me mate de uma vez. — Disse o menino com a voz quase inaudível.

Jäger tentou acalmá-lo o abraçando fortemente, o qual se encolheu chorando e tentando se proteger com os seus braços esqueléticos.

A jovem de orelhas pontudas, chorando disse:

— Está tudo bem, vamos te proteger. Você está a salvo com a gente, querido. Está a salvo, meu querido. — Escutando a voz calma e melodiosa de Jäger, Aluin forçou para abrir um dos olhos e de seus lábios ressecados saíram um agradecimento quase inaudível. Com uma das mãos, afagou a face esquerda de Jäger, ganhando assim um abraço ainda mais forte da jovem chorosa.

A arqueira então o nina em seus braços como um bebê — abrindo um grande sorriso em Miur por ver essa cena. O guerreiro deu um beijo na testa de sua companheira e se senta a seu lado, abraçando-a enquanto o menino comia vorazmente o mingau.

Sua cor começava a voltar ao habitual.

O casal, encarando-se com ternura, aos poucos fechavam os olhos, ambos deixando serem levados pelo cansaço da longa viagem durando dezenas de Luas. Haviam seguindo ordens de Verräter, concretizando-se como uma missão falsa ao cruzarem o continente, chegando à grandiosa capital Bahr Araml, no extremo Sul do oriental, onde o rei Amir, conhecido por todos como o grande amigo da família real Kalt e amigos pessoais do casal, os dispensaram, pois não havia pedido ajuda dos guerreiros negros.

Agora tudo estava claro, tudo havia sido orquestrado para Verräter assumir o trono de sua mãe.

No cume da montanha, onde o raio caiu, duas figuras andavam em direção da grande porta que agora estava toda em pedaços. Conforme se aproximavam do salão, era possível ver a



figura de duas jovens com feições sérias chegando perto do trono em que Verräter estava sentado.

Alguns soldados observaram duas garotas caminhando e não obedecendo às ordens para pararem. Rapidamente um soldado atacou a jovem de cabelos azuis que estava à frente com um ataque frontal de uma alabarda. Conforme a lâmina se aproximava do rosto da jovem, o soldado vira sua arma derreter como uma vela jogada ao fogo a cada passo que dava.

Assustado o soldado jogou sua arma derretida ao chão, começando a gritar e pedir por socorro enquanto corria em direção a seus companheiros.

Verräter levantou-se e gritou, cuspidando para as duas:

— Auto lá! Sou o rei supremo dessas terras, ordeno que se retirem de meu palácio. — Porém suas ordens não foram atendidas. Vendo essa cena de desobediência, ordenou a seus homens que atacassem as duas jovens.

Dos quinze soldados, apenas cinco se atreveram a cumprir a ordem do rei.

Os outros dez ficaram parados observando o ataque de seus colegas.

A jovem recém-atacada ergueu a mão direita que se acendera de forma assustadora. Era como se o próprio Sol estivesse ali.

Isso fizera com que todos os atacantes ficassem cegos. E até mesmo a jovem que a seguia, precisasse proteger os olhos feridos com a claridade esplendorosa que sua companheira produzira.

Quando a luz fora dissipada, apenas restavam cinco manchas negras no chão. As cinzas eram levadas pelo vento frio que entrava pelo o que restara da enorme porta.

Com a armadura real (nitidamente maior) e a coroa no chão, o homem sentado no trono se acovardara tentando fugir, tropeçando na própria perna. Os guardas não estavam mais em seus postos, facilitando o ataque. Em um salto da jovem, todos ficaram com os olhos arregalados, urinando-se vendo-a segurar o seu pescoço e, erguendo-o calmamente, disse:

— Você é apenas um monte de bosta! Nunca será rei de verdade! Sei que se mudou pras montanhas por sua fantasia erótica

doentia. — Dizendo isso, arremessou o corpo do rei contra o trono, fazendo com que o tombasse com o impacto.

Irritada e com chamas saindo de seus olhos, gritou a todos, fazendo com que pequenas labaredas fossem expelidas por seu corpo:

— Onde está o menino loiro? Contava com sua estupidez para torturá-lo, onde ele está? Seu verme estúpido! Aonde ele está? — Enquanto perguntava, pegava-o novamente e logo o jogava contra a parede, chutando-o fortemente. Com o salto dourado, apertava o maxilar com cavanhaque do autointitulado rei.

Um homem gordo de barba e tranças vermelhas vociferou saindo de uma porta lateral do trono:

— Mas que *diabus* está acontecendo aqui? Aquele pirralho me pertence, é apenas meu, e farei dele o que eu quiser! Ouviu bem suas *vagabundas*, sumam daqui antes que esfole suas bundas! — Esbravejou o sujeito largo e vermelho.

Em um piscar de olhos a jovem loura surgiu à frente do grande homem deixando um rastro de raios por onde passara. Com movimentos difíceis de se acompanhar, ergueu o brutamonte, levando-o até a parede ao fundo do salão. Segurava-o apenas pela banha de seu peito, apesar de o sujeito ser tão pesado quanto um urso adulto.

Soltando a grande quantidade de banha, segurou apertado o pescoço do gorducho ruivo e o levantando novamente como uma boneca de pano:

— Onde *ele* está? — Gritara Gewitter enfiando a mão dentro da calça do homem gigantesco arrancando com facilidade o pênis do grandalhão.

Sua armadura dourada ficara banhada de sangue, e no reflexo vermelho do chão ensanguentado o homem implorara que não o matasse. Suplicando com a voz fraca disse:

— Sou Roter Bär, durante muitas Luas persegui aquele patife. Ele se escondia fora e dentro do palácio. E mesmo com meus homens sempre ao seu encalço, *EU* o capturei e foi *meu* por um tempo, mas sempre fugia como por magia. Quando ia desfrutar de

meu troféu na frente de todos, o soldado de Verräter roubou aquele menino de mim!

Gritando com raios saindo de sua boca e olhos, a jovem loira arremessou o balofo contra o chão e chutando a cabeça de Roter, começou a gritar:

— Maldição, quem é que está com o menino!? Preciso dele! Quem sabe onde ele está?

Um dos antigos perseguidores de Aluin, que até então não havia se pronunciado, começou a falar saindo de trás de uma porta falsa, fazendo uma reverência exagerada para Gewitter:

— Permita-me apresentar, sou Vergewaltiger. Estive usufruindo do corpo e do sofrimento do garoto, enquanto esse gordo imbecil corria atrás do menino às cegas. O mantive em meu poder quase o tempo todo, até que ele conseguiu fugir de uma maneira terrível, *para mim é lógico*. Sei quem o levou, é Miur; general da tropa de elite da antiga rainha e fiel a família Kalt. Ele e seus soldados o roubaram e fugiram. Talvez consiga achá-los em dois ou três dias por essa imensidão branca. — O sujeito magro de olhos fundos, sorria de forma nojenta, contando vantagem.

Com um olhar alegre, a jovem de cabelos azuis chegou perto de Vergewaltiger, medindo e analisando se as palavras do homem asqueroso eram verdadeiras ou apenas falácias:

— Eu sou Imi, agora me diga homem feio, costuma violentar meninos, não é? Parece ter muita experiência nisso! Espero que tenha causado grande sofrimento naquele peste. Você o torturou? Tenho certeza que o estuprou. O que mais fez? — Perguntou entrando na frente da jovem loira que tremia de raiva.

Todos no salão não entendiam o que estava acontecendo, Verräter e Roter se entreolharam, conversando como amigos. Vergewaltiger sorrindo, falou com Imi em tom de vitória:

— Se ele sofreu? Bem talvez nas primeiras vezes que o violei, ele gritou e sangrou um bocado, gritava como uma menininha ou um cachorro sendo abatido. Manchei inúmeras vezes chão com seu sangue e lágrimas. Ainda consigo sentir o gosto de sua carne, provei um pouco do sangue quando eu mesmo mordi seu corpo e seu doce pescoço até sangrar. Após a vigésima vez ele só ficava parado

olhando para o nada, seus olhos azuis diminuía à apenas duas bolinhas pretas, quase inexistentes. Depois de um tempo ele parecia gostar, me assustava e me intrigava, eu confesso. — O homem narigudo sorria enquanto contava a história.

Imi satisfeita com o que acabou de ouvir, percebia a excitação na voz e no corpo do homem asqueroso em sua frente:

— Ora, ora, ora, vejam só temos um ajudante no fim das contas, hem? Bem senhor estuprador de meninos, você será recompensado pela ajuda que nos fez. Pela manhã você me guiará por esse deserto branco até achá-lo novamente. Ei, Gewitter, siga para o próximo. Ele é seu afinal. Te desejo sorte. Ficarei aqui e buscarei aquele maldito pirralho. — Imi dispensara a outra que se encontrava trêmula e muito irritada.

Com um trovão, a mesma desapareceu, deixando apenas o barulho ensurdecido presente para os que ficaram. Imi sentou-se a uma mesa para comer alguns dos pratos que estavam preparados de antemão.

Vergewaltiger se aproximou e começava a conversar com a jovem quando foram interrompidos por um barulho de asas batendo. Um grunhido alto parecia estar se aproximando da entrada arrombada do castelo.

Algumas sentinelas começaram a tocar suas cornetas alertando todos de algum perigo se aproximando.

Um soldado chegando até a presença de Verräter, alertara-o que estavam sobre ataque.

Quando terminara de falar, uma enorme chama tomou conta de seu corpo.

Correndo em chamas e soltando urros, morreu carbonizado ao receber uma segunda rajada de fogo.

Rapidamente Imi levantou e correu em direção das chamas. Chegando ao portal em chamas, deparou-se com um ser reptiliano com mais de trinta metros de altura quando apoiado sobre as patas traseiras. Com um par de asas esticadas, cobria parte do castelo sob elas. Um rabo cheio de espinho serpenteava a procura de algum alvo. Um imenso ser sobre quatro patas e coberto por escamas

vermelhas cintilantes estava atacando o pouco de soldados que restavam na guarda.

Retornando para dentro do castelo, correu enquanto gritava apavorada:

— É um dragão vermelho! Corram para as alas mais profundas, nada que eu possa fazer hoje irá ter efeito a não ser polir suas escamas. — Disse atravessando o salão sem olhar para os lados.

Os covardes, vendo a feiticeira correndo por abrigo, não pensaram duas vezes e saíram em disparada para os calabouços na parte inferior do castelo.

Já escondidos nos calabouços, a feiticeira lamentou-se:

— Usei muito de meu poder. Estas viagens acabaram comigo... Quando me irrito perco o controle. Sem dúvidas, ele sentiu minhas chamas aqui nesse lugar frio. Qualquer poder iria chamar a sua atenção! Bom... nada há de se fazer, a não ser me recuperar por um dia e pedir ajuda de Gewitter e só depois procurar Aluin. *Preciso daquele desgraçado.* — A jovem estava irritada e indefesa. Andava de um lado para o outro sem saber o que fazer.

Durante a noite, o Dragão se banqueteara com os poucos soldados que estavam defendendo o castelo e após terminar o ataque, enrolou-se em suas asas e cauda para poder descansar. Apesar do poder destrutivo, não queria escavar a procura de mais ninguém, a maneira então seria esperar.

Espionando se a criatura gigante havia saído de cima da única saída do castelo, a feiticeira ficara paralisada pelo olhar hipnótico do enorme dragão.

Vergewaltiger, estranhando a demora, subira as escadas e avistara aquela jovem poderosa, paralisada, fitando o dragão. Sem pensar duas vezes correu até ela, a pegando no colo e voltando para os calabouços antes que uma baforada os alcançasse — as chamas, no entanto, derreteram parte das paredes de pedra e do chão de mármore.

Apesar das tentativas, os homens não conseguiram acordá-la. Vergewaltiger, a acomodando em uma das selas, ficou esperando do lado de fora, como um guarda-costas em frente da porta. Sem saber

o que fazer, todos esperavam Imi acordar, ou ao menos que o dragão fosse embora.

Roter Bär se encontrava aos cuidados de alguns homens que suturavam seus ferimentos por rolar as escadas e principalmente por aquele que a jovem lhe emasculou.

Seus gritos de dor e ódio cruzavam o ouvido de todos.

### **3 A VINGANÇA DOS ESPÍRITOS**

Em meio a uma tempestade de areia, o amanhecer foi inaugurado com a temperatura castigando não só os humanos, mas também os animais em Almadinat Aleayima. Apenas os escravos sofriam ainda mais com o calor, obrigados a trabalhar sem descanso e, por não terem nascidos nessas terras quentes e arenosas, foram capturados no Norte, no Leste e até mesmo do Oriente.

Almadinat Aleayima era povoado apenas por vigaristas e bandidos; seres que trabalhavam no submundo e que estavam em desacordo com todos os tipos de leis. Era uma aldeia nômade, não passando mais que cinco Luas no mesmo lugar. Movia-se em silêncio durante a noite para evitar ser notada. Movida por mecanismos e engrenagens, girando sobre inúmeras rodas controladas por escravos que ficavam embaixo do chão do pequeno vilarejo.

Enquanto os escravos sofriam movimentando engrenagens mal lubrificadas sob o chão da cidadela, sobre eles ficavam um labirinto de paredes metálicas, de madeiras, couro e tecidos servindo para montar um labirinto fedorento. Os becos sem saída cheiravam a mofo, urina e cerveja azeda. A população presente era predominantemente de machos, já que nem todos eram homens da raça humana. Crianças e mulheres serviam como escravos sexuais, de trabalhos forçados como no movimento da cidade e vendidas para outros povos. Seus maiores fornecedores eram os Piratas Sombrios, sujeitos que caminhavam entre o reino dos mortos e dos vivos. Suas mercadorias sempre eram de jovens escravos; sempre mantendo essa regra, já que o manejo e controle dessas peças eram muito mais fáceis.

Os casebres e cabanas eram simples; os moradores da cidade eram poucos eunucos, servindo o líder da aldeia e duas dezenas de guardas leais a Mahalin. O restante de todos os outros que ali se encontravam, eram formados por comerciantes criminosos, alugando as cabanas para arrematar escravos ou conseguir outros trabalhos escusos nos próximos dias. Os salteadores sempre se encontravam

nas margens dos rios e faziam a entrega das mercadorias e pegavam o pagamento.

O último assalto no Norte e no Leste rendera centenas de crianças e mulheres capturados. Os meninos, ao atingir à idade limite de ficarem dentro das muralhas seriam vendidos e, caso ninguém os quisessem vivos, os Piratas Sombrios os levariam em pedaços salgados para a viagem do mar e distribuir em outros covis.

A cidade flutuante tinha suas paredes externas espelhadas, tornando-se praticamente invisível à distância. Os corredores sujos eram apertados, alguns bêbados não tinham como pagar suas dívidas de apostas ou mesmo do mercado, desta forma servindo como pagamentos em dias de trabalho para os donos do cassino ou o próprio Mahalin. Alguns, no entanto só aumentavam as dívidas a cada copo de cerveja ou prato de comida. Para manter água suficiente a todos, sete reservatórios eram cheios no rio a cada trinta dias. Os escravos eram mantidos vivos dentro da cidade até não resistirem. Se não conseguissem sobreviver, eram esquartejados, salgados e expostos no Sol para a venda posterior. Ao anoitecer aconteceria um grande leilão de carnes.

Uma sombra andou pelos telhados.

Havia conseguido comer pouco graças a grande quantidade de guardas e transeuntes aguardando o leilão. O movimento estava muito alto para se arriscar entre os sujeitos de diversas espécies e habilidades específicas daquele lugar estranho. Com o Sol se pondo, cansada e fraca, a sombra adormece sem ter controle, sobre um barraco.

Sentindo estar sendo agarrado pelos pés, acordou rapidamente e viu-se em completa escuridão. Estava pronta para se defender, mas grilhões de ferro em seus pulsos não permitiram se mexer pela fraqueza.

Esta noite parecia inúmeras vezes mais frias que as habituais noites no deserto.

Sendo jogada de costas em uma parede de pedra, caiu sentada. Um balde de água congelante é jogado então, fazendo-a tremer de frio.



Um homem falava com uma língua estranha e, sem obter respostas, desferiu inúmeros tapas em seu rosto e alguns socos em sua barriga; puxando-a pelos cabelos, faz com que ela ficasse em pé a força.

Seus olhos não estavam acostumados com o nível de escuridão, impossibilitando que enxergasse alguma coisa. Sentia os pés descalços no solo petrificado e congelado. Tropeçando e machucando os dedos, fora puxada pelas correntes em seus pulsos.

Sem conseguir enxergar, apenas escutara uma tranca abrindo o que parecia ser uma porta pesada. Ainda sendo segurada, viu as tochas acesas após a porta e, instantaneamente foi visível uma sala de tortura.

Um braseiro estava aceso com ferros pontiagudos enfiados na brasa. A frente se encontrava uma mesa em qual a sombra fora jogada, caindo com a barriga para baixo. Sem ver o homem por completo, a corrente de seu pulso é presa contra a parede e seus pés, amarrados separados.

Sentindo em suas costas, um ferro quente queima a sua pele.

Um grito abafado escapa de seus lábios. Estava sem forças.

Sentia o cheiro de sua pele queimada enquanto notara que o homem se afastava e começava a tirar as roupas.

Voltando a se aproximar de seu corpo amarrado, com um jato de urina, o homem atinge a queimadura em seu ombro, fazendo-a girar os olhos de dor.

Desesperada e sem saber o que estava acontecendo, imaginava ter sido capturado enquanto dormia e agora seu fim poderia estar próximo. Vira o carregamento de mulheres e crianças sendo estripadas sem dó ao ar livre. Certamente teria o mesmo fim.

Sentindo as mãos quentes do homem em seu quadril, a sombra sabia que, antes de morrer, seria estuprada. Nada podia fazer, a não ser apenas sentir o homem rasgando-a sem piedade.

Com a primeira estocada, sentiu uma forte dor. Todavia seu ódio não permitira emitir som algum.

Irritado, o homem então bate forte em sua cabeça, fazendo com que perdesse os sentidos aos poucos.

Mais uma pancada e a ela ficara inconsciente.

Acordando assustada, a sombra se vê deitada de cara em uma camada de areia no chão quente. Passando a mão nas costas, não sente a queimadura que a torturara o que parecia ser a pouco tempo.

Certamente fora apenas um pesadelo. Sua barriga roncava, indicando que precisava comer.

Pensava estar delirando de fome e desidratação.

No curral, onde os animais de corte da cidade estavam guardados e com outros estábulos para as montarias, era possível escutar alguns animais se lamentando. Durante a movimentação da cidade, sofriam sem poder fazer nada.

Comendo todos os ovos crus que podia, a sombra então se voltou para suas terríveis tarefas diárias.

Duas vacas leiteiras eram cegadas por um espeto em brasa após terem bebido o leite direto da fonte; galinhas e outros animais pequenos estavam espalhados com toda sua parte interna exposta.

A morte e tortura dos animais só fora interrompida com a entrada do homem que iria ordenhar as vacas.

O torturador de animais então fugira pelas sombras sem ser percebido.

Um jovem moreno, queimado do Sol, que trajava um turbante esfarrapado em conjunto com seu traje todo surrado, deixara evidente que era um trabalhador escravo, gritou pedindo por socorro.

Rapidamente alguns guardas vieram ao seu encontro. Estes usavam malhas de pequenas placas metálicas, turbantes, longas espadas curvas nas mãos, pararam e agora observavam toda a carnificina, deixando-os horrorizados. Ajoelhando-se, começam a rezar.

Não era a primeira vez do acontecido, sem dúvidas a desgraça estava os assolando por serem sujeitos a trabalho do crime e tirania, e seu Deus havia os desgraçados.

Não tardando, a notícia chegara até os ouvidos do líder da cidade.

Seu criado chegava a seu ouvido, contando toda a bizarrice:

— Mestre Mahalin, esses ataques estão nos assolando desde que fomos pegar mais recursos há uma semana com nossos próprios homens no Norte e o Leste. O sequestro de algumas crianças e mulheres para vendermos com certeza é uma punição divina! Devemos reparar nosso erro mestre, só pode ser uma profecia maldita. *Ou pior*, uma maldição dos Piratas Sombrios, roubamos os escravos que eles nos venderiam sem que soubessem e ainda imitamos as técnicas dos olhos e línguas que desenvolveram naquelas vilas pequenas. — Explicou o eunuco-informante extremamente preocupado.

Mahalin era um homem baixo e com uma barriga protuberante, possuindo uma careca brilhante acompanhada com um longo bigode e de um cavanhaque fino. Coçou-se pensativo enquanto andava em círculos.

Parando repentinamente, comentou com seu criado:

— Precisamos nos livrar deles! Vamos sacrificar todos eles assim que chegarmos até a margem do rio. Todos os escravos que capturamos no último assalto deverão ser sacrificados. Só assim vamos ser livres desta maldição! Mesmo que fiquemos acampados na margem do rio fora do esperado! Mesmo não me agradando. Se não for uma maldição, nos livramos de arrumar problemas com os piratas. Meurtrier *já* jamais aceitaria desculpas. — Lamentou o com as mãos enxugando seu suor.

Com essa ordem do líder Mahalin, os chicotes voltaram a comandar os escravos para empurrarem as grandes engrenagens que moviam toda a Almadinat Aleayima.

Chegando até a margem do grandioso Khalas um rio calmo, cheio de curvas que cortava todo continente rapidamente os escravos capturados na última visita a outros povos foram enfileirados: os que enxergavam foram vendados e amarrados, criando uma grande fila seguindo a margem. Entre os enfileirados estavam todas as crianças e mulheres capturadas por último. Os demais continuaram a trabalhar normalmente.

O líder da cidade pedira que seus homens mantivessem todos os escravos em seus lugares enquanto ele preparava dezenas de cimitarras em uma pequena carroça puxada por duas meninas

amarradas, sendo ambas muito magras uma era negra com os cabelos raspados; tinha várias figuras e desenhos por todo o seu corpo (uma em especial atrás da orelha, retratava um olho.). A outra menina tinha cabelos curtos da cor castanho-claro quase loiros, tapando um lado de seu rosto. Sua pele alva contrastava a de sua amiga escura.

As duas estavam descalças e com apenas uma saia surrada e uma camisa velha que mal as cobriam.

Um a um os escravos vendados eram levados até a beira do rio e forçados a ajoelhar ao lado de Mahalin.

Com facilidade de um ex-soldado, erguera a cimitarra e fazendo uma grande força, desceu-a nos pescoços de seus escravos. Eles não tinham chance de soltar um grito ou qualquer barulho; as cabeças caíam direto na correnteza do rio e logo em seguida, o corpo era arremessado junto.

Meninas, meninos e mulheres, todos foram decapitados.

Com a grande quantidade de sangue e corpos nas calmas e cálidas águas do Khalas, o rio se tornara vermelho.

Os animais selvagens eram atraídos pelo odor e logo começavam a atacar os cadáveres. Crocodilos enormes começaram a surgir das outras margens ou vinham subindo o rio, de forma que deixava as águas agitadas com os giros da morte dos répteis gigantes.

As meninas que puxavam a carroça seguravam a mão uma da outra e encaravam o chão, chorando de medo.

Esta matança causara um grande incômodo até mesmo aos contrabandistas de dentro das muralhas. Todo o sangue no calor do dia iria atrair *gnolls* do deserto ao cair da noite.

Os compradores que iriam comprar os escravos, agora mortos, ficaram irritados e deixam a cidade.

Alguns dos sujeitos que pertenciam aos Piratas Sombrios recolheram alguns corpos e os levaram para uma carroça, jogando grande quantidade de sal por cima.

Mahalin não se importava com a debandada de seus compradores e nem com a possível revolta dos piratas descobrirem seu contrabando pessoal.

Os demais mercenários viam poucas pessoas ficando na vila flutuante os mais covardes ou que deveriam para Mahalin fugiram com medo de possível ataque dos *gnolls* durante o dia.

Acabando com todos os escravos, Mahalin utilizou dezesseis cimitarras para sacrificar os mais de cem prisioneiros. Quando esses perdiam o fio, as lâminas eram arremessadas junto dos corpos no rio.

Quando voltavam para a rampa, que também servia como portão da grande entrada de Almadinat Aleayima, Mahalin pegou uma cimitarra e, segurando-a com as duas mãos, aproximou-se das duas meninas (que ainda olhavam para baixo) que duramente puxavam a pesada carroça e, com um só golpe, cortara na vertical a menina negra, dividindo-a em duas.

O golpe ainda acabara acertando o grilhão que mantinha as duas meninas presas à carroça, trincando sua cimitarra.

Ao ver sua companheira sendo cortada ao meio e jorrando sangue de forma que a manchasse toda, a mesma tentara fugir. Porém, por estar amarrada a sua antiga companheira, acabara por fazer muito esforço para apenas conseguir mover a carroça por alguns metros. Ela ainda estava amarrada pelos tornozelos a uma das duas partes da menina morta, espalhando suas vísceras pela areia fofa e quente.

Mahalin, voltando com a cimitarra nas mãos, alcançou facilmente a menina que chorava desesperadamente e com um chute, joga-a junto da defunta contra as paredes espelhadas da cidade, fazendo um grande barulho metálico.

Ao aproximar-se, começou a falar:

— Isso tudo é culpa *sua* e de seu povo maldito. Agora preciso acabar com a maldição que seu povo me trouxe! Você viveria mais se não tivesse amaldiçoado minha vila. Agora eu tenho que purificar minha casa com seu sangue impuro! — Reclamou o balofo enquanto suava sob o Sol escaldante.

Caminhando lentamente em direção à menina que se encontrava paralisada de medo, a mesma suplicava a pedido de misericórdia enquanto protegia seu rosto com seus braços finos.

Ele estava pronto para ceifar sua jovem vida.

A lâmina descera rapidamente com a intenção de cortar o pequeno corpo pela metade, separando na o tronco da cintura. Um grito fino de dor romperá os pedidos de piedade da criança acuada. Os guardas que esperavam na grande rampa voltaram correndo para ver quem gritara. Descendo correndo até o velho gordo Mahalin, uma segunda faca fora arremessada de cima dos barracos da cidade. O Sol impossibilitara que identificassem o culpado.

Mahalin, com duas facas cravadas no corpo uma em seu ombro esquerdo e outra em sua barriga, pediu para que os guardas continuassem sacrifício.

A pobre menina já estava correndo de quatro, arrastando uma das partes de sua ex-companheira, deixando um trilho de sangue na areia. Em um salto, a menina caía na água e, com o peso do corpo amarrado em sua perna, começava a afundar, afogando-se.

Com muito esforço, a menina conseguira se segurar em um dos corpos que estava flutuando, enroscado na margem do rio calmo. Os crocodilos estavam satisfeitos, deixando-a em paz.

Mahalin, sangrando e choramingando perguntava para um de seus homens se a menina estava morta. O mesmo respondera com um aceno sem titubear. Não queria ter o trabalho de ir atrás da menina dentro do rio.

Sorrindo e com as facas encravadas, adentrara em sua fortaleza sendo seguindo pelos corredores e becos formando um labirinto de barracos feitos de tecidos amarrados improvisando paredes. Chamou por um curandeiro e, entrando em sua barraca, bebeu logo de cara uma grande quantidade de um líquido verde, que escorrera por seus bigodes.

Durante o cuidado de Mahalin, uma sombra seguia pelos becos escuros, onde tapumes tapavam o Sol escaldante do dia. Esquivando-se de alguns bêbados em seu caminho, subiu como um gato no telhado de uma cabana. Algumas eram formadas por estruturas de alvenaria com tetos de uma mistura de palha com barro.

A sombra esgueira-se rapidamente sem fazer barulho, seguindo até o muro da cidade e em um salto, pulou para o lado de

fora, rolando sobre a areia.

O vulto preto correu seguindo o curso do rio até avistar a menina desacordada.

Ela ainda se encontrava agarrada em um corpo que boiava, enroscado em raízes secas na margem.

Agarrando-a pelo braço, puxa-a para fora das águas tranquilas do rio e com uma faca, cortou fora o pé da defunta, já que sua faca não era capaz de cortar as algemas de metal. Sem saber o que fazer para acordar a menina, deu-lhe quatro fortes tapas em seu rosto e a mesma chacoalha violentamente apesar de ser apenas um pouco maior.

Desesperada e sem saber o que fazer, bateu no peito da outra com muita força, fazendo com que surgisse uma mancha roxa.

Instantaneamente, uma batelada de água é expelida e ela acorda de um suspiro. Tosse engasgada e, olhando para a sombra negra a sua frente, a qual não conseguia enxergar contra a luz solar ofuscante, chora sem ter forças para se mexer e apenas sussurra algumas palavras pedindo piedade.

Devido à desnutrição e o afogamento, a menina não conseguira se manter acordada. A sombra a colocando sobre o ombro começou a correr na direção de uma cadeia rochosa ao longe.

O vulto corria pelo deserto, queimando seus pés na areia escaldante e, ainda assim, mantinha-se firme e determinado em chegar até as rochas.

Passou por árvores retorcidas e secas, atravessou um antigo campo de batalha com centenas de esqueletos antigos alguns dos crânios tinham formas variadas diferentes de humanos ou animais. Naquele depósito de ossos também dormiam inúmeras armas e peças de armaduras recheadas com esqueletos. Quando o Sol atravessava o centro do céu, o vulto alcançara as rochas.

Escalando algumas pedras, a vários metros de altura, procurou uma fenda para servir de abrigo e logo encontrou duas grandes pedras que formavam uma pequena caverna.

A menina é acomodada encostada na parede e, num salto até a areia o vulto voltava correndo até a fortaleza nômade.

Chegando perto das muralhas, o vulto escutou um trovão ao longe.

Assustado com o barulho apoiou-se de costas no muro de metal, olhando para o céu azul sem nenhum sinal de nuvens, matutando de onde poderia vir o estrondo.

Pulando o muro com facilidade, seguiu até o telhado onde Mahalin estava descansando após o curandeiro atendê-lo. Observou pendurado no telhado o interior da cabana com milhares de peças de ouro e gemas preciosas amontoadas atrás de uma mesa e sobre uma libra grande ao lado.

Procurando por alguma bolsa, pegara tudo o que conseguia, guardando em sua nova aquisição.

Sem fazer um ruído sequer, pegara um conjunto de cinco *karambits* reluzindo luz de tom verde esmeralda.

A sombra então espera em um de seus esconderijos até o anoitecer.

Todos que permaneceram na cidade estavam dentro dos bares; bêbados ou em suas alcovas. Sorrateiramente ela seguiu até o quarto dos três filhos de Mahali; eram duas meninas e um menino e todos aparentavam ter idades próximas do que não mais que dez verões. Chegou perto do menino e pegando sua adaga, com a mão esquerda tapando a boca do menino, ficou encarando-o acordar em pânico.

Lentamente a adaga era enfiada no umbigo da vítima, cortando até chegar à traqueia. Engasgando com o sangue, o menino agonizou tremendo e morrendo com os olhos abertos em total silêncio.

Ninguém podia ver o sorriso de satisfação e prazer que a sombra tinha ao ver o jato de sangue tingindo os tecidos no chão de vermelho.

Lentamente e rondando as outras duas meninas, fizera o mesmo procedimento nas duas vítimas, que como o irmão, agonizou até a morte sem soltar nem um suspiro.

Guardando a pequena lâmina na bainha presa a seu cinto, a sombra pegou sua faca antes usada para libertar a garota afogada e começou a cortar suas vítimas em pedaços.



Após desmembrar os três filhos de Mahalin, as vísceras das crianças são jogadas por todo o quarto. Os intestinos ficaram pendurados na porta da entrada, ornamentando um ambiente macabro e atormentador.

Pegando as seis pernas cortadas e afastando um pouco os tecidos sujos de sangue do chão, preparou uma fogueira com a ajuda de algumas tochas acesas fora da cabana. Deixando então as pernas assando perto das chamas.

Saindo pela janela protegido pelas sombras, vasculhou os corredores vazios da cidade até conseguir achar espetos onde, durante a manhã, eram preparadas carnes no açougue. Quando voltava para o quarto de suas vítimas, notou a presença de inúmeros guardas pelas ruas.

Esgueirando-se pelas sombras não teve dificuldade em liquidar todos os soldados da pequena vila nem mesmo foram poupados os servos eunucos.

A sombra desferira ataques furtivos, direto contra as cabeças de suas vítimas usando as facas verdes. Sem deixar que soubessem de sua presença, escondeu os corpos mortos na escuridão.

Matando os guardas em cima das casas, escutou uivos desafinados e grunhidos do lado oposto de onde levava a menina.

A sombra sabia que alguns animais noturnos sentiriam o cheiro de sangue e logo estariam atrás dos cadáveres jogados no rio. Por conta disso, fizera questão de levar sua protegida longe de problemas.

Retornando ao quarto, com toda calma, pegou os membros decepados e os atravessou com os espetos. Não demorou muito para que as pernas começassem a assar. Tentou então controlar a fumaça para que ela chegasse até o quarto de Mahalin.

Quando o feito aconteceu, o gordo dorminhoco acordou engasgando e tossindo. Percebendo do que se tratava, correu assustado para ver de onde vinha e, apesar do cheiro ser agradável, assustou-se ao ver que vinha do quarto de seus filhos.

Pronto para dar uma bronca por fazerem uma fogueira dentro do quarto adentrou irritado.

Ao entrar, avistou as tripas servindo como cortinas e, ao pisar dentro do cômodo, percebeu o chão embebido em sangue.

Neste momento o terror tomava a conta de seu coração.

Aproximou-se da fogueira e percebendo serem pernas humanas assando, colocou a mão no coração, sentindo uma forte dor, deixando-o paralisado. Coçou os olhos e andou lentamente até a fogueira. Um trovão não muito longe dali o assustou, desequilibrando-o.

Um barulho de metal explodiu, seus pedaços eram jogados para todos os lados.

Mahalin deu alguns passos para trás, desnorteado. Encostou contra a parede, ofegando.

Ao olhar novamente para frente, algo o atacou, nocauteando com um golpe certeiro na testa.

Sentiu fortes tapas em sua face. Mahalin acordou tentando gritar, porém fora impedido por algo que tampava sua boca. Debateu-se tentando soltar suas mãos e pernas.

Seu joelho estava com cortes fundos, causando tanta dor que o impedia de mover as pernas.

Não tinha identificado ainda que o que tinha em sua boca era um dos braços decepado de sua filha. Muito menos que os intestinos de seus filhos serviam de corda para amarrá-lo.

Alguém mastigava algo ao seu lado. Assim, tenta então chamar a atenção do vulto.

Observou quietamente o ser andando em sua direção. Tratava-se de um menino sujo de sangue e cinzas, iluminado pelas chamas.

O menino agachou-se pegando três grandes bolas no chão e logo as arremessando, caindo sobre o colo de Mahalin.

O gordo assustou-se ao ver as cabeças de seus filhos. Sua respiração descontrolada fizera com que elas rolassem para o chão.

E, ao olhar a pequena sombra em sua frente, conseguiu ver os olhos do algoz de seus filhos. Um olho roxo, outro verde; acesos como os de um demônio.

Já havia visto esses olhos antes, *só não conseguia e nem queria* forçar sua mente a se lembrar de *quem* tinha olhos daquele

mesmo jeito.

A sombra andara em sua direção, finalmente podendo ser vista por completo.

Era um menino que se vestia apenas com calças rasgadas até os joelhos; cheio de cicatrizes em seu corpo magro. Estava pintado de sangue seco que se misturava com as cinzas. Os olhos cada um de cada cor se escondiam parcialmente atrás do longo cabelo embaraçado.

Ele mastigava um pedaço de carne como um cão faminto.

Agora mais próximo, o pedaço de carne se mostrava sendo um pé direito.

Agachando-se, falou em um tom baixo e calmo:

— Sei que você não vai entender nada o que eu tô falando. Assim como eu também não entendo nada do que fala. Mesmo assim, saiba seu filho é delicioso. Pelo menos isso você fez bem feito. — O magricela estava de quatro enquanto mastigava e encarava o homem atônito.

Enquanto comia o pé do filho de Mahalin, o menino de voz rouca sentou-se no chão e colocou as cabeças cortadas em seu colo e continuou falando com toda a calma:

— Deveria ter me visto os matando. *Adorei* enfiar mão na barriga deles enquanto eles estavam vivos! Eu ia puxando tudo pra fora. Pareciam com as galinhas destripadas que deixei em seu seleiro. Os escravos as acharam durante o dia, né? Bom, olha esse pé: é bem saboroso mesmo, hem! Sabe, vou matar você bem devagar... Vou abrir sua barriga e guardar essas cabeças em sua pança nojenta! — O menino se divertia mastigando os dedos e o calcanhar. Enquanto ria, mostrava a carne mastigada dentro da boca.

Quando o menino terminou de falar. Mahalin estremeceu-se; assustado como se entendesse o que ouvia. O menino perguntou se ele entendia o que falava, e o outro acenou concordando.

O menino agora disse rindo:

— Mas olha só, então quer dizer que você me entende! Aquela língua maldita que você fala me mostra que eu estou bem longe de minha casa, não é? Graças a seus bandidos e por você. Eu

estou escondido tentando encontrar a oportunidade *pra* me vingar. Penso em umas dezesseis Luas, talvez? Bom, mas agora vou te matar. Não tenho muito tempo, preciso ir até... — Sem conseguir terminar a frase, assustou-se com o estrondo de um raio caindo a alguns metros, arrombando o teto. Sem pensar, o menino arremessou uma de suas pequenas adagas.

A adaga acertou o alvo que solta um grito feminino. Deu alguns passos para trás e logo cai devagar, fazendo um barulho metálico.

Apenas o pulsar da luz verde que saía da adaga mostrava no escuro o corpo feminino.

Percebendo que a mulher estava inconsciente, o menino aproveitou para terminar sua vingança: pegando uma de suas facas e abriu um grande corte na barriga de Mahalin. Puxou para fora os intestinos do obeso estrebuchado, dando lugar para socar as três cabeças dentro da barriga. Virou-se lentamente para pegar as pernas já assadas e começa a desossa-las. Embrulhou as carnes em panos, guardando-os em uma bolsa improvisada com os lençóis.

Saltando o homem gordo, caminhou em direção ao corpo da outra vítima, a fim de investiga-la.

Ela era uma jovem loira, vestindo uma armadura dourada. Nunca tinha visto alguém tão bela. A sua pequena adaga atingira abaixo dos peitos da jovem.

Viu que ela estava viva, mas o que ele queria era apenas sua arma, enfincada na junção da armadura. Ao tocar a adaga ainda cravada, uma corrente elétrica percorreu todo o corpo do menino. Com o choque, ele acaba sendo arremessado contra a parede do outro lado do quarto.

Estava assustado e muito ferido.

Pegou sua bolsa com as carnes assadas e sai em busca da bolsa com as moedas de ouro. Ele deixa o local com dificuldade, passando pelas velas vazias, deixando para trás uma de suas facas verdes.

Passando pelos barracos, viu dentro de uma casa vários pães finos. Entrando para pegá-los, também avistou galões cheios de leite

ao lado. No canto, encontra-se uma bolsa grande que caberia os pedaços de carnes, os pães e até o ouro roubado.

Colocou a grande bolsa nas costas e, carregando um dos galões, saiu pelos corredores rumo da entrada, sentindo dores nos ouvidos e no peito. Além de ter sua boca e o nariz sangrando.

Perto da entrada da cidade, ele se lembrou do curral que serviu de esconderijo com vários animais e em sua atual condição, eles seriam essenciais para a fuga.

Ao entrar, os animais apenas o observam sem parar de mastigarem. Longos fios de baba escorriam de suas bocas enquanto bebiam longos goles de água no cocho. Eram mansos e selados; animais com pernas finas e compridas, um rabo curto, pescoço longo e nas costas, continham grandes relevos.

Colocou a grande bolsa e o galão em um dos animais estranhos enquanto montava em outro. Os animais seguiram suas ordens tranquilamente. Ao chegar ao portão, o menino desceu de sua montaria e, com um enorme esforço conseguiu fazer com que as engrenagens se mexessem, voltando a funcionar, derrubando a pesada rampa no chão que ecoou abrindo a fortaleza.

Antes de voltar para sua montaria, procurou pelos cantos até encontrar outro jarro de metal. Conduziu, então, os animais um pouco a cima do rio aonde o sangue não sujava as águas.

O menino desce novamente e caminha até a beira do rio, começando a tirar o sangue misturado com cinzas que cobriam seu corpo; algo que ajudara a se manter oculto durante muitos dias.

Encheu o grande jarro de metal com água limpa e também os cantis que estavam nas selas dos animais. Montando no animal equipado para tal, começara a caminhar pela noite gelada o mais rápido que conseguia.

Os uivos e grunhidos já estavam próximos de Almadinat Aleayima.

Estava a uma boa distância quando percebeu pelo menos uma dezena de formas humanoides, cheias de pelos da cor laranja com manchas negras, vestindo partes de armaduras, se aproximando da fortaleza.

Grasnaram e uivaram de forma grotesca, não dando atenção para o menino distante.

Aproveitavam a grande quantia de carne espalhada para saciarem a sua fome, não demorando muito para acabarem e sumirem entrando no portão.

Após andar por algumas horas passando muito mal, chegou ao campo de batalha antigo. Descendo de sua montaria, vasculhou os escombros que haviam chamado sua atenção antes.

Acabando por pegar um estranho capacete que era pouco maior que sua cabeça, e o restante da armadura. Eles não pareciam serem feitos de malha metálica comum; reluziam um brilho prateado. Era macio como um tecido confeccionado por pequenas placas de metais trançados.

Guardou a carga, o voltando a andar em direção ao amontoado de pedras, deixando apenas rastros das pegadas na areia fofa.

Ao chegar à fenda onde a menina estava desmaiada, deixou uma sacola com comida e os galões com leite e água. Ao se virar em direção da menina, sentira um mal súbito, escorregando enquanto despencava montanha a baixo.

Com muitas dores por todo corpo, ao abrir os olhos, para seu espanto estava mais uma vez nos tuneis de rochas negras. Seu pesadelo recorrente parece continuar um novo capítulo.

Dessa vez estava amarrado nu de frente com o homem magrelo pronto para ser mais uma vez estuprado. Ele estava mais forte e tinha ódio em seu coração, rompendo com facilidade o nó mal feito das cordas. Aguardou o seu agressor para desferir soco em seu rosto.

Ao se aproximar do menino, o homem levou um soco no nariz, sendo jogado de costas sangrando ao chão. Falando consigo mesmo, pensou:

— Quem será esse filho da puta? Preciso fugir daqui! Que lugar frio! Droga isso não parece um pesadelo! Agora que estava livre fui preso novamente? Não, isso não pode ser real, o que está acontecendo comigo, será que eu perdi o juízo por completo?

Merda! — O menino terminara de se desamarrar e saía da mesa que estava amarrado.

Procurou alguma coisa para se agasalhar contra o frio, por fim achando uma camisa grande e uma armadura. Vestiu rapidamente a camiseta, mas quando se preparava para pegar a armadura, o homem de antes avançara em sua direção.

Assustado, o menino chutou seu agressor o mais forte que conseguia, saindo correndo, tropeçando pelos corredores totalmente escuros.

Fugira.

Os únicos barulhos audíveis eram de seus pés descalços contra os pedregulhos e o tatear contra a parede fria e lisa.

Tentava enxergar alguma coisa. Olhava para os lados sem nada enxergar; não sabia nem identificar para qual lado estava indo ou se estava voltando de onde fugira. Pisando em falso, rolou por uma pequena escadaria abaixo.

Por um tempo, tudo o que ele via era a escuridão, até que começara a sentir o Sol queimando sua pele novamente.

Assustado, correu para a montanha onde havia deixado à menina. Era como se fosse carregado enquanto desacordado; estava longe de onde deveria ter caído.

Voltando correndo até a menina, subiu desesperado a cordilheira, só acalmando-se ao ver a menina desacordada, magra e trêmula. Aproximou-se com cautela da menina, sentando-se ao seu lado.

Levou uma de suas mãos ao cabelo da menina, acariciando-o.

A mesma abriu os olhos com dificuldade e, ao ver por um instante os olhos roxo e verde, nada falou, apenas abraçou chorando o menino, que a retribuía com carinho e um abraço forte.

A menina olhava pra ele admirada e chorando de alegria — apesar do estado frágil que se encontrava e com o estômago roncando.

Pegando um cantil, o garoto acabou por beber toda água, logo o enchendo de leite. Retirando de sua bolsa um pão fino com pedaço de carne, entrega tudo a menina.

A menina estava com os olhos arregalados, lambendo os lábios e os dedos.

Devorou o pão com carne assim que os pegara em mãos, sempre sorrindo.

Bebendo o líquido, seus lábios rachados e trincados voltavam a serem rosados depois. Intercalando as mordidas e goladas de leite a menina falou:

— Obrigada, Thomi por me salvar. Sempre sonhei que você me salvaria quando me pegaram. Eu não sei o que aconteceu, eu estava dormindo em casa quando tudo aconteceu... Não sei o que houve com mamãe e nem com o papai... Só lembro que você estava caçando com os outros meninos e depois aconteceu tudo aquilo e sei lá mais o que houve e vim parar aqui com você. — A menina disparara sem ao menos tomar folego.

Terminando de falar, deitou-se sobre o colo de Thomi, enquanto ele acariciava o seu cabelo.

— Durma Hope, agora está à salva comigo. Ao amanhecer vejo se está machucada. Não vou conseguir fazer nada agora. Você vai ver os bichos estranhos que eu escondi em outra fenda aqui pertinho. Você vai gostar deles. — Thomi não conseguia mais nem falar com todos os ferimentos que sofrera a pouco.

Exausto, Thomi acaba por dormir abraçado junto a sua irmã, não sabendo se acordaria com ela em seus braços ou fugindo mais uma vez em corredores sem fim.

Por enquanto ambos estavam a salvos. Desta maneira, dormir poderia recuperá-lo de todos os ferimentos causados pela jovem loira.

Ambos dormem por um dia e uma noite sem interrupção e quando acordaram, estavam mais calmos e puderam ver se estavam machucados, descobrindo então que só estavam apenas cansados e fracos.

Despertos, comem um pouco de pão com carne e logo se aprontam para fugirem de onde estavam, já que mesmo longe da fortaleza de metal, Thomi sabia e tinham razão em temer os seres desconhecidos que entraram na fortaleza.



E claro, pensava em poderem serem capturados mais uma vez.

## 4 A BUSCA ENTRE DUNAS

Comendo pães com carne, os irmãos começam então a prepararem seus estranhos animais para a fuga. Hope ficara encantada com os grandiosos quadrúpedes; ela ficava na altura das pernas dos bichos compridos.

Pegando com dificuldade o jarro grande de metal, fez com que seu animal bebesse grandes goles de água, depois carregando-o até o outro animal, o qual seu irmão, Thomi, estava sentado.

Thomi estava irritado; experimentou o leite, jogando-o fora, deixando somente o galão amarrado em sua cela.

Acabando de dar o líquido para os animais, Hope passou então a dar-lhes pães, deixando o irmão ainda mais irritado:

— Chega, Hope! Já chega não é? Vamos fugir logo daqui. Este lugar é perigoso. Escutei alguns barulhos estranhos antes de dormirmos! Com toda certeza não quero descobrir o dono daqueles rugidos. E acho que você não vai querer ver também. — Apressou-se advertindo a menina.

Hope, escutando a bronca, fechara o rosto fazendo um enorme bico com os lábios, respondendo-o em seguida:

— Nossa “Te”, *pra* que ser assim? O que ganha sendo malvado assim? Tadinho dos “bichinhos”... Eles são tão fofinhos. Já disse *pra* você não ser malvado várias vezes. Só meninos maus são assim! E sei que você não é malvado, mesmo querendo que todos pensem que é malvado. — Com os braços apoiados na cintura, batia os pés descalços na areia com o tom de voz baixo.

Enquanto a menina de cabelos curtos e com heterocromia nos olhos continuava falando sem interrupção sobre sua jornada, terminando com sua pobre amiga cortada ao meio jogando sangue sobre ela, Thomi descia aborrecido de sua montaria, pegando a irmã e a colocando montada sobre a grande cela. Assim, ambos caminham para fora da grande fenda, que servira de abrigo para os animais e finalmente iniciando a almejada fuga enquanto encaravam o calor ardente, sem roupas adequadas, sobre uma grandiosa vastidão sem sombra para protegê-los.

Passando pelo campo de batalha antigo, não muito longe das montanhas que acabavam de deixar, Hope observava os inúmeros esqueletos; vários dali nunca sequer tinha visto ou sabia identificar a que tipo de criatura foram um dia.

A menina acaba ficando impressionada com a paisagem fúnebre; nunca havia visto tantas ossadas diferentes e a grande quantia de armas espalhadas. Descendo de seu animal, começou a vasculhar o campo de batalha antigo e acabando por achar uma cota de malha metálica, só percebendo ser feito de algum tipo de metal ao tocá-lo, já que as argolas da malha eram como os fios de sua roupa esfarrapada. Eram de um material leve, em formato de um corpo feminino, já que projetava os seios no peitoral.

Ao puxar a cota de malha enterrada nas dunas, a mesma acaba sendo acompanhada de um pequeno esqueleto dentro de um manto. Nos dedos ossificados estava preso um cajado de madeira e em sua ponta, uma garra metálica segurava uma esfera transparente. Havia também um cinturão com inúmeros sacos amarrados, alguns com pedras, outros com moedas de ouro e um outro grande com um livro pesado trancado a chave.

Ao tocar o cajado, Hope sentira pulsar uma luz branca.

Mesmo vestindo a cota de malha e estando exposta ao Sol parecia estar gelada. Colocando o cinturão com todas as bolsas, o mesmo parecia ser ajustado perfeitamente para o seu corpo.

Jogando o manto sobre o seu corpo, volta para o lombo do animal com o pedaço de madeira servindo de bengala.

Thomi caminha até o esqueleto de onde pegara o capacete, pegando as demais partes da armadura, apenas deixando as botas que eram demasiadamente enormes para si, pegando então uma espada velha e um arco com uma aljava cheia de flechas.

Amarrando os itens recolhidos em sua montaria com o manto que o cobria, Thomi se embrulhara com um outro retirado de um dos inúmeros defuntos.

Após algumas horas de caminhada, os irmãos chegam enfim até o grande rio, avistando ao longe uma embarcação que subia contra a correnteza com inúmeros tripulantes. Na margem era

possível enxergar um pelotão; alguns estavam montados em cavalos, outros montavam em animais iguais ao dos irmãos.

O homem que parecia ser o líder estava sentado em um animal enorme que deveria ter em torno de cinco metros de altura. Sem pelos pelo corpo. De seu rosto, um braço enorme balançava de um lado para o outro enquanto de sua boca, dois longos chifres brancos e curvados saíam pelas extremidades.

Suas orelhas pareciam grandes folhas finas.

Era um animal realmente muito estranho. Parecendo ser muito pesado com sua robustez já que deixava grandes e profundas pegadas ao andar.

Os dois fugitivos pararam hipnotizados de medo e curiosidade pela tropa.

Os soldados sem montarias seguiam pela margem do rio, resgatando os corpos decapitados e colocando-os em várias carroças. Esta era uma árdua tarefa, pois os animais do rio tinham tido estes corpos como banquete e com isto, muitos cadáveres se encontravam despedaçados. Um batedor voltava com notícias de onde vinham os corpos e indo direto até homem montado no gigantesco animal e coberto de armadura dourada e chifres brancos na boca.

Após alguns instantes, metade dos soldados montados partiam em frente, levantando muita poeira, não parando até chegar perto de Almadinat Aleayima.

Não havia mais corpos ali perto. Os animais famintos do deserto já deveriam ter dado conta deles. Apenas manchas e trapos sujos de sangue podiam ser encontrados.

Os abutres fugiam relutantes ao abandonar o banquete encontrado.

Rapidamente os homens de armas em punho adentraram a fortaleza, começando a vasculhar pelos corredores e o subterrâneo; apenas rastros de mortes eram encontrados por todos os lados.

Hope não imaginava o que estava acontecendo, apenas ficou observando de boca aberta todas as coisas novas que via. Nunca presenciara nada igual.

Comentou então com seu irmão:

— Você viu aquilo? O que será que está acontecendo? Esses homens estão indo para aquele lugar ruim? Tinha muita gente lá dentro, eu pulei no rio depois daquele gordo tentar me cortar no meio. Não sei o que aconteceu depois, só acordei com você me batendo e balançando... Você teve alguma coisa a ver com isso Thomi? — Hope olhava o irmão desconfiada.

Thomi a encara com desdém, mantendo-se em absoluto silêncio. Hope então continuou:

— Se bem que eles eram horríveis. Eu me escondia toda noite com a Amira... Foi difícil entender como ela se chamava. Fizemos amizade enquanto nos escondíamos em um buraco perto do teto. Ficávamos lá; às vezes dormíamos e não saíamos nem durante o dia. — Ela riu por um momento, mas logo lamentando: — As outras meninas e meninos eram machucados com frequência. Algumas meninas eram levadas e quando voltavam sempre estavam chorando e sangrando. Não quero nem imaginar como sofreram. Justo quando não subi no buraco, do nada me amarram com a Amira. Eu não entendia nada que ela falava, só sabia que estava acontecendo alguma coisa ruim com várias pessoas amarradas do lado de fora daquele lugar feio. Começamos a empurrar uma carroça pesadíssima com um monte de espadas tortas, fiquei amarrada e andando só olhando pra frente, não queria olhar para os lados, só escutei coisas caindo na água e o rio ficando vermelho. Fui curiosa e olhei pra Amira e ela *tava* paralisada. Depois olhei para mesma direção que ela. Você acredita que o morfético estava matando as crianças e jogando no rio? Segurei forte na mão da Amira e começamos chorar... Eu tinha certeza que ele ia querer fazer igual comigo. Depois do nada aquele gordão cortou a Amira no meio. Na hora eu não sabia o que fazer... Era muito sangue! Espirrou tudo em mim. Só sai correndo. Ela estava amarrada em mim. Então levei um chute e voei longe. Só consegui pular no rio depois que ele gritou. Eu não consegui nadar com ela me puxando pra baixo. Com muito esforço agarrei em um negócio e depois acordei com você. — Hope terminou de contar sua história com um grande sorriso no rosto.

— Olha sua magrela, já me contou essa história, esqueceu? Seja lá o que aconteceu já acabou. Vamos para a direção que eles

vieram. Deve ter alguma cidade nessa direção. — Começando a caminharem novamente, seguiram o rio chegando a uma estrada pavimentada, onde soldados ainda recolhiam os corpos na água. Alguns cumprimentaram os dois irmãos; Hope acenava energicamente com um enorme sorriso para a tropa.

Mesmo enrolados nos mantos escuros, o tom da pele dos irmãos destacava-se dos demais, mas por serem duas crianças, não apresentavam ameaças para os soldados.

A menina ficara impressionada com os animais que os soldados montavam e os que puxavam as carroças. Alguns eram iguais os que estavam montados, enquanto os demais soldados tinham cavalos, touros e até alguns animais esquisitos, dos quais não sabiam o que eram, somente tendo certeza de serem ferozes.

Como os animais chamavam a atenção de Hope, seus olhos únicos chamaram a atenção de quem a encarava. E, sob o Sol, suas íris reluziam como pedras preciosas.

Thomi a puxa pelo braço, logo começando a acelerar pela estrada pavimentada.

Ao horizonte, conseguiam ver uma ponte cortando o rio colossal que, nessa altura, já possuía milhares de metros de largura. A base da ponte era feita de jaspe amarelo; pelo o seu tabuleiro, seguiam-se pedras quadradas em um tom mais escuro que os das estruturas. Das vigas de sustentação saiam um arco de tamanho titânico de pedras, dando espaço para passar grandes embarcações sob a ponte.

Com mais de seis horas caminhando, resolveram descansar um pouco em baixo da ponte. Sob ela, havia uma grande sombra fresca.

Descendo dos animais, Thomi sentou-se a beira do rio começando a encher os cantis e os jarros com água fresca.

Hope acariciava os animais, enquanto os levava para beber água e descansar sob a sombra.

O menino preparou então um pouco de carne com pão para Hope. Com medo de que fossem descobertos, comem alguns nacos de carne, descartando todos os outros pedaços que carregava.

Aproveitando que sua irmã estava distraída brincando com os dois animais, cavara um buraco, escondendo as pedras preciosas e as outras coisas que roubara.

Cantarolando e comendo os pães finos, Hope senta-se encostada ao ombro do irmão, abrindo então um livro muito pesado com a chave que se encontrava amarrado no mesmo.

Ao começar a folhear, nota que sua capa e suas páginas não eram feitas de papel; pareciam serem feitas de couro. As letras eram em formas de desenhos e riscos; ele claramente não pertencia a sua língua.

O livro continha inúmeras figuras estranhas; uma delas eram de chamas, esqueletos e inúmeras outras coisas que eram indecifráveis. Notara que nem todas as páginas estavam usadas. Em todo o objeto, a única frase que tinha letras iguais a de sua língua fora "*kurat narian*".

Diferente de Thomi, sua mãe ficara feliz que aprendera a ler com a avó em Forked. A menina, feliz, repetira inúmeras vezes em forma de uma música às palavras "*kurat narian*"; mesmo sem saber o que significava. Deixando seu irmão extremamente irritado, tapando os ouvidos.

Após comer o pão, Hope ainda com fome, deita no colo do irmão que inicialmente reprova essa atitude, mas logo ficando com pena, deixando-a dormir enquanto acariciava seu cabelo. Puxando sua mochila para perto, deixou a cabeça da menina sobre ela.

Juntou alguns gravetos perdidos pela margem, fazendo uma fogueira com uma pederneira achada na cela de seu animal, perto de Hope. Thomi procurava por mais madeira que poderia ser queimada, deixando-as por perto a fim de alimentar o fogo antes de dormir.

Ficando apenas com suas calças velha, pegou o seu arco, indo até o rio a procura de algum peixe. Após conseguir acertar quatro e os limpando, Thomi os coloca para assar na fogueira. E enquanto os peixes cozinhavam, voltou para o rio para se banhar. Acabou escorregando, parando em uma parte mais funda, onde acabara por ter o corpo quase que completamente coberto pela

água, deixando de fora apenas o pescoço. Neste momento, olhou para baixo, vendo as lâminas verdes reluzindo em sua cintura.

Feliz por possuí-las, o menino mergulhou em direção dos imensos suportes da ponte e, ao emergir das águas escuras perto do pilar, escutou cornetas anunciando o retorno da tropa.

Assustado, escalou a pilastra, escondendo-se nas sombras das pedras, deixando flechas prontas para atacar caso fosse necessário. Estava sempre mantendo a sua irmã às vistas, porém por haver se distraído com o brilho de suas lâminas, não conseguiria voltar nadando a tempo e ainda conseguir levar sua irmã em segurança.

A tropa retornava rápido; um soldado que vinha a frente, avistou o fumaceiro do pequeno acampamento e logo voltava avisar o pelotão. O homem que montava o animal colossal com chifres saindo da boca, liderando vinte soldados armados, aceitaram descer a encosta do rio rumando ao pequeno acampamento.

O líder dos homens era grande, com mais de dois metros de altura; negro como a noite, coberto de imagens por todo o corpo que era repleto músculos protuberantes. Ele trajava uma calça larga que afinava ao alcançar o tornozelo. Os sapatos nas pontas, viravam como um caracol. Pulseiras douradas e largas formavam um conjunto com um grande cordão de ouro no pescoço e em sua mão, segurava uma lança ornamentada com pedras preciosas, combinando com seus anéis e brincos.

Conversou com seus homens que acenaram concordando com o líder. O grande homem começou a tremer, mas mesmo assim continuou a caminhar na direção da menina. Com a parte de trás da lança, cutucou os pés da menina que dormia enrolada no manto; assemelhando-se a um casulo de borboleta.

Após ser cutucada novamente, Hope, ao abrir os olhos, viu o homem grande escuro como sombra se encolhendo de medo. Acenando com a mão, sorri:

— Oi. — Disse ela.

Os soldados, ao ouvirem a voz da menina, voltam alguns passos a trás. O homem grande a frente gagueja ao responder a garota:



— Olá, quem é você? O que quer aqui? — Hope entendeu o que o homem dissera, mas parecia que essa não era a língua que ele estava acostumado a falar. Havia um forte sotaque em sua fala.

— Oi, eu sou Hope! E você quem é? Eu não sei o que faço aqui. Estamos perdidos. Eu e o Thomi. Fomos sequestrados e fugimos pra cá. — Referindo-se ao irmão, a mesma procura por algum sinal.

Os soldados ficaram se olhando e se escondendo da menina. Eles não entendiam esse dialeto que ambos falavam. Ficando em pé, a menina não atingia a cintura do líder grandalhão. Ficam alguns segundos em silêncio até o barulho da pequena barriga de Hope ranger, deixando claro que ela estava com fome. O líder então responde:

— Sou Amir Malik Alramal, rei de Bahr Araml. Você parece com fome, você quer comer? — Sorrindo e lambendo os lábios, bateu duas palmas pulando e acenando com a cabeça que sim. Ela estica as mãos para receber alguma coisa de Amir que, se aproxima com precaução.

Ao se aproximar, com um salto segura os pulsos de Hope com apenas uma só mão e ordena que a amarrem. Um dos homens se aproxima e desfere uma pancada com o cabo da espada no rosto da menina, que sorria antes de ser atacada. A pancada não a incapacita de uma vez, mas com um corte profundo na testa ela apenas começa a chorar, ficando com as pernas bambas. Seus olhos, agora ambos roxos, começavam a ter dificuldades em se manter abertos.

Com o segundo golpe mais forte, acaba por acertar o lado de seu rosto fazendo-a girar e cair em uma enorme poça de sangue.

O rei de Bahr Araml parece ter ficado irritado com a brutalidade de seu subordinado, gritando não haver necessidade disso; era apenas para amarrá-la. Amir pega Hope, enquanto pedia para que os homens pegassem as coisas dela e se dirigia para sua montaria.

O homem que nocauteara a menina era visto como um salvador pelos demais.

A tropa seguiu seu líder a uma distancia grande pois tinham medo da menina, mesmo estando desmaiada nos braços de Amir.

O gigante negro parecia triste pela agressão; a imagem dos olhos dela mudando de cor o incomodara. Na primeira pancada seus olhos giraram tornando-se ambos roxos. Com o segundo golpe, os olhos tornaram-se brancos, logo se fechando.

Isso perturbara Amir.

Apenas uma súplica por comida e vê-la sendo desmaiada a base de pancadas tirou lágrimas do sultão, que a segurava em seus braços.

Já era noite quando as torres e grandes mesquitas da cidade Bahr Araml surgiam como silhueta entre as dunas de areias no horizonte. Eram imponentes; dando a impressão de atingir as estrelas com facilidade. Logo a baixo, um grandioso muro de dolomitas brancas rodeava protegendo a cidade. Inúmeras portas pequenas serviam de entradas por toda sua extensão.

Uma porta em especial possuía trinta metros de altura, feita de troncos grossos pintados de vermelho, encontrava-se aberta à espera da tropa com mais guardas do que o de costume. Os soldados da comitiva do rei soaram as trombetas dando o sinal do retorno à cidade. Os guardas se posicionaram para receber a comitiva que retornara.

Quando o último soldado entrara pelo portão vermelho, a cidade é trancada por dentro. As pequenas entradas no portão vermelho se abriram e vários soldados saíam dela, montando guarda do lado de fora.

A comitiva mal havia chegado e a notícia de um demônio cheio de chifres, asas e com mais de três metros de altura que tinha sido capturado pelo poderoso rei já era espalhada. O ser maligno havia destruído toda a corja de bandidos e escravos de Almadinat Aleayima, jogando todos rio abaixo. Esse mesmo boato já era discutido do lado de fora da muralha pelos guardas em seus postos.

## 5 FUGA CONGELANTE

Tendo um dragão vermelho como cão de guarda, ninguém arriscava sair das catacumbas do antigo castelo na montanha em Eisberg. Enquanto Imi se contorcia com pesadelos por mais de um dia, os vassalos de Verräter planejavam como sair dessa situação. Vergewaltiger e Roter Bär, covardes e traiçoeiros vassalos, chamam Verräter para a cela do gordo vermelho e Kojote o segue ficando afastado. Dentro da cela onde Bär estava aos cuidados precários de seus soldados, os três contam o plano para o rei.

— Vamos jogar essa vagabunda para o dragão, será uma oferenda. E sairemos livres dessa merda. Tenho certeza. — Disse Roter ofegante sem pestanejar.

— Não há como dar errado. Eu a vi ser paralisada quando o dragão vermelho a olhou. Ele não a alcança daqui da escada, precisamos leva-la até ele. Aposto minha vida que ele não fará nada contra nós, embora se der errado será nosso fim. — Concluiu o narigudo Vergewaltiger.

Sem falar nada, Kojote foi até a jovem desacordada, colocando-a nos ombros. Subindo as escadas em espiral lentamente, espiou para ver se o dragão ainda a esperava.

Para sua surpresa, o ser majestoso descansava com a cabeça virada para o buraco derretido (por onde o Kojote observava). A Lua reluzia em suas escamas vermelhas deixando à vista toda a destruição que tinha causado.

— Senhor dragão, senhor? Acorde, tenho um trato para fazer! — Kojote tremeu ao falar. Colocando a jovem inconsciente no chão, arremessa uma pedra no focinho que expelira fumaça.

O dragão, sem abrir os olhos, somente mexeu suas narinas rapidamente identificando o cheiro da garota desmaiada. Com as pesadas pálpebras se abrindo, os olhos amarelos miram Imi. Sem pensar, Kojote corre pulando para a escadaria encontrando com Vergewaltiger.

Um enorme rugido é ouvido por toda montanha. O dragão encarara Kojote que espiava das escadas e sem mexer os enormes lábios de

sua bocarra, a voz do dragão ecoou como em sussurro lento e gutural; congelando a alma de todos que pudessem a ouvir.

— Deixe-me adivinhar... Vão me dar à menina em troca de suas vidas patéticas? Covardes! Querem fugir livremente, sacrificar uma menina para um bando de vagabundos? A propósito me dar algo que já me pertence? Fugam seus patifes, não tenho interesse em nenhum ser desprezível como vocês! Quero apenas ela! — Termina de falar com uma gargalhada aterrorizante.

Kojote, assustado, corre fugindo das ruínas do castelo rumo à cidade. O rei e os outros o acompanham.

Roter Bär era escorado por dois vassalos; gemendo e reclamando dos solavancos por conta da corrida. O dragão apenas os seguia com seu olho amarelado.

Esticando os braços o máximo que conseguia, alcançou a capa de Imi.

A jovem acorda percebendo que estava sendo arrastada e logo lançava uma bola no olho do dragão. Irritado, o lagarto vermelho lançara uma rajada de chamas, obrigando Imi a se lançar atrás do trono dourado. Rugindo irritado, o dragão começava a destruir a entrada do castelo para conseguir passar pelo buraco.

Imi senta abraçando os joelhos, lembrando de sua vida antes de estar nessa enrascada. Seus cabelos de um tom claro de azul, começava a escurecer como uma safira.

Levantando-se e encarando o dragão, corre em sua direção, desviando de um grande golpe das enormes garras que acertavam os pilares, derrubando as inúmeras placas de mármore brancos e pedras de basalto da estrutura do castelo, começando a ruir.

Imi saltava para dentro da boca do dragão, recebendo uma rajada de chamas em cheio.

O impacto a faz voar por todo o salão que agora tinha o fogo aumentado. Rindo, o dragão não desistira, continuando a escavar as pedras feito um animal atrás de sua presa.

Ainda em chamas, Imi se levantava e jogava sua capa queimada ao chão. Sua armadura roxa parecia estar mais brilhante que nunca. Caminhando de cabeça baixa, acaba recebendo cinco rajadas de fogo; não se abalando.

O dragão vermelho ataca mais uma vez com suas garras. Imi segura a pata maior que seu corpo com facilidade.

Como um meteoro, Imi se projeta no peito do réptil, o arremessando contra o chão. Voara com seu todo corpo em chamas, dessa forma conseguindo afugentar o dragão vermelho.

Rugindo e arremessando bolas de fogo no cume da montanha, uma grande quantidade de neve começava a se deslocar de forma que criasse uma avalanche.

Voltando ao chão, caminhou cambaleando para dentro do castelo; Imi havia gasto muito de seu poder para conseguir voar para longe.

A neve descia rapidamente. As sentinelas dos soldados negros alertaram da avalanche, dando apenas a chance de o casal agarrar o garoto e tentar fugir para a floresta próxima. Vendo não haver como fugir, Miur para e fica encarando o mar de neve descendo em sua direção. Com sua espada montante, cravando-a contra.

Rangendo os dentes, Miur faz com que uma onda de quentura incandescesse de sua espada. Jäger, com Aluin nos braços, acabam protegidos pela onda de energia em forma de cone; e sem que a neve os atinja, tiveram a chance de subir nos pinheiros mais altos. Saltando pelas árvores, Jäger se segura na copa, podendo ver a avalanche atingir seu acampamento.

Miur continuou até gastar toda sua força. O local que contava com a proteção do guerreiro agora carregava cavalos e soldados pegos de surpresa.

Descendo sem controle, a avalanche atinge a cidade de Eisberg com força, somente parando ao atingir o grande rio Fluss. Após o gelo parar de destruir tudo, um longo e triste silêncio caiu no reino de Eisberg.

Jäger desce do pinheiro caindo na neve fofa com o menino ainda em seus braços. Correndo em direção a Miur, o mesmo ainda se encontrava ajoelhado com a grande espada cravada na rocha. O guerreiro estava acordado, com o corpo saindo fumaça. Estava muito cansado; não conseguia se levantar sozinho. Miur apenas repetia quase inaudivelmente uma única palavra:

— Eis, Eis, Eis, Eis, Eis.

Colocando Aluin em pé no chão, Jäger abraçara Miur com o menino ao meio. Recitando um feitiço, a jovem fecha os olhos, permanecendo abraçados até o guerreiro retomar a consciência. O Sol já os iluminava quando Miur enfim teve forças para retribuir o abraço e pegar sua esposa enfraquecida no colo.

O feitiço de Jäger consumira toda sua energia para mantê-los a salvos do frio.

Com o menino coberto com um manto, andou de cabeça baixa ao lado de Miur enquanto ele carregava sua esposa através dos destroços. Inúmeros corpos humanos e de animais se amontoavam entre as árvores. Aparentemente foram os únicos sobreviventes; o frio da neve não os atingia, o feitiço os mantinha aquecidos enquanto caminhavam até a cidade.

Alcançando as primeiras casas da vila feitas de miracemas, inúmeras pessoas estavam nas ruas ajudando os soterrados, retirando o excesso de gelo e escombros e também impedindo aproveitadores de saquear tudo o que pudessem. Alguns soldados organizavam voluntários para o salvamento; outros, para a remoção dos escombros e levar os feridos pra lugares seguros.

Eisberg sempre fora movimentada. Como era a maior metrópole do norte, mantinha um volume grande de transeuntes em suas ruas largas e ladrilhadas ardósias cinzas. Espalhados por toda parte, haviam bancos em pequenas praças cobertas por arbustos sobrepostos em armações de madeira. Na cidade também habitavam diversas raças, com inúmeros comércios dos mais variados tipos, compartilhando espaços entre casas de jogos, leilões e escolas de artes.

Construída e escavada na montanha, Eisberg serpenteava por toda costa da montanha, com ruas entrando e saindo de cavernas. As pedras que retiravam para construção dos túneis, serviram para construir as casas — e por conta dessa característica, a cidade fora salva de um desastre ainda maior.

O clima festivo era comum, o grande fluxo de moradores, comerciantes e estudantes de toda parte mantinham festas e comemorações constantes.

Miur seguiu até a saída da cidade, descendo pelas escadarias, — rota direta e mais rápida para o porto — uma descida que levaria trinta minutos, mas nas atuais condições, levava quase duas horas para alcançar a parte da cidade mais baixa.

Já andando na área portaria, Miur encontra seu navio feito de ébano e madeira e vermelha. Possuía três mastros de alto bordo; armado com fileiras de quinze canhões a cada bordo. O convés tinha fileiras de madeiras vermelhas, assim como no bulbo corta-gelo. Suas velas brancas estavam amainadas nos mastros.

Compondo a proa, destacava-se uma carranca em forma de dragão com a boca aberta. A ponte de comando ostentava várias janelas quadradas com os cantos adornados de metal dourado. Na proa, descansavam dois canhões dourados de artilharia. Suas âncoras, em forma de tridentes, encontravam-se ao fundo da baía.

Dentro da embarcação, os tripulantes cumprimentam Miur com honras de capitão. Em sua cabine, que se mostrava um lugar luxuoso e organizado, com maquetes de navios, mapas e instrumentos de navegação que cobriam a grande mesa no centro. No estibordo, um armário compunha grande parte da parede com roupas de camas, mudas de roupas do casal e algumas armas. Ao fundo, uma cama grande com a cabeceira encostada em uma grande janela com vistas da proa.

No bombordo do quarto, inúmeros frascos com líquidos alquímicos brilhavam no escuro. Eles estavam amontoados em uma prateleira grande, ao lado da lareira apagada que continha uma chaminé e uma pilha de lenha.

O menino que segurava a mão de Miur fica parado a porta enquanto observava o guerreiro tirar a armadura de sua esposa e logo a vestindo com uma manta longa verde. Coloca-a deitada na cama, cobrindo-a com uma pele de urso. Sentado na cama, começa a desequipar sua pesada armadura, deixando do lado as suas armas. Apenas com pijama, aproximou-se do menino que começava a chorar e tremer.

Gentilmente se ajoelhando e erguendo o rosto de Aluin, olha ao fundo dos olhos do menino e contempla apenas terror e tristeza onde um dia era encontrada felicidade e energia.

Miur se comovera; havia cuidado do menino desde o nascimento servindo como o soldado mais leal do rei Kalt. Podia sentir toda dor e sofrimento que vinham do menino. Pegando em uma de suas mãozinhas, em uma tentativa de levá-lo até a cama para descansar, Aluin jogara-se ao chão tentando fugir aos berros enquanto ainda era segurado por Miur. Certo de que o menino não aceitaria de jeito nenhum ir por bem, Miur o pega no colo, levando-o esperneando e gritando até o deitar ao lado de Jäger e o cobrindo. Como por instinto, a jovem puxara o menino, o abraçando feito um ursinho de pelúcia, diminuindo o medo e o desespero do menino gradativamente que chorava olhando o vazio.

Miur acendera a lareira, lembrando na possibilidade de que seus fiéis amigos poderiam estar mortos na montanha. Abalado pela lembrança, misturou alguns líquidos alquímicos da estante e calmamente seguiu até a cama e coloca algumas gotas vermelhas na boca de Jäger e Aluin. Ele mesmo toma o líquido que sobrara no frasco, deitando-se na cama e abraçando a esposa, tentando manter a cabeça calma.

Com ajuda do elixir, os três adormeceram.

Ao entardecer, Miur caíra de sua cama com um forte impacto no navio. Correndo desesperado até o convés, notara que seu navio estava longe da cidade; havia de ter zarpado há algum tempo. Os canhões da fortaleza e o ataque de duas escunas perseguidoras acertaram o navio negro.

Entrando no grande lago Eissee que possuía uma característica única, — obrigava o navio seguir por um canal grande até atingir o alto mar —, aproveitou para despistar a tropa inimiga os seguiam por terra.

Miur mesmo cambaleando pelo efeito da poção, conseguira identificar buracos, rachaduras; diversos barris em chamas e as velas rasgadas.

O imediato se aproximara ajudando o capitão enquanto relatava o acontecimento:

— Senhor, fomos atacados pelos guardas reais. Dois homens comandavam o ataque: um gordo ruivo e outro magro deram as ordens de ataque. Chegaram com muitos homens. Tentaram entrar.



Nossos homens impediram de alçar a bordo. Resistimos e ao primeiro sinal de sermos atacados pelos canhões, içamos as velas e recolhemos as ancoras. Tentamos acordar o senhor, mas não conseguimos. Infelizmente avistamos inúmeros homens do senhor mortos em carroças... Quando os identificamos, imediatamente disparamos nossos canhões contra aqueles assassinos. Destruímos as carroças e matamos vários daqueles filhos da puta. Só não acertamos os dois comandantes que se acovardaram atrás dos muros. Conseguimos fugir sem nenhuma baixa, mas perdemos duas velas, precisamos consertar parte do casco e o convés. — O imediato ainda dava apoio enquanto jorrava as palavras contra o superior.

— Disparem até que nenhum desses patifes esteja vivo! Matem todos! — Dando a ordem, Miur imaginou seus companheiros mortos.

Disparando todos os canhões de uma vez e de forma ininterrupta, uma nuvem negra de fumaça tomara conta da atmosfera. As balas de canhão atingiam a tropa perseguidora. Os homens que não caíram com o ataque dos canhões pararam, com receio de morrer no ataque contínuo. Sem os perseguidores, navio terminara de cruzar o lago congelado alcançando o mar.

Com o barulho dos disparos dos canhões, Jäger e Aluin acordaram. Pareciam estar bem apesar de assustados. A jovem abraçou o menino, ficando apenas com a cabeça fora das cobertas.

Tremiam de medo como se despertados de um pesadelo. Nessa parte do mar, a temperatura era muito maior de onde costumavam viver. A claridade do Sol forte criara um grande contraste das lesões e escoriações de Aluin. As feridas saltavam as vistas em seu tom de pele alva.

Jäger imaginara o que poderia ter acontecido com o menino e todo o sofrimento que passara. Perturbada com a ideia, abraçou-o fortemente e, com carinho segurou a testa do menino com as mãos durante alguns segundos, mergulhando em um transe.

Estava escuro; mal se conseguia enxergar. Deixando-a em pânico. — O escuro nunca havia sido um empecilho para seus olhos.

Percebeu-se amarrada toscamente nas mãos, suas pernas estavam abertas em uma estrutura vertical e retangular feita de madeira, com roletes nas duas extremidades, mantendo seu corpo imóvel. Observando mais cautelosamente seu corpo, descobrira que não era o seu, tratava-se de um corpo masculino; de um garoto. Ao seu redor, inúmeros chicotes, lâminas enferrujadas, instrumentos cilíndricos e pontiagudos eram iluminados por uma tocha do lado de fora da sala que estava com a porta entreaberta.

Jäger reconheceu as rochas ígneas. Todo o antigo castelo da montanha fora feito com essas rochas negras. Com seus olhos acostumando com a escuridão, percebera um braseiro quase apagado em sua frente produzindo uma luz debilitada.

Enfincados no carvão, ferretes vermelhos com o calor criavam sombras aterrorizantes na parede.

Reunindo forças, ela grita por socorro até ficar rouca; sua voz era infantil e rouca, lembrando-a de alguém, mas sem sucesso ao identifica-la.

Ela fizera um grande esforço mais uma vez na tentativa de se desamarrar. Era inútil; lembrara só então de ter gasto muita energia usando o feitiço que realizara durante a noite. Vindo do corredor escutou passos e uma pesada porta se abrindo. Clamou por socorro se debatendo, porém logo ficou estática ao ouvir uma voz quando a porta se abre totalmente:

— Ora, ora, ora! Não é que minha princesinha acordou? Está mais alegre, parece pronta pra sair e me obedecer. Ou terei que mostrar novamente como é sempre mais doloroso não me obedecer? — Rindo, a voz começava a retirar sua armadura enquanto pegava um avental de couro todo ensanguentado.

— Por favor, me ajude, eu suplico, eu não sei o que está acontecendo! Meus braços estão doendo. — Jäger suplicara por ajuda ao homem que estava de costas para ela.

Enquanto falava, um forte soco era disparado contra o seu estômago e um tapa em seu rosto. O homem, segurando o cabelo de Jäger, lambeu-lhe o lado direito do rosto, enfiando a língua em sua boca, forçando-a a um beijo violento. Ela não conseguia pensar

em nada, ficando paralisada. Nem mesmo passara por sua cabeça em arrancar a língua do agressor com os dentes.

Ficara imóvel, aceitando o ato violento passivamente.

O beijo foi cessado com mais dois socos, desta vez um contra o rim e outro contra o fígado, fazendo com que Jäger expelisse tudo o que havia em seu interior.

O vômito amarelado de sua bile fora em cheio no rosto do homem esguio em sua frente. Enfurecido, o magricelo com olhos fundos, um longo nariz com o queixo projetado para frente e um fino e longo bigode, era então finalmente reconhecido por Jäger quando se aproximara das chamas.

Era Vergewaltiger, um antigo marquês servo da rainha Gütig.

Desesperada ela exclamou:

— Por que está fazendo isso, Vergewaltiger? Ajude-me! — O homem se aproximara mais uma vez, rindo:

— Minha princesinha! Espero que esteja pronta pra me receber novamente. Já está até me chamando pelo nome agora! Como está gritando e pulando quer dizer que aguenta mais diversão.

— Se virou, dando-a as costas, começando a rir descontroladamente.

Vergewaltiger se agachara para pegar dois baldes cheios de água quase congelada apenas para jogá-los sobre ela. Passou se esfregando contra as costas de sua vítima, que percebera de imediato que o homem não trajava absolutamente nada, sentindo o pênis de seu abusador lhe roçar a perna. Desesperadamente, Jäger começa a chorar ao sentir os dentes do homem rasgar-lhe a pele fina de seu pescoço.

— Está pronto para ser preenchido novamente? Você adora isso, não é, Aluin? — Sussurrou Vergewaltiger em seu ouvido de forma horrenda. Era notório um som de satisfação em cada palavra proferida.

Com rispidez, o raquítico se encaminha até a o braseiro, voltando logo com um ferrete nas mãos. Posicionando-se atrás do menino e puxando seu longo cabelo, o ferro é enfincado contra a parte traseira do pescoço de Aluin. Neste mesmo instante, Jäger

contraí os olhos, sentindo uma tremenda dor. E, ao abri-los novamente, estava novamente na cama do navio, ainda gritando.

Saltou ficando em pé. O garoto estava a encarando, ainda sentado na cama.

Estava pálida, tremendo e chorando. Permaneceu apenas olhando atordoadamente o menino, somente se acalmando quando percebera que estava de volta e em segurança no navio.

Miur, ao escutar sua amada chorando, correu até ela a fim de socorrê-la.

Ao adentrar a cabine, imediatamente notara o pescoço dela sangrando. Com as mãos, tentara alcançar as costas de sua esposa. Sem sucesso, o guerreiro caminha até sua estante alquímica e volta trazendo um frasco pequeno, com um líquido vermelho reluzindo. Despejando um pouco nas costas queimadas, o restante é entregue para que Jäger também o bebesse. Em instantes os ferimentos começavam a desaparecer, permanecendo somente a sensação ruim.

Jäger ainda com os olhos vermelhos, abraçara o marido e, com outra mão, puxou o menino ainda catatônico em sua frente.

A viagem durou longas e cansativas noites. Isto graças às avarias no navio, para alcançarem o mar que dividia o continente frio de Nordreich, com o continente seco e quente Alearabia.

Avistando a cidade de Verdeeld Eiland, atracaram ao porto e logo os homens do comandante trataram de consertar os danos feitos na embarcação. Miur, no entanto se encontrava atormentado com toda a história que Jäger lhe contara, seguindo junto com a esposa e o menino para pedir ajuda a um velho amigo; um morador e dono da maior taverna da cidade.

Chegaram à taverna Gato Cinzento que tinha sua estrutura circular com três andares, toda de madeira. Possuía um palco para apresentações de bardos; os andares superiores em forma de anel tinham uma sacada para cada quarto de hóspedes.

O salão era recheado de mesas e cadeiras dispostas em ordem. Nos balcões, inúmeras pessoas consumiam suas refeições sentadas em bancos tripés. Nos pilares, flores cresciam enfeitando o ambiente até o teto de vidro, clareando todo salão durante o dia.

Dentro do Gato Cinzento, um dos criados — um menino alvo e magro — terminava de limpar uma mesa recém-esvaziada. O trio se senta e uma jovem de olhos puxados os atende sorrindo.

Um rapaz ao fundo, com uma roupa roxa e bufante, munido de um alaúde, cantava alegrando o ambiente. E, apesar de não ser o ritmo favorito de Miur, a maioria se encantava com a melodia. O menino se encolhia quando qualquer homem passava perto; abraçando e chorando em silêncio aferrava-se ao braço da loira. A moça que os atendera se dirige até o taverneiro, pedindo três refeições para o casal e a filha.

Após duas canções, o bardo se aproximou até a mesa onde os três estavam acomodados, comendo em silêncio.

— Olá meu amigo velho, Miur! E Jäger — linda e exuberante como sempre. E esta com certeza é a pequena Eis? — O bardo abraçou cada um ao cumprimentar seus amigos.

Jäger cutuca fortemente o bardo falando logo em seguida:

— Não senhor. Errou mais uma vez como sempre, Filpain! Este é nosso filho: Aluin... Eis, infelizmente, não está mais entre nós.

Espantado, Filpain respondera sem entender:

— Mas como assim? Eu não os vejo apenas desde que foram para Bahr Araml há algumas semanas atrás. Impossível este menino ter nascido já com quase onze ou doze anos, não é? E Eis, onde está?

Desta vez era Miur quem cutucara o bardo com um soco nas costelas.

— Eis sumiu! Não a achamos. Por mais que a gente tenha procurado! Simplesmente desapareceu! Deveria se lembrar deste fato, bardo. Podemos conversar em particular? — Miur parecera extremamente desconfortável em falar.

Filpain concorda com a cabeça e, com a mão esquerda nas costelas, reclamou:

— Oh, mil perdões pela minha indelicadeza! E, por favor, sigam-me. — Esticando a mão para segui-lo Filpain andara curvado.

Andando pela taverna, inúmeras criaturas comiam e bebiam gargalhando.

Homens semelhantes a crocodilos, centauros e até mesmo alguns

*orcs* civilizados comiam tranquilamente. Achando necessário explicar a seus amigos a pluralidade de espécies que tomavam conta do salão com piso amadeirado, desatou a falar:

— Antes que pense que sou um criminoso, ou algo do tipo, saiba que eu não me importo com a raça de ninguém. Minha taverna é conhecida por todos serem bem tratados. Humanos ou não-humanos. Todos são bem vindos e acomodados com o nosso melhor jeito.

— Você está com algum problema de memória bardo? Quem disse que me importo se não são humanos? Eu não sou humana! E como sabe, nem Miur. — Jäger, mais uma vez riu, assustando Filpain quando colocara as duas mãos em seu ombro.

Aluin se sentira um pouco incomodado por não entender o que falavam.

Entendia apenas algumas palavras soltas; havia aprendido *Richtian* e um pouco da língua que falavam com o bardo, com seus tutores no castelo, assim então perguntou para Jäger:

— *Jä*, vocês não querem que eu saiba o que dizem? Estão planejando fazer alguma coisa comigo!? E eu não posso saber? Por favor, não me machuquem! Serei bonzinho e obedecerei ao que pedirem. Por favor, eu não aguentaria mais sofrer como antes! *Por favor*. — O menino implorou enquanto olhava assustado para os lados e puxava a manga da camisa da mulher.

Jäger então percebera que estavam falando a língua nativa de Filpain.

Como conhecia inúmeros idiomas, não percebera quando conversavam com estrangeiros de forma instintiva. Ajoelhou-se e segurou o rosto do menino, dizendo docemente:

— Não, meu lindo! Perdoe-me! É que Filpain fala outro idioma, o *Alearabiam*, mas fala o nosso também. Vamos falar *somente* na língua de Nordreich para você não ficar preocupado, tá? — Ela se levantou estendendo-lhe a mão para que o menino a acompanhasse.

Filpain murmurou ao ouvido de Miur, ainda atravessando o grande salão do Gato Cinzento:

— Mas que *diabus!* O que aconteceu com esse menino, hem, Miur? Vocês não o sequestraram, não é? O que vocês fizeram com ele? Sequestrou-o não foi? Por que fez isso, Miur? Você não vai me meter em problemas com suas loucuras novamente vai? Eu demorei muito para entrar nos eixos! *Fala-me que não o sequestrou.* Poxa elfo! De novo em uma enrascada não. — Os olhos de Filpain saltaram ao ouvir o que o menino resmungara, ficando realmente com medo.

Miur, com a mão esquerda, segurou com força o ombro do bardo, puxando-o para mais perto, a fim de que ninguém pudessem ouvi-los:

— Caso não queira mais alguns hematomas, continue andando. *A situação é pior que imagina seu magricelo.* Acho que, por enquanto, ainda não será um problema para você. — Essa atitude de Miur deixara o magricela coçando seu bigode, cheio de preocupações.

Enquanto os dois conversavam, Aluin notou alguns animais estranhos passando por uma janela lateral. Puxando a manga da mulher, apontara para eles em sinal de querer vê-los mais perto. Eram animais mais altos que qualquer cavalo. Com pernas esguias, um pescoço alongado e, nas costas, continham grandes calombos e não paravam de mastigar. Junto a eles, existia uma menina vestida de forma exótica conduzindo-os e acariciando um deles.

Jäger percebera ser a primeira vez que o menino se interessara por alguma coisa desde o fatídico encontro no castelo.

Miur dissera para irem ver os animais enquanto conversava com Filpain. Concordando, ambos deixaram a taverna; Aluin sempre se escondendo atrás de suas costas. Saindo pela porta lateral nos fundos, ambos avistaram os animais mansos, sendo acariciados pela menina. Vendo o menino tão maravilhado com o animal, Jäger explicara-lhe o que eram:

— Esses animais são dromedários. Aqui, nestas terras desérticas, esses animais são mais apropriados para andar na areia. Eles não são rápidos como nossos cavalos, mas são mansos e super-resistentes. — Falou com o menino ainda abraçado em sua cintura e com os olhos brilhando de emoção.

Com vergonha de chegar perto do palanque dos animais, Aluin se manteve parado até que Jäger o puxara gentilmente pelo braço enquanto se apresentava falando em *Alearabiam* com a menina:

— Olá mocinha, meu filho nunca viu um dromedário de perto. Ele pode passar a mão no seu? — Disse a jovem elfa se aproximando sorrindo.

A menina vira para Jäger. Ela continha um olho de cada cor, cabelos curtos e um grande sorriso:

— Oi, você falou comigo? Eu não sei falar isso moça, desculpa! — Desculpou-se.

A jovem guerreira entendera o que a menina dissera, repetindo agora em seu idioma:

— Oh, me desculpe! Eu sou Jäger... Não sabia que você é de Ríocht Glas, com essas roupas pensei que era dessas terras. Na verdade somos do norte, de Nordreich. Esse é meu filho Aluin, ele nunca viu um Dromedário, ele poderia acariciar o seu? — A jovem, com um sorriso ainda maior, respondeu puxando a mão do menino vermelho de vergonha.

— Oi Aluin, eu sou Hope. Ele é meu bichinho, eu chamo ele de Babão; fica comendo aqui o dia todo! O dia inteiro, você acredita? — Ela se apresentou levantando a mão para cumprimentar Aluin.

Há muito tempo Jäger não via Aluin sorrindo, mas pudera presenciar a cena com o menino acariciando o grande animal. Aluin entendia perfeitamente a língua de Hope.

Seu sentimento materno tomava conta novamente de si; não era apenas Aluin que estava feliz ali! Deixara-se levar com a ideia de estar com seu filho e a mais nova amiguinha, felizes como nunca estiveram.

Na sala onde Filpain tomava conta das finanças da taverna, era toda adornada com seus instrumentos de sopro, cordas e de percussão feitos de troféu. Miur então noticia toda a história, desde a sua viagem falsa para Bahr Araml, a invasão do castelo e a fuga com Aluin de Eisberg; das violências sofridas pelo menino, e que agora precisam da ajuda do bardo para sumir com os traumas



através de alguma composição melódica de Filpain.

O jovem barbo com seus bigodes no estilo handlebar ficara estarecido sem saber o que fazer por alguns instantes.

— Acho que entendi... Sei bem o que procura Miur, mas não é algo simples e você sabe disso tanto quando eu! Vocês precisam descansar; recompor as forças para só então poderemos realizar todo o processo. Fiquem algumas noites em minha estalagem. Ficarei feliz em preparar uma melodia para acalmar a alma do menino com ajuda de uma poção alquímica que irei preparar. Aprendi com uma aprendiz, veremos se ela sabe mesmo criar poções! — Com as pernas cruzadas e com as mãos estendidas, Filpain explicara o grau de dificuldade do que o amigo lhe pedira.

— Precisaremos entender o que ele passou revivendo cada um dos momentos traumáticos e reescrever a história em seu inconsciente. Poderíamos hipnotizá-lo, mas como sabemos, ele poderia lembrar a qualquer momento. Temos que fazê-lo encontrar uma forma de escapar de todo sofrimento encontrando uma saída sozinho! Agora, vá passear pela cidade com sua família. Fiquem à vontade; serão meus hóspedes de honra. Quando voltarem, seus quartos estarão prontos. — Aceitando a missão, Filpain assumira o risco e a honra de poder ajudar o futuro rei de Nordreich.

Miur se despede então de Filpain, indo até os estábulos onde sua esposa estava.

Ao chegar, notara o menino conversando e rindo com uma encantadora menina de cabelos curtos e com olhos brilhantes. Ela vestia uma sandália de couro até os joelhos; tinha como roupa um véu típico da dança do ventre e uma mascara de chador verde e dourado:

— Quem é essa linda mocinha, senhora Heftig? — Perguntara Miur em sua língua e muito sorridente.

— Essa é Hope, senhor Heftig. É a mais nova amiga de Aluin. — Disse Jäger apresentando a menina na língua em que a menina falava. Sorrindo, Hope se aproximara estendendo a mão para Miur se apresentando:

— Oi senhor, eu sou Hope!

— Olá senhorita Hope. Vejo que você ficou amiga de Aluin. Gostaria de nos acompanhar em uma volta na cidade? Preciso comprar algumas coisas para Aluin e para meu navio quebrado. — Entendendo que a menina era estrangeira, conversara em seu idioma.

Quando Miur falara a palavra 'navio'; Hope saltitara dizendo inúmeras palavras sem ao menos tomar fôlego:

— Não acredito que o senhor tem um navio! Só vi essas coisas de longe! E ainda mais meu irmão e eu fomos trazidos pra cá sem que a gente quisesse vir. Precisamos voltar pra minha casa, o senhor poderia levar a gente pra casa? Somos só nós quatro! Eu, o Thomi, o Babão e o Feioso — Eu não gosto do nome, mas foi Thomi quem deu esse nome feio pro bichinho dele! O senhor nos leva? O senhor nos leva? Por favorzinho? — Saltitara um pouco mais com os olhos arregalados, na espera da resposta de Miur.

Miur se ajoelhara rindo e lhe diz:

— Será uma honra leva-la para casa senhorita Hope! E seus bichinhos e seu irmã, é claro. E agora, quer nos acompanhar? *Quem sabe não ganham doces e algumas roupas novas e depois te levo conhecer o Dragão Negro?* Jäger e Aluin vocês aceitam a companhia da senhoria Hope? — Perguntou Miur ainda de joelhos.

Jäger não conseguia esconder a felicidade do convite, esticando a mão para Hope. Pulando e dando palminhas no ar, esticou uma de suas mãozinhas para Jäger e outra para Aluin. Deixando os dromedários na sombra, comendo e bebendo, Miur comentou:

— Primeiro precisamos de mantimentos, roupas, poções e alguns itens para minhas armas. Você também né, Jäger? Vamos ao ferreiro, depois vamos no navio. Teremos mais dias para o resto. — Terminou dando início a marcha até o ferreiro; todos seguindo de mãos dadas.

Andando pela cidade portuária, as ruas de areia socada, eram apinhadas de diversas raças, com guardas armados sempre aos postos, orientavam transeuntes novatos em meio à imensa confusão. Aluin olhava interessado nas diversas raças humanoides nunca vistas antes, ainda por cima, algumas eram tidas como seres

terríveis e abomináveis de onde costumava morar. Caminharam admirando a barracas de comerciantes, onde também haviam pessoas que ali moravam. Em sua maioria, continham tecidos coloridos e paredes de saibro.

Os quatro se encontravam em silêncio até Hope rompe-lo:

— Você nunca viu essas pessoas diferentes, Aluin? —  
Questionou a menina interessada.

O menino negou com a cabeça, logo se explicando:

— Eu não entendo... Eu os via, mas me ensinaram coisas horríveis sobre eles! Hoje tenho mais que certeza depois de tudo. *Como puderam mentir pra mim dessa forma?! Minha vida toda é praticamente uma mentira.* — Lamentou tristemente.

Passando por ruas íngremes e várias escadarias de madeira, chegaram a frente de uma vitrine grande de vidro. Inúmeras armaduras, espadas, escudos e arcos dos mais simples aos mais ornamentados estavam expostos. Era um lugar encantador que deixara o grupo admirando por alguns instantes. Miur se dirigindo as duas crianças, disse:

— Vocês dois entrem, escolham o que quiserem. Será um presente para você Hope, escolha vestidos ou o que quiser. E não se esqueça de seu irmão! Você também Aluin. Peça ajuda para Hope se precisar, aposto que ela ficaria feliz em te ajudar! — Miur abraçou a esposa vendo as crianças entrarem correndo loja adentro.

Pulando, a menina entrou na loja, fazendo com que recebessem uma bronca do vendedor barbudo e ranzinza:

— O que fazem aqui dentro seus pirralhos nojentos? Fora de minha loja, o que pensam que estão fazendo aqui, hem? Não permito vadios aqui dentro. Sumam daqui. —Esbravejara o anão careca, com longos fios perdidos em sua cabeça, ameaçando-os com uma vassoura velha na mão.

Assustadas, as crianças pararam, abraçando-se tremendo em frente ao homem baixote, caolho, barbudo, careca que estava apoiado em uma bengala e com vassoura na mão.

— Cuidado com o que fala, anão imbecil! Não seja mal educado com meus filhos. Se é dinheiro que quer, tenho seu peso em ouro comigo. Pelo tamanho de sua barriga nojenta não é pouca

coisa. — Dissera Miur arremessando com toda força um bornal cheio, com aproximadamente quinhentas moedas de ouro.

— Ora, ora, tinha que ser esse casal maldito de elfos, hem? Entre logo seus orelhudos de uma figa. — Rindo, o anão abraçou seus velhos amigos. — Ao que devo a honra de vocês virem me perturbar? Esses dois não podem ser filhos de vocês, eles não têm essas orelhas ridículas, eles são bem bonitos. — Zombou, dando cafunés nas crianças.

— Pois é Beard Géar, seu barbudo bêbado! Genial como sempre descobriu que eles não nasceram de mim! Entretanto sua “rolha de poço”, eles são nossos filhos adotivos! Dessa forma infelizmente eles não têm nossas charmosas orelhas, mas posso comprar algumas artificiais, o que acham crianças? — Falou Jäger calmamente dando leves puxões nas orelhas de Aluin e Hope.

— Esse nanico barbudo é nosso velho amigo também! De muitos e muitos anos! Quando se vive mais de mil anos você cria muitos amigos e muito inimigos! Vocês dois fiquem a vontade, podem bagunçar o máximo a loja, ele vai adorar arrumar tudo depois. — Completou Miur agachado por detrás da dupla que ainda estava abraçada.

— Calma aí seus, porqueiras! Podem ficar à vontade, mas não vão bagunçar em nada não. As coisas infantis ficam lá no fundo; a direita, perto das poções. — Ainda assustados, os dois pequeninos concordaram com a cabeça, saindo devagar para o fundo da loja.

Impressionados com as roupas, armaduras e até as armas, tudo ali parecia lhes encher seus olhos. Fileiras de armas cortantes, de contusão, facas, adagas, arcos, bestas e diversos tipos de flechas. Outras prateleiras tinham conjuntos de roupas para crianças e adultos; não somente para a raça de humanos. As crianças sumiram por um tempo em meio às roupas e armaduras, voltando com inúmeras peças e composições para as três crianças.

Quando voltaram Miur e Jäger pediram uma carroça emprestada para Beard Géar.

O ajudante encarregado de ajuda-los no transporte fora um pequeno jumento. O animal fora uma distração ainda maior para as crianças que seguiram o caminho todo o acariciando e o bajulando.

Visitaram a torre do mago; um edifício cilíndrico muito alto, cercado por árvores e plantas medicinais. Era um outro lugar encantador, mas brincadeiras poderiam não serem muito bem vinda no local.

O mago com seu olhar penetrante e intimidador seguia as crianças por onde iam, apenas respondia para o casal adulto e voltava seus olhos afiados para o casal infantil.

Compraram inúmeras poções mágicas, semelhantes a pequenas seringas especiais para uso rápido e outras tantas essências alquímicas.

Visitando todas as lojas de presentes e de doces para as crianças, deixaram a visita até o navio por último. Aproveitaram para pegar as armaduras e armas que ficaram guardadas em sua cabine.

Hope ficara encantada. Por vários dias tinha verificado as embarcações, pedira favores a inúmeras pessoas, mas nenhuma quisera ajuda-la a voltar até seu continente ou até mesmo dar-lhe atenção e por fim, Miur aceitara ajudar os irmãos. Todavia o conserto do navio iria demorar.

Voltando para o Gato Cinzento, cruzaram as ruas empoeiradas já com a luz da Lua. Entrando nos estábulos para deixar o jumentinho descansar junto dos dromedários esta noite, acabaram se encontrando com um menino de cara fechada os encarando. Seu cabelo cobria a parte direita de seu rosto. Ele também vestia o peitoral de uma armadura metálica e um capacete de chifres; sua calça era esfarrapada e usava um par de botas de couro maiores do que precisavam ser:

— Você deve ser o irmão de Hope. Venha com a gente, temos alguns presentes que Hope escolheu para você. Sou Jäger, este é meu filho Aluin e este, meu esposo, Miur. — Jäger dissera, interrompendo o sermão que Hope iria levar do irmão.

Enquanto falava, a jovem elfa apertava as bochechas do menino recém-conhecido. O menino acabara assustado com a mulher lhe apertando, mas ao mesmo tempo gostara de ser bem quisto. O menino, atordoado com a quantidade de afeto que recebera, agradeceu apenas com um aceno de cabeça e um sorriso leve.

— Ele não fala muito. *Ele é meio bobo às vezes*, mas vai adorar as coisinhas que compraram pra ele! Vamos tomar banho no nosso quarto. Estamos sujos... principalmente você, Thomi. Depois você veste as roupas novas e descemos para encher a barriguinha. Você quer tomar banho com a gente Aluin? — Hope afagava seu animal, olhando com seus olhos arregalados para o casal e para Aluin.

O menino olha para Miur e Jäger. A elfa lhe respondeu:

— A escolha é sua, Aluin. Se quiser ir não tem problemas, estaremos no salão. Levem só as roupas, o resto levamos depois pra vocês. — Feliz com a atitude de Aluin perguntar como se ela fosse sua mãe deixara Jäger flutuando de emoção. Miur tinha outras intenções antes do banho com Jäger.

Despedindo-se, Miur e Jäger seguiram para seus aposentos enquanto as crianças seguiam para o quarto dos irmãos. Hope ia à frente saltitando, puxando cada menino por uma de suas mãos. O irmão ia emburrado e Aluin, com vergonha e de cabeça abaixada. O garoto magro que limpava as mesas, deixou o quarto de Hope, cumprimentando-os sorridente.

No quarto das crianças, uma grande banheira com água quente com sais de banho já se encontrava preparada. A menina então coloca seus embrulhos, carregados por Thomi, sobre uma mesa, logo retirando toda a roupa e pulando na banheira, espalhando água por toda parte. Esfregava-se feliz com uma pedra de cheiro floral:

— Vocês não vêm? Venham logo! Aluin, não fica com vergonha de ficar pelado não, o Thomi também vai ficar. — Apressou os meninos ainda parados.

Os meninos deixam seus embrulhos em outra mesa perto da sacada. Thomi arrumou seus presentes pensativamente. Aluin começou a se despir, tirando as roupas lentamente e atraindo a atenção de Thomi. Observando seu novo companheiro se despir, Thomi demorou de propósito para arrumar suas coisas. Devagar, Aluin andou encolhido até a grande banheira, coberto por uma toalha. Ao ver seu amigo sem roupa na sua direção, Hope começara a jogar água, fazendo-o rir e derrubando a toalha que o cobria.

Thomi ao ver Aluin nu, começava a ficar excitado. Logo então, retirou seu traje que derrubara uma boa quantia de poeira pelo local. Sem se importar, seguiu até a banheira.

Hope reparara que seu irmão ficara excitado e, sem constrangimento algum, começou a rir apontando para ele:

— Olha lá, Aluin! Thomi está de *pipi* duro. — Rira perdendo o fôlego.

A gozação deixara Aluin rubro de vergonha. Thomi sem saber o que pensar pulara irritado em cima de sua irmã, tentando afoga-la e mordendo sua perna.

Tossindo por conta do ato, a menina reclamou:

— Nossa, Thomi. Era brincadeira, seu bobo. Pra que fazer isso comigo? às vezes tenho medo de você. Me machucou viu! Me deixou com a perna roxa, seu chato! — Disse a menina irritada apontando para a mancha.

No outro quarto, quando o casal o adentrara, o mesmo fora rapidamente trancando. Começaram a se beijar, tirando suas roupas, deixando as inúmeras cicatrizes de ambos a mostra. Miur pegou sua esposa no colo e gentilmente a coloca na cama a cobrindo de beijos apaixonados. Por cima, começara a beijar-lhe a boca, logo descendo pelo queixo, pelo pescoço. Ao passar pelos seios, algumas mordidas são desferidas nos bicos já enrijecidos. Jäger gemeu excitada. Uma mão se encontrava em sua boca, a outra, usava para se masturbar.

Chegando à barriga de Jäger, apesar da excitação Miur não resistira em assopra-la, gerando um ruído cômico, tirando algumas risadas de ambos.

Pulando do umbigo para as coxas de Jäger, em conjunto dos beijos, diversas mordidas seguiam pelas pernas e pelos pés da elfa. Gastando um pouco mais de tempo nos pés de Jäger, Miur a fizera gozar entre gemidos apenas a mordendo. Vendo sua esposa gemendo de prazer, Miur deixara os pés começando a beijar os grandes lábios e o clitóris de sua esposa

E, com ajuda dos dedos, fizera sua esposa girar pela cama.

Após alguns minutos dessa euforia, Jäger interrompeu Miur arfando em cada palavra:

— Chega! Agora é sua vez de se contorcer. Já gozei pela segunda vez! — Empurrando o esposo na cama, agora Jäger se deitara por cima. Com a boca no pênis de Miur, seus grandes lábios repousaram na língua do meio elfo, ambos gemiam de prazer. Lépida, Jäger sentou no colo de Miur prescrevendo um movimento frenético de sobe e desce, fazendo com que a cama sofresse com a intensidade dos movimentos.

Miur apertou-lhe os seios dando alguns tapas secos na bunda macia e firme de sua amada. Ele, por sua vez, ganhou arranhões no peito e tapas em seu rosto.

Graças ao barulho que faziam, Filpain decidira começar sua apresentação com antecedência em com um tom mais alto que o costumeiro.

Quando Jäger alcançara seu quarto orgasmo, cansada — não somente pela recente atividade, mas por todo o acontecimento dos últimos meses de viagens e pelas grandes perdas, conseguira enfim relaxar. Mesmo com a água fria da banheira, os dois se banharam e se arrumaram com roupas elegantes e formais. — Das quais não pareciam nem de longe o casal de exímios guerreiros.

De volta ao quarto das crianças, ainda se banhando juntos, Thomi ficava excitado durante todo o banho. E sua irmã ria sempre que podia, levando alguns petelecos do irmão. Com as roupas novas, os três desceram até o salão, onde havia uma mesa reservada para os cinco em um canto perto do palco do show de Filpain.

Os três esperaram por um longo tempo com as barrigas roncando até avistarem o casal se aproximar:

— Vocês demoraram! O que vocês estavam fazendo pra demorar tanto assim no banho? Nós três tomamos banho rápido! Hem, me digam, por que demoraram tanto? — Hope fora interrompida por um tapa em sua cabeça do mais velho, o qual não dissera nada, apenas sacudindo a cabeça em tom de negação.

Como num estalo, Hope entendera o porquê de que o casal havia demorado, ficando mais vermelha que o rubi cintilante do brinco de Jäger. Rindo sem jeito o casal sentou-se a mesa e, respondendo a menina, Jäger se aprumou:



— Miur estava muito sujo, precisando de mais tempo pra sair toda sujeira. — Miur apenas concordara com a cabeça.

Elogiaram a roupa nova das crianças, principalmente a de Aluin que combinava com a de Hope. A mesma moça de olhos puxados de antes os serviram com ajuda do menino magro. Assim enfim os cinco puderam comer em companhia da canção de Filpain.

A melodia de Filpain contara a história de dragões lendários se transformando em homens e mulheres. Eles tinham a finalidade de desposar uma jovem donzela ou um bravo guerreiro. A caçada era apenas uma diversão, mas em uma determinada situação, um dos dragões nutria um amor verdadeiro pela parceira.

Este dragão fora o lendário dragão negro.

Desposara sua amada, uma elfa da montanha gelada e que há milhares de anos viveram como uma família. Tiveram um filho — aquele que se tornaria um exímio espadachim; dominando inúmeros estilos de luta com espadas. Um dia essa jovem elfa viera a falecer em uma batalha travada contra uma feiticeira xamã, lançando uma maldição em todas suas linhagens.

O filho sobreviveria, mas a mãe não mais respiraria; com a morte do elfa, o dragão em forma humanoide, desistira de viver, decidindo caminhar juntos para o mundo dos mortos.

O filho herdara toda bravura, força e poder do pai e toda habilidade, sabedoria e elegância élfica da mãe. Este jovem mestiço fora criado por todos da vila élfica; conheceu uma jovem e desde a infância ambos se enamoraram. Desse amor uma filha floresceu, mas a maldição a ceifou. Após noites frias, o amanhecer e o entardecer trouxeram frutos, não de suas sementes, mas os quais mais precisavam do calor de uma família.

A proteção da chama do dragão e a doçura da elfa os guiariam por mais difícil que a caminhada se apresentasse.

O fogo, trovão ou mesmo os mortos que voltaram das trevas, não seriam páreos para o coração puro.

Lembrou com orgulho ter conhecido esse guerreiro, sua esposa e sua pequena filha; eram bons companheiros, principalmente quando entrara na academia, da qual o casal era veterano e como foi acolhido por eles. Foram anos praticando

inúmeras formas de linguagem, lutas variadas e a magia de controlar a mente, por poesia ou por magia.

Enfrentaram inúmeros monstros e guerras servindo ao mesmo propósito, mas tiveram que se distanciar e empenhar-se para cuidar da filha, e o bardo, continuou a ser o poeta e galanteador irreparável de sempre.

Terminando enfim a sua apresentação, o bardo recebera uma salva de palmas dos presentes.

## 6 ATAQUE AO ANOITECER

Com a forte chuva, as noites sempre pareciam muito mais escuras que o normal.

Os raios cortavam o céu mostrando de relance o terrível exército parado a alguns quilômetros da divisa de Side City. Corpos mutilados e remontados com magia negra estavam imóveis; como uma floresta infernal.

O exército de Corélios ficara para atrás. Todos integrantes permaneciam atônitos. O medo tomava conta de seus espíritos por pior que fossem a índole e moral do bando de salteadores, tinham medo do exército de mortos vivos e da magia negra.

Com o comando de Shoiú, o exército maldito começara a rumar para o portão da cidade. Ao ponto que poderiam ser avistados pelas sentinelas, as cornetas soaram alertando os moradores e soldados.

Com a marcha dos seres das profundezas, os soldados de Corélios ficaram esperando as ordens para atacarem depois dos mortos. Eles aguardariam em segurança, assistindo-os aniquilarem toda forma de vida, humana ou não.

Setas e lanças foram preparadas no alto na muralha; tochas eram acesas nas ruas de arenito. Os soldados tremiam esperando o ataque inimigo durante a noite, sem imaginar que seus algozes eram piores que apenas bandidos. A esta distância, não era possível identificar como era tropa inimiga.

Estavam em alerta.

Os fugitivos do massacre à cidade vizinha haviam deixado os guardas prontos e mais preparados para se defenderem.

A tropa maldita caminhava pela escuridão sem emitir ruídos além dos tropeços no lamaçal. Ao chegarem perto da muralha, as ordens de se identificarem não fora obedecida. Não havendo uma segunda advertência, a chuva agora se tornava de flechas.

As setas atingiam os corpos sem vida, poucos deles ficando destruídos pelo caminho. A marcha continuou até esbarrarem na

muralha de madeira, quando fora possível identificar os atacantes e os guardas começaram a entrar em pânico.

Caminhando direto do reino dos mortos, ali estavam centenas de cadáveres andarilhos. Estavam munidos de armas, das quais eram arremessadas com toda a força as grandes toras do portão principal.

Imediatamente após o alarde, homens da artilharia prepararam os tambores de óleos incandescente. Rapidamente subiram em andaimes, arremessando o líquido em chamas. Atingindo os mortos, suas carnes e suas roupas pegaram fogo, derretendo os cabelos, os ossos de seus crânios e, quando atingiram o cérebro, caíam inertes, envolvidos pelas chamas.

Mesmo sendo forte, a chuva não conseguira apagar o óleo em flamas.

Os mortos não cessaram seus ataques. Eles já não sentiam dor, não se importando com o fogo pelo corpo, apenas se amontoando em uma pilha de corpos incinerados.

Atacando de forma incessante, um grande número de corpos se amontoara formando um andaime de carne queimada, deixando cada vez mais próximos ao limite do muro. Os braços podres agora ajudavam os demais a escalarem e adentrarem a cidade.

Os primeiros a serem atacados pelos mortos foram à infantaria da primeira linha; uma morte lenta, geralmente abocanhados. Os esbirros que arremessavam barris de óleos e os que atiravam flechas sobre a muralha foram todos eliminados.

Quando a morte os alcançava, aos céus subira a mesma essência verde quase invisível. As mordidas eram em todas as partes: em armaduras ou na própria carne; se alcançassem um alvo, os dentes e unhas dilaceravam suas vítimas. Era um ataque do qual apenas a morte seria vitoriosa. Nada eram poupados; animais ou quem ficassem no caminho eram devorados ainda vivos. Como se não bastasse à legião maldita, raios de energia verde eram lançados, fatais ao atingir os alvos.

A gritaria já tomava conta das ruas. Os soldados já haviam sido exterminados; os moradores se defendiam como podiam: facões e ancinhos eram as armas mais comuns.

Shoiú ria sobrevoando a cidade, atacando impiedosamente a todos. Liderando o ataque, todos que apareciam em seu campo de visão perdiam suas vidas. Como na outra cidade, as pessoas tentavam fugir pelo mar e, ao atingiam alguns metros na água, seus corpos eram arremessados de volta ao ponto inicial.

Pulando do outro lado das muralhas, os camponeses conseguiram fugir alcançando a floresta, sumindo na escuridão.

A cidade era deixada em chamas.

Após algumas horas do ataque, o portão já se encontrava em chamas pelo acúmulo de corpos jazidos ali, graças aos mortos vivos que por ali passaram criando um caminho incendiário.

Com o amanhecer, sobraram poucos mortos ao serviço de Shoiú; cerca de vinte deles ainda se mantinham em pé.

Os habitantes da cidade não mais existiam; haviam sido devorados ou queimados até se tornarem apenas cinzas. Ao amanhecer, só era possível escutar as risadas alucinadas em êxtase de Shoiú em meio de centenas de cadáveres totalmente destruídos.

Os soldados de Mack e Corélios se aproximaram então da cidade destruída.

Muitos homens haviam fugidos durante a noite; sendo esses os quais que mantinham o alinhamento de não estuprar ou torturar, preferindo então desertarem do grupo.

Agora os não-humanos estavam mais que o dobro dos membros da milícia.

O comando de Corélios corria perigo. Mack se encontrava com mais soldados, aproveitando para começar a hostilizar seu rival:

— Parece que não serve mais para ser meu chefe, seu merda! Agora eu e meus colegas mandaremos em sua laia inferior. Vamos pessoal, vamos tomar conta desse bando! Nós comandaremos todos vocês! — Com sua lâmina enferrujada encravada em seu pulso, empurrou Corélios tomando a frente da guarnição.

Sem se importar com o motim, Shoiú ficou de joelhos olhando para o céu.

Comandara então outro turbilhão de essências que rodeavam toda a cidade.

Quando todas as almas atravessaram o solo, a jovem começara a rir de forma descontrolada, gritando histericamente para os soldados:

— A cidade foi derrubada! Em breve Imi irá trazer o pagamento de vocês. Precisamos esperar para saber se terão outro alvo ou serão dispensados. Até lá fiquem a vontade... Eu preciso descansar um pouco. — Despedira-se Shoiú que, com um movimento rápido, desaparecera em uma cortina de fumaça verde-escura.

Sua tropa infernal se dissolvera em montanhas de carne quando a asiática sumira.

Os mercenários se acomodaram em barracas fora da chuva enquanto os humanos não sabiam o que fazer; ficaram reclamando enquanto procuravam carne tanto queimada quanto não queimada, evitando comer os pedaços devorados pelos mortos por falta de coragem.

Os orcs desejavam encontrar qualquer coisa viva para devorar, decidiram sair para caçar animais pela mata. Cinco deles se voluntariam para saírem a caça: dois orcs, dois goblins e um hobgoblin. Procurando pela floresta sem achar nada, escutaram risadas.

Parecia uma conversa entre duas crianças. Para os caçadores elas poderiam ter fugido da cidade e acabando por ficarem para trás.

Escondidos entre as árvores, ficaram na espreita vigiando os donos das vozes, os quais seriam o dejejum do grupo. Viram por entre as folhas um menino, todo sujo de lama. Vestia uma camisa grande quase o cobrindo por completo. Pulava com um graveto nas mãos e conversava com o vento e apesar de parecer um pouco louco por falar sozinho, lhes parecia apetitoso. Os caçadores podiam sentir o gosto de sua carne.

— Nossa, será que estamos longe? Tô ficando cansado já! Eu não descanso desde ontem! Eu não sei o que aconteceu! Eu acordei e você me mandou vir pra cá. Sério? Minha barriga tá doendo de fome, queria um pão ou um mingau. Eu? Tenho que fugir? Por que? Você disse que ia me ajudar! Me ajuda agora, por favor, eu trouxe você. Foi você que disse, sério? Tudo bem, eu espero a hora que eles aparecerem aí eu corro gritando. — O menino falara e seu

interlocutor invisível respondia mudo — pelo menos invisível e mudo para os que o viam apenas o menino.

Os orcs se entreolharam, pensando que talvez ele fosse um louco. Não teria problemas de a carne estar estragada. Quando se aproximam para matar o menino, ele começara a correr em direção à cidade, gritando o máximo que podia.

Próximo da cidade devastada, fora alcançado por um goblin que saltara sobre o menino, mordendo-lhe o pescoço. Mesmo menor que o menino era muito mais forte. Por conta do peso, ambos acabaram rolando pela lama.

Os gritos da criança chamara a atenção dos demais soldados que estavam descansando na cidade.

O monstro verde arrancara um pedaço das costas do menino que se arrastava tentando correr, enquanto perdia pedaços de sua carne. Quando os quatro caçadores chegaram, pisaram o imobilizando, de forma que quase o afogaram contra a lama.

Enquanto ele gritava até ficar rouco, discutiam como ele seria dividido; devendo ser em partes iguais. Riscando com uma lâmina o menino em cinco, estavam prontos para corta-lo quando o líder Mack os interrompe.

— Vocês iam comer ele sozinhos? Seus companheiros passando fome comendo restos, e vocês iam comer esse moleque sem dividir? — Ameaçou os cinco desonrados com seu braço mal afiado.

Mack cortara então a cabeça do goblin mais próximo com seu braço, arremessando sua faca no peito do outro.

Avançando rapidamente, derrubara o hobgoblin enfiando sua mão com a lâmina contra a cabeça do mesmo.

Aproveitando, pegara sua faca arremessada abrindo a barriga de um orc paralisado e, dando mais dois passos, esmagou o crânio do outro orc que tentara fugir.

— Agora temos comida. *Eu* comerei esse humano. Vocês podem ficar com os esses desprezíveis desonrados! — Imediatamente os não-humanos começaram a comer seus companheiros recém-abatidos. Mack abaixou-se e, pegando o menino pelo pé direito, arrasta-o falando em tom vitorioso:

— Fica quieto seu pirralho, vou só comer você. Deveria ficar feliz por não termos tempo de fazer nada além de mastigar sua carne! Acho que vou te comer vivo, acho que você merece, ia servir de comida pra aqueles lixos! É, vou comê-lo vivo! Vou ao lado de Corélios, assim ele verá quem manda nessa corja de inúteis. — Mack arrastou a criança com seus passos tortos pela lama enquanto seus companheiros agradeciam pela oferta da comida fresca.

Sentando a frente do antigo líder do bando, Mack sentou-se com uma perna em cima do corpo do menino, deixando suas pernas prontas para serem comidas. A chuva caía sobre a criança, limpando a lama de seu corpo.

O novo líder rasgou então os trapos que cobriam o corpo infante e magro, dando início as dentadas no pé direito do menino preso embaixo dele. Os gritos incomodavam todos os homens que, a esta altura, estavam arrependidos de aceitarem a missão.

Ao partir para devorar o outro pé do menino, Corélios levantou-se e desembainhando sua espada e se aproxima para acabar com o sofrimento da criança.

Preparado para enfiar sua espada na boca do sofredor, parara ficando um instante observando o rosto cada vez mais pálido do menino. Com os olhos arregalados, soltou sua espada se afastando enquanto gaguejava.

— É ele, esse menino! Vocês já... O que esta havendo? Mas que diabos estão acontecendo nessa terra? Mortos andando, mortos que não ficam mortos, vivos que não morrem! Eu não aguento mais isso. Esse menino... vi Shoiú abrir a barriga dele ontem. Pra mim já chega. — Se virando para os seus homens ele grita:

— Vamos sair desse lugar maldito! Quem quiser ficar com Mack, fique a vontade, eu não quero mais receber por isso. Fique com minha parte Mack, espero não ter mais que me encontrar com você. Isso é uma promessa, não uma ameaça. — Pegando sua espada do chão enlameado, seguiu o seu caminho.

Andando sem olhar para trás, Corélios sumira pela nevoa fria sendo seguido por todos os outros humanos. Mack ouvira o que seu desafeto falara, não se importando e continuando a mastigar até



atingir os joelhos do menino. Puxou o menino pra sua frente para poder ver sua cara de sofrimento e os espasmos.

Preparando-se para continuar comendo, decide que agora seria a vez das mãos. Ao virar o corpo do menino, o orc ficara paralisado olhando o rosto já conhecido.

Saltando de costas caíra de bunda contra o solo, começando a se arrastar assustado para longe. Seus homens se aproximaram curiosos com o que estava acontecendo.

Ao verem o rosto limpo do menino, todos os soldados de Mack ficaram espantados. Aquele garoto sem pernas fora espancado e eviscerado no dia anterior. Contemplando o menino chorando em soluços e gemendo baixinho, escutaram um grito feminino que ferira os ouvidos de todos.

O som causara grande incomodo, incapacitando os tarimbeiros mais próximos. Da boca menino, uma turvação negra sai atingindo as nuvens.

Ninguém ficara por muito tempo olhando aquilo.

Todos fugiam. Cada um para seu próprio salvamento.

Quando a sombra negra voltara até o chão, a mesma se dividira atingindo toda a caterva e, entrando por suas bocas, implode-os, tornando-se poeiras de sangue.

O único que conseguira fugir fora Mack, agora surdo de um ouvido.

Gravitando em torno da cidade a nuvem coletara fagulhas verdes dos cidadãos e da corja morta. Ao suga-las, voltara para a boca do menino que, ao adentrá-lo fizera com que as pernas começam a se reconstruir, voltando ao estado original; em sua perfeita condição novamente.

Ao seu redor não havia mais movimento algum fosse de algo vivo ou morto.

Apenas existia agora as árvores que dançavam com o vento e a chuva forte.

Passado algumas horas, o Sol já atingia o meio do céu quando Shoiú surgira em meio de uma névoa verde.

Ao olhar ao redor, não encontra os mercenários.

Andando pelos escombros, encontrara onde estavam acampados.

Um corpo pequeno estava deitado na chuva. Ele não tinha roupas e também não havia sinal de tortura, apesar de haver muito sangue espalhado.

Com a ponta da bota, a jovem de olhos puxados, virara o rosto do menino de um lado para o outro, ficando espantada ao reconhecer quem era.

Sentando no chão fizera uma breve meditação, tentando sentir ou perceber o que estava acontecendo.

Shoiú, com os olhos arregalados fitando o menino, se afasta.

Com um movimento dos braços, um espectro verde a cobrira, fazendo-a sumir. O menino permanecera deitado até o escurecer e, como se voltasse de um afogamento, levantou-se tossindo; engasgado com a água da chuva.

O menino olhou ao redor alarmado. Estava nu novamente, com frio e com fome.

Assim, perguntando para o ninguém:

— Onde é que eu tô? Tô com fome! Eu não achei meus pais... Eles estão por aqui? Pai? Mãe? Onde vocês estão? O que? Eles estão comigo? Não entendi. Sério que no meu coração eles sempre estarão comigo? Fico feliz, você é uma boa pessoa! Ali no barco? Nossa sério que tem comida? Eu to morrendo de fome!

E falando sozinho, o menino contemplou os barcos atracados no porto.

Alguns deles continham carregamentos de alimentos, queijos, vinhos e frutas. Rapidamente subira em uma embarcação com carregamento de vinho e queijos, enfiando tudo que podia na boca, comendo tudo o que conseguira. Todavia, por conta de seu desespero perante a fome, acabara soltando a corda que servia para manter a embarcação presa ao porto quando entrara no barco.

Bebendo e comendo até se empanturrar, o menino ficara bêbado, dormindo em uma cama na cabine do barco.

Quando já dormira por um tempo, as ondas levaram a embarcação para o alto mar. Sem saber que viajava, o menino

dormia tranquilamente. Sua barriga há dias vazia, agora estava cheia.

Nunca tivera uma vida fácil, mesmo antes do ataque a sua cidade.

Passando o tempo de sua bebedeira, o menino despertou percebendo que estava navegando. A angustia tomou conta de seu coração; ele não fazia ideia de como velejar ou mesmo virar a embarcação.

— *Fique calmo Allis, eu estou com você! Eu digo como você deve fazer para manter-se seguro. Vamos para um lugar onde nós dois possamos nos fortalecer. Vamos pra onde tenha Sol, não aguento mais chuva!* — Manifestou-se a voz que o seguia.

— Tudo bem! Vamos! Eu vou comer mais um pouco, parece que estou comendo para duas pessoas agora. — Concordou Allis falando sozinho.

Rindo, Allis continuara conversando sozinho enquanto a embarcação se afastava cada vez mais da costa e do continente.

Havia muita comida e bebida; duraria por um bom tempo, com apenas com o menino a bordo.

— *Allis, solte a corda a sua frente. Assim as velas vão se abrir. As velas são os panos brancos. Com elas abertas vamos mais rápido!* — Orientara a voz.

— Tudo bem, farei isso. Você tem certeza que dará certo?

— *Sim, claro que sim. Eu nunca mentiria pra você, não é?*

— Desculpa, é que tenho medo... Eu nunca entrei no mar tão longe. Deve ter monstros por aqui.

— *Sim, tem diversos monstros marinhos, mas nenhum vai nos incomodar, você é muito magrinho, não vai alimentar um dragão marinho ou um polvo gigante. Pode ficar calmo.*

Durante dias, Allis continuou conversando enrolado em lençóis improvisando uma roupa, sempre comendo e dormindo o máximo que podia. Seguia todas as ordens durante todo o tempo que está no barco. Com as ondas gigantes, elas lançavam a embarcação sem rumo.

Os dias passaram e ele ainda se via rodeado por água até onde não conseguia mais enxergar.

A comida acabara após muitos dias navegando sem rumo. Seu corpo estava fraco, dormindo por longos períodos, não aguentando ficar mais acordado para manter um rumo correto.

Talvez esse fosse seu fim; suportara tanto e agora pereceria de fome na imensidão azul.

## 7 DOR E AGONIA

O forte odor de sangue, fezes e urina machucava a qualquer olfato. Até mesmo os *orcs* que eram acostumados com cheiros desagradáveis ficaram incomodados com o estado do calabouço improvisado.

Havia uma pesada e velha porta de madeira ornamentada com metal que reverberava secamente pelos corredores feitos de ígnea. A mesma se abriu mais uma vez de forma que apenas um fio de luz tremeluzente iluminasse alguns dos corpos infantis acorrentados; alguns deles já se encontravam sem vida enquanto outros estavam prestes a desistir.

Eles se encontravam amontoados em um canto gelado para se aquecer.

Uma silhueta esguia adentrou o local segurando um castiçal aceso a cima da cabeça e um balde em sua outra mão. Caminhou entre os corpos trêmulos que choravam ao vê-lo se aproximar.

Parou e subitamente despejou a água gélida em uma das crianças que se encontrava afastada das demais. O enclausurado apenas soltara um gemido e um choro baixo.

Agachando perto do pequeno corpo, o vulto esguio destrava as correntes que prendiam seus braços esticados na parede, voltando para a porta com o candelabro em uma mão enquanto arrastava o corpo do menino que era extremamente magro.

O mesmo chorava e se debatia desesperado tentando segurar com as pontas dos dedos os vãos das pedras lisas do chão, mas era em vão. Seus pequenos dedos não eram fortes o suficiente; suas unhas quebradas e furadas por agulhas ajudavam a perder a força nos dedos.

O menino fora arrastado lamuriando pelos corredores que somente era iluminado pelo candelabro. Quando atravessaram uma porta já aberta, o menino já contava com o queixo recém-cortado nas pedras e os dedos sangrando. Seu corpo então fora arremessado em uma mesa grande de madeira, quase que impossibilitando o pequeno corpo de conseguir se mexer devido ao

impacto de suas costelas terem atingido exatamente a quina das tabuas.

Acendendo uma tocha do lado de fora e outra dentro da sala junto de um braseiro cheio de ferretes dentro, a sombra se mostra um homem magro, narigudo, olhos fundos adornado com bigode fino e longo. Amarrando toscamente as pernas e os braços do menino, à mesa, jogou-lhe mais um balde de uma água tão gelada que já estava se solidificando.

Posicionou-se entre o meio das pernas do menino e, passando a língua dos pés às bochechas do menino, fizera com que o fluxo de lágrimas aumentasse, finalmente escorrendo dos olhos assustados do garoto. Seu soluço tomara conta do ambiente frio e escuro.

Com a pouca luz que se adquiria da tocha, nada mais que ferramentas enferrujadas manchadas de sangue e um o chicote que ali repousava podiam ser vistos. Quando o homem conseguira vislumbrar o chicote, não tardou em pegá-lo e começar a usá-lo contra o corpo desnutrido sobre o aparador, fazendo com que um jato de sangue voasse pela sala, desaparecendo na escuridão. Girando uma manivela, fez com que a mesa ficasse na vertical.

Os gritos de dor e suplicas rompiam o silêncio dos frios e negros corredores.

Os pequenos corpos encolhidos nas outras salas choravam e esperando serem os próximos a voltar a sofrer dessa forma.

Os urros pararam após um longo período.

Rompendo o silêncio dos corredores, a porta se abriu e o homem magro saiu sem fecha-la por completo. Com a tocha na mão caminhou pelos corredores batendo os pés apenas para aterrorizar mais seu próximo alvo.

Chutando a porta onde as crianças estavam presas, abaixou-se escolhendo a próxima vítima se deleitando com o desespero delas. Enquanto escolhia, fora interrompido com gritos de socorro vindo da porta que acabara de sair. Voltou ligeiramente com um sorriso medonho no rosto e abrindo a porta: o menino que ele açoitara gritava por ajuda, mais especificamente a dele.

Coçando o queixo para entender o que estava acontecendo, trancou a porta começando a falar orgulhosamente:

— Ora, ora, ora! Não é que minha princesinha acordou? Está mais alegre. Parece pronta pra sair e me obedecer ou terei que mostrar como é sempre mais doloroso não me obedecer? — Rindo começou a retirar a armadura e a roupa.

Pegou um avental de couro todo ensanguentado pronto para mais uma sessão de tortura.

O menino clamava por ajuda, mas se calou rapidamente com dois socos. Puxando os cabelos do menino, lambeu suas lágrimas começando a beijar sua boca que escorria sangue. Com mais alguns socos durante o beijo forçado, um jato de vômito bilioso banhou o corpo magro e ereto a sua frente. Sujo, o homem vai até alguns baldes e se limpa. Ao se voltar para o menino, novamente pediu por ajuda.

— Por que está fazendo isso Vergewaltiger? Ajude-me! — Ao ouvir inesperadamente seu nome, o homem puxou o cabelo do menino, sussurrando ao seu ouvido:

— Está pronto para me receber novamente? Já está até me chamando pelo nome agora! Como está gritando e pulando quer dizer que aguenta mais diversão. — Se afastando, jogou dois baldes de água sobre ele, logo se posicionando atrás do pequeno.

O menino sentiu o bafo quente e fedido do homem em seu nariz. Sentiu também as suas mãos quentes tombando o seu pescoço. Um choro misturado a um gemido de dor escapou de seus lábios ao sentir um pedaço de seu pescoço sendo arrancado.

As lágrimas de dor congelavam ao atingir suas bochechas pálidas. Em meio a soluços e gemidos de dor da criança, Vergewaltiger falou bem baixo, com os lábios sujos de sangue no ouvido do menino.

— Está pronto? Você adora isso não é, Aluin?

Com gargalhadas o narigudo foi até o braseiro, voltando com um ferrete em brasa. Com o menino tremendo de frio e dor, puxou o longo e surrado cabelo, colocando assim o ferro quente nas costas do menino, fazendo-o gritar e chorar se debatendo com dor. Vergewaltiger, inalando a fumaça da carne queimada, só retirou o ferro do menino quando ele desmaiara se urinando.

Excitado, o homem aproveitou o desmaio para lambe seus pés com urina, subindo até as genitálias.

Desamarrando o menino primeiro pelos pés e depois pelos braços, deixou com que Aluin caísse no chão de pedras estatelada, logo o arrastando o corpo frágil e magro pelos corredores, chegando à sala onde guardava as outras crianças.

No momento em que estava prestes a amarrar Aluin contra a parede, ele acordou. Percebendo que ele não sangrava no pescoço e nem tinha as costas queimadas, Vergewaltiger irritado arrastou a criança pelo pé novamente para a sala de tortura.

Ainda segurando o pé do menino o arremessou com força contra a parede do corredor, escutando Aluin gemer com a pancada. Sem poder tomar folego, levou um banho de água congelante.

Vergewaltiger praguejou, andando de um lado para o outro:

— Como isso pode acontecer, eu nunca vi uma recuperação dessas. O que esconde Aluin? Preciso forçar você a me contar é? *Então darei o que você quer seu merdinha.* — Com inúmeros tapas fortes no rosto, Aluin abaixou a cabeça se encolhendo, mas isto não o impedira de levar mais socos na barriga.

Puxando os cabelos do menino, o ergueu deixando-o em pé. Arrastando pelos grilhões no pulso de Aluin, fizera com que o menino tropeçasse no chão irregular. Abrindo uma porta, levou o menino até o balcão, retirando o grilhão de metal e amarrando-o com apenas uma corda fina na parede.

Com um ferro em brasa voltara para perto de Aluin.

— Vamos ver se você consegue se recuperar agora! — Com o ferrete em mãos, marcou o ombro do menino, inalando mais uma vez o saboroso cheiro de carne queimada.

O menino se contorcia e chorava desesperadamente.

Afastando-se, retirou novamente as calças, urina no ferimento que saía fumaça.

Acomodando-se, ficou apreciando o ferimento a fim de ver se ele se recompunha, o que para o seu desprazer, até o momento apenas o menino desmaiara. Queima-lo pela segunda vez pode ter sido muito para o corpo dele.



Indo até suas roupas no chão, pegou uma seringa com um líquido brilhando em vermelho, aplicando-o no pescoço do menino. O ferimento das costas ficara superficial e a cor do garoto voltara a ser rosada. As marcas dos ferimentos nos dedos e o sinal de desnutrição também amenizaram; parecia saudável.

Vergewaltiger se preparou para mais uma sessão de tortura. Ao fitar Aluin, ficou petrificado ao ver o olhar penetrante e cheio de ódio o encarando de volta. Do pequeno rosto, duas pequenas bolas fumegantes miravam sua cara longa e espantada: uma era verde e a outra roxa, a respiração do menino agora soltava vapor dentro do calabouço congelante.

O pequeno rosto pálido e amedrontado não estava mais presente. O ódio tomou conta do terror. Aluin, com uma força nunca antes demonstrada, desvencilhara-se dos nós mal feitos dos pulsos.

O homem, como um cachorro assustado, começou a se afastar com o bigode tremendo. Antes que abrisse a boca mais uma vez, teve seu nariz amassado por um soco que o jogara de costas no chão, fazendo com que o homem se encolhe se arrastando para o lado mais escuro da sala.

Terminando de se desamarrar, Aluin sentia dores terríveis em suas costelas quebradas. Seu corpo estava debilitado pela fome, frio e talvez inúmeras outras as lesões internas e apesar da aplicação da poção, estava muito ferido. O ar gelado incomodava seus pulmões, sua respiração estava fraca e seu andar cambaleante, vasculhou pela sala por alguma coisa que pudesse usar para se cobrir, pegando por fim a grande camisa de Vergewaltiger servira como um grande vestido.

Ao tentar pegar a uma parte da armadura que estava no chão, o homem magro avançou como uma fera, parando apenas ao ser atingido com um violento chute no rosto, apesar de ter conseguido impedir sua armadura de ser levada.

Cambaleando sem saber o rumo que ia tomar, o menino andou escorado pelas paredes congeladas e caliginosa. Seus pés doíam ao andar tropeçando nas ígneas irregulares. Sem enxergar o caminho, tropeçou descendo uma escada e terminando por acabar desacordado.

Acorda desesperado olhando para os lados. Olhando em suas mãos, respirou fundo começa a andar calmo sem tropeçar, tateando o chão com os pés. Escutando pesados passos ao longo do corredor andou mais rápido. Tentou se esconder abrindo a primeira porta destrancada e desesperadamente, tentando mantê-la fechada.

Os pesados passos começaram a arrombar as portas uma a uma no passadiço que, com grandes pancadas nenhuma porta se mantinha trancada por muito tempo. Os passos pesados chegaram até onde o menino se escondia e, com um solavanco na porta, o menino fora arremessado de costas, soltando um gemido de dor.

A sua frente um homem grande e gordo que parecia ainda maior visto do chão, com grandes tranças vermelhas que balançavam com as gargalhadas do pançudo. Inutilmente, Aluin arrastou-se pelo chão tentando fugir, porém fora agarrado pela grande mão ruiva.

O garoto se debateu, chutando e esmurrando o grande homem, mas nada adiantava. Ele parecia ser diferente do magrelo que derrubara facilmente; esse homem gigante e gordo ainda parecia contente em apanhar.

Com uma mão em seu pescoço pequeno e fino, o avermelhado desferiu um soco em seu rosto, diminuindo a velocidade do esperneio. Em um segundo soco, apenas parecia carícias. No terceiro, o corpo não se mexia mais. Seus olhos azuis se fecharam, tornando-se apenas um boneco nas mãos do gigante vermelho,

Colocando o menino nos ombros como um coelho abatido, deixou a sala, pedindo para seus asseclas não deixarem ninguém o perturbar até segunda ordem.

Cruzando as alas abandonadas e obscuras, continuou por um labirinto de escadas com suas gargalhadas ecoando nos amontoados rochosos, forçando para que todos o ouvissem. Chegando a uma porta trancada, enfiou a mão em um dos bolsos, retirando um molho de chaves que abria diversas trancas pesadas e entra.

Era uma sala toda revestida por carpete. Em suas paredes, inúmeras pinturas ornamentavam todo o quarto suntuoso e ao centro uma cama enorme. Ao fundo, uma imensa banheira

repousada sobre uma pequena chama mantinha quente a água e aromatizava o interior. No outro canto havia uma sala de jantar completa; um fogão a lenha com utensílios prontos para o uso.

O grande homem enquanto entrava no quarto rasgava a camisa que cobria o menino e o coloca dentro da banheira com água quente que não demorara para mudar os tons azulados pelo seu corpo para rosa, deixando suas veias azuis nítidas novamente. Sentando ao lado do garoto, o homem ruivo desequipou as peças da armadura.

Começando a afagar gentilmente o menino desacordado, com uma esponja limpou também o sangue que ele mesmo havia tirado. Durante o repouso do menino, o glutão imaginara o sabor do menino, deixando-o excitado e faminto.

Esfregando todo o corpo de Aluin, o imaginara estripado, empalado, assando com um tempero que poderia realçar sua tenra carne. Quando voltava de seu devaneio, estava mordendo a costela do menino com força. Assustado, soltou o corpo inerte na banheira espirrando água pelo quarto.

Pensando consigo mesmo, falou.

— *O que está acontecendo comigo, estou ficando maluco? Eu devo come-lo? Isso não teria problema, estamos encarregados de tortura-lo mesmo.* — De joelhos voltou até a banheira onde o menino estava dormindo.

Passando as grandes mãos no corpo do menino, imaginou-se cortando a perna de Aluin lentamente com o menino se debatendo e gritando. O sangue jorrando aos montes; tentando beber o máximo que conseguiria antes do esguicho parar.

Com uma pancada quebraria o fêmur e tiraria a perna dele por completo.

Com o menino amarrado deitado, apreciando-o limpar sua perna amputada, temperando-a e colocando-a em uma assadeira. Com condimentos e especiarias trazidas de longe, dariam um sabor aprimorado para tal peça de carne. Após toda perna assada, a comeria com as mãos na frente do menino. Ofereceria a ele para comer junto, se não aceitasse talvez o deixasse faminto para não conseguir recusar comer ele mesmo. Ou seria melhor estrangula-lo e

ver sua alma se dissipando de seus olhos, o grandalhão não conseguia entrar em um consenso com ele mesmo.

Saindo outra vez de seu transe com água espirrando em seu rosto, despertou estrangulando Aluin e o afundando na banheira. O menino estava roxo, debatendo-se debaixo da água. Soltando o menino, levantou-se encarando a criança com os olhos arregalados chorando acuado. Ainda perturbado, pegou o menino pelo pescoço e o enforcou um pouco mais até o faze-lo desmaiar sufocado e o jogou sobre sua cama e indo até uma cômoda, começou a vasculhar por roupas limpas que coubessem em Aluin.

O lambaras tinha experiência em matar crianças e devora-las de diversas formas, entretanto nunca ficara excitado dessa forma; a ideia dessa vez o fez alucinar. Enxugando o corpo inerte do menino, fizera curativos em seus dedos feridos e na queimadura nas costas. Apertando os lábios do menino, despejou dois frascos de líquido vermelho goela adentro.

Após colocar as bandagens, vestira Aluin com roupas elegantes, penteando seu longo cabelo e prendendo uma coleira em seu pescoço. Amarrando a coleira em sua cama alta, escutou a barriga do menino roncar, despertando nele uma fome incontrollável.

Indo até a parte da cozinha, colocou água em uma vasilha, voltando ao pé da cama e colocando duas cumbucas: uma estava vazia e a outra com água.

Colocando o menino junto a elas, saiu apressado do quarto em busca de condimentos e uma grande assadeira. Decidira assar as pernas do menino e oferecer para ele mesmo comer.

Acordando, o menino se vê amarrado por uma coleira ao pé de uma grande cama feito um animal de estimação em uma sala rodeada de pinturas, coberta por um grande tapete vermelho e dourado.

Trocaria todo o conforto que estava recebendo por alguma coisa pra comer. Sua barriga já doía desconfortável, roncando violentamente. Seus dedos estavam rígidos com curativos.

No reflexo da água contemplou por todo seu corpo ossos antes invisíveis, decorados com manchas rochas e diversos cortes cicatrizados. Tentou tirar a coleira em vão, era fina, porém o

suficiente para mantê-lo preso. O som do seu grito de socorro não era audível nem por ele mesmo; saindo esganado pela sua boca. Após algumas tentativas de levantar a cubuca de metal, rendeu-se a sede, inclinando-se de quatro para beber água como um cachorro há espera de seu dono.

Em sua mente imagens o perturbava. Nada fazia sentido, pensava o porquê dessas coisas ruins estarem acontecendo com ele! Torturas, abusos, fome e frio; não havia explicação para tudo isso.

Pensara que talvez tivesse sido feito de refém por outro reino, mas lembrou-se de serem membros de sua corte os agressores. De joelhos e chorando, pensara que a única forma de isso acabar era ele mesmo tirando sua própria vida, só assim podendo ter alguma paz.

Levantando-se, subiu com dificuldades na cama, logo depois escalando dossel todo ornamentado com mais de dois metros de altura. Ficou por um instante contemplando sua imagem distorcida na água, logo indo ao meio da cama, arremessando-se de lá.

Aluin não contava com seu peso diminuto; era leve demais, não sendo o suficiente para quebrar o pescoço. Ficou pendurado sem poder alcançar o coxão, debatendo-se esganado pela corda fina. A dor era grande, o ar já não entrava em seus pulmões, o sangue não corria em seu cérebro; estava ficando cada vez mais roxo com os olhos esbugalhados. Arrependido tentara, em vão, alcançar a corda e se puxar. Porém, aos poucos seus braços se tornaram pesados; sabia que seu fim está próximo e junto dele, sua dor.

Suas pálpebras pesadas e encharcadas estavam cada vez mais difíceis de se manterem abertas.

Piscando os olhos pesadamente, vislumbrou o quarto confortável ser lugar de sua morte, não as masmorras das infundáveis torturas. Mais uma vez piscou os olhos com dificuldade tentando puxar o ar pela boca e com os olhos fechados, tentou abri-los pela última vez.

Ao abrir os olhos com muito esforço, sentiu uma grande quantidade de ar quente enchendo seus pulmões gelados.

Impressionou-se com a vista: estava em uma sala com luz de vela. Pensara estar morto.

Deitado imóvel observou pessoas a sua volta. Não conseguia identificar ninguém, apenas vultos. Ouvia a canção de um homem da qual não podia entender nenhuma palavra. Seu corpo era pesado, mal conseguia se mexer com precisão. Com a visão periférica percebera as pessoas ali sentadas em silêncio que apenas observavam um corpo pequeno com um vestido deitado e enrolado em um véu ao seu lado.

Levantando rapidamente não conseguira retirar o véu do seu rosto com sua mão enorme. Sem enxergar direito e entender o que estava acontecendo, deu alguns pesados passos rumo à porta. Tentara levantar a tranca de madeira, todavia mesmo estando alto e com mãos grandes, ainda era fraco.

Voltou-se para as pessoas que o olhavam assustados. Aluín tentara falar, mas estava debilitado. Dando três passos, acabara caindo de cara no chão de uma vez e estático.

Abrindo os olhos novamente, respirou o pó do chão mofado e gelado, forçando-o a tossir engasgado. Olhando ao a seu redor ainda deitado, percebeu-se em um passadiço cruel e tomado pelas trevas.

Levantando-se apoiado com as mãos no chão, notou que suas mãos haviam voltado ao normal: pequenas e magras. Essa sensação de estar e não estar mais no lugar, não fora à primeira vez que a sentira.

Voltando para dentro do quarto a sua frente, pegou um candelabro com velas. Ao sair, vê ao pé da cama a coleira estourada ainda pendurada e, sem pensar nisso, saiu depressa pelo corredor. O lugar estava silencioso ao ponto de escutar seus pés descalços estalando pela escuridão.

Ao chegar em uma encruzilhada, ficou parado tentando escutar de todos os lados. Escutou vozes vindas de um dos lados, fugindo então para o lado oposto. Com medo de ser visto, apagou as velas e se esgueirou pelas paredes umbrosas lentamente, sem fazer barulho.

Os passos que o seguiam estavam velozes. Conseguindo abrir a primeira porta, Aluin atravessou a sala indo direto para a janela aberta que, com muita dificuldade, esgueirou-se em uma fileira de pedras. Segurando nas gárgulas do lado de fora conseguira mover seus pés pequenos possibilitando fugir pelo lado de fora.

A neve caía fina no topo da montanha com temperatura negativa. Pisando na camada de neve que se acumulava no beiral, sentira as solas de seus pés congelando.

Percorrendo um longo percurso por fora do castelo, finalmente atingira uma janela, não pensando duas vezes antes de saltá-la. Sentou-se ao chão iluminado pela luz da Lua tentando esquentar os pés quase congelados.

Sem olhar a sala só percebera não estar sozinho quando escutara a voz já conhecida de Vergewaltiger.

— Não acredito! Devo ter feito algo muito bom pra você pular dentro de *meu* quarto. Ah não, isso só pode ser brincadeira. Você é Aluin mesmo ou estou ficando mais louco que o de costume? — Vergewaltiger riu com as mãos na cintura vendo o menino esquentando os pés com as mãos.

Aluin tentara fugir, mas com um chute em sua barriga, caiu de joelhos com as mãos no chão. Ao olhar seu agressor não teve muito tempo para encara-lo, com um chute em seu rosto o menino caíra no chão tentando proteger seu rosto de outro golpe. Os guardas do lado de fora apenas escutam os gritos e suplicas de um menino vindo do quarto acostumados com esse hábito de Vergewaltiger, ignorando-o. Os capangas ficaram por um tempo escutando os soluços e gemidos de dor do menino. Quando a porta se abria, o chefe se encontrava enrolado em uma toalha e cochichando no ouvido de um dos guardas, o mesmo saíra correndo. Ao voltar para o quarto, o violador observou o menino imóvel, chorando com sua roupa rasgada e lambuzado. O que o sujeito parvo fizera dessa vez destruíra tudo o que restava de puro no menino.

Aluin chorava estatelado no chão, entregue.

O pútrido sujeito sentou-se ao lado da cabeça dele e acariciando seu cabelo, iniciou o trançar dos longos fios loiros e

propõe ao menino:

— Olha garoto, eu *adoro* ver você sofrer! *Adoro* mesmo! A muito tempo não me divirto tanto! Mas escute, se você for bonzinho, cooperando ser, minha menininha, eu até trago roupas de princesinha para você. Mas quero que aceite o que for que eu *peça* ou *faça*, posso confiar em você? — O narigudo falava em tom acolhedor, mas soando como uma ameaça:

— Nós dois vamos ganhar. Agora será boazinha e obedecerá, não é? Deixe me ver um nome novo pra você... Que tal Hure? — Enquanto Vergewaltiger falava, terminara as tranças, agora em Hure.

Com o menino entregue, Vergewaltiger o pegara no colo, retirando as roupas rasgadas e sujas.

Com o bater na porta o sujeito escanzelado pegou um embrulho e logo voltou a fechar a porta novamente. Fechando a janela, acendeu a fogueira da banheira, levando o menino paralisado e o colocando dentro. Calmamente o sujeito condenável esfregara todo o corpo de Hure.

Terminando de banhar sua nova menina, a secara vestindo um lindo traje real feminino com sapatos e meias de sedas até as coxas, luvas longas, além de um belo vestido, com espartilho e um pesado casaco de pele.

Vestindo-se também com roupas finas, Vergewaltiger estendera a mão para Hure que segura em sua mão de cabeça baixa e com os olhos marejados. Agachando-se na frente da menina, novamente utiliza o tom aterrorizador:

— Escuta Hure, gosto de você! Não quero te machucar, mas precisa cooperar como combinamos. Você acabou comigo hoje sabia? Com você cooperando será melhor lembra. Venha comigo, meu subordinado preparou algo para você comer. Me dê a mão e vamos. — Dando a mão para seu pior inimigo, Hure caminhou ao seu lado com a barriga roncando.

Caminhando até a sala vizinha, um pequeno banquete estava preparado.

Hure salivou, mas o medo de avançar antes da permissão de



Vergewaltiger era ainda maior. Olhando para baixo, Hure levou um tapa em sua bunda. Rindo, Vergewaltiger falou:

— Sei que está com fome, vá e coma, toda essa comida é pra você *minha* princesinha. — Hure caminhou lentamente até a cadeira e se sentou pegando um prato de sopa e ingerindo o líquido chorando. Pegando um pedaço de um frango assado, degustara-o em meio a soluços.

## **8 O ANOITECER NO DESERTO**

Com os olhos ainda entre abertos, sentindo fortes dores na cabeça, além de uma íris roxa, toda área ao redor do olho se encontrava inchada e irritada. Em sua boca, um hematoma lhe rendia o afrouxe de alguns dentes de Hope. Suas roupas estavam esfrangalhadas, o manto e a malha estavam organizados a seu lado junto do livro e seu cajado.

O lugar em que a menina estava possuía inúmeras almofadas coloridas e macias servindo de cama. Ao chão, um grande tapete

vermelho com bordados azuis cobria todo o piso. A sala era quadrada com apenas uma porta grande e sete janelas do lado esquerdo de quem adentrava.

Havia ainda quatro pilastras com mesas redondas redor das hastes que seguravam o teto e ornamentavam a sala, sendo que cada um continha pares de bandejas penduradas com flamas que funcionavam como tochas. Apesar de iluminada, o local tinha dois cantos afastados se mantendo escuros.

Com dores, a menina se levanta perdida e caminha até a janela admirando o céu. Observou a Lua e as estrelas e para baixo, trecho de uma avenida arenosa também era visto. Uma multidão de pessoas e animais enchiam cada canto da via apesar do avançar da noite. Barracas de comidas, tecidos e outras coisas que Hope não conhecia completavam a paisagem exótica. Já era tarde e sua barriga roncava de fome, fazendo com que vasculhasse nas mesas do aposento e dentro de sua bolsa por comida e água; sua boca já estava dolorida e ressecada.

Enquanto esmiuçava as almofadas, Hope escutara um barulho fazendo com que se escondesse entre elas. A porta fora destrancada e dois homens negros adentram o quarto e se encaminham em direção à montanha de almofadas. Um deles começara a jogar as almofadas para cima até encontrar Hope encolhida e de olhos fechados, rogando por algum milagre na esperança de que talvez assim o monstro não a pegasse. Uma grande mão agarrara o pequeno e magro corpo de Hope, erguendo-o pela cintura, de forma que deixara o pequeno rosto da menina em frente ao de seu.

A menina ainda tapava seus olhos com as mãos. Estava com os pés balançando longe do chão continuando a rezar para nada acontecer e alguma salvação surgisse.

Uma voz grave então rompera as suas preces:

— Fique calma menina, trouxe comida e bebida. Não sei o que gostaria de comer, então trouxe um pouco de cada coisa para você! Tem água e vinho e algumas frutas, queijos, pães enfim, coma o que quiser. — A conversa não parecia ser em tom ameaçador.

A barriga de Hope tremera sentindo o aroma dos queijos e das suculentas frutas. Abrindo os olhos, ainda que os mantivessem

escondidos atrás de suas pequenas mãos, avistou algumas frutas; não as conhecia, apenas imaginava o sabor que poderiam ter.

O segundo homem segurava uma bandeja com diversos pedaços de queijos, as frutas, um potinho com um líquido amarelo, pães, uma jarra com vinho e outro com água. Seus olhos então miraram seu captor que escutara sem compreender o que falara, deixando a desesperada. Chorando a caçula, implorou:

— Por favor, seu gigante, não me machuque de novo! É muita crueldade me oferecer *papa* e depois me bater! — Segurada pela cintura, suas pequenas pernas se debatiam, enquanto suas mãos estavam fechadas forçando para descer. — *Eu só queria um pãozinho!* E você me machucou! Olha minha situação! Toda suja, com o meu rosto doendo... eu sinto meus *dentinhos* moles. Por que você fez isso comigo? — Choramingou apontando as suas roupas em farrapos e mostra seus dentes moles:

— Me deixe ir embora, *por favor!* Eu sou magrinha não vou matar sua fome... Posso limpar sua casa se quiser, aí você me deixe ir embora depois! Não me machuque mais, doeu muito quando você bateu em mim! Antes de me deixar ir, me deixa comer? Minha barriguinha está roncando! Só uma frutinha dessas e um pão fininho?

Hope terminara de falar esticando os dedos mostrando o que desejava na bandeja enquanto lambia os lábios ressecados. Ainda que tentasse, não conseguia parar de fitar a bandeja com os olhos arregalados e travados.

O homem riu colocando a menina no chão e sentando-se em sua frente e estendendo a bandeja e, após dispensar o seu criado, conversou enquanto a pequena menina comia, dessa vez no mesmo dialeto da criança esfomeada.

— Talvez você tenha esquecido, eu sou Amir Malik, o rei de Bahr Araml. Há quatro dias, inúmeros corpos foram encontrados sem cabeça no rio Khalas. Fomos investigar de onde vinha aquela asquerosa matança. Foi aí que encontramos a famigerada Almadinat Aleayima. Por muito tempo eu e meus homens procurávamos aqueles delinquentes, mas eles conseguiam andar sobre a areia. Segundo os boatos, fizeram um pacto com os draconídeos do

deserto e com os *gnolls*. Entregavam animais e escravos para eles, em troca de proteção. — Explicou.

— Por muitos e muitos anos eles assolam nossos desertos e os povoados pequenos dos continentes próximos. Por um tempo achei que minha filha Amira tinha sido capturada pelos homens de Mahalin. Mas como o marquês da família Kalt, *Vergewaltiger*, disse que a embarcação onde navegavam sofrera um ataque, agora ela repousa no fundo do Khalas. — Quando comentara de sua filha afogada, Amir chorou permanecendo com a cabeça baixa por um tempo. Hope, entre mordidas e goles no vinho, estava mais faminta que parecia ou talvez o sabor adocicado das frutas nunca antes apreciadas aumentara sua gula. Mastigando a menina então falou:

— Conheci uma menina chamada Amira. — E continuou comendo.

O rei então abriu um pequeno sorriso por ver como a menina comia e sua pequena barriga enchia conforme a comida era devorada. Amir então continuara seu relato de como encontrara o esconderijo de Mahalin. Parecia não ter dado atenção para o que a menina falara.

— Encontramos naquele lugar maldito. Estava habitado apenas por abutres, devoravam os restos de cadáveres espalhados nos becos e barracos, daquele lugar execrável. Enquanto parte de meus homens recolhiam os corpos mutilados por crocodilos e outros animais no rio, entramos nos aposentos trancados por dentro de Mahalin. *Um cenário atormentador*, devo admitir. Encontramos o corpulento se arrastando. Sua barriga estava cortada e dentro tinha três cabeças de crianças dentro. No quarto ao lado achamos alguns corpos de crianças esquartejados, suas entranhas serviram de decoração macabra. — O homenzarrão estava visivelmente enjoado contando sobre a cena presenciada.

— Tentamos salva-lo para interroga-lo, ele recusou ser salvo, mas contou que tudo aquilo foi obra de um demônio. Relatou que, todos ali foram mortos por esse demônio... Seus filhos foram assassinados e depois devorados em sua frente. As cabeças em sua barriga eram de seus filhos.

— Esse demônio era pequeno, magro; uma criança na verdade, tinha os cabelos claros, os olhos um de cada cor: um deles roxo e outro verde. Idênticos aos seus, pequenina. — Amir noticia a menina com plenas convicções de que ela fosse o demônio.

— Mahalin morreu logo em seguida. Colocamos seu corpo nas carroças junto dos outros cadáveres. Lá mesmo na margem queimamos todos. Eram muitos. Depois espalhamos as cinzas no rio. Quando voltávamos para o palácio, dei ordens para meus homens queimarem os corpos no meio do caminho também. Contaram-me que passaram uma criança rindo com olhos coloridos seguindo para a cidade. Viemos rápido para Bahr Araml, atingindo ponte de Buhayr Alsahr. Meus homens acharam você acampada em baixo dela. Quando me aproximei de você, vi que batia com a descrição do diabo. — Ele terminara de relatar sorrindo. — Agora *eu* sei que você não poderia ter feito aquilo! Você talvez não conseguisse machucar nem um grilo. Agora me conte: você disse que conheceu uma garota chamada Amira? Isso é verdade? — Indagou Amir se arrumando para escutar a menina.

Entre as mordidas e goladas, Hope contara lentamente graças ao vinho engolido em grande quantidade:

— Eu não sou daqui, sabe! Eu nunca vi tanta areia! Eu estava na minha casa em Insel, fica pertinho de Forest City... Minha mãe estava preparando pães e eu limpando a casa; Thomi e meu pai tinham ido caçar e pescar. Quando meu pai voltou já estávamos dormindo, Thomi não tinha voltado com ele. Aí, não sei como, quando acordei, eu parecia um porquinho amarrada. Fiquei pendurada com minhas mãos e pernas em um pau. Nunca tinha visto nada igual! Onde eu estava só conseguir ver mais crianças comigo... *Isso antes de taparem meus olhos e enfiarem um pano na minha boca.* — Hope contara lentamente de forma arrastada.

“Fiquei dias desse jeito, não comi nem bebi nada. Se bem que depois disso, *passô* a ser comum eu não comer direito. Viu! Faz muito tempo que eu não como todo dia, e dormir também não. Depois de tirarem o pano da minha boca e do meu olho, uma menina escura, igual você, me deu um pratinho com uma sopinha e uma canequinha de água. Eu bebi tudo de uma vez, só que não

tinha mais. Ela falava comigo, mas eu não sabia o que ela falava. Era engraçado! Parecia que queimou a língua. Não entendi nada, falava tudo enrolado.”

“Ela tinha cabelos bem curtinho, quase carequinha! Eu não acreditei quanto percebi que cortaram meu cabelo também, ele quase arrastava no chão. Essa menina tinha alguns desenhos no corpo, e um olho perto do pescoço igual o que você tem. — Hope apontara nela onde era o desenho e logo apontara no ponto em que Amir tinha um desenho igual. — Nos tornamos amigas! A gente fugiu juntas durante a noite, mesmo sem entender nada o que uma falava com a outra. Ela me ajudou muito, até que no dia que o gordão matou todo mundo. Foi terrível! Eu não conseguia nem ver, a gente deu as mãos e ficamos de cabeças abaixadas, foi amarrada com um negocio de ferro pesado na nossa mão e nas pernas. Quando ele matou todas as crianças da fila, ele cortou a Amira no meio, depois tentou me matar! Thomi não contou, mas tenho *certeza* que foi ele que me salvou. — Afetada pelo vinho, Hope desatou em falar tudo que seu inconsciente mantinha selado em suas profundezas.

— Tenho certeza que ele protegia nós duas; escondido. Nunca ninguém conseguia chegar até a gente, sempre acontecia alguma coisa! Os animais começavam a gritar, pessoas gritavam e apareciam machucadas quando chegavam perto da gente. Eu sei que ele demorou pra salvar a Amira, eu acho que nem ele imaginou isso. Ele me salvou daquele gorducho. Ele jogou uma faca e deu pra eu fugir, aí o gordo me chutou longe. Morfético! Quase me cortou no meio... sorte que o Thomi jogou outra faca nele, aí sai me arrastando e pulei no rio. Como fui burra! Eu não sei nadar. Quase morri! Arrastei minha amiga e ela afundou me puxando pra baixo. Segurei em um negócio na água, *num* quero pensar no que foi! Aí consegui escapar por pouco. Só Thomi conseguiu me tirar do rio. — Os olhos de Hope estavam quase fechados, afetada pelo álcool.

— Eu acho que quem matou o gordão desgraçado foi o Thomi, ele é bem parecido comigo, e tem o olho igual! — Hope abriu os olhos, apontando com os dedos —. E aí ele me ajudou com comida e água, depois você me bateu com uma paulada. Me

machucou de verdade, tá vendo aqui, eu vi no espelho da tigela. — Enfim Hope terminara seu relato, rindo aliviada.

Atônito ouvindo Hope, Amir ficara pensativo enquanto ela pegar uma almofada e a colocando sobre o colo do homem e se deitando sobre. Surpreso com todo relato e por Hope dormir em seu colo, ficou sentado, refletindo pela janela aberta, digerindo tudo que escutara.

Saber que sua filha havia sido capturada e feita de escrava deixara o coração de Amir inflamado. Fora enganado por Vergewaltiger!

Sabendo da traição do marquês, as trevas foram dissipadas ao conhecer a história de Hope e sua aventura cruel pelas areias de Alearabia. Acaba ficando imóvel por toda noite com a menina sobre seu colo.

Com o Sol os visitando ao amanhecer, Amir acordara Hope que, soltando um bocejo e coçando os olhos, levantou-se.

— Bom dia, pequena Hope! Quero muito pedir perdão por ter machucado você e agradecer seu irmão por tudo que fez. Ele de certa forma trouxe à tona a verdade sobre minha filha. A menina que você conheceu é minha filha! Amira possuía o mesmo símbolo da minha família. — Amir apontara para si, mostrando o desenho.

— Preciso esvaziar minha barriguinha agora! Socorro, onde tenho que ir? — Pedira Hope se contorcendo.

Apesar de ser interrompido, Amir riu. Caminhando pelos passadiços com tetos ovais, levava a menina até onde pudesse se aliviar: um cômodo com uma banheira, ao lado uma espécie de cadeira de louça com um buraco no assento que dele, era possível ser visto o rio Khalas.

Antes de sair Amir aconselhara para que ela tomasse banho e que depois uma de suas servas a traria roupas e a levaria para o salão principal, onde ele estaria.

Hope não se recordara quando havia comido e bebido como na noite anterior. Aproveitara ao máximo, mas graças ao vinho, não se lembrara de ter contado toda sua história para Amir. A menina precisara de um tempo até estar totalmente aliviada; estava ansiosa por um banho.

Cantarolando, encantara-se brincando com as espumas feitas na banheira; jogava água para todos os lados e até o momento, não notara uma jovem, morena como o rei, adentrar o local sem falar nada. A mulher levava roupas limpas para Hope que maravilhada, agradecera a criada.

Terminando o longo banho, Hope se vestira auxiliada pela jovem mucama.

A menina começara pelas roupas de baixo e logo depois vestira uma saia vermelha combinando com um corselete de mangas médias, feito de tecido transparente.

Em seus pés, repousavam sandálias de tiras de couro que subiam amarradas até seu joelho.

A mulher ainda a auxiliara penteando seus cabelos curtos com pequenos pincéis em frascos. Pintara os seus lábios, as pálpebras e as bochechas e, com a outra mão, colocara em sua testa, uma pedra de rubi tão vermelha quanto o vestido.

Com um espelho de ouro todo adornado nas mãos, Hope vira-se totalmente diferente do costume: estava limpa, penteada e com o rosto pintado de uma forma exótica e elegante. Enquanto se admirava, argolas de ouro eram postas em seus braços terminando abotoadas nos seus pulsos.

Pegando na mão de Hope, a jovem sorrindo em ver o encantamento da pequena a conduzira até o salão. Durante o caminho, ficara tentando imaginar sentando-se em uma mesa e comendo sopa e tomando leite.

Ao chegar vislumbrou um lugar gigantesco, onde conseguira contar entre vinte a trinta pessoas acomodadas a mesa. A sala era tão grande na largura, quanto na altura e no comprimento.

Em meio a dezenas de pilares dispostos por todo o salão, inúmeras pessoas a esperava em pé fora da mesa. A menina apreciara a mesa que era maior que sua antiga casa repleta de comida; contava com pássaros assados e porcos inteiros dispostos ao longo da mesa, com dezenas de jarros com vinho e outras bebidas além de haver a disposição de diversas variedades de frutas e alimentos desconhecidos por ela.



Os olhos da menina brilharam encantado com o que vira. Sua barriga recém-esvaziada roncara novamente ao sentir o aroma de toda a comida. O sultão feliz então anunciara a todos algo que infelizmente, Hope não pudera entender.

Ouvindo com atenção o que era dito, reconheceu seu nome e de seu irmão, fazendo com que olhasse sorrindo pra todos; era um sorriso que despertava paz em quem a observava.

Os presentes então aplaudiram e se reverenciam diante da jovem desorientada com exceção do cunhado de Amir, que se retirara jogando uma praga ao passar ao lado da menina. Amir repetira então, o que dissera desta vez na língua em que Hope entendia:

— Essa é Hope, amiga de Amira! Agora será considerada como minha filha! Seu irmão Thomi está desaparecido, quando for encontrado, terá a mesma graça que ela. Ela conheceu e foi amiga de minha filha até o fim de sua breve vida. Apresento para vocês então Hope, a nova princesa de Bahr Araml. — Terminou de falar oferecendo a ela o vinho que continha em sua mão.

Agora entendendo o que Amir falava, sua pele alva estava avermelhada de vergonha. Hope, ruborizada, olhava pra baixo com as mãos atrás das costas, ao mesmo tempo em que fazia círculos imaginários no chão com os pés.

Vendo sua vergonha, Amir se encaminhou até a menina, conduzindo-a a uma enorme cadeira com mais almofadas do que as outras para ela alcançar a mesa.

Dando início ao banquete, erguera uma taça de vinho e esperando que Hope levantasse a dela, juntos ofereceram o primeiro gole para Amira.

Comendo e bebendo feliz, Hope há tempos não se sentia tão querida dessa forma. Havia uma mistura de felicidade e tristeza, pois sua família não estava ali para juntos aproveitarem. Escorrendo lágrimas de seus olhos, as tintas que estavam por ali acabaram borradas, fazendo com que chamasse a atenção de Amir que, ao percebera sua ilustre convidada chorando, a pergunta o que a deixara assim.

Encarando o rei soluçando de tanto chorar, a pequena Hope agarrara o braço do homem em um abraço desajeitado e então respondera:

— *Tô* com saudade da m-minha...minha mamãe...e do meu papai. E também do chato do Thomi! Eu queria que minha mamãe, meu papai e o Thomi pudesse estar comendo comigo. Eu não sou nada sem eles! — E assim voltara a chorar aos berros chamando atenção toda para ela.

O Sultão então se comovera com a tristeza da menina e lhe abraça em tentativa de consolo. Mesmo sua face estando muito engraçada com a pintura toda borrada, ninguém rira. A menina pedira para ir se deitar, não queria comer e imaginar que o irmão estaria passando fome, escondido e perdido por aí. Concordando, Amir pedira para que sua serva a conduzisse até o seu quarto. Todavia, quando estavam saindo da sala de jantar, a pequena voltara correndo pegando uma coxa do frango assado, devorando-a acompanhada de uma caneca de vinho tinto.

— *Tô* triste pelo Thomi, mas também *tô* com fome. — E seguiu a serva rindo envergonhada.

Chegando ao seu quarto, Hope pulara entre as almofadas, chorando abraçada com inúmeras delas e batendo os pés. Sozinha no quarto, ela adormecera com ajuda do vinho que tomara anteriormente.

Sonolenta Hope fora acordada com alguém mexendo em seu cabelo, espantada, com o rosto todo manchado e com os olhos abertos brilhando, notara que era seu irmão.

Estava deitada no colo do menino que ria de seu rosto todo sujo. Abraçando-o por um instante, logo se afastara, começando a balançar-lo pelo ombro enquanto gritava com ele:

— Onde você *tava* seu chato? Eu *tava* preocupada com você! Eu não comi direito pensando em você! Você deixou eles me pegarem e não me ajudou! Onde você *tava* seu bobo? — Perguntara realmente enfezada com o irmão.

— Cuidado com o que fala com o diabo em pessoa, hem. Estou te seguindo desde que pegaram você. E eu não te ajudei porque tinha muitos guardas! E como eu ia levar você? Eu não

aguento com seu peso: é muito gorda pra te carregar nas costas. Está ficando cada vez mais gordinha com tanta comida! — Ele rira apertando a barriga da irmã com o dedo. — Eu acompanhei você até aqui! Você não lembra, ficou desmaiada por dois dias... Te traziam comida pra você e eu comia tudo. Você não acordava mesmo! — Thomi parara de falar, pensando por um instante.

“Também tenho sonhado inúmeras vezes que *tô* sendo perseguido. Eu sempre *tô* amarrado e tem um homem tentando me machucar! Não importa o que eu faça parece que *sempre* continua o mesmo pesadelo. Uma hora esse homem é gordo e vermelho... Em outra é um magrelo de cabelos pretos.... E enquanto você dormia eu sonhei novamente com isso” — Parou pensando amedrontado.

— Bom voltando... Cuidei dos seus machucados enquanto você roncava igual um porquinho! Me escondia quando alguém aparecia. Vi você tomando banho e a menina pintando você. Ficou linda! Pena que é chorona e manchou tudo, *princesinha*. — O menino rira novamente apertando o nariz da irmã.

Thomi então, ainda rindo, acariciava a irmã que agora já não chorava mais, somente seus olhos tremiam de felicidades por ver seu irmão. Em meio a isto, Hope contara que o rei queria conhece-lo e agradece-lo por ter matado o homem que assassinara Amira e, com um pouco de resistência, Thomi finalmente aceitara ser apresentado para o sultão Amir.

As estrelas e a Lua já eram vistas quando bateram na porta do quarto de Hope.

Era Amir.

Thomi estava escondido nas sombras no canto da sala apenas espiando, enquanto Hope conversava com Amir:

— Me desculpa ter saído da sua festa! Tenho uma coisa pra te contar, mas não pode ficar bravo? Encontrei Thomi! Ele veio até mim e aceitou conhecer você. — Pedira a menina de cabeça baixa enquanto o espiava.

Amir perguntara então onde ele estava, descobrindo que ele estava ali mesmo na sala e logo a pequena o chamara. O menino deixara as sombras causando terror no coração de Amir.

O rei estava perturbado com a presença de um menino dois palmos maiores que Hope surgir da escuridão. Seus olhos eram iguais os da menina, mas ao invés de felicidades e esperança, era notório a morte, a dor e o sofrimento sendo expelidos de seu olhar. Thomi era pálido como a irmã, apenas os cabelos embaraçados eram mais longos e loiros que o dela. Ainda era notório que por todo corpo se mostravam inúmeras cicatrizes, suas roupas estavam rasgadas e empoeiradas.

Fora assim que Thomi se apresentara.

— Sou Amir Malik Alramal, rei de Bahr Araml. — Engolindo em seco o medo, Amir esticara a mão para o menino que aceita o cumprimento.

Estava mais calmo em ver que em sua frente era apenas um menino magricelo e se forçou a lembrar de que inúmeras vezes sua filha fora salva por Thomi.

Emocionado, agradecera lhe oferecendo para que se arrumassem para o jantar, advertindo Hope que, acompanhada do irmão, não precisaria chorar e fugir. Pede que ambos tomem banho.

Esta noite jantariam apenas os três e, assim que estiverem prontos, seriam acompanhados até os jardins.

Hope levava Thomi até a sala onde tomara banho no dia anterior e juntos, brincaram na água refrescante; sempre haviam tomado banho dessa forma. Ambos perceberam que as cicatrizes se multiplicaram em ambos enquanto um esfregava o outro com bastante espuma.

Hope então questionara o irmão:

— Por que você se machuca tanto, hem, *Te?* Parece que gosta de se machucar! Foi você que me salvou várias vezes não foi? Quando aquele gordo me pegou no rio... Mesmo a noite quando eu estava com a Amira, era você, né!? Você matou mesmo aquele gordão e os filhos dele? Não tinha outro jeito de fugir? Como fez isso? Você não judiou deles, judiou? — Como de costume, todas as perguntas haviam sido feitas sem tomar folego.

Thomi já estava acostumado com os ataques repentinos de perguntas de Hope, sempre se mantendo quieto. E dessa vez não

fora diferente, somente continuara esfregando um tecido com espuma no rosto ainda todo manchado da menina.

Eles riam e jogavam água um no outro quando a mesma jovem que trouxera as roupas mais cedo, entrara novamente com as roupas para eles. Ajudara novamente a menina se vestir agora com calça e corselete de mangas longas azuis, enquanto nos pés agora fora posto dois sapatos que nas pontas se enrolavam como um caracol.

Após Hope estar pronta, fora à vez de Thomi. O menino saía da banheira um pouco incomodado em ficar nu em frente da jovem. Por fim, acabara vestindo um colete verde combinando com calça e sapatos iguais ao de Hope.

Prontos ambos seguiram a serva até o gigantesco jardim que continha o caminho todo iluminado até uma mesa entre as flores e árvores, deixando os irmãos impressionados com o luxo presente em todos os detalhes.

A mesa estava posta com duas grandes aves assadas e inúmeras frutas, queijos variados e jarras de vinho. Amir ficara em pé esperando que o casal de irmão sentasse a sua frente, um ao lado do outro. Comeram e beberam sem conversarem, sendo apenas audível alguns risos de Hope, que mastigava e bebia como nunca, especialmente agora que com a presença de seu irmão impossibilitava que seus olhos manchassem seu rosto de tinta.

Acabando de comer, as crianças voltaram para o quarto. Hope fizera questão de que Thomi ficasse com ela quando um quarto fora lhe ofertado. Por fim, dormiram abraçados enfim conseguindo descansar entre as almofadas fofas.

Amir abria a porta e espiara afim de confirmar se estava tudo bem, mas assustou-se com duas pequenas bolinhas na escuridão o encarando. Estas pequenas bolinhas eram de cores diferentes: uma era verde, a outra, roxa. Thomi o encarava atentamente.

Desculpou-se, desejando bons sonhos, retirando-se dos aposentos das crianças; estava pálido e trêmulo por causa de Thomi. Entanto, no restante da noite os irmãos dormiram tranquilamente, mesmo que Thomi, a qualquer menor som, despertava e esperava.

O ritual de comer e dormir se repetira durante dias. E vestidos como os moradores da região, passeavam pelas ruas arenosas, conhecendo a culinária da região, animais e diversos transeuntes.

Os irmãos andavam sobre seus animais de antes. Hope nomeara o seu bichinho de Babão enquanto Thomi chamara o seu de Feioso.

Enfeitada pelos aromas diversos, Hope deixara Babão caminhando até a barraca cheirosa enquanto Thomi levava os animais até um cocho na sombra e esperou sua irmã sentado no ponto mais escuro de uma passarela. Quando a mais nova voltara, Hope estava munida de dois frascos de perfumes que, ao se aproximar de Babão guardara os frascos e logo em seguida chamou por Thomi:

— Thomi onde você está? Está por aqui? Aí! Por que faz isso? Eu vou ali ver aqueles negócios que queima a língua!

Aproximando-se de uma barraca, perguntara a vendedora:

— Moça, o que é esse negócio que queima minha língua? — Falava devagar e apontava para a fruta pequena e comprida e depois para sua língua.

— Não é preciso falar assim. Eu entendo o que você fala, criança branca. Isso se chama pimenta. Existem inúmeros tipos, as que queimam mais e as que são moídas. Tome cuidado, isso pode te fazer mal! Leve de presente este pacote de pimentas moídas e se gostar você pode comprar mais, o que acha? — Dissera a vendedora ao entregar para a menina um saco com diversas pimentas moídas.

Feliz, Hope voltara até Babão mais uma vez para guardar seu novo presente.

Alguém estava puxando Babão para o fundo do corredor, fazendo com que Hope corresse até ele. Antes mesmo que conseguisse falar e sem enxergar no escuro, com olhos acostumados com a claridade, trombara contra Thomi jogando pimenta em seus olhos azuis.

Sem enxergar direito, Thomi corra pela rua sem parar seguindo em direção do grande rio. A menina em pânico com só um pouco de pimentas nos olhos, saíra à procura do irmão, sendo facilmente localizado, já que o menino corria trombando, caindo e

levantando pela rua. Hope corria logo atrás, gritando irritada atrás com o irmão.

— O que está acontecendo, Thomi? Espera! Para com isso? Onde você *tá* indo?

O menino trombara em inúmeras pessoas e barracas, só parando de correr quando não vê uma barraca com um telhado muito mais baixo, batendo com a cabeça e caindo. A menina o alcançara tentando falar com ele, mas ao chegar perto, notou que os olhos do irmão, apesar de serem iguais aos seus, estavam vermelhos e quase cegos. A pancada da cabeça o fizera cambalear sem rumo. Hope se encontrava sem saber o que fazer; não sabia se o ajudava ou brigava com seu irmão.

Com várias pessoas ao redor vendo, o dono da barraca recolhia os inúmeros frascos coloridos que haviam caído com a pancada. Com as mãos na cabeça, o menino acordara e encarou sua irmã que ladrava ferozmente, mas logo parando. Ambos estavam com caras assustadas, encarando-se pela primeira vez. Hope, então segurou o rosto do irmão e fala com cara de pavor:

— As bolinhas dos seus olhos! O que aconteceu com elas, Thomi?

## 9 CURA MILAGROSA

Era um dia ensolarado nas planícies verdejantes próximas de West County. Heks, a curandeira, atendia mais um o pedido de ajuda no campo. O pedido era de um camponês que havia se machucado gravemente arando a terra.

Cófil, seu filho a auxiliava, levando as ervas que ela usaria como unguento para a curar o ferimento. Ao chegar ao local do acidente, identificara que o homem quebrara a perna, e logo descobriu que havia sido causado quando cavalo se assustara com uma cobra, guinando para o lado oposto de seu condutor, arremessando o homem sobre algumas pedras.

O filho então preparou uma mistura de diversas ervas seguindo as riscas, ordens da curandeira. Ao acender uma pequena fogueira no meio do arado, começou então a preparar a mistura enquanto Heks iniciava a cerimônia de invocação da entidade protetora, assim abençoando a poção e propiciaria o poder de cura a si.

Com algumas rezas, a entidade lhe dera à benção necessária para o osso do camponês voltar ao normal.

Sua poção não servia para a cura sozinha, somente diminuía a dor do membro fraturado.

Durante a noite deste mesmo dia, a curandeira começara a sonhar com um ser iluminado e alado que conversando, uma proposta acabara sendo feita pelo ser de luz:

— *Meus servos irão visitar você! Eles já fizeram o voto de fidelidade e vão ajudar você a realizar o seu. Com sua ajuda poderei viver neste mundo e mostrar meu poder. Todos meus fiéis servos serão sempre abençoados por mim. Florescerão ao meu lado.* — Emanando um fulgor do mais puro que o branco, o ser angelical sussurrara em seu sonho.

A voz melodiosa fizera com que o coração de Heks se enchesse de felicidades e esperanças. O espírito a acompanhava desde o nascimento de Cófil que havia nascido morto e, suplicando



pela benevolência de Milkar, a mesma viera abençoá-la e salvara o pequeno bebê.

O menino desde o início de suas primeiras palavras prostrava-se agradecendo a Milkar por sua vida. Apesar do menino de cabelos claros e olhos pretos ter uma mãe jovem, Heks parecia ter envelhecido muitos e muitos anos após seu nascimento.

Cófil agora com doze primaveras estava radiante cheio de saúde e vida, enquanto sua mãe, estava uma velha decrépita mesmo com o triplo da idade do menino.

Na manhã seguinte do salvamento da perna quebrada, o menino ordenava suas vacas enquanto sua mãe o observava e, mais uma vez, escutara a voz de Milkar:

— *Será difícil para você, Heks Mas com essa benção não sentira mais dor quando estiver a seu lado. Meu poder será infundável ao me servir! Em mim terá o conforto eterno, pois serei onipotente e onipresente.* — Milkar conseguira se pronunciar mesmo com Heks acordada.

O menino quando vira sua mãe conversando sozinha, deixou o leite sobre a mesa e pergunta:

— Mamãe, com quem fala? É com Milkar novamente? Se for com ela, a agradeça. Diga que sou grato e minha vida é devota e pertence a ela! — Disse o menino com as mãos prostradas.

— Sim, é com ela, meu querido. Ela disse que um sacrifício meu será a maior forma de agradecimento. Ela sabe como você é grato! Ela também me disse que nossos dias de sofrimentos estão prestes a acabar. — Contou Heks com as mãos no rosto do menino.

Sorrindo, o menino agradecera sua mãe com um abraço e logo pegou um pedaço de pão e saíra para os afazeres do pequeno pomar que era uma pequena plantação de ervas medicinais que sua mãe possuía e dos demais animais.

Passara o dia todo trabalhando pesado. Estava com fome e cansado.

Indo até o riacho perto de sua casa, despiu-se entrando na água morna e observou a grande Lua surgindo no horizonte. Ficou por lá, descansando, de mais um dia duro, até sua barriga avisar novamente que precisava comer.

Indo até a casa preparar alguma coisa para comer, percebera que sua mãe já dormia. Vestiu apenas uma calça e logo pegou um pedaço de pão e um pouco de leite, sentando-se na janela e feliz balançando os pés. Comera admirando a Lua e a imensidão do céu noturno cheio de estrelas e logo após comer, lavou os pés e se deita em sua cama para dormir, mas não sem antes agradecer ajoelhado por sua vida à Milkar.

Durante os dias ensolarados, o menino repetia sempre as mesmas tarefas, exceto em dias que ia até a cidade trocar algumas mercadorias na feira, sempre sozinho.

Chegara o dia de ir até West County trocar frascos de unguentos por outras mercadorias.

Cófil era um menino simples; sempre descalço, sorrindo e educado. Ele não gostava de usar animal algum para puxar a carroça, fazendo ele mesmo esse árduo serviço. E embora sempre se machucara no trabalho, nunca surgira cicatrizes. Elas sempre fechavam as contusões e os cortes instantaneamente. Ele também não se lembrava de quando ficara doente, mesmo andando ou trabalhando na chuva sem proteção.

Alguns comerciantes não gostavam da presença do menino perto de suas bancas, afugentando-o. Era pobre e a fama de que sua mãe era uma bruxa afastava qualquer tentativa de aproximação. Todavia ainda existiam outros que gostavam da simplicidade do menino, oferecendo sempre mais produtos em troca dos que o menino levava.

Ficara até tarde na cidade e ao sair dos portões de West County, já era noite. E agora sua parceira era a Lua que tanto gostava de observar. Seguindo pelo trajeto acidentado até sua casa, percebera que andava sozinho mais do que nunca. Não havia *ninguém* nas ruas de britas da cidade e nem nos caminhos de terra perto de sua casa.

Chegando a sua casa e guardando as coisas que buscara para sua mãe na cidade, encaminhou-se até o riacho afim de tomar um banho. E enquanto se esfregava feliz, observou um grupo de pessoas subindo a pequena montanha onde sua casa fora feita.

Conforme se aproximaram, o garoto conseguira identificar cinco pessoas ao todo, cada um com uma tocha nas mãos.

Estava acostumado a ter pessoas em sua casa em diversas horas pedindo ajuda, assim continuando a se banhar de costas para sua casa.

O menino não percebera que estava sendo examinado, permanecendo boiando na água de olhos fechados até que escutara galhos quebrando. Olhando para trás assustado, encarou os cinco homens na beira do riacho o admirando. Fazendo então com que saísse da água sem jeito e colocando sua calça.

— Olá... Sou Cófil, vocês desejam alguma coisa? — Perguntara gentilmente aos homens estranhos.

— Olha só, era você mesmo que procuramos, menino! — Riu um dos cinco homens encapuzados.

A voz masculina ao terminar de falar, retirara um martelo de suas costas, acertando a cabeça do menino, de maneira que tivesse acertado o queixo contra chão. Forçando a se levantar, arrastou-se sem rumo, tropeçando pelo solo enquanto apoiava a mão na cabeça, assustado e chorando.

Os homens encapuzados o seguiram, alcançando-o facilmente. Com outro golpe no corpo cambaleante, acertara desta vez o meio das costas do menino, jogando-o de joelhos. Com as fortes pancadas, o garoto deixava um rastro de sangue pelo capim que atravessava.

Forçou-se a se levantar, ainda que vacilando, correu trombando contra as árvores sem enxerga-las direito; sua visão fora afetada. A dor estava quase o nocauteando.

Próximo ao pequeno rio, o menino semi-cego, não notara mais uma martelada contra a parte lateral de sua cabeça, fazendo com que enfim caísse desacordado, rolando até as águas calmas do córrego.

O caçador ao entrar no rio, limpou o corpo do desacordado. O sangue tingiu o cabelo loiro de vermelho. Finalmente com o menino limpo, colocando-o nos ombros, seguiu então rumo a casa de Cófil.

Ao se aproximar da casa, Heks abriu a porta também usando um capuz e recepcionara os cinco indivíduos que traziam consigo o menino. Dentro da casa, o pequeno fora jogado com força sobre a mesa próxima à lareira e, com uma faca, a calça é cortada fora o deixando nu.

Virando Cófil de barriga para baixo um dos indivíduos passava pelas vigas do teto quatro cordas com ganchos e duas que usaria para controla-los.

Esticando e segurando as pernas do menino para trás, os ganchos são enfiados em seus tornozelos e, mesmo causando muita dor, ele ainda permanecera inconsciente.

Após ambas as pernas serem espetados, fora à vez de os braços que haviam sido esticados para trás e cruzados.

Somente então o menino acordara; estava desesperado e, ao reconhecer estar em sua casa finalmente sentira a dor de suas penas e braços esticados atravessados por ferros. Chorando, o menino chamava por sua mãe, entretanto suas forças já haviam sido diminuídas pelos golpes na cabeça, só conseguindo mover os lábios.

Com o menino gemendo e suplicando, a mesa então fora retirada. O peso de seu corpo era agora sustentado pelos tendões apunhalados.

Dois dos encapuzados começaram a puxar o menino para cima enquanto agoniza inaudivelmente, clamando por sua mãe.

Heks apenas entregara um espeto longo e sem ponta para o líder dos homens, que se encontrava imerso em uma de suas poções contra dor até aquele momento. Com o menino suspenso, o sangue escorria pelas lesões da cabeça em grande quantidade. A mulher logo colocara um caldeirão para recolher o líquido vermelho e com a vara nas mãos, o homem se aproxima das pernas tremulas do menino e com calma, começara a empalar Cófil que de início não sentira nada já que a dor em suas pernas e braços eram piores.

Ao começar ao romper o tecido do intestino o homem tomara cuidado para não matar o menino de uma vez, desviando dos órgãos nobres. Estourara a bexiga passando pelos rins, e logo atravessara o pâncreas, em seguida do fígado, estômago, e quando chegara ao esôfago, era possível ser visto o bastão alargando seu pescoço e

apontando na boca escancarada.

Tudo era regido pela orquestra dos sons de carne estourando, do choro, gemidos e dos gritos abafados pela traqueia e faringe rompidas.

Terminando o lento e doloroso ato de empalar o menino, dois homens seguraram em cada lado do mastro e, com movimentos de gangorra, ergueram e abaixaram o espeto de forma desorientada, destruindo tudo que restava ainda inteiro dentro no menino. Durante poucos minutos erguendo e abaixando o ferro, os facínoras que seguravam na parte da frente, puxaram-no para fora atravessando o menino por completo.

O menino em choque vertia muito sangue pelo ânus, enquanto pela boca, vomitava fragmentos de seus órgãos. Com a aplicação da poção e de sua especificidade, Cófil não morrera de imediato.

Regurgitando partes dele mesmo, começara a ter nacos de seu corpo retalhados por dentes lisos. Em seus pés, coxas, costas e braços, surgiram mordidas famintas que se aumentavam ligeiras com o corpo balançando silenciado.

A orquestra diabólica era regida reverberando ao som de carne crua mastigada e pelo um fio de sangue fluindo da boca inerte.

Saciados com a carne do menino, Heks seguira até seu rosto, acordando-o gentilmente. Cego de um olho e sem poder falar nada apenas, encarara sua mãe.

— Isso é por Milkar, meu filho! *Ela* quem pediu isso. Ela quer você junto dela, meu querido! — Sussurrara ao ouvido do menino.

Com o único olho sobrando, espantado absorvia o que acabara de ouvir. Aquela pra quem rezou e era grato por toda sua vida, pedira para ele sofrer dessa forma. Entretanto, seus pensamentos não duraram por muito tempo, Heks colocara a mão direita na boca de seu filho e, com a esquerda, furara o olho direito que já estava cego.

Fazendo uma grande força para abrir a boca do menino, conseguira deslocar o maxilar. E, aplicando mais força ainda, sentira

os músculos e nervos sendo rompidos, deixando o queixo do menino totalmente pendurado.

Essa agressão o fizera ficar em estado de choque novamente; sua cabeça tremia violentamente acompanhando seu corpo. Na velocidade em que seu corpo tremelicava, o tempo lá fora se transformava. Trovões e raios cortavam o céu e davam início a uma chuva torrencial no momento dos espasmos.

Com uma faca trazida pelo homem de capuz, Heks a enfia na barriga do menino, que se contorcendo, sentia suas entranhas destruídas no caldeirão, escapando pelo corte do umbigo até o pescoço. Ainda com um sopro de vida, a faca fora enfiada entre as nádegas do menino, que, sem fazer força, partira-se ao meio.

Ao atravessar o corpo as duas partes iguais do menino balançaram penduradas pelos ganchos sem vida acabando com toda sinfonia atroz. A mesma faca era mais uma vez usada e novamente o corpo de Cófil era partido ao meio novamente, acabando por ser dividido em quatro.

Retirando as quatro partes de Cófil dos ganchos, acabaram sendo assados em espetos na lareira. O cérebro cortado ao meio era posto junto das entranhas; o coração era devorado por Heks enquanto ainda batia pelos reflexos nervosos. Milkar então falara a todos:

*— Com esse sacrifício eu posso sentir o gosto da carne de seu filho Heks. Reparto com você, uma parcela de meu poder. Você irá fazer uma manteiga com as vísceras de Cófil. Esta noite, me esbaldarei com a carne saborosa, doce e pura de seu filho. Com a ajuda de suas línguas sentirei o sabor dele. A muito não sentia o gosto da dor e agonia de uma criança entregue a mim! Agora posso sentir o gosto novamente de uma alma.*

*“Amanhecendo, meus servos entregarão dez bonecos feitos com os cabelos de Cófil feitos durante a noite. Banhando os bonecos de manteiga tentará controlá-los com meu auxílio. Tudo correndo como deve, poderei então ressurgir em um corpo físico, não mais apenas como uma voz. Até o fim da noite, comam da mesma carne desse cordeiro, essa noite é de festejo, aos poucos terei poder suficiente para estar entre vocês!*

Quando a carne já se soltava dos ossos nos espetos, o banquete macabro se iniciara. Ao terminar de comer Heks pegara o batedor de manteiga despejando as vísceras do menino o batendo até que se tornassem uma pasta.

Com o Sol tapado pelas densas nuvens de chuvas, os servos de Milkar entregaram os dez bonecos para Heks e somente então Milkar voltara a falar.

— *Existe dez seres que possuem poderes, esses bonecos precisam ser nomeados como Nachti Gall, Imi, Tóunão, Shaytan, Miura, Gewitter, Dunkelheit, Rabi, Shoiú e Kyōry Okuna. Batizando-os na manteiga feita de seu filho Heks, irá repetir as palavras necessárias para terminar o ritual.* — Anunciara a voz no ouvido da velha.

Quando a mesma terminara de batizar os nove bonecos, a voz se pronunciara novamente:

— *Agora repita comigo: Me escutem seres mágicos. Os invoco! Aqueles que procuram por poder, darei a meus servos o que procuram. Ao som de minha voz eu os invoco, sirvam a mim e terão a vida eterna. Irei pessoalmente propor o poder de Milkar. Oh existências maravilhosas: Nachti Gall, Imi, Tóunão, Shaytan, Miura, Gewitter, Dunkelheit, Rabi, Shoiú e Kyōry Okuna mostre-me onde estão. Ou se apresentem a mim.*

Repetira inúmeras vezes o chamado. Estava sobre uma forma de controle da mente através do poder gigantesco de Milkar. Não demorara de ser ouvida, sentiam um chamado para ir ao encontro de Heks e consolidar o pacto.

A primeira a ouvir e ser afetada pelo encanto fora Gewitter uma jovem nobre das terras frias. Havia estudado magia com seus tutores, podendo dominar por completo os trovões e raios. Era uma jovem ambiciosa que desejava ter tudo e controlar a todos. Apaixonada pelo poder, sucumbira ao controle chamado de Milkar.

A chuva agora já transformara o riacho do qual Cófil se banhara em um rio de águas ferozes. E em um trovão, a jovem Gewitter surgira na porta de Heks e, ao adentrar na velha casa, apresentou-se de joelhos.

— Sou Gewitter, estou a seu dispor mestra Milkar.

Heks, sorrindo maravilhada com a demonstração do poder de Milkar vê a jovem em sua frente rodeada de pequenos raios reluzindo na casa escura. A jovem vestia uma armadura completa, adornadas por pedras preciosas. A velha bruxa então questiona Gewitter:

— Você será a única que virá? Se for, preciso de sua ajuda para encontrar os outros nomes.

A jovem loira olha para a velha com desdém como se não houvesse dado ouvidos a ela. Irritada, a velha desferira um tapa violento no rosto da jovem.

Com a mão ainda suja do sangue de seu filho, ao tocar a face da menina, Heks fora arremessada na parede de barro ao fundo, por ter recebido uma faísca ao encostar na pele de Gewitter. A jovem então se levantara apontando o dedo e gritando histérica para a velha:

— Como ousa me atacar sua velha maldita, com quem pensa que está lidando? Sou Gewitter, a rainha dos trovões, venho em encontro de Milkar, não de você sua velha pestilenta!

Heks ficara encolhida ouvindo a voz ardida da jovem flutuante com dezenas de raios em sua volta. Milkar somente então falara na mente de Gewitter:

— *Acalme-se Gewitter, essa velha é nossa aliada, vocês trabalharam em conjunto para mim agora. Eu preciso dela, estou habitando seu corpo por enquanto. Através desse corpo velho manterei contato com o mundo dos vivos. Busque pelos outros nomes, não consigo sentir os outros. Busque-os! Estarei presente sussurrando e auxiliando você na busca!* — Terminara de falar. A voz saindo de Hecks. — *Vamos, Gewitter Você pode nos levar até as outras duas. É a única que pode se mover através dos ventos! Vamos até o vulcão adormecido perto de Rocky Forest buscar a tal Imi.* —

Um raio caíra destruindo a velha casa onde Cófil fora brutalmente morto em nome de Milkar. E com o poder da jovem loira, viajaram juntas dentro do flúmen, deixando para trás os escombros da casa.



Instantes após saírem das terras alagadas pela chuva se encontram em um vulcão adormecido.

Dentro da cratera do vulcão, morava um ser mágico como Gewitter, indo até lá investigar se os sussurros de Milkar haviam surtido efeitos no coração de Imi. Ambas caminharam em uma vastidão plana, de chão duro, a procura de algum vestígio de vida. O poder sentido por Milkar não era preciso, apenas apontava para aquela região.

Vasculharam em cantos escondidos, nas fendas das crateras, até que finalmente acharam uma casa simples feita de barro vulcânico coberto com galhos secos.

Ficaram atentas longe da casa, escondidas entre pequenos morros de terra, observando se estariam seguras em continuar a caminhada.

O que não sabiam, é que também eram observadas. Ao saírem de trás dos pequenos morros, um clarão cegara as duas, atingindo-as por uma esfera incandescente com mais de três metros.

Em uma grande explosão, as duas visitantes foram arremessadas em chamas contra o chão. Com o corpo todo carbonizado, Heks não se movia; Gewitter apenas tivera sua capa e a pele queimada, enquanto sua armadura dourada não sofrera nenhum dano e a protegera da morte certa.

Gewitter, levantando-se do chão limpando o sangue da boca, e com raios nos olhos, flutuou levantando grandes ondas de vento, ameaçando seu atacante.

— Pagará caro por sua insolência! Não importa se seria minha aliada, morrerá seu ser maldito! — Gritara histericamente.

Enquanto flutuava, mais quatro bolas de fogo explodiram jogando Gewitter desacordada a centenas de metros. Desta vez sua armadura parcialmente derreteria, deixando o corpo da jovem exposto. Caindo no chão e rolando violentamente, sua armadura avariada se desprendera quase por completo.

Caminhando até as intrusas, o ser mágico se revelara como uma jovem de vestido simples e cabelos azuis. E ao ver que a velha se contorcia, mais uma bola de fogo fora preparada em suas mãos.

Estava preparada para liquidar o ser que emanava maldade; a bola de fogo seria lançada. No instante que a mão da jovem de cabelos azuis ia até ao céu carregando seu poder, um raio a atingira no peito, jogando-a no chão.

Com o corpo tomado por chamas, saltara como um meteoro em chamas, desferindo inúmeros socos e chutes em Gewitter; cada golpe terminando em explosões no corpo de Gewitter. Ambas se socaram, chutaram, criando pequenas crateras na terra onde se atingiam. Ambas estavam ensandecidas se engalfinhando.

Gewitter levava o pior na luta corpo a corpo, começando a apanhar sem conseguir se defender.

Após minutos socando sem piedade o rosto da jovem loira, consegue a desmaiar. Distraída não percebe a velha se aproximar e assopra nos olhos da menina de cabelos azuis. Instantaneamente com as mãos nos olhos cai de joelhos, a jovem grita como se os seus olhos derretessem.

Pegando um boneco, Heks se aproximara ajoelhada e, fazendo um corte no peito da mulher, passou o sangue da jovem no boneco, fazendo-o pegar fogo, virando cinzas.

Ao cair a última cinza, a jovem de cabelos azuis caíra ao chão com espasmos.

Com outro boneco nas mãos, aproximou-se de Gewitter e repetira o ato, fazendo com que a jovem loira começasse estremecer no chão.

Heks agachou-se e colocou a mão sobre a cabeça de cada jovem que imediatamente soltaram gritos aterrorizantes, desmaiando em seguida.

A velha arrastara com dificuldade as duas jovens desacordadas até a casa, deixando-as encostadas na parede. Quando acordassem precisariam fazer uma viagem longa até o extremo oriente. E mesmo com os poderes de Gewitter, lhe restava pouco tempo. Mas o que Heks não sabia era que ambas ficariam desacordadas por duas noites.

Seu encanto não duraria muito, de modo que colocaria seus planos em risco.

Meditando, Heks escutara a jovem de cabelos azuis gemendo e acordando. Ao se aproximar, puxa os seus cabelos e logo lhe fazia

uma proposta.

— *Olá Imi, tenho uma proposta, posso fazer você ter seu tesouro de volta. Mas precisa me dar seu sangue como prova de lealdade. Você aceita me servir para no final ter aquilo que deseja?*

Concordando com a cabeça, Imi começava a espumar pela boca, caindo no chão convulsionando. Ao parar de tremer, seu cabelo azul como safira começava a perder a cor, tornando-se claros como o céu visto através de nuvens finas.

Aproximando-se de Gewitter, Heks puxara seu cabelo e lhe propondo:

— *Sirva meu propósito e será a princesa que sempre quis ser! Certamente com seu poder irá conquistar e controlar qualquer reino que desejar. Você aceita ser minha?*

Gewitter encarara a velha decrepita concordando com ódio nos olhos e, igualmente à Imi, contorceu-se espumando com espasmos.

Recitando um mantra indecifrável, Heks fizera com que ambas acordem de uma vez.

— *Levantem-se. Agora poderão me ajudar a recrutar os oitos restantes. Precisamos cruzar continentes e oceanos até o oriente, lá estará outro ser mágico como você; talvez a única que aceite meus termos dos restantes. Vamos visita-la primeiro! Precisamos nos apressar, não tenho muito tempo, ou estarei presa nesse maldito corpo velho. Apressem-se!* — Dissera apontando para fora da casa.

— O que fez comigo? O que está acontecendo, sua velha filha da puta? — Em chamadas, Imi se levantara gritando com Heks.

Enquanto Imi a ameaçava, Heks assoprara um pó em seus olhos, mantendo-a sobre seu controle novamente. Rindo a velha fala com sua voz rouca:

— *Levante sua jovem imbecil, vamos logo para o oriente, reconstituirei sua armadura e criarei uma para você Imi, sobrou um pouco de manteiga de sangue para ela.*

Com o cair de um raio, as três foram levadas deixando apenas a fagulha do impacto acesa.

Ao saírem da cratera, o vulcão começara a tremer; seu espírito não estava mais adormecido, as chamadas urgiam pelos ares,

pássaros fogem afugentados devido a aproximação das grandes nuvens de fuligens e grandes bolas flamejantes salpicando de fogo tudo o que tocava pintando de laranja e vermelho todo o cone antes arenoso. Tudo que foi atingido pela lava derretia aumentando a velocidade e quantidade da destruição que carregava consigo.

## **10 ATORMENTADO**

Entre os troncos altos da floresta perto de Forest City um grupo de garotos se aventuravam pela noite procurando pela nova lenda local do lobisomem; uma fera que matara dois meninos com intervalo de dez Luas. O monstro devorara os desavisados durante passeios perto da floresta.

O xerife local apenas advertira para que ninguém se intrometesse perto do velho cemitério, local onde os corpos em pedaços foram achados.

Tratava-se de uma floresta densa do tipo tropical e com uma intensa vegetação rasteira; os rios vastos formavam lagos temporários, por conta dos transbordos pluviais constantes.

No vilarejo de Insel, os moradores enterraram os restos de dois meninos ainda durante a manhã; sair perto da noite era uma aventura e talvez burrice para poucos.

As crianças foram encontradas esfaqueadas pelo coveiro; o cemitério velho nunca fora tão assustador.

Cansados de ficarem impedidos de andar durante a noite, os garotos mais aventureiros, ainda pivetes, queriam vingança pela morte de seus amigos.

Saindo a noite, com a Lua semelhante a um sorriso tombado entre as estrelas, escondidos de seus pais o grupo de sete meninos, armados com facas de cozinha, esgueiraram-se pelas cercas do vilarejo simples de chão de terra.

O líder, de cabelos pretos curtos, pedira para que não adentrassem sozinhos na floresta. Desta maneira, dividira os meninos em grupos, sendo o seu um trio. Por não gostar de dois meninos em especial, ordenara que fossem até o extremo sul do cemitério que fazia parte do pequeno vilarejo; seria o lugar mais distante de si.

— Lembrem-se: não podemos acender tochas ou velas. Não queremos facilitar para a fera nos encontrar. Vamos pega-la de surpresa! — Orientara o líder agachado entre eles.

Para chegar ao cemitério à caminhada lenta demorara por volta de uma hora.

Enquanto isto, a outra dupla seguira para a floresta e o trio, para à divisa com Forest City.

Quando os cinco alcançaram seus pontos de controle ouviram um uivo aterrorizante, não conseguindo identificar a direção que vinha. Desesperados, o trio se posicionara um de costas para o outro com as facas levantadas. Estavam prontos para matar a fera com a faca embebida em alho.

A dupla que estava nos grandes lagos depois da floresta, tinha em seu poder penas de galo, tendo certeza que a fera não os mataria. Sairiam vitoriosos graças as penas e levariam a cabeça do monstro como troféu.

Com as facas em punho, ouviram o segundo uivo.

Ficariam até o amanhecer vagando e torcendo para não achar o monstro, apenas o ouvindo ao longe.

Um pouco antes, no cemitério, os dois outros meninos estavam sentados em um grupo de pedras na entrada conversando. Um deles estava morrendo de medo:

— Estamos aqui já faz um bom tempo, vamos pra casa! Eles não precisam saber que estamos aqui. Eu não queria ficar com você. Sua família é nojenta! — Dissera um menino baixo e levemente rechonchudo.

— Ora, cale a boca, não seja mulherzinha. Você é mulherzinha por acaso? Não vou ficar parado aqui, vou lá dentro! Talvez ache alguma coisa legal. Quer vir? — Dissera o outro menino magro com um capuz entrando pela rua mal feita entre as covas.

Esperando sozinho na escuridão, garoto levemente rechonchudo e amedrontado, andara no escuro a procura de seu companheiro. Em meio às covas cobertas por pedras ovaladas, escutara um ruído à frente: parecia o barulho de pedras batendo uma na outra.

Jogando-se ao chão aterrorizado, tremera se escondendo o máximo que podia entre duas sepulturas.

Não demorara para que um rugido e um uivo atormentassem a mente do menino entre as covas. Erguendo os olhos e espiando se o monstro estava por perto outro uivo ainda mais perto ressoou. Quase urinando, começara a fazer suas preces, paralisado na escuridão escuta algo em cima da cova atrás dele.

Olhando com o canto do rosto, vira seu amigo com capuz de cócoras sobre as pedras, ficando instantaneamente aliviado, soltando um alto suspiro:

— Sabia que sua família era estranha... Saia daí sua aberração! Você vai chamar a atenção do monstro. — Praguejara o balofo.

O menino baixote fora interrompido em seu sermão quando seu companheiro de capuz soltara um uivo e pulava sobre si. Segurando os ombros do garoto e sentado sobre sua barriga, o encapuzado mordisca a bochecha rosada do outro, fazendo com que berrasse de dor. Sem uma parte do rosto, não conseguira sair do ataque traiçoeiro.

Em mais uma mordida seguida de uma cusparada do pedaço arrancado, o novo alvo fora o seu nariz. Afogando-se, espirrara contra o rosto do agressor o sangue engasgado.

O gordo fora mordido inúmeras vezes no rosto.

Seus gritos eram altos e, com a grande distancia, dava-lhe vantagem para uma boa diversão.

Rindo de forma grotesca, o menino magro rasgara a camisa do amigo, desdenhando:

— Sabe por que não mastigo sua barriga? Isso aí *tá* cheio de merda!

Aqueles seus dois amigos anteriores me ensinaram que o melhor pra se comer é a bunda e as pernas! —Virando de bruços sua vítima sem forças, o encapuzado ficara de frente para as pernas do gordinho. Tirando os sapatos e as calças com facilidade de sua vítima indefesa, o sangue do rosto mutilado formava uma poça na terra. Puxando o seu cabelo, sua voz saíra mais uma vez em um sussurro perturbador perto do ouvido.

— Apesar de ser um sujeitinho nojento, você parece macio! Será que eu corto sua carne agora ou esmago sua cabeça antes? Você tem a bunda e a perna macia sabia? Vou *adorar* comer elas mais tarde. — Terminara de ameaçar sua vítima abocanhando sua orelha.

Pegando a faca em sua cintura, cortara a carne das pernas até os ossos do garoto gordo. Uivando, deixava apenas os ossos de

ambas às pernas, cortando fora os pés.

O garoto gordo gritara até não aguentar mais; sabia que iria morrer em breve. Não demorou até que sentisse a faca adentrando entre as suas largas costelas.

— Agora que tirei as partes que vou comer. Posso furar suas tripas e espalhar merda para todo canto! Preciso me apressar se ainda quiser pegar os outros dois que estão nos lagos. E se eu for ainda mais ligeiro, consigo pegar todos esses malditos! — Tirando a faca cravada nas costelas do menino e pegando uma pedra grande, levantara-o o máximo que conseguia, lançando-a contra a cabeça de seu parceiro.

Com a pancada, a cabeça ficara parcialmente esmagada deixando o garoto gordo estrebuchando fazendo barulhos com a garganta engasgada com o sangue. Novamente se agachando, morde então o pescoço do garoto, rompendo uma grossa veia, espirrando jatos avermelhados para todos os lados.

Ao colocar a boca sobre o ferimento, bebe o líquido até vomitar:

— Mas que merda! Acho que exagerei dessa vez... Vou pegar os pedaços e por na bolsa. Acho que dá tempo de pegar os outros dois mais próximos... Terei *muito* prazer em comer essa carne gorda sua. Aqui é seu fim, seu gordo nojento. — Completou puxando o intestino do menino que agonizava até estoura-lo, logo depois partindo correndo até os dois meninos que estavam na floresta.

Com o intestino e os outros órgãos, saíra criando um caminho de sangue por todo o cemitério.

Correndo e uivando, passara aterrorizando os moradores do vilarejo, assustando ainda mais quem estava caçando o lobisomem.

Alcançando velozmente as árvores na floresta, na espreita, observara atentamente os dois meninos andando dentro da lagoa; eles acreditavam que se o monstro os visse, teriam maiores chances na lagoa.

Olhando pelas extremidades na beira do rio, o assassino avistara inúmeros animais compridos e escamosos, que mais pareciam estatuas olhando para o alto de bocas abertas. Saltando



entre elas, acaba as despertando. Quatro desses animais cheios de dentes, irritados e com fome o seguiram pelo canal raso até a lagoa.

Dentro da lagoa, os dois meninos avistam um de seus colegas correndo em sua direção. Continuando com os olhos fixos nele, intrigados o observaram parando e chamando alguma coisa.

Voltando a correr, o garoto se aproximara da dupla e saltando sobre eles.

Duas facadas e duas gargantas abertas.

Os meninos não esperavam esta traição e nem sendo atingidos em cheio.

Em instantes os animais escamosos atingiram os dois garotos sangrando no lago e, com suas bocas cheias de dentes afiados, abocanharam a dupla, deixando-os despedaçados.

Em instantes os meninos se tornaram apenas uma grande mancha vermelha refletindo a lua sorridente.

Apenas com o sorriso aparecendo no negrume cheio de neblina, novamente o assassino encapuzado voltava a se mover, desta vez em direção ao trio na divisa da cidade. Seguindo fora da estrada ao longe conseguira avistar as três crianças, uma de costa para a outra, sobre o arco divisor de cidades.

O trio também avistara um garoto ao longe com um uivo o seguindo.

O líder gritara então amedrontado:

— Não traga esse monstro para cá seu maldito! Suma daqui!

— Ordenou aos berros segurando a faca trêmula apontando para seu amigo covarde correndo em sua direção.

Conseguindo focar os olhos agora que estava mais próximo, o líder conseguira identificar ser seu desafeto correndo em sua direção. E que também, para o seu espanto, os uivos vinham dele.

Antes que pudessem se defender, uma faca fora arremessada na direção na testa de um dos garotos assustados. Ao ver o amigo cair morto instantaneamente com uma faca, não percebera que o assassino estava em frente deles. Estavam paralisados com a ideia de o menino ser o suposto lobisomem.

Ainda imóveis, viram-no pegar a faca cravada no morto caído com os olhos abertos e se levantar. Com um golpe seco, cortara a

garganta de um deles que o encarava petrificado; estava se afogando por estar sem ar e com sangue entrando em seu pulmão, por conta disto seus gritos foram afogados. Ainda tremelicando em desespero, dera alguns passos, caindo apoiado em seu antigo líder.

Sobrando apenas o líder tremendo e segurando a faca trêmula apontando para baixo, encarou seu assassino falando baixo:

— Foi você... Você matou aqueles dois meninos, não foi lobisomem algum, não é? Me diga por que fez isso! — Dissera o líder deixando escorrer lágrimas sem controle com as pernas tremendo fortemente.

Com um sorriso diabólico, o traidor com um golpe jogara a faca do líder no chão. Com a outra mão na boca do outro, empurrara-o até a parede do arco da divisa, encurralando sua presa e logo em seguida enfiando sua lâmina na barriga do garoto. Encarando o seu algoz, escutara-o sussurrando em seu ouvido lentamente.

Conforme saia às palavras o assassino, o mesmo dava leves giros na faca fazendo sua vítima gemer e chorar:

— Poderíamos ter sido amigos, poderíamos ser muito felizes juntos, mas você não quis, preferiu esse fim! Deixei você por último, não porque foi nosso ridículo "*liderzinho*". Deixei porque eu o achei o mais bonito... Desde que vi você à primeira vez, gostaria de ser seu namorado. — Ao escutar isso, o líder respondera tossindo grande quantidade de sangue.

— Me ajude, estou morrendo! Salve *minha* vida, eu serei *seu* namorado! Por favor, não me mate. Eu imploro... — Para a sua surpresa, o assassino começara a chorar ao ouvir as palavras. E antes que terminasse de falar, o outro lhe lasca um beijo.

Com reciprocidade do ato, o encapuzado começara desferir inúmeras facadas na barriga do menino sem soltar o beijo. Ao se afastar do corpo sem vida, de joelhos, chorara o xingando enquanto o menino escorrega devagar:

— Seu desgraçado maldito, por que escolheu isso? Seu desgraçado! Por que as coisas não são como devem ser? Por que fizeram isso comigo? Por que tinha que ser assim? Vocês me

enojam! O que eu senti por você foi muito forte e verdadeiro, mas você tinha que estragar tudo! — Gritara em sua mente.

O garoto com a garganta cortada tinha seus últimos instantes de vida. Assim, o falso lobisomem com sua faca, cortara-o em pedaços enquanto ainda estava vivo.

Repetindo o ato com os outros dois mortos, esquarteja-os.

Pegando os membros dos meninos, seguira até o rio com correnteza forte, desovando ali os pedaços que trouxera. Parando para pensar um pouco, jogara sua bolsa junto.

Esperou por um momento até que os membros sumissem nas águas velozes, somente voltando para pegar mais partes dos meninos.

O sangue do beijo que ainda estampava seu rosto conseguia ser visto no reflexo do sangue escorrendo daquele que amava. O olhar estampado do cadáver ainda continha a mancha de seu beijo impresso em sua boca. Somente então vira também no reflexo que sua roupa estava embebida em sangue.

Querendo que o lobisomem levasse a culpa pelas mortes, voltara ao rio com mais pedaços dos meninos, jogando também as suas roupas e logo depois entrando na água para se banhar.

Voltara para casa triste. Ao longe, já escutava o galo cantando. A noite tinha sido cansativa, tanto emocionalmente quanto fisicamente. Em sua casa, ainda chorando, o menino não tivera dificuldade em pôr uma nova roupa e se deitar na cama.

Quando o Sol iluminava a vila de pescadores, as pessoas começavam a pegar o caminho para fora da cidade até o rio. As mesmas conversavam sobre os uivos e gritos da noite até se aproximarem do arco da divisa, onde correram para observar as manchas vermelhas brilhantes vistas ao longe.

Ao chegarem, perceberam se tratar de três carcaças e, olhando mais de perto ainda, percebem se tratar de mais três meninos da vila.

Um homem voltara correndo para a cidade e, ao chegar, encontrara uma multidão formada. Havia um cadáver estripado que fora encontrado no cemitério.

O homem espantado agora dava à notícia de ter encontrado mais três meninos mortos no arco de divisa. Os soldados vão até os dois pontos das mortes.

O boato já corria pelo vilarejo e nas ruas em formas de cruz, todas as mães eram avisadas para verem se os filhos estavam bem.

Uma jovem ruiva estava abrindo a porta de sua casa a caminho de encontrar o marido, que era um pescador noturno, junto a sua filha. Um dos soldados então correrá até ela e a avisa:

— Senhora, sei que vocês são novos na nossa vila, mas estamos enfrentando diversas atrocidades! Algumas crianças foram encontradas mortas, não conseguimos identifica-las. Veja se todos seus filhos estão bem. — Ao se virar, o soldado partia para próxima casa, descobrindo imediatamente descobrindo a mãe de um dos cadáveres.

A jovem senhora olhou para sua filha e assustadas, adentraram novamente casa. Olhando na cama, notara que seu filho dormia tranquilamente, ficando aliviada.

Quando iam sair novamente, a mãe dissera para menina:

— Fique em casa, buscarei o papai e logo estaremos de volta. Fique com seu irmão. Se esse tal lobisomem for real, não quero que você veja as coisas que ele fez! Mamãe te ama. — E com um beijo na testa, a filha ficara na porta, acenando para sua mãe.

Dando as costas a sua caçula, a jovem genitora se encaminhara até o encontro de seu esposo, enquanto a menina se encorujava, deitando abraçada com o irmão que roncava alto.

Ao voltar para casa com o esposo, a mulher fora até o quarto e acordara os filhos que, felizes, ambas as crianças abraçaram os pais e tomaram café juntos. Somente então a mãe comentara com o esposo:

— Pois é querido, aquela aglomeração que vimos é porque acharam novamente alguns meninos mortos essa manhã. Ainda bem que nossos filhos nos obedecem e não saem à noite! O nosso vizinho organizou um pequeno grupo com outros meninos e foram caçar o tal lobisomem. E, pelo que estão falando, o lobisomem matou e comeu os quatro. Parece que os filhos do xerife estavam

com eles. Quem sabe toma as providencias. Você acredita que não tem guardas nas ruas a noite?

— Nossa mamãe que cidade terrível! Estou com medo, se esse monstro me come? Eu morro de medo de lobisomem! Tô com medo disso! Imagina ele entrando e me enfiando na boca e engolindo e adeus, estou mortinha. O que será de mim agora com esse monstro solto por aí? Alguém precisa pegar ele. Tadinho dos meninos que morreram... já são seis meninos mortos aí o que será de nós? — Entrevendo a irmã, o menino sonolento e com olheiras fala rindo.

— Olha, se um lobisomem te pegar, ele não vai te engolir, ele vai mastigar. Picando com os dentes dele. Geralmente começam mastigando os pés... e sobem só pra poder ver sua cara de dor enquanto eles te mastigam! — Dissera o menino fazendo careta, imitando um lobo.

A menina que comia parou olhando assustada para seu irmão e sua mãe, incrédula, respondera aos filhos:

— Não precisa ficar com medo, nenhum monstro pode pegar vocês enquanto eu e seu pai estivermos aqui” E esse lobisomem não vai mastigar ninguém dessa casa. Isso serve para os dois. — Repreendera genetriz.

O pai apenas rira enquanto falava:

— Não foram esses meninos quem tacou pedras em vocês dois? Que me lembro, não eram nenhuns santos esses moleques. Na verdade, acho que nenhum deles são! O que você acha Kroni, desses dois serem apedrejados apenas por ser novos na vila? — Falou apontando para os menores.

— Eles te machucaram feio com as pedras, não foi minha filha? Ser diferente por essas redondezas é um problema, agora quem terá pedras em cima são eles. Nas covas deles. Esses fedelhos mal-educados. — Dessa vez a mãe e o filho riram, o pai, todavia, fizera um olhar de reprovação enquanto a filha arregalava os olhos.

Terminando de comer, o marido se encaminhava para tomar banho enquanto conversava com a esposa e os filhos iam lavar louça. Apenas com um bico, a menina seguira sem falar nada até terminarem de limpar as canecas.

Olhando a irmã, com muito sono, fizera uma gracinha:

— Ai... ai, fiquei com tanto medo essa noite que mal dormi! Acho que vou voltar a dormir. E você, não invada meu quarto, sua pilantra! Senão eu mesmo devoro você. Não vai precisar de lobisomem te mastigando inteirinha. — Falara imitando mais uma vez um lobo.

— Eu sei por que você *tá* falando assim de mim, em pedacinhos. Ficou assim só porque o menino que você gosta morreu e foi feito em pedacinhos, né? — Dissera lhe mostrando a língua de forma debochada e displicente ao irmão. Todavia a brincadeira o deixara irritado. Aproximando-se dela enquanto fazia careta, falara baixinho:

— *Já que sabe do meu segredo, vou comer você em pedacinhos. Assim quem sabe eu me sinto melhor? Começarei pelos seus pézinhos magrelos e bem apetitosos. Vem cá!* — Espantada, a menina saíra correndo com o irmão em seu encalço até o seu quarto. Ao alcança-la, joga-a contra a cama, enquanto segurava uma de suas pernas e tapando a sua pequena boca.

— Vou começar por esse pé! É uma pena seu pé ser tão magrinho; ele é tão bonitinho, adoraria *assar* ele se fosse mais gordinho, "*nham nham*"! Até imagino o sabor dele com a pele crocante... Imagina os dois pés assados serão uma delícia, aposto. Será que preciso esperar você engordar sua magricela? Preciso que tenha mais carne nesses ossinhos. — O menino começara dando mordidas fracas e fazendo cocegas na irmã.

Mordendo e lambendo os dedinhos, a sola e a o calcanhar da menina, a mesma ria quase sem fôlego, mas com uma mordida forte e enfiando todos os dedos do pé dentro da bocarra, ela grita com a dor e briga com ele:

— *Aí Thomi, como você é mau comigo! Quer comer meu pezinho de verdade é? Eu hem! Você me dá medo as vezes. Não duvido que você coma o pé de uma menina ou de um menino por aí.* — Dissera tentando tirar o pé de dentro da boca e das mãos de Thomi, puxando e o encarando com uma expressão feia.

Soltando o pé da menina e fazendo uma expressão de mau, pulara sobre o pequeno corpo lhe assoprando a barriga. Com um

som engraçado ela rira novamente sem controle quase sem folego. Como se fizessem as pazes, o menino se deita cansado falando para a irmã:

— Se quiser ficar comigo, Hope, não tem problem. Tô muito cansado...eu não dormi bem à noite. — Dessa vez o menino dissera a verdade parecendo triste.

A menina ficara comovida; brigavam sempre, mas também se desculpavam e seguiam em frente como se nada havia acontecido sempre. Acomodando-se como um filhote de gato, Hope deitara sobre peito do irmão falando:

— Eu não vou falar para ninguém sobre você gostar do menino. Não tenha vergonha de você por isso comigo. Eu te amo! Me desculpa? Qualquer dia eu deixo você morder meus pezinhos de novo se quiser, tá? Seu malvado. — Dissera lhe dando um beijo na bochecha e, obter sem respostas, abraçara-o, adormecendo juntos.

## 11 TEMPOS SOMBRIOS

Como se fossem fantasmas, os navios cinzentos cruzavam os corais rasos e traiçoeiros. Eles eram os protetores naturais de Ghost Island, com mais um carregamento.

Atracando na ilha após inúmeros dias enfrentando tormentas e perdendo três dos sete navios, homens encarregados da carga viva conduziam fileiras de pessoas acorrentadas, umas nas outras. Eram figuras magras e fracas que caminhavam arrastadas na areia escura da praia. Nus, eram banhados com baldes de águas do mar, melhorando suas apresentações aos compradores.

A única vila habitada de toda ilha ficava aos pés da montanha. Fora construída sobre um pântano negro, com pilastras que sustentavam a cidade a dois metros do chão, formando uma grande estrutura de palafitas. As casas e barracos, feitos de madeiras retorcidas, não demonstravam a riqueza que o lugar realmente tinha escondido. Todo tipo de transação ilegal era realizado naquele local. A maioria de seus habitantes ainda era de *orcs*, piratas de todos os tipos, draconídeos e outras raças pouco conhecidas.

Saindo dos navios recém-atracados, outros marujos traziam fileiras de meninas vivas penduradas pelas pernas e braços. Como eram pequenas, cabiam muitas delas amontoadas na estrutura criada especialmente para carrega-las. Apesar de se encontrarem vivas, estavam em uma situação decadente. As que haviam morrido no decorrer da viagem, ao serem desembarcadas, eram colocadas em uma caixa grande de madeira. Não demorou muito para que outras fileiras idênticas contivessem meninos em situações semelhantes às meninas.

De outro navio o carregamento era diferenciado; inúmeros corpos femininos e de meninos cortados de forma sagital ficaram pendurados por ganchos na altura da cabeça, também enfileirados para a venda.

Os corpos cortados continham grande quantidade de sal, assim ficavam conservados por mais tempo. Atrás vinham inúmeras



outras jaulas com crianças vivas de várias etnias; tinham os olhos furados e as línguas cortadas. Estas serviriam como iguarias.

Os pequenos corpos encolhidos segurando umas nas outras sentiam o Sol como um presente os tirando da escuridão fria e úmida. Joias e outros itens valiosos ou mágicos foram retirados por último, sendo escoltados pelo capitão da frota.

Rapidamente inúmeros compradores se amontoaram escolhendo os corpos magros ou chafurdando entre partes e membros salgados de seus interesses. Os tesouros trazidos logo acabaram rapidamente. Ao arrematarem os itens mágicos, os novos donos dos artefatos zarparam da ilha assim que guardaram os itens em suas bolsas.

Os demais compradores carregavam pedaços de corpos até suas embarcações enquanto outros escoltavam crianças e mulheres em suas selas dentro dos navios.

O capitão de uma esquadra de piratas era famoso e temido porto dos mares.

De cor cinza do chapéu às botas carregava uma feição esquelética e ressecada.

Seguido pelo imediato e a tripulação restante, apresentaram-se ao Sindaco, o senhor da ilha, que era um sujeito magro, porém sustentando uma grande barriga, sempre amostra entre seu colete roxo entreaberto. Caminhando a frente, somente os líderes dos navios e da ilha conversavam:

— Está a mais de trinta dias atrasado, Meurtrier! Poderia me dizer o que aconteceu? Foi difícil aqui manter todos controlados a sua espera. Sabe muito bem que esses patifes não são honrados. Você me deve satisfações, seu velho empoeirado! — Reclamara o soberano da ilha, advertindo o capitão.

— *Vá se fuder*, Sindaco, eu não devo explicações a você! Você que se *foda* com seus problemas. Eu tive os meus problemas, principalmente com o povo do Oriente. As cidades estão cada vez mais vazias, sem mulheres, as crianças então, cada vez mais escassas. — Respondera rispidamente cuspiendo ao chão.

— Se encontrar crianças e mulheres está ficando cada vez mais difícil, traga homens então! Acho que não haverá reclamações

entre esses sujeitos daqui. — Respondera apontando para os espectadores a trás. — Só não atrase mais dessa forma.

— Como você é estúpido! Me admira ainda não ter sido apunhalado pelas costas nessa pocilga. Sabe que homens não são fáceis de controlar. Crianças por outro lado... — Fora sua vez de apontar para alguns meninos amarrados puxados em fila, tropeçando pela rua de tábuas mal pregadas.

— Veja lá em baixo. Um menino ou menina são dóceis; não tem o ímpeto e nem força para fugir. Essa técnica que demorei a desenvolver é incrível. Vazar os olhos deles me facilita muito o transporte. — Terminando de falar sentou-se na cadeira de Sindaco, abrindo uma garrafa de rum dele, esticando as pernas sobre a mesa, continuando a falar.

— As meninas também são ótimas! Veja: elas podem servir de inúmeras formas. Bom, os meninos também na verdade, *se é que me entende*. As crianças cegas aguentam semanas de viagem vivas. Se morrer eu as corto, tiro as tripas e as salgo, dessa forma não perco dinheiro e nem tempo. Os outros meninos e meninas que eu não cego, servem de escravos; eles também dão trabalho se eu não ficar esperto. Já os cegados só servem pra alimento mesmo.

“Os que morrerem, damos para os outros prisioneiros comer se a viagem for muito longa, como essa que retornei. Dessa forma não perco dinheiro. E os que ficam como escravos, valem mais do que os em pedaços que eu trago para porcos que você tem por aqui.” Dissera dando grandes goles, acabando com toda a garrafa de rum.

Ghost Island sem dúvidas era pior que Almadinat Aleayima, ou apenas uma versão maior e mais abrangente. A ilha com fama de inexistente, era usada para assustar crianças ilustrando histórias de terror ou entreter aventureiros em suas embarcações. Entretanto, todos os seres desprezíveis de todos os continentes se encontravam ali.

Seres ligados com o mundo das trevas também se encontravam nessa ilha, criando uma ligação entre ambos os mundos. Era perfeito para todo tipo de rituais ou crime.

Com o novo carregamento do capitão Meurtrier, metade de sua carga viva era destinada ao mundo dos espíritos.

Com o pacto feito por Meurtrier, podia andar entre os mortos e os vivos. Sempre pagando para manter sua vida longa e decrépita funcionando, levando a maioria das crianças com os olhos furados através do portal.

Conjurado por Milkar, a lenda contava que atingindo o número de almas ainda vivas levadas para o mundo dos mortos, poderiam ser trocadas por almas demoníacas e outras entidades do escuro. Criando essa perversão com as almas, Milkar poderia reinar entre os dois mundos em breve.

Uma cachoeira larga e calma, despejando suas águas cálidas dentro de um lago raso e vasto, fora pervertida pelo poder demoníaco de Milkar; a gruta escondida pelo véu de águas, servia como porta dimensional. Os únicos com permissão de atravessá-la sem serem mortos ou sugados eram Meurtrier e os Piratas Sombrios.

Adentrando a caverna, o mundo dos mortos se apresentava em uma imensidão de crateras úmidas e com rios negros. No lugar do céu existia uma espécie de teto igual ao chão. Nessa dimensão invertida, existia reinos e continentes corrompidos. Quanto mais poderosos fossem os seres, mais alto era o nível de seu governante.

Lá, todas as almas eram mantidas aprisionadas como um combustível para suas próprias existências.

Através do portal, as bestas e feras terríveis, os habitantes locais daquele lugar, respeitavam apenas a presença de Meurtrier e seus homens porque trabalhavam juntos para a desolação do mundo vivo.

Nos últimos meses, o lugar ficara fora do controle; bestas e demônios conseguiram fugir por fendas dimensionais, dessa maneira mais e mais fugas aconteciam rumo à terra dos vivos. Com o pacto feito por Milkar, a rainha de todos os reinos da escuridão, os demônios começaram a atravessar para o outro com sua permissão.

Ao adentrarem o Höllenportal, por meio da travessia da cachoeira, Meurtrier seguido pelos seus homens levaram as crianças, sendo recebidos por centenas de almas sedentas que faziam um

grande círculo no céu. Eles se assemelhavam a abutres sobrevoando a carniça.

Naquele mundo, os corpos das crianças eram inúteis; apenas seus espíritos tinham valor. Atacando as jaulas, os gritos e gemidos que deveriam serem em diversos idiomas, foram apenas gemidos secos limitados pela falta da língua.

Com as almas sugadas, seus pequenos corpos foram jogados ao chão.

As bestas abissais se alimentariam deles assim que o cheiro fosse sentido.

Meurtrier estava preocupado com a demora dos demônios ainda não atacarem os corpos. Em uma rápida observação com sua luneta, percebera que por muitos quilômetros não havia mais bestas e, indo mais fundo na beira de um abismo, não conseguira identificar nenhum outro ser. Ali apenas continha almas humanas condenadas que vagavam pela imensidão.

Voltando até a saída na cachoeira, não conseguira atravessar as pedras. Preocupado, chamara seus homens contando o que está acontecendo:

— Por mil demônios, não pode ser verdade! Sabia que Milkar estava prestes a tomar o reino vivo para ela, mas não sabia que estava tão perto, deve ter recebido milhares de almas de outra forma. Macacos me mordam, estamos aprisionados desse lado! Deveria ter demorado mais para entregar nossa mercadoria aqui. Vamos apenas esperar até podermos sair — Resmungara Meurtrier sentando em uma pedra, admirando o reino podre com sua luneta.

“Não imaginava que poderia ser verdade esta merda. Pensei que navegaria muito por aí ainda. Ou seja, homens, estamos trancados aqui até essas merdas nos descobrirem e nos atacar! Que ironia não é? Traídos por um demônio.” Resmungara infeliz novamente.

— Senhor capitão, fizemos uma rápida busca e nada na imensidão... Quem tinha poder suficiente fugiu daqui. Precisamos achar um meio de sair! — Comentara um marujo cinzento.

— Somente quando algum maldito morrer e voltar para cá, podemos fugir pela fenda que ele abrir. — Completara o chefe

olhando para sua tripulação de vinte homens.

— Fiquem preparados homens. A puta de asas vai pagar! Deveria ter nos matado ao invés de nos aprisionar aqui. Vamos procurar uma saída e ficar prontos para *fuder* com aquela puta! Vamos andando marujos. Quem sabe não encontramos alguma coisa na cidade morta? — E com sua espada na mão, foi seguido pela tripulação cinza pela imensidão.

Esperando do lado de fora, Sindaco estranha à demora dos piratas. Averiguando a da cachoeira, ela havia se solidificado. Tateando as pedras solidas da caverna, fica espantado.

— Mas que porra é essa? O que será que está acontecendo, que merda! — Disse correndo e tropeçando da lagoa.

Correndo para o vilarejo, acalmou-se ao ver toda mercadoria e todo pagamento que pertencia ao capitão deixado para trás. Rindo, tomou para si tudo que poderia carregar da praia escura.

Estava sobre um grande baú observando a quantidade de ouro deixada livre.

Os outros compradores não sabiam ainda que os piratas não retornariam, por isso não ousariam mexer nas posses de Meurtrier. Ainda sobre o grande baú vira ao longe uma onda maciça com vários metros de altura vindo em sua direção. Agarrando uma fileira de membros salgados entrara correndo em um navio cinza dos Piratas Sombrios. Amedrontado, segurara-se como conseguia dentro da cabine do capitão Meurtrier.

Em instantes a onda gigantesca devastara toda ilha. Os navios eram arrastados para o meio da ilha, destroçando as velas. As construções de madeira eram arrasadas com a força infinita da água. Os transeuntes e a população da ilha eram levados como penas em meios os escombros marítimos e barracos.

Terminando a destruição ao pé da montanha, a onda retornara para o mar puxando tudo que empurrara para ilha de volta para a imensidão do oceano.

Muito dos que estavam na ilha não eram humanos, alguns mais resistentes que outros conseguiram se salvar de alguma forma. E, por onde se olhava, não sobrara nada além de barracos retorcidos sobre o pântano.

Sindaco deixara a cabine do capitão enjoado e atordoado com a violência do giro que sofrera, acabando encahalhado no meio da ilha.

Estava observando ao seu redor toda a destruição enquanto se recompunha do mal-estar, quando sentira a montanha a sua frente estremecer e abrindo grandes trincos e fendas na terra expelindo muita fumaça. Após a fumaça, mais um tremor ocorrera e uma imensa quantidade de pedra derretida formara um rio vermelho incandescente saindo de seu cone.

O antigo vulcão, onde a grande onda parara, acordara-o como um abraço.

As chamas e fumaça saiam incandescentes, deixando em chamas tudo que tocava. A lava da estrutura geológica expelida era acompanhada de seus primos; os trovões e os tornados.

Do céu, bolas de fogo caíam em toda ilha como cometas e em instantes o céu azul tornara-se cinzento com a chuva de fogo.

Sindaco corria pela ilha em busca de uma forma de fugir.

Improvizando uma jangada com o telhado de uma barraca velha, o dono da ilha fugia para o mar revolto, começando a remar em direção ao continente sem levar nada, apenas almejando alcançar a terra firme em alguns dias de navegação.

Deixando a ilha para trás, via sua cidade toda destruída; a nuvem de poeira e fumaça tóxica do vulcão transformara o dia em uma noite aterrorizante.

Ainda na ilha devastada, os bandidos que reviravam os mortos para rouba-los, não tiveram tempo e nem se deram conta de mais uma onda se aproximando rapidamente destruindo tudo. Desta vez a onda não era de água, mas sim uma avalanche de rochas derretidas e flamejantes que, ao tocar os desavisados, pegavam fogo presos no pântano. Alguns viram uma jangada ao longe e tentaram imitar a ideia com o que acham, criando inúmeras jangadas improvisadas fugindo para alto mar em meio à chuva de cinzas e pequenas bolas de fogo vindo do vulcão.

No continente, não demorara para a nuvem de fumaça se encontrar com as nuvens da chuva que caía fortemente por inúmeros dias a fio. Quando se juntaram, fenômenos naturais cataclísmicos aconteceram: tornados e raios começaram a cair de

forma destruidora.

Junto da lama criada pela água da chuva e as cinzas, nasciam atoladores desleais.

Com essa forte mudança drástica do clima, mais um vulcão adormecido no continente acordara de seu longo sono.

Dentro da cratera do vulcão, uma grande rachadura surgira dando espaço para a lava sair. Havia nela uma pequena casa que, abandonada dentro do cone, pegara fogo.

Na atmosfera, gases venenosos eram expelidos e logo alcançavam as fumaças de seu irmão da ilha. Longe do vulcão, em uma área litorânea grandes fissuras surgiam ao cair da noite. Delas, seres bestiais começaram a sair.

Um ser nu se destacava dos demais; ele ostentava suas grandes asas demoníacas saindo pela cratera flutuando em meio aos outros de sua laia. Seu rabo serpenteava acariciando seus cornos retorcidos de carneiro. E um olhar negro em uma face encantadora emergia das profundezas.

A desolação de sua presença murchava a vida que a sentia tocar. Apesar de bela, trazia consigo a morte.

Olhando ao redor vira um caminho pavimentado. Ao segui-lo, alcançara uma vila em ruínas; lá não havia mortos ou corpos.

Era uma cidade pesqueira, possivelmente um mercado de óleo de baleia incinerado. Os escombros queimados não pareciam ter sido pilhados antes, apenas queimados. Manchas de sangue nas ruas provava que havia sido habitada, mas agora era apenas uma cidade fantasma.

Passando pelas poças, o reflexo mostrava o belo corpo nu escondendo sua real natureza sinistra: os cabelos curtos pareciam mudar de cor dependendo da luz que o tocava. Seu corpo sensual hipnotizaria qualquer um que o visse. Além disso, por ele havia escritas gravadas em uma língua singular. Entretanto seu bater de asas afugentaram até mesmo os seres que a seguiam, seu olhar jovial transmitia paixão e luxúria.

Em uma alta velocidade, o ser alado e nu alçara um voo para longe dali, porém gastando grande parte de suas forças com pouco tempo no ar, fizera-a cair em queda livre diretamente para uma

mata fechada com os galhos amortecendo sua queda.

Ao tocar no chão, sua aparência bestial desaparecera, moldando-se em um longo vestido negro, dessa forma se tornando uma figura feminina esplendorosa e encantadora.

Andando até o anoitecer do dia seguinte, finalmente chegara em uma pequena vilareja; às ruas eram sujas de musgos encharcados da chuva que percorrera todo caminho entre casebres arrombados e abandonados.

Caminhou nas pedras escorregadiças, em meio à neblina fria da noite até chegar ao único lugar que parecia ter vida: uma taverna. Era rodeada por corredores de casas de alvenaria simples, havia ainda poucos animais que ladravam a anunciando.

Ao entrar pela porta entreaberta, trombara com um bardo velho, que parara sua música triste e solitária, encarando-a.

Ao parar a música, sua presença fora notada. Chamava a atenção e admiração de homens e mulheres.

Ao seguir até o taberneiro com passos tímidos, perguntara:

— Olá senhor, poderia me dizer se estou longe e como chegar a Eisberg? — Perguntara a jovem de cabelos rosa, enquanto acariciava com a ponta do dedo o queixo barbudo do dono.

— Senhorita, esse lugar fica muito longe daqui. Estamos próximos de Forest City, com os ataques dos Piratas Sombrios destruindo as cidades próximas, ninguém vai poder leva-la de barco direto até lá. Precisarás ir com a caravana. — Encantado e sem tirar os olhos dos seios aparentes da jovem balbuciara o taberneiro.

Olhara para os lados pensativa. Sem reestabelecer sua força não conseguiria cruzar o oceano voando, mal havia sobrevoado algumas dezenas de quilômetros. Rendendo-se a sua situação perguntara novamente para o taberneiro:

— Senhor taberneiro, você conhece algum guerreiro poderoso, que poderia me honrar com sua lealdade e me levar até Eisberg? Você saberia onde posso encontrar alguém assim? — Enquanto falava a jovem ajeitava seus seios, os quais eram alvo de todas as pupilas do recinto e principalmente pelos olhos arregalados do taberneiro.



Sem pensar muito, o próprio taverneiro se anunciara e todos os homens ali dentro também se ofereceram para leva-la até Eisberg. Rindo ela diz de forma acanhada para os homens:

— Não quero que arrumem problemas com suas mulheres seus *bobinhos*. Amanhecendo eu irei com alguma carruagem de viagem. Não precisam se preocupar comigo! — Falara rindo de forma angelical com a mão na boca. E novamente fizera mais um pedido para o dono da estalagem. — O “senhorzinho” poderia me alugar um quarto? Estou muito cansada! Meu lindo corpinho está muito cansadinho... Preciso de alguma mão pequena para me fazer uma massagem, o senhor sabe onde posso encontrar? — Falar fazendo uma cara caricata de tristeza e com soluços de choro falso.

— Ficaria feliz em indicar minha linda senhorita, mas infelizmente como disse, os Piratas Sombrios aterrorizaram por muito tempo nossas terras, não sobrou nenhuma mulher, criança e nem bebês, a maioria foram levados, e o restante fugiu para Forked. Nós sobramos por pura sorte. — Falou o homem agora olhando triste para baixo.

— Entendo, talvez precise ir para essa cidade chamada Forked primeiro então. Por favor, me mostre o quarto que o senhor irá me alugar por um preço *beeeeeem* baixo. Eu preciso tomar um banho e descansar. Um banho *peladinha* e *demorado* irá me fazer *muuuuito* bem. — Com os cotovelos apoiados sobre o balcão, piscara inúmeras vezes rapidamente.

Saltando os olhos, o taverneiro pedira para segui-lo até ao seu melhor quarto, onde acendera a fogueira sob a banheira e também a lareira. Levara também algumas pedras cheirosas para a jovem que, deixando a porta entreaberta propositalmente, pulara dentro da banheira (perfeita e luxuriosa), ficando à vista de todos a espiando.

A jovem continuara seu banho por horas, saindo rebolando de costas para porta e se enxugando da maneira mais sensual que conseguia. Jogando a toalha na beira da banheira, deitou-se na cama sem se cobrir.

Fora observada até o dia amanhecer, quando o taverneiro lhe trouxera o café da manhã em uma bandeja. A mesma, no entanto,

apenas acordara por perto do meio dia.

A jovem comera e ao sair, pedira se poderia pagar a estadia com um beijo.

Sem pensar, o estalajadeiro aceitara prontamente. Todavia, ao tocar dos lábios da jovem, um ataque cardíaco o atingira. Estrebuchado, o velho morrera sobre o balcão.

Os bisbilhoteiros não se importaram com a morte do velho, apenas continuaram a segui-la com os olhos. A mesma então pedira se alguém entre os observadores poderia leva-la até Forked, apesar de ainda estar despida.

— Algum de vocês poderia me levar? Tenho muito pressa de chegar a Forked! Como não tenho dinheiro, pagaria como *quisessem* a viagem.

Rapidamente um dos homens se levantara e dissera:

— Tenho um cavalo forte como eu. Posso leva-la em minha garupa o mais rápido possível. — Oferecera-se.

Indo até o rapaz, passara a mão no seu rosto e sai pela porta, chamando-o de forma seduzente.

— Então vamos. Sou toda *sua*, meu herói. Me leve o mais rápido que puder!

Ambos saíram em disparada cruzando a cidade parcialmente deserta durante a tarde. Neste horário só se encontravam nas ruas homens cambaleando bêbados e cachorros latindo com o passar do cavalo. Cruzando a ponte rumo à capital de Forked, sobre o lombo de um cavalo, deixaram a cidade sob a forte chuva e ventos cortantes.

Estavam no caminho da floresta, quando *ela* começara a sentir uma emanção de grande força; sentia que precisava chegar até ela de qualquer modo.

Com a mão nos ombros do cavaleiro, começara a sugar sua energia e de sua montaria a ponto de derretê-los.

Sua ação sem pensar fizera com que fosse jogada da estrada, machucando-se bastante. Os facínoras que saíram da fenda do mundo dos mortos junto dela e que estavam em seu encalço, aproveitaram o momento.

Milkar se levanta e fica feliz por dois de seus servos virem em seu socorro. Tinha medo de não aguentar chegar à capital e absorver o máximo de almas possíveis, recobrando parte de seu poder. Um dos seres demoníacos é gosmento, seu corpo se assemelha a um verme carniceiro, braços esqueléticos e centenas de pernas mal formados penduradas e com um tronco humanoide com a pele derretida. O segundo se assemelha com um morcego sem pelos com um rabo de rato negro se apoiando sobre duas patas grosseiras com garras afiadas.

— Que bom que vieram me ajudar! Procurei por vocês, mas não os encontrei. Vocês podem me ajudar? — Perguntou se levantando suja de lama e machucada pela queda.

Sem que conseguisse se limpar da lama, Milkar fora atacada. O morcego infernal saltara com suas garras das patas inferiores acertando seu rosto.

O ser gosmento subira no corpo dela, começando a vomitar ácido para derretê-la e suga-la com sua boca abdominal.

Mordendo seus seios e arrancando pedaços dele, o primeiro sugara seu sangue negro e grosso.

Fraca e sem forças, a única chance de Milkar fora esperar até ser consumida e seus atacantes cansarem de comê-la. Foram horas de sofrimentos sendo devorada viva e com o corpo derretido. Quando pararam com toda a carnificina, os monstros ficaram letárgicos. Neste momento, a mulher iniciara a absorção da energia dos monstros desacordados, passando o resto da noite assim, até que enfim os consumira por completo.

Recuperando parte de seu poder, a jovem conseguira se levantar e com dificuldade seguir em frente de forma demoníaca.

Estava na estrada e sentira alguém a espreitando; não eram dois, mas três, os seres que a seguiam. O terceiro se ajoelhou, apresentando-se para elar:

— Minha mestra! Eu tentei segura-los, mas sou ineficiente. Sou fraco como uma mosca, mas posso seguir como fiel espião caso a senhora precise. — Terminando de se apresentar, Milkar concordara com o sujeito magro e baixo com asas de moscas, permitindo assim que a seguisse seja lá para aonde fosse.



## 12 PESADELO SEM FIM

Mais uma tarde fria mantinha a temperatura abaixo de zero com a neve caindo abundante sobre o castelo real de Eisberg. Por conta dele, a cidade que o cercava também recebera o mesmo nome.

Agora todas as atividades voltavam ao normal após o período de luto pela morte repentina do rei Mächtigt.

O príncipe regente requeria a presença imediata do cavaleiro Miur. O mais rápido possível, mesmo não concordando com o príncipe, o guerreiro comparecera.

— Pediu que me chamassem, senhor? — Dissera ao se ajoelhar, o guerreiro com sua armadura negra opaca.

— Pra você é “vossa alteza real Verräter”, guerreiro estúpido! Seu amigo, o sultão Amir Malik Alramal, enviou uma mensagem. Ele está com problemas por todo reino graças aos salteadores da vila invisível. Vergewaltiger voltou e trouxe a notícia que a fortaleza Almadinat Aleayima está atacando e dizimando os vilarejos da região. O sultão pede ajuda de sua tropa o mais rápido possível. Veja esse papiro com o selo do brasão de Amir! — Levantando o impressionante papiro ornamentado, o mesmo mostrava o símbolo da águia do oriente que, mesmo sem ver o conteúdo, Miur conseguira reconhecer o símbolo da família real.

— Não se esqueça! Leve todos os cinco navios de sua tropa, suspeito que entrará em guerra a serviços de Amir. Parta o quanto antes, Miur. — Ordenara Verräter em tom presunçoso para o guerreiro de joelhos.

— Sim, Verräter; o príncipe regente. Como ordenar! Irei ao amanhecer com meus homens e navios até Bahr Aram! — Dissera o guerreiro que pegara o papiro e dando as costas sem olhar para o príncipe.

Indo direto para o alojamento que sua tropa estava, Miur os informara da nova missão. Precisariam sair ao amanhecer em auxílio de Amir o mais rápido que pudessem. Jäger ouvira as ordens e logo perguntara ao líder:

— Amir, precisa de nossa ajuda? Ele tem homens o suficiente para lidar com qualquer problema que apareça! Realmente é necessário isso, Miur? — Questionara a jovem arqueira.

— Infelizmente não sei se é real, mas temos que obedecer. Ele entregou esse papiro com o símbolo da águia; esse selo é de Amir. E sem contar que, ficar longe desse sujeitinho desprezível é a melhor coisa que poderia nos acontecer. Vamos nos preparar, se não for nada poderemos ter um pouco de paz durante a longa viagem. Amir ficará feliz em ver você, Jäger, afinal são cunhados. — Comentara abraçado a jovem loira com quem falava.

Ao amanhecer Miur e Jäger se apresentaram a Verräter para dar início a missão. Com trajes para viagem marítima, a armadura negra dara lugar a um uniforme negro próprio para se velejar.

Retirando-se do castelo, quando estavam alcançando o portão principal que ligava a cidade, um jovem corraera até Jäger, abraçando-a fortemente.

— Aonde vão? Preciso de vocês; tenho medo de tudo o que está acontecendo! Tem muitas pessoas no castelo que me dão arrepios. Esses dias eu me escondi, consegui ver quatro bruxas falando com meu irmão e três de seus homens. Desde então eles me olham estranho. Levem-me com vocês onde forem! Ficarei escondido sem dar trabalho, por favor, por favor, mamãe Jäger! — Rogara o menino de cabelos longos e loiros, olhos azuis e bochechas cheias de saúde. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas ao implorar para a jovem de orelhas pontudas.

A jovem, abraçando-o fortemente, pegara-o no colo com muita facilidade e continuara seu caminho.

— Meu lindo, você sempre será bem-vindo entre todos os dragões! Farei em você essas minhas tranças — Falara passando a mão do lado esquerdo de seu cabelo todo trançado. — Que tal? Tirando essas orelhinhas redondinhas, qualquer um acharia que é nosso filho. Não é, Miur?

— Infelizmente ele não tem esse nosso charme! — Sorriu piscando para Jäger enquanto pegava o menino, pondo-o sobre os ombros. — Irá adorar Amir! Ele deve ser umas quatro ou cinco vezes

maior que você; a filha dele tem mais ou menos sua idade, quantos anos você tem, Aluin? Doze ou treze?

— Tenho doze! É verdade que nesse lugar é quente? Eu vou derreter nesse lugar! — Rira feliz.

Descendo pela cidade dentro da montanha, a dupla não passara despercebida por um dos olheiros de Verräter que, imediatamente correrá avisar do rapto do príncipe; certamente seria recompensado. Ao dar a notícia para o rei, o mesmo imediatamente ordenara para que a tropa corresse para salvar o príncipe do bandido Miur.

Os navios estavam terminando de organizar o carregamento das provisões quando escutaram a voz enjoada de Verräter sobre o caís.

— Sempre soube ser um traidor Miur. Está raptando meu irmão? Que traição é essa!? Homens ataquem estes patifes e tragam o príncipe de volta! — Gritara cuspiendo.

Em um piscar de olhos, Jäger saltara para o convés mirando sua flecha nos olhos fundos e azuis de Verräter. Miur também pulara com a espada, deitada, em mãos, arremessando longe os quatro soldados da guarda pessoal de Verräter que invadira seu navio. Com a espada agora em chamas, correrá parando-a em frente ao nariz em forma de batata do rei. Falando baixo, para que somente ele escutasse, Miur ameaçara o seu soberano.

— Quer que derreta essa sua cara monstruosa, seu merda? Jamais me ameace ou terei prazer em arrancar seus dentes um a um!

Gaguejando, o rei agora falara em tom amistoso:

— P-Pelo que vejo é um m-mal entendido. D-Desculpe-me, senhor M-Miur!— Disse engolindo seco.

— Por favor, Aluin volte. Mamãe precisa de você; ela ficaria muito triste sem você! Sabe que ela está doente. — Suplicara o rei forçando uma cara triste e caminhando até o menino no convés.

Segurando a mão do irmão, conduziu-o para fora do navio.

Infelizmente Miur não podia discordar sobre a saúde da rainha. Estavam rendidos; apenas podendo observarem o menino

ser levado. Porém, antes de que deixassem o navio, Aluin desvencilhou-se da mão do irmão, abraçando Jäger choroso.

— Jä, me salve. Eu acho que eles vão me matar! Eu sinto isso, me salve, por favor, Miur me ajude!

Sem obter uma resposta, o menino fora puxado à força pelo irmão, levando-o até o seu cavalo que o esperava.

Seguindo o grupo de soldados até o castelo, o autodenominado rei, ordenara para que toda nobreza fosse realocada no antigo castelo no topo da montanha; sua mãe também deveria ser levada.

Ainda no porto, o casal eleiçõezinhas, em meio a lágrimas de Jäger, abraçaram-se; nada poderiam fazer nada, ao menos nada sem que travassem uma guerra.

Os ventos frios levavam a esquadra rumo às terras quentes de Amir.

Com empurrões, o príncipe fora levado ao quarto para pegar seus pertences. Roter o observava com olhar penetrante; irritado sem motivos começara a empurrar o pequeno menino para fora sem que ele tivesse ao menos pego suas coisas.

Com tapas nas costas, o menino tentara se desvencilhar do homem gordo, entretanto seu tamanho diminuto em comparação do homem corpulento só o fizera ter o rosto jogado contra a parede com força.

A nobreza toda subia o íngreme cume da montanha até o castelo velho que fora desativado por Mächtig, o antigo rei, para ficar mais próximo de seu povo. Após seu acidente rolando as escadas, Verräter sugerira trocar de palácio com a desculpa do espírito do seu pai o assombrar.

Os homens de Vergewaltiger ficaram responsáveis de acomodar a rainha mãe dentro de uma carruagem adaptada com um leito. Fora dado ainda as ordens do rei que não esperassem por Aluin.

Em meio ao caminho da subida à montanha, uma ordem de parada fora dada, fazendo com que os cocheiros estacionassem fugindo da forte nevasca. Os mesmos seguiram para o castelo deixando a rainha na carruagem.



Roter estava preocupado: o empurrão havia desmaiado o menino nos corredores. Amedrontado que fosse descoberto, abandonara-o desacordado, seguindo o caminho na nevasca até o castelo na montanha.

Quando o sujeito adiposo chegara ao salão do palácio, Verräter o questionara sobre o irmão:

— Onde está aquele fedelho? — Dissera enquanto se embebedava de muito vinho. — Sabe muito bem que não podemos perdê-lo! Nossa missão ainda não começou, mas em breve ele será disputado por vocês. Preciso formalizar o quanto antes. Onde ele está, seu barrigudo idiota?!

— Me desculpe, Verräter. Ele ficou arrumando as coisas; eu o deixei no quarto. Não sou babá de ninguém... — Contava sua versão e é interrompido pela porta do grande salão abrindo de supetão.

— Mas o que está acontecendo aqui? Encontrei o príncipe desacordado com a cabeça sangrando na porta de seu quarto. A rainha quase está morta deixada no meio da nevasca. Que merda é essa? Não me diga que você está pensando pôr em prática a bestialidade daquela bruxa? — Bravejou Kojote irritado. Em seus braços segurava um Aluin desacordado coberto por uma pele de lobo. Logo atrás de si, seus soldados com a carruagem de Gütig o acompanhavam.

— Calado, Kojote! Eu é que mando por aqui. Já que está com esse desgraçado leve ele pra o quarto dessa vagabunda estropiada. O que eu faço ou não, não é da sua conta! Se você não quer participar apenas olhe, mas não atrapalhe. Ou pagará caro com a vida de sua família! — Verräter falara molemente; estava alcoolizado.

Levara por fim o menino até o quarto que seria da rainha; Kojote estava contra a parede, seguindo as ordens com medo.

Subira as escadas colocando-o sobre a cama da rainha no quarto. Fechara as janelas, ajeitando o menino ao lado do corpo quase que congelado da mãe.

Fizera uma prece de joelhos em frente de quem jurara proteger; o ato lembrara de sua esposa e suas filhas.

Descendo pela escadaria, voltara para a cidade o mais depressa possível. Ao chegar em casa, abraçara sua esposa enquanto Kojote a alertara.

— Fuja para Ice Motto! Leve as meninas; pegue todas nossas posses de valor e leve com você. Fiquem na casa de seus pais. Assim que resolver as questões de Verräter irei até vocês. Vá durante está mesma noite!

Com as suas coisas guardadas em quatro baús, abraçara novamente esposa e as filhas, colocando-as em uma carruagem de sua confiança e logo as três desapareceram pela cortina de neve.

Voltando para o castelo Kojote que, mesmo temendo por sua família, encontrara-se mais uma vez com o rei no salão principal. Lá, um banquete estava posto e seu lugar era reservado ao lado do rei que estava a sua espera para iniciar uma reunião.

Verräter não tardara e logo falava para os seus três súditos:

— Vocês três estavam presentes quando a bruxa me chamou. Não seria maluco de manter Miur por aqui; não quero morrer tão cedo. Eu aceitei matar o velho e essa vagabunda da Gütig em troca do trono que tanto mereço! E claro, a *putinha* do meu irmão será de vocês. Entretanto preciso que jurem realizar tudo que elas pediram para fazer!

Sei que para Vergewaltiger não será problemas; ou pensa que não sei sobre *aquilo*, seu bandido? Roter, seu balofo; não quero que mate ele antes que deixem! Você sabe que precisa fazer! E Kojote, seu maldito, não pense em atrapalhar! — Completara Verräter ainda mais bêbado.

— Preciso condecora-los como meus fieis súditos. Assim terão o título de vocês mantidos; os mesmos que tinham com meu pai. Vocês vão ter *um* mês para se divertirem com Aluin até a bruxa voltar e apreciar como ele ficou. Bom, agora preciso dormir; amanhã eu os condecoro. — Por conta da bebida, caíra desacordado do trono improvisado.

Os três únicos no salão continuaram sentados sem se encarar. Incomodados com o silêncio, um a um deixaram a mesa e foram para seus aposentos no novo castelo.

Ao amanhecer, a trombeta real ressoara chamando os lordes que correram até Verräter Kalt no quarto da rainha. Deitada sobre a cama grande e adornada, a rainha Gütig estava desacordada e respirava com dificuldade. Ao seu lado, encontrava-se o filho mais novo segurando sua mão.

Em pé ao lado da porta, o príncipe regente esperava por seus súditos exibindo sua pele pálida, com fundos olhos azuis, uma barba loira rala e cabelos pretos com seu grande nariz. Tinha como testemunhas seus escribas reais.

Os subordinados, ao chegarem ao quarto, apresentaram-se ajoelhando em frente ao regente e seus escribas:

— Me apresentando a vossas realezas e a nossa alteza Verräter. Sou Duque Roter Bär. Meu machado e meus homens serão leais a ti mestre supremo, lorde do gelo Verräter Kalt! — Gritara o homem repolhudo e ruivo.

— Meu senhor, sou Marquês Jungen Vergewaltiger; servi fielmente a seus pais e agora serei leal a ti, rei Verräter. Minha astúcia e conselhos serão seus, sempre que solicitar! — Dissera em tom melódico e sussurrante o homem magro e alto; seu olhar não mirava Verräter, mas sim seu irmão ao fundo.

— Meu escudo e minha espada são seus, majestade. Eu, Conde Alter Kojote, juro lealdade ao brasão Kalt! — Bradara o nobre homem baixo e robusto.

— Você deve lealdade somente a mim, não ao nome Kalt, seu tolo!

Retirando da bainha sua espada que antes pertencera ao pai, Verräter repetira para os três homens de joelhos a sua frente, com a espada em cada ombro e depois sobre a cabeça, um de cada vez: *Eu imperador de toda Nordreich, rei de Eisberg e senhor da Montanha Congelada, em vossa honra o declaro como servo leal a minha coroa! De hoje em diante será meu servo leal e terá títulos da nobreza de minha Casa.*

Com a cerimônia, gritos de vitórias e vivas foram dados em homenagem aos três novos nobres de Verräter.

Durante a comemoração, ainda no corredor, gritos vindos da cama chamara atenção do rei:

— *Mamãe? Mamãe? Acorde, por favor! Maaamãããeeeeee!!...*

Verräter, ao ver a cena do irmão chorando e balançando a mãe, em direção ao garoto, dera-lhe um violento tapa de costas da mão, jogando o menino com o rosto cortado no chão. Indignado e brandindo a espada apostada para os olhos do menino, gritara cuspiendo.

— Ele matou minha mãe. MATOU *MINHA* MÃE! Seu fedelho maldito! — Verräter novamente tentara lhe bater com a espada, mas parara, somente a deixando rente ao rosto do menino, ainda sem toca-lo.

Assustado, soltara à espada, começando a chutar o menino que, apesar de tentar se proteger com os braços, acabara sendo atingido em cheio no nariz, quebrando-o. E logo em seguida, mais ensandecido do que nunca, começara a pisotear o menino, quebrando seu maxilar e algumas costelas, incapacitando-o.

Kojote se intrometera e astuciosamente advertira o rei.

— Se fizer isso na frente de todos os escribas, não será bom para sua imagem! — Respondera pegando o menino e deixando o quarto, encarando os outros dois homens na porta.

Em seus aposentos pessoais, Kojote deitara o menino que cuspiu sangue e chorava com espasmos. Retirando de seu bolso um frasco vermelho, despejara o conteúdo na boca torta do menino e logo em seguida, com cuidado, colocara o queixo e o nariz de volta ao local de origem, parando o sangramento.

Deixando o jovem príncipe em seu aposento, trancara a porta indo em direção aos gritos de Verräter.

Ao chegar à porta, vira o rei deitado abraçado com a mãe morta.

Com os olhos cheios de lágrimas, ordenara que sua mãe fosse congelada na torre central e mais alta do castelo.

Nenhum dos três sabia como proceder e, ao perguntarem ao rei, o mesmo vociferou:

— A coloquem em um caixão de vidro, depois completem com água e deixe ao ar livre lá fora. Quem quiser se despedir e prestigiala verã seu corpo somente na torre. Depois quero que levem para meu quarto e deixem o caixão em pé!

“Não a vistam. Sua melhor forma será nua! Maquiem seu rosto cansado e doente deixando mais perfeita possível. Deixem os olhos fechados, mas ainda quero que transmitam ternura! Quero que *ela* esteja me guardando pelo resto de meus dias. Rápido, façam isso agora!” Os três recém-condecorados chamando por seus homens, pediram para que os mesmos preparassem o corpo de Gütig.

— Vocês sabem o que devem fazer. Em *um* mês darei metade do reino como prêmio pela *tortura* de Aluin, vão! A bruxa voltando, um de vocês terá a recompensa que merece! — Verräter novamente se pronunciara. Estava dando início ao *sofrimento* de seu irmão mais novo. Roter, no entanto, reclamara.

— Não é justo! Esse patife do Kojote já fugiu com o pirralho. Queremos uma disputa justa. Eu não aceito essa putaria por sua parte, anão maldito!

— Solte aquele monte de merda, onde ele está?! Vamos seu *imprestável* onde o escondeu? — Verräter ameaçara o homem baixo enquanto brandia sua espada dourada.

— Só o levei para baixo, para evitar problemas para você, senhor. Eu os levo até onde o deixei.

Enquanto abria a porta, falava alto antes de destranca-la. O ato fizera o menino despertar assustado, preparando-se para correr.

— Ele está aqui dentro. Essa porta velha não é trancada há muito tempo; está emperrada. Preciso bater nela para que abra! — Mentira enquanto dava pancadas fortes e propositais e logo a abrindo.

Não havia ninguém no quarto; apenas as manchas de sangue sobre a cama.

O rei, entrando no cômodo, começara a procurar pelo irmão. Correndo para a cama, enfiara a espada embainhada embaixo da cama. Quando instantaneamente a espada não avançara, perceberam que o menino estava se escondendo ali. Pedindo por ajuda para levantar a cama, somente quando Roter o fizera conseguiram ver o menino.

Aluin saíra correndo desesperado, mas Vergewaltiger o havia capturado.

O segurando pelo longo cabelo, jogara-o de costas ao chão.

Rindo, Vergewaltiger segurara o menino por pouco tempo, já que Bär o empurrara. Segurando o menino por um braço, levantara-o com facilidade, apesar da espernear.

Chutando seus olhos, logo o pequeno príncipe saíra correndo para porta que contava com Kojote como guarda. Quando o menino passara correndo, de forma intencional, Kojote pulara o deixando escapar.

Em seu encalço os dois homens leais corriam pelos corredores. Logo atrás ia Kojote andando e torcendo pelo menino conseguir fugir.

Com os seus lacaios ocupados, o rei voltara até os aposentos de sua genitora, onde admirara com prazer no olhar, sua mãe nua sendo maquiada e preparada para ser posta no caixão de vidro. Já havia pensado no caixão de antemão e, como tudo ocorrera como o planejado, o objeto estava guardado e pronto para ser finalmente usado.

Com o funeral feito as pressas, poucos aldeões e soldados conseguiram prestigiar condolências a rainha morta. Ao final fora levada até o quarto frio de Verräter na torre principal; era a mais alta no cume da montanha.

Durante a noite, admirava a beleza de sua mãe morta na janela sobre a luz lunar. Estava congelada com os braços abertos; os cabelos davam a impressão de estarem esvoaçantes.

A sessão fúnebre não contara com a presença dos três lacaios.

O trio corria sem parar atrás do menino que, fugia ajudado por Kojote sempre que podia.

Aluin somente escutara os canhões disparados em homenagem a sua mãe; não pudera se despedir e nem ao menos ver seu enterro. Sabia que a proposta da bruxa fora aceita; seu irmão enfim cumprira com o prometido. Matar seus pais já havia sido concretizado, agora o próximo passo era ele ser morto através de muito sofrimento.

Graças à poção que Kojote lhe dera, seu corpo estava completamente curado e revigorado. Há muito tempo não se sentia

tão bem fisicamente. Por conta disso, conseguia saltar e fugir abrindo grandes distância de seus perseguidores.

Entrando e saindo por outras portas diferentes, feito labirinto Aluin se perdera dentro da ala mais antiga do gigantesco castelo. A ala pertencia à antiga dinastia dos Kalts.

Aluin não sabia, mas já fugira a mais de um dia completo graças à poção.

O castelo fora construído para se tornar um labirinto; com portas e paredes secretas, evitava que invasores não alcançassem os aposentos reais com facilidade.

Entrando em uma porta pesada no topo da montanha, parara paralisado com a luz lunar destacando o corpo nu de sua mãe.

Estava congelada, parecia um ser celestial pairando e tirando todo seu medo.

Caminhando até o grande esquife, lamentou-se ajoelhado enquanto lágrimas lhe escorriam pela face. Não sabia o que falar. Não sabia como agir. Só sabia que sentia sua falta.

Seu coração estava machucado com tudo o que estava acontecendo.

O medo novamente tomara conta seu coração ao escutar passos mansos em sua direção.

Fazendo suas preces, Aluin fechara os olhos já se despedindo do mundo em que vivia, aceitando ir de encontro com sua mãe.

Nunca estivera tão errado!

Com um chute forte em sua nuca, sua testa fora de encontro ao caixão.

Soltara um grito seco. E, ao se levantar de forma débil, enquanto admirava a mancha de sangue deixada contra o gelo, levava mais dois chutes fortes, fazendo com desta vez enfiasse a testa no vidro, trincando toda tampa do caixão.

Trêmulo, Aluin retirara a cabeça que pingava sangue cheio de cacos enfiados na pele, não percebendo que junto puxara o esquife de gelo. Sem forças pra rolar ou fugir, o pesado caixão caíra sobre o menino partindo o gelo e o corpo congelado em grandes blocos.

O menino, agora molhado e muito ferido, apenas ficara imóvel com partes da mãe sobre ele. Uma voz baixa falara em seu ouvido:

— Oi, meu príncipe. Enfim consegui te achar, lembra-se de mim? Sou eu, o *titio* Vergewaltiger. Tenho muitos planos para você! Mas primeiro que tal dar um beijo de despedida na mamãe? — Dissera sadicamente enquanto pegava a cabeça repartida do corpo e se aproximava do menino.

Agachando-se sobre o peito ofegante do menino, abriu a boca da morta enquanto apertava o nariz do menino, obrigando a abrir a boca para poder respirar.

Com a boca aberta, Vergewaltiger forçara um beijo entre o cadáver e o menino que gritava e se debatia, logo conseguindo se desvencilhar da cabeça; a força, aos poucos, estava voltando a seu corpo.

Tentando se levantar, o homem apenas o segurara firmemente pelo pescoço, erguendo-o com facilidade. Novamente engasgando com falta de ar, chutara e se debatia cada vez mais fraco.

Com ajuda de socos nas costelas, o ar começou a ficar mais raro nos pulmões.

E aos poucos o menino desmaiara sendo esganado.

Como um troféu, fora segurado pelo pescoço, tendo o seu rosto lambido. Vergewaltiger, aproveitando a boca do menino entreaberta, começara a beijá-la, mordendo os lábios e o queixo, já se encontrava excitado. Estava prestes a *brincar* com o menino quando escutara passos pelo corredor. Somente então lembrara de estar no quarto do rei e com a rainha em pedaços no chão.

O menino em seu poder não era problema algum.

Com o príncipe nos braços, corria pelos alas de rochas ígneas, parecendo dominar o labirinto de pedras negras.

Ao alcançar seus aposentos, Vergewaltiger abriu a porta e logo a trancava com a chave e a tranca. Dentro do quarto colocara o menino na cama e ficou em pé o admirando, por um tempo. Aos poucos, os cortes de sua testa se regeneravam.

Retirando as roupas do menino, a vontade de violar seu corpo só aumentara.

Por seu pequeno corpo, os hematomas ainda se apresentavam visivelmente, embora os cortes estivessem cicatrizados.



Ainda com os o corpo infante inerte, Vergewaltiger começara a lambe-lo, iniciando por seus pés. Colocando os dez dedos na boca, o homem gemia de prazer e rapidamente retirara sua armadura e se preparava para consumir o ato tão desejado.

Com fortes pancadas na porta, interrompera seu avanço para com o menino. Demorando em atender a porta, escuta a voz do rei o chamando.

— Escute, Vergewaltiger, preciso de você. Se estiver aí, me obedeça. Vá agora até o saguão! Estão cobrando um jantar com os meus súditos e dar uma festa em minhas honras. Ontem não pude; mamãe foi morta pelo filho bastardo. Tive que honra-la! Precisa ser agora, vamos, Vergewaltiger! Abra a porta. Sei que está aí. Eu *escutei* seus gemidos.

O rei bêbado só parara de falar mole e bater na porta quando Vergewaltiger saíra e trancara a porta.

Sozinho no quarto, Aluin acordara amarrado com lençóis mantendo seus braços abertos. Com a janela aberta, seu corpo sem proteção, aos poucos começava a perder temperatura e tremer.

Tentara gritar, mas lembrara-se de estar sendo caçado por mais de um homem. Por fim, e em silêncio, tentara escapar da cama.

Escutara a fechadura abrir e, observando com o rosto estampando de terror, encarara o homem magro entrando.

Percebendo que o menino estava acordado, irritado, Vergewaltiger sentara-se em seu lado. Utilizando as mãos, tapara a boca e o nariz do menino que mais uma vez sufocara até ficar roxo e inconsciente.

Apenas iluminado pela luz lunar da janela, o quarto se mantinha escuro.

O sujeito arqueado desamarrara o menino e o agarrara pelo calcanhar enquanto o arrastava atravessando o seu quarto; por vários metros com as costas do menino ralando contra as pedras organizadas de maneira pífia do chão.

Caminhando nas sombras chegara a uma sala que, ao abrir o frio o atingira.

O local ainda fedia a urina, fezes e sangue que preenchiam todo o

pequeno espaço.

No teto havia uma grande lucerna aberta que, trancada por grades, permitiria a sala congelar tudo o que havia dentro dela em poucos dias.

No pequeno calabouço tinha algumas crianças presas por correntes nas pernas que gemiam de medo e se amontoavam para se manterem aquecidas. Todas estavam subnutridas e feridas, outras já estavam mortas há muito tempo.

Prendendo os grilhões no braço e mantendo Aluin pendurado do lado oposto das outras crianças, saíra pela porta, trancando-a em várias partes. As crianças fracas tentaram alcançar o menino desacordado, mas não conseguiram chegar perto, deixando-o por fim ficar congelando sozinho.

Machucado e com dificuldade o menino abriu os olhos; estava quente e sentia muito calor. O Sol estava lhe queimando uma parte de seu rosto.

Sentindo muita sede, sentara-se olhando a seu redor: podia enxergar inúmeras cadeias rochosas amarelas e laranja. Acima, o céu azul se encontrava sem nenhuma nuvem e com um Sol forte que estava presente queimando tudo sobre ele.

Em pé, o menino se vira apenas com calças rasgadas; seu corpo estava sujo de cinzas escuras e repleto de cicatrizes que antes nunca vira. Começando a andar, sentira o chão mole; era como se andasse sobre tecido.

Escutara o som de chicotes acertando a pele de alguém e a mesma pessoa chorando, porém em outro idioma. Pessoas diversas gritavam de dor. Talvez elas implorassem por ajuda.

Sem saber o que estava acontecendo e amedrontado, deitara-se de barriga contra o chão macio e se arrastou até a borda.

Vira corredores fedidos de urina construídos de madeiras mal pregadas e tecidos; inúmeros transeuntes andavam pelos corredores. Nem todos ali eram humanos.

Engatinhara para trás assustado, abraçando os joelhos. Procurava como descer e sair desse lugar.

Ao se afastar, percebera que estava sobre uma cabana de tecido e, circulando as barracas, havia um enorme muro metálico.

Pulando sem jeito do telhado baixo, mais longe do que queria, caminhara até o muro. Estava quente como uma frigideira, queimando suas mãos.

Pensando melhor, esgueirara-se pelas sombras que os telhados e o muro proporcionavam. Estava com muita sede e suando. Não muito longe, escutara um barulho de água escorrendo em uma cabana feita de madeira.

Tentando enxergar com dificuldade por um buraco nas tábuas, percebera inúmeras pessoas nessa cabana. E observando a altura de suas cabeças, percebera que eram pequenas como ele.

Rodeara a construção até achar uma janela ao lado. Dali podia enxergar, apesar de que com dificuldade por conta da claridade do Sol, além de as sombras dentro da tenda dificultarem seus olhos se acostumar com a mudança de claridade; avistara um grande número de crianças em uma jaula: meninos e meninas. Estavam nus, magros e pareciam andar sem orientação tateando com os pés e a mão à frente.

Com os olhos acostumando com o escuro, focara nos rostos das crianças. Eram de várias idades e etnias; precisavam tampar sua própria boca para não gritarem.

Assustado, tapando com as mãos seus gritos, começara a chorar desesperado.

Abraçando os joelhos e fechando os olhos, apenas queria acordar desse pesadelo. A imagem vista o deixara atormentado e com a respiração ofegante.

Vira quatro sombras adultas a frente trabalhando cortando alguma coisa; não conseguia identificar o que faziam, mas seu assombro fora ao ver as crianças.

Meninos e meninas estavam cegos; seus olhos pareciam ter sido furados.

Na órbita dos olhos fechados, havia uma boa quantia de sangue escuro e seco.

Suas bocas também estavam sangrando, apesar de que à primeira vista pensara que estavam sujos de comida, mas na verdade era sangue pela falta da língua.

Tomando folego, Aluin engatinhara para frente da cabana. Estava assustado; tremendo, mas queria saber quem era capaz de fazer essa crueldade!

Incomodado com o cheiro bafio, moveu-se até onde poderia ver com clareza os agressores. Ao ver pela porta, a sua frente se encontrava um corpo sem vida o encarando. Era o tronco de um menino cortado ao meio. Em sua face, tinha as feições de assombro e terror gravadas. Parte das costas fora removida; estava pendurado, meio de lado, por um gancho enfincado em um único braço: o esquerdo.

Estava oco sem as entranhas; o cheiro que emanara era de algo salgado.

Todavia, o menino partido não era o único morto.

Dezenas de corpos mutilados, de crianças e mulheres, partidos em pedaços; corpos cortados ao meio na vertical, outros inteiros e dezenas de ganchos pendurados separavam membros iguais como pernas e braços. Os homens trabalhando agora haviam sido identificados com ajuda da claridade; não eram humanos.

Aluin nunca vira algo semelhante: eram quatro homens grandes, braços e pernas peludas, usavam apenas uma pele de animal na cintura. Nas mãos, cutelos enormes e afiados subiam e desciam separando membros e acabando com a vida de mais um infeliz.

Não aguentara essa visão por muito tempo: uma menina, com aproximadamente sua idade, de cabelos castanhos e longos, estava com a barriga aberta; o sangue escorria do balcão por todo o chão.

Tirando as entranhas do corpo magro, o ser grotesco jogara água tirando o excesso de sangue dentro dela. Como um leitão abatido, a menina fora posta de bruços com a cabeça em sua direção.

Podia ver seus olhos entreabertos com a boca e as narinas ainda sangrando. Levantando a perna esquerda da menina, o cutelo cortara-a, tirando o pernil seguindo o desenho das nádegas. Conforme o cutelo cortava a carne, o corpo da menina balançava,

fazendo com que a bochecha da menina soltasse mais sangue parado em sua garganta.

Com a primeira perna retirada, a mesma fora pendura na altura do tornozelo em um gancho a sua esquerda rente à parede de madeira. Retirando a segunda perna, vira o corpo para cima e com a barriga aberta; o cutelo se encontrava verticalmente na coluna.

Afundando a lâmina reta, pegando ao mesmo tempo o nariz e lábios, com um porrete, dera três fortes batidas na parte de trás do cutelo. Ao terminar de cortar o tronco da menina com as pancadas, a parte direita caíra no chão com a mão estendida para Aluin enquanto a esquerda do lado de fora do balcão. O ocorrido fizera soltar um grito chamando a atenção dos magarefes.

O homem grotesco então se abaixara e vira Aluin escondido; tentando acertá-lo bate o cutelo a poucos centímetros da cabeça do menino. Quando gritara pela segunda vez, chamara mais a atenção, deixando as crianças nas jaulas agitadas.

Batendo nas grades com o cutelo e gritando com as crianças indefesas, o homem não vira mais o menino que saíra fugindo sem rumo. Escondendo-se nas partes de sombra e com ajuda da luz ofuscante do Sol, os homens grotescos passaram por ele sem percebê-lo.

Ao se levantar, Aluin começara a cambalear com uma dor forte na cabeça; caindo desacordado.

Ao acordar, estava amarrado de costas para Vergewaltiger. Novamente estava sendo torturado; a dor era lancinante, fazendo com que chorasse e pedisse por misericórdia.

O ato deixara o homem contente; o prazer dele era nítido. Aparentemente cansado o violador dissera ao pé de seu ouvido:

— Viu? Quando você coopera comigo nós dois nos divertimos muito! — Sussurrara enquanto urinava sobre uma queimadura no ombro do menino.

O menino sangrava e sentia muita dor no ombro.

Soltando-o, o homem então esperava a reação do menino, queria saber se ele iria fugir ou não.

Aluin, coçando os olhos olhando para baixo tentava alcançar seu machucado no ombro esquerdo. Ficara parado, aceitando sua

condição de serventia, dor e morte.

Lembrava que a bruxa combinara com seu irmão tudo isso, mas ainda assim não compreendia o motivo que o fizera aceitar. Talvez com ele morto, o irmão não tivesse medo de governar; sem problema algum de perder o trono.

Durante dias o menino era torturado de todas as formas possíveis.

Sem comer ou beber nada seu corpo definhava, já não conseguia mais se manter em pé

No quinto dia, ao invés de ir para a sala escura onde seria torturado, fora arrastado pelos cabelos até uma sala iluminada com uma grande mesa.

Com os pulsos amarrados atrás da cadeira, Aluin sentira aromas deliciosos. Forçando para abrir os olhos, enxergara em sua frente um banquete preparado: um faisão assado com frutas sobre a mesa. Com a boca salivando, continuara quieto, somente seu estômago se pronunciara enquanto o homem sentava-se ao lado da mesa quadrada.

Tirando uma coxa do faisão e mastigando, Vergewaltiger, falara:

— Estou preocupado com você! Você tem alguns anos ainda para ser *minha* menina, se tratar bem de você talvez seja uma menina linda por mais dois anos; novinha como é posso te aproveitar mais! O que acha, minha lindinha? — Falara oferecendo a coxa assada perto da boca de Aluin.

O menino aceitaria qualquer coisa com a fome que sentia.

Aluin tentara abocanhar a carne quando o sujeito asqueroso a retirara de perto de sua boca no mesmo momento.

Chorara, mal conseguindo produzir lágrimas ou sons.

Vergewaltiger lhe estapeara no mesmo momento, derrubando-o de lado; amarrado na cadeira. Ao se aproximar do menino, abaixara suas calças.

— Que tal um pouco de água quente? Talvez você aceite *meus* termos se tomar um pouco de chá quentinho. — Termina de falar urinando no rosto do menino.

— *Pare, por favor! Me mate de uma vez; faça o que quiser comigo depois, mas me mate, eu imploro!*

Concordando, Vergewaltiger erguera o menino pelo cabelo, desferindo socos no rosto do menino até o desmaiar.

Quando o menino acordara, estava de cara em um carpete vermelho em uma sala escura; pilares espalhados com uma luz fraca vinham de fogueiras penduradas.

Do lado se encontrava uma pessoa roncando; pelo barulho era uma criança, talvez mais uma pobre alma como ele.

Sentia muito calor apesar de estar só com uma calça rasgada. Estava escondido quando uma pessoa adentrara com uma bandeja, deixando-a perto da pilastra. Mesmo sentindo muita fome, não queria ser machucado de novo. Quando o homem saía, fora o sinal para ir comer.

Na bandeja havia damascos secos, tâmaras, uvas, queijos e muito vinho.

Comera e bebera até não aguentar mais; bêbado andara cambaleando para a janela, onde admirara as grandes construções que terminavam de formas arredondadas e coloridas.

Na rua de chão amarelo, muitas pessoas andavam de barracas em barracas. Só então percebera que não estava mais em Eisberg.

— *Será que minha alma está morrendo e está indo viajar com Jäger? Se for assim, queria morrer o mais rápido possível! E poder estar com ela, mesmo morto.* — Perguntara-se em seus pensamentos antes de voltar para o canto escuro e cair adormecendo.

Desta vez acordara com frio; via-se escondido embaixo de uma cama e também escutando passos por todos os lados. Entrando pela porta, um sujeito gordo começara a tirar a armadura e reclamar para si mesmo:

— Onde já se viu ninguém ver aquele menino, aposto que o traidor Kojote o salvou novamente e deve estar escondendo ele! Adoraria mastigar Aluin inteiro, deve ter um gosto muito bom, talvez *comeria* ele vivo, mas assado me parece muito saboroso. Raios, isso me deu fome, preciso achá-lo! — Resmungara o gordo.

Incomodado consigo, o homem saía novamente para a direita.

Aluin tremia de medo e sabia que precisa fugir.

Correndo para a esquerda e de cara com um homem baixo e troncado. Antes que pudesse correr, fora agarrado e teve a boca tapada, enquanto cochichava para o menino.

— Quietos, Aluin! Não quero feri-lo. Beba isto; vai ficar bem, estou te procurando há dias! Vou te soltar; não grite ou eles virão! Beba isto e fuja para fora do castelo; é um labirinto e não pode ficar parado por muito tempo. Beba tudo! — Falara soltando o menino e entregando a ele um pequeno frasco vermelho.

Com os olhos marejados e emocionado, Aluin segurara a mão do homem, implorando:

— Por favor, senhor Kojote. Você é forte e tem uma espada! Olhe *pra* mim. Eu não aguento mais fugir! Vergewaltiger está me machucando há dias; eu não consigo mais fugir. Se não puder me ajudar. Me *mate* de uma forma rápida! — Chorara o menino ficando de joelhos e segurando as pernas de Kojote.

— Você precisa fugir sozinho; não posso te ajudar! Minha família corre perigo caso ajude você. Eu ajudarei você sempre que acha-lo. Essa poção vai te ajudar! Beba e fuja. Estarei te ajudando mesmo sem estar perto, farei pistas falsas para eles seguirem. Agora vá!

Bebendo o líquido o menino começara a se sentir forte novamente; seus ferimentos recentes se regeneraram. Conseguira fugir pelo labirinto de corredores de pedras durante dias sem ser pego até achar o salão principal.

Engatinhando, estava perto da entrada. Ao abrir a gigantesca porta vermelha, correria pela neve fofa, sentindo o ar puro em seus pulmões; havia *finalmente* escapado.

— Mas veja só, estava certo de ficar esperando por aqui! Não é que o ratinho caiu na ratoeira? Não farei nada com você se me der sua mão e me seguir. — Vergewaltiger propora ao menino.

O garoto então, em um ataque de fúria repentino, pulara socando o homem. Porém, seus socos não surtiram muito efeito; ao contrário, pareciam *excitar* ainda mais o homem magro.



Segurando o menino que se debatia, abraçara seu pequeno pescoço com o braço, apertando-o até sentir o corpo parar de se debater. Logo corria para dentro do castelo com o menino debaixo do braço, escondendo-se novamente nas sombras. Dentro de sua sala costumeira, o menino fora mais uma vez amarrado.

Preparando a sala para mais uma tortura, Vergewaltiger jogara um balde de água, acordando o menino que, quase afogando, despertara assustado; ele estava deitado abraçado com ele mesmo em uma cama.

A cama balançava de um lado para o outro e, ao se afastar, ficara em pé.

Estava alto e parecia ter seios. Olhando para os lados, percebera ser mais um dos seus sonhos perturbadores.

Sua cópia também acordara e ficara o encarando tão espantado quanto ele.

Então Aluin falara à sua cópia:

— Quem é você? O que está acontecendo? Como posso estar me vendo? Por favor, eu sou Aluin e você quem é? — Dissera desesperado.

— *Não brinque assim comigo Jäger; eu já vi isso antes. Não me torture dessa forma! Como sabe que tive um sonho assim? Eu sou Aluin, você é minha mãe Jäger!* — O outro respondera.

Sentindo fortes dores na costela, ajoelhou-se na cama, gemendo de dor.

Quando piscara fortemente, estava de volta para mesa de tortura; estava sangrando e, mais uma vez nas mãos de Vergewaltiger.

Um soco o fizera girar os olhos. Ao focalizar a vista, estava em um beco escuro e a sua frente escutara a voz de uma menina.

Tentara avisá-la para fugir; precisava salvá-la! Correndo com a troca de luminosidade, trombara de frente com a menina. Um pó voara em seus olhos, deixando-o sem enxergar nada precisamente.

Com os olhos que queimavam, correrá sem rumo, trombando em diversas pessoas. Rolando no chão de areia quente, perderá completamente o equilíbrio, batendo a cabeça e caindo no chão.

Ao se levantar, agora com a visão retomada, sentira uma pesada porta balançando e rapidamente tentara segura-la e, com dois solavancos, caíra sobre o menino esmagando-o.

Parecia estar sonhando, a cada momento se via em lugares diferentes e em situações diferentes. Porém todas tinham algo em comum: todas o faziam sofrer e sangrar como nunca.

Enquanto isto, ele só desejava saber o *porquê* de sofrer tanto.

Acordando mais uma vez, estava fraco e agora preso por uma coleira ao pé de uma cama alta; estava limpo e vestido com roupas finas. Farto das torturas, a morte seria o único fim de tudo, assim tentando se enforcar na cama.

Ao desmaiar, se vira em outro sonho com pessoas desfiguradas e, ao voltar estava livre da coleira. Fugira mais uma vez com os pés descalços no beiral do lado de fora do castelo e, por seu azar, caíra dentro do quarto de Vergewaltiger. Desta vez, o homem magro realizara seu desejo que sempre fora evitado.

Com mais uma surra, o menino caíra no chão sem poder se defender.

Virando Aluin de barriga para o chão, tentava se arrastar quando Vergewaltiger fora até a porta e logo voltava sobre ele. Puxando a calça do menino, ficara indefeso com o pesado corpo sobre o seu.

O guarda do lado de fora escutara agoniado o grito e gemidos do menino; nem mesmo quando fora queimado ou espancado sofrera tanto. Seus berros incomodavam e nauseavam o soldado indefeso ouvindo a orquestra diabólica. Com seu companheiro voltando com um embrulho, ficara embasbacado encarando o companheiro, apenas ouvindo de cabeça baixa, o *estupro* do menino.

Acabando os gritos, a porta se abriu e Vergewaltiger pegara o embrulho, voltando para dentro. Sentando ao lado de um menino imóvel, escutara apenas seu choro baixo e soluçante, enquanto começava a trançar seu longo cabelo. A partir dessa violência, Aluin não existira mais; Hure tomara seu lugar.

Era uma menina magra e educada, de olhos azuis; em seu rosto a maquiagem mostrava suas feições femininas mais

encantadoras. Obedecia a seu novo dono em tudo o que pedia, quando era uma boa menina ganhava um pouco de comida e água. Se Vergewaltiger fosse prontamente obedecido, em todas suas perversões, Hure seria poupada dos espancamentos.

Agora Hure estava sentada sorrindo de frente para Vergewaltiger, e gentilmente recebia uma colher com líquido vermelho brilhante em sua boca durante o pentear de seus longos cabelos. O homem colocara os pés descalços da menina sobre suas calças, não demorando para que ele chegasse ao orgasmo apenas com esse ato. Encarando a menina, os olhos azuis vivos eram apenas azuis; a vida já havia o deixado. Mesmo assim, isso não diminuiria os desejos sombrios de Vergewaltiger.

Levantando para se limpar o homem se afastara de Hure, indo até a penteadeira e observara sobre ela, lâminas sujas de sangue, mas ele não punia Hure há dias dessa forma. Quando ia questionar a menina, a mesma se encontrava em pé na beira da janela com os braços abertos.

Hure parecia apreciar a vista da imensidão branca e, ao se virar encara seu agressor com os olhos cheios de vida se jogara para a morte.

Uma altura de mais de dez metros fora acompanhada de um grito. Era uma noite fria, chamando atenção de várias cabeças que olhando pelas janelas, assistiram um corpo infantil atingir a neve fofa em uma sacada. Uma cabeça coberta por pelos vermelhos era a mais próxima e a primeira a chegar perto e colher a fruta caída do pé.

Com pesadas pegadas o grandalhão agarrara o corpo no chão. Rasgando o vestido, o grande homem vermelho começava a gargalhar cantando vitória. O menino acordara e vira um gigante o carregando enquanto mirando em seus olhos, enfiava os dedos. Grunhindo de dor, soltara o garoto que corra por um corredor, tentando segurar a porta inutilmente.

Com a grande força e raiva do gigante vermelho, arrebentara a tranca de metal, pisoteando sobre a porta e no menino embaixo dela.

Agarrando o menino pelo pescoço, seguira pelos corredores cantando e o segurando como um troféu rumo ao salão principal. Em meio a dezenas de olhares intrigados, arremessara Aluin na mesa derrubando parte da prataria.

Agarrado um grande barril de vinho, começara a banhá-lo, quase o afogando. Todos no salão, apinhado de bajuladores o aplaudia; o rei, como sempre bêbado, feliz o ovacionava enquanto o corpo molhado tossia com vinho preso na garganta.

Começando a lambar seu corpo hediondamente ao som do coro de vivas de seus homens. Mordia e lambia o menino de forma vidrada com o pequeno corpo se debatendo.

A língua parara de súbito ao ouvir a corneta soando pelos guardas.

Roter Bär pegara a espada e assistira assustado a porta vermelha ser espedaçada por um aríete flamejante. Em instantes, como um formigueiro, o salão se enchera de soldados com armaduras negras.

Aluin, com o último resquício de força, sorria. Era como se seu sonho fosse realizado.

Jäger e Miur, os comandantes dos dragões negros estavam à frente de seus soldados. Com palavras de ordens assumiram rapidamente o comando de toda situação.

Soldados caíam e flechas eram disparadas.

Pegando-o no colo, o menino sorria sutilmente com o fim de seu pesadelo.

## 13 TRÊS DESTINOS

Correndo atrás do irmão com os dois animais os seguindo, Hope o vira trombar em uma barraca e cair em seguida. A menina já estava cansada dessas brincadeiras sem graças de Thomi, disparando mais uma vez contra ele, brigando sobre suas atitudes ruins.

Ao longe, começara a gritar até chegar próxima ao irmão:

— Escuta aqui Thomi, eu não aguento mais essas suas atitudes. Você trate de crescer, hem! Você é o mais velho e eu que tenho que cuidar de você sempre? Olha a bagunça que você está fazendo! Vamos voltar logo para casa. Amir vai ficar bravo por essa bagunça. Olha como me deixou toda *su...* — Parando subitamente com a bronca, correrá para ajudar o irmão que acabava de bater com força a cabeça em uma barraca.

A menina estava em estado de choque; não sabia como ajuda-lo, apenas o abraçando em consolo.

O garoto chorava de soluçar, algo que ela jamais havia visto o irmão fazer dessa forma; preocupando-a e a entristecendo por ter brigado com ele. De joelhos na areia olhando para os olhos vermelhos de pimenta e de desespero, segurara o rosto do irmão, pedindo para que ele contasse o que estava acontecendo.

Algo não estava normal.

— As bolinhas dos seus olhos: o que aconteceu com elas, Thomi?! — Gritara desesperadamente.

O menino assustado fechara os olhos como se desmaiasse, mas da mesma maneira que os fechara rapidamente, voltava a abri-los. E desta vez voltaram com ambos normais.

Ainda assustado, falara enxugando-os:

— Eu não sei! Eu não sei! Sempre tive sonhos com pessoas falando comigo coisas que eu *nunca* entendia, sempre! Desde pequeno, eu me vi crescendo junto desse *outro eu*. Nesses sonhos eu estava treinando e apanhando de espada; uma mulher loira falava comigo e nunca entendi nada. Até com pessoas com orelhas

pontudas e outras coisas que só nesse lugar quente vi coisa parecida. Esses sonhos, sempre são em um lugar muito frio.

“Faz pouco tempo desde que têm aparecido dois homens me machucando de toda forma... Eu fujo, mas sempre me alcançam! Só que quando acordo, eu sinto as dores e o que acontece comigo durante pesadelo... Eu estou ficando louco!? Eu preciso de ajuda Hope! — Chorara o menino enquanto apertava a mais nova no abraço ainda.

Graças à corrida desenfreada de Thomi, os guardas logo chegaram até os dois apontando as armas. Hope prontamente tentara explicar o ocorrido, apesar da diferença de idiomas:

— Senhor guarda, somos amigos de Amir. Precisamos de ajuda! Meu irmão está com a cabeça confusa. Vocês podem nos ajudar?! — Pedira a menina em pé, enquanto fazia suplicas com a mão e apontando para o irmão.

Mais uma vez os guardas deram a ordem de rendição. E talvez aquela fosse a última vez que seriam avisados. As crianças não compreendiam o porquê, mas Thomi logo percebera que a irmã seria ferida em cheio com a lança.

Nessas terras as leis eram severas e letais para praticamente qualquer tipo de ação fora das regras de conduta que os guardas considerassem um problema. E estas crianças que destoavam dos demais poderiam ser escravos fugitivos de algum xeique, mesmo que a escravidão fosse proibida por Amir. Naquele reino, os que haviam sido libertos só achavam meios de vidas como batedores de carteira, terminando geralmente como mortos ou então tendo a mão decepada como punição.

A lança de um dos quatro guardas iria acertar em cheio o coração de Hope.

Com os olhos brilhando como nunca, Thomi saltara e agora segurava a lança, retirando das mãos do guarda e logo a atirando no chão.

Como se fosse um animal, pulara enforcando o segundo com o cabo da lança enquanto o terceiro enfiava a lança no antebraço de Thomi, jogando-o de lado.

Um quarto soldado que estava oculto pelos demais, saltara e

estocara a lança atravessando o peito de Hope que apenas pedira por ajuda. O objeto fora enfiado até a ponta atingir o solo.

Com os olhos arregalados e vidrados cheios de lágrimas a menina ficara paralisada, segurando a lança, tentando tira-la inutilmente; era uma menina fraca.

Com a lança ainda cravada na menina, o guarda, em um movimento de alavanca, arremessara-a, com toda sua força contra a barraca ao lado, deixando um rombo na parede de ripas do alquimista.

Muitos frascos estouraram sobre ela misturando os líquidos com o grande volume de sangue escorrendo do ferimento. Thomi não vira a ação, apenas escutara o barulho e o grito da irmã somado ao barulho da barraca.

Hope tossia e cuspi sangue.

O garoto não sabia a gravidade dos ferimentos dela e não tinha controle da situação. Seu braço esquerdo estava invalidado, e enquanto usava o direito, atacara o primeiro guarda desarmado, ficando a lança entre seus olhos o matando. Os três atacantes davam muito trabalho para o menino se desvencilhar das estocadas.

Thomi precisava ser rápido e ir até Hope!

O dono da loja ficara desesperado tentando socorrer a menina que sangrava e agonizava. Vasculhando as prateleiras de frascos que ainda estavam inteiros, não encontrara o que procurava, logo decidindo puxar uma corda que abria um alçapão. Ao adentra-lo correndo vasculhando seu porão escondido.

Hope não conseguia respirar... O pulmão havia sido perfurado, fazendo-a engasgar e se afogar com o sangue grosso se misturando com ar. Em contra partida, seu coração parcialmente rompido batia cada vez mais lentamente.

A menina fazia muita força para manter-se acordada, chorando baixo e gemendo. Em sua frente via vultos lutando e levantando muita poeira. Forçando a visão, conseguira identificar o seu irmão derrubar mais um guarda.

Segurando o imenso ferimento em seu peito com a mão esquerda, esticara a outra pequena mão tremeluzente e suja de sangue em uma suplica por ajuda para ela e seu irmão. Infelizmente

cada palavra que tentara falar saiam mudas, acompanhadas por grande quantidade de sangue viscoso e um gemido doloroso e arrastado.

Chamara pelo irmão com uma piscada pesada, lenta e difícil, em sua frente avistara o irmão brincando feliz no rio, enquanto jogava água em seu rosto com a mão. O cheiro doce das árvores verdejantes e do rio perto da casa de sua avó em Forked enchiam seus pulmões.

Sua avó estava ensinando-a a ler com seus velhos livros. Lembrara que depois ela mesma ensinara a pobre mãe, a qual sentia imensa falta agora, a identificar as letras e a ler.

Gostava de irritar Thomi com as coisas que lia, lembrara-se da última vez que lera e “cantara” inúmeras vezes uma palavra inédita para o irmão só para irritá-lo; “*kurat narian*”. Havia cantado tantas vezes que ela vinha até a sua mente como uma música feliz, de forma que fizera seus lábios, que agora escorriam muito sangue, formar um leve sorriso sofrido.

A palavra desconhecida viera à sua mente e, conseguindo pronuncia-la antes de entrar em choque e com os espasmos tomarem conta de seu corpo...

— *Kurat... Narian.* — Saíra assim o último suspiro da boca da menina.

Ao proferir as palavras, enquanto ainda tinha sua mão tremula, implorando por ajuda e tentando alcançar seu irmão, da ponta de seus dedinhos ensanguentados, uma grande quantidade de energia se acumulara neles; era como se o Sol estivesse ali. Saindo de cada um deles, mais rápido que uma flecha élfica, os cinco pequenos fochos se uniram formando uma esfera flamejante que atravessara a rua, atingindo os soldados.

A explosão fora gigantesca, espalhando os guardas em chamas despedaçados por muitos metros. Thomi saltara ao ver a enorme esfera em sua direção; era duas vezes maior que ele.

Quando fora atingido de raspão, acabara sendo arremessado para longe, caindo desacordado.

O tremor e o barulho da explosão afugentaram os curiosos que assistiam a luta desleal dos quatro guardas armados contra



duas crianças. O fragor, também servira para que muitos guardas corressem até a confusão onde um Thomi inerte fora arrastado contra a areia quente entre pedaços de carne em chamas e muitas cinzas.

Descendo por degraus, chegaram a um lugar escuro e fresco que, a continuar sendo arrastado, passara por um lugar molhado e viscoso.

Atormentado pelas ondas, a embarcação fora empurrada pela corrente de ar quente. As pedras de ponte agudas rasgaram o casco com facilidade, permitindo a entrada de muita água.

Deitado na sombra e muito fraco, o pequeno corpo fora alcançado pela água morna, fazendo com que acordasse desesperado. Com muita dificuldade conseguira boiar com o corpo magro e leve sobre um pedaço de madeira.

Alguns pescadores a margem do mar que avistaram o pequeno naufrágio sabiam que acontecera alguma coisa ruim, pois haviam ido de encontro com as pedras.

Subindo em suas pequenas canoas, cinco homens foram até a embarcação encalhada e parcialmente afundada no mar.

Chegaram ao salvamento de um menino magro e muito fraco que nem ao menos ao menos acordá-lo conseguiram. Era o único sobrevivente e talvez o único que estava a bordo.

Levando-o até uma pequena cabana das caiçaras, cuidaram de sua desnutrição com caldo de peixe típico das terras quentes.

O tempo de repouso do pequeno náufrago fora apenas de duas noites. Quando chegara no terceiro dia, conseguira acordar, mesmo que fragilizado.

A sua frente uma menina escura sorridente estendia a ele uma tigela e repetia:

— *Manabudh... Manabudh...* — Gesticulara com as mãos, mostrando como deveria ser tomado o líquido.

Ainda que fraco, o menino sentou-se no que parecia ser um sofá feito de folhas de coqueiro. Coçando os olhos, encarara a menina e agradecera.

Bebendo o conteúdo da tigela de uma vez, a menina que o assistia rira por vê-lo tão faminto e por estar acordado. Destacava-se dos demais aldeões que eram escuros e mantinham o cabelo bem curto, independentemente do sexo.

— Obrigado, pode me dar mais um pouco? Eu tenho muita fome... — Perguntara o menino envergonhado.

— *Ela não sabe o que você fala. Ela fala outra língua! Ela só vai entender se falar em Alearabiam. Tente repetir comigo, talvez ela entenda.* — O sussurro dissera ao menino.

E repetindo calmamente a voz em sua cabeça, o menino falara com a garota que ria achando engraçado a pronuncia esquisita do menino. Ele apenas repetira sem saber o significado das palavras.

— Oi, sou Allis. Venho do outro lado do mar! Cometi um erro ao subir no barco e soltei a corda. Pelo que parece, não soube controla-lo e atravessei o mar sem rumo até aqui. — Dissera o menino pausando em cada palavra.

— Olá, sou Mushmis. Que bom que consegue falar, estávamos preocupados com você. Meu pai tirou você do mar e ficou dormindo por mais dois dias! Vimos uma grande tempestade naquela região que veio. O mar se agitou muito! E mesmo aqui nas aldeias de pescadores de Verdeeld Eiland, que é bem longe de aonde veio, conseguimos ver as nuvens e tempestades de sua terra. — Ainda rindo, a menina explicara como Allis foi salvo.

Saindo pela porta com ajuda de sua salvadora, Allis admirava uma enorme praia azul apinhada de barcos pescadores atracados. As redes de pesca esticadas sobre a areia fina e branca secavam após a pesca; as casas feitas de barro se amontoavam em forma de círculos.

Toda pesca era levada e vendida no mercado de rua de outras cidades, enquanto os peixes que sobravam, eram salgados com o sal retirado da água límpida do mar costeiro.

Lá, mal se podia ver no horizonte as terras distantes de onde viera com as nuvens negras e atormentadas.

Um homem se aproximara e pedira que Manabudh o acompanhasse até Rayiys; sentia que algo ruim estava por vir.

O menino então perguntara para Mushmis:

— Você disse essa palavra quando acordei, Manabudh! O que é isso? — perguntara com auxílio da voz em sua mente.

— Manabudh é seu nome aqui! Agora vamos, Rayiys quer falar com você. Ele é o líder da nossa tribo. — Enquanto segurava no braço fino de Allis, encaminhava-o entre as cabanas até a do líder no meio do círculo de casas.

Repletas de ossos secos pendurados, além de diversas ervas, couros, escamas e dentes de grandes peixes que completavam os amuletos de proteções do líder.

Com uma reverência, a menina deixara o menino sentado sobre um tapete em frente de uma fogueira.

Era uma cabana semelhante às demais com exceção da grande quantidade de totens e amuletos protetores espalhados por todos os cantos da casa.

Um velho careca, de barba branca e de bengala se aproximou do menino com cautela, e logo sentou-se em sua frente fumando um grande cachimbo.

O mesmo permanecera observando o menino por um longo período desconcertante.

Pedindo para que a garota saísse, o velho começara a soltar muita fumaça pelo forninho do cachimbo e pela boca banguela. O menino que respirava e tossia toda a fumaça, não aguentara muito mais e começara a desmaiar cambaleando em direção do fogo.

Acomodando o menino deitado, o velho então falara em seu ouvido.

— Sei que existe mais alguém aí dentro. Assim que chegou senti sua presença. Se apresente a mim! Quem é *você*? — Falou o velho de joelhos encarando o menino desacordado.

— *Sou apenas um espirito que escapou de uma terrível desgraça. Fui jogada no mundo dos mortos sem ter morrido! Fiquei preza dentro desse menino que estava quase morto. Por favor, nos ajude a chegar até as terras frias, só lá posso ter meu descanso eterno.* — Pedira a voz misteriosa.

— Quem é você mulher? Sei que não é uma alma humana! Não tente me enganar. Sei da profecia! Diga seu nome e volte para

as profundezas de onde nunca deveria ter saído! — Ordenara o velho.

Com uma risada gutural demoníaca, a voz emanara de forma audível a muitos metros.

— Se você sabe da profecia, sabe meu nome, homem velho! E se sabe meu nome sabe quem sou, ser desprezível! — Quando a voz começara a falar, nevoas pretas começaram a se formar sobre a tribo, tornando o dia em noite.

Risadas macabras foram ouvidas pelos cantos escuros e grunhidos que assolaram toda a tribo. Chagas e feridas começaram a surgir nos moradores que instantaneamente respiravam a turvação. Ondas destruíam os barcos atracados na areia, enquanto a pequena embarcação semiafundada era levada para a praia.

O pânico tomava conta da tribo, fazendo com que todos saíssem das ruas de areias e se escondiam no que restava de suas barracas.

A risada atormentava e perturbava os ouvidos do chefe da tribo, perdendo parcialmente os sentidos.

O velho assombrado, pegara um maço de ervas e jogara na pequena fogueira, enquanto rezava e assoprava a fumaça no corpo estático do menino.

Quando ficara de joelhos ainda fazendo sua prece, sua pele e carne começaram a derreter.

Jogando a fumaça de seu cachimbo dentro da boca de Allis, o menino se retorcera pulando com espasmos. Os olhos se abriram, mas somente o branco era visto. Além disto, com a boca escancarada, uma nuvem negra saía do menino, arrebatando o telhado.

O homem caía de costas e, com muita dificuldade, conseguira se levantar.

Saindo cambaleante pela porta, pedindo por ajuda, rapidamente fora atendido.

Mushmis fora a primeira a ajudar o homem que estava abalado olhando para seus braços derretidos. Para seus olhos, todos os moradores da vila estavam derretendo e cuspidando sangue., enquanto a garota que fora ao socorro, era apenas um esqueleto

com poucos pedaços de carne queimada; pendurado em seus ossos, os órgãos ficaram expostos.

O velho saíra correndo perturbado, olhando os desastres enquanto as risadas e sombras o encaravam nos cantos escuros atacando-o. Ao desviar do ataque, jogara-se no chão, acabando por se ferir já que estava sem sua bengala.

Aterrorizado correria por todo povoado; tudo já se encontrava corrompido e seguia em direção do desfiladeiro a caminho da cidade.

Os moradores seguiram o homem e o viram se jogar montanha a baixo.

Ao descerem pela beira mar, chegaram até o corpo sem vida do líder da tribo.

Mushmis correria até a cabana do velho encontrando-a pegando fogo; Allis ainda estava desacordado e morreria cremado se não o salvasse.

Enquanto espumava pela boca convulsionando, a garota pegara um jarro com água, despejando o líquido no rosto do menino. Acordara atordoado de um pesadelo.

Ao se arrastar para fora da barraca em chamas, alcançara a areia.

Em uma tentativa de acalmá-lo tentara conversar, mas ao ver a casa pegando fogo, amedrontado vira que toda desolação recaíra sobre ele novamente.

Encolheu-se sentado, enquanto balançava pra frente e chorando.

— *Me deixe em paz! me deixe em paz! Me deixe em "paaaaz"!* — Gritara o menino de olhos fechados, tapando os ouvidos com as mãos e batendo os pés na areia.

A garota lhe apertara o ombro e, ao sentir o toque e olhando para o dono da mão, vira um *orc* em pé ao seu lado. Ele estava preparado para apunhalá-lo com uma lâmina negra sem fio!

Era o mesmo monstro que o torturara com muita vontade na noite anterior.

Pálido com a ideia de mais uma vez sofrer de todas as formas possíveis, correria cambaleante rumo ao deserto.

Cada morador da pequena tribo, havia se transformado em *orcs*; a escuridão alcançara todo o vilarejo. Risadas cruéis e grunhidos o perseguiram por um longínquo caminho.

A menina o vira correr e não poderia fazer nada, estava tão assustada quanto o próprio menino. Com as chamas tomando toda a casa, os moradores se aprontaram em apaga-las.

Desaparecendo em rumo ao deserto, Allis fugia de *orcs* sanguinários, enquanto seu corpo, sem a vestimenta apropriada para o Sol, sofria com a temperatura. Seus olhos, no entanto, apenas viam a escuridão.

Em meio a uma chuva no meio do mar, Aluin ficara à beira do parapeito no convés, namorando as águas escuras pensando se a morte levaria seus pensamentos confusos embora. Jäger quando o via nessas situações sempre o tirava da chuva e o secava.

Trocando as roupas improvisadas para o tamanho do menino, a elfa sempre identificava cortes recentes nas coxas e braços; eram cortes lisos e profundos. Comentando sobre as marcas com Miur, fizera com que agora dois elfos ficassem atentos nos movimentos do menino a partir dali.

O menino se escondia como podia, mas não o suficiente de dois elfos.

Fingia estar dormindo esperando o casal adormecer e, quando percebia que ambos dormiam, corria para o convés.

Tirando sua vestimenta, descia até o alojamento dos marujos e os espionavam tomando banho e se masturbava. Quando chegava a seu ápice, subia até a proa se sentindo culpado.

Equilibrando-se sobre a carranca de dragão. Esticava o pulso esquerdo enquanto fazia inúmeros cortes utilizando uma navalha, deixando que lágrima lhe escorresse pela face. Depois dos braços, passava a cortar as pernas, de maneira que perdia muito sangue, quase morrendo em todas as vezes que repetia.

Mantendo sua peregrinação sempre que conseguia, limpava o sangue com água do mar logo se vestindo e volta para cama. Miur escondido nas sombras, o vira pela primeira vez fazendo esse ritual. O elfo não sabia o que fazer frente a essas atitudes suicidas. Sobre o

menino ver os homens não era um problema, e sim sobre as múltiplas mutilações que fazia.

No dia seguinte, Miur chamaria Aluin para conversar, o casal já estava preocupado. Jäger dizia que, talvez fosse melhor ela conversar sozinha com menino.

Ao amanhecer ela colocara o plano em prática.

— Meu querido, você gostaria de ter essas tranças e ficar elegante assim como eu? Depois podemos treinar um pouco nossa mira com arco, o que acha? — Perguntara a jovem sorridente para o menino acordando na cama improvisada ao lado do casal.

— Eu ficaria igual você, *Jä*? — Perguntara o menino sorrindo e se sentando e a encarando.

— Vai ficar parecido sim! E as roupas como prefere? Igual a do Miur, apertadas e escuras ou iguais às lindas e coloridas como as minhas? — Brincara a elfa mexendo no nariz do menino.

— Posso usar roupas iguais as suas, *Jä*? Mas as suas são grandes, não servem em mim! Mas adoraria usar meias longas, sapatos... Talvez vestidos e calças iguais as suas. Você acha que eu ficaria bem de menina, *Jä*? — Felizes, começaram a conversar, ambas deitadas de bruços, uma ao lado da outra, mantendo os queixos apoiados nas mãos com os joelhos arqueados e mantendo as solas dos pés levantadas.

— Pode sim! Infelizmente não tenho roupas aqui que te sirvam, as roupas de Eis ficou em casa... Acho que servem em você perfeitamente! Na cidade podemos comprar as que você gostar, assim que atracar você se veste como quiser. E armas quais você gostaria de usar? — Continua feliz por enfim conseguir conversar com o menino.

— Eu quero muito comprar roupas com você, *Jä*! Sobre arma... Pode ser uma espada? Não gosto muito de arcos. A espada do *Mi* é bonita, gostaria de usar igual à dele! — Aluin estava contende com a ideia e mal podia esconder. Se aproximando do ouvido de Jäger cochichara para ela. — *Jä*, posso perguntar uma coisa? Não fica brava tá!? A espada do *Mi* é grande? — Perguntara interessado, rindo baixinho.

— Fico muito contente que queira comprar comigo. Levo você e compro tudo que quiser, ficará linda. Ué! Você já viu a espada dele, ela é grande! — Pensando um pouco Jäger entendera a *real* a pergunta. — Mas como você é sapeca, você quer saber de outra espada, né! Você quer roubar ele, sua pilantra? — Completara pulando sobre ele enquanto lhe fazia cócegas na barriga, fazendo-o gargalhar até perder o ar.

Miur escutava preocupado do outro lado da sala. Talvez a esposa estivesse fazendo de Aluin o substituto de Eis. Miur amava o menino como filho, mas tinha medo de que Jäger pudesse passar dos limites. Por enquanto estava feliz de ver os dois brincando e rindo como uma família.

Fingindo acordar, abriu os braços se espreguiçando, algo que deixara Jäger e Aluin parados e olhando para Miur envergonhados pela bagunça que faziam.

Após o café, Jäger começara a fazer as tranças como as dela do lado esquerdo da cabeça. Jäger pensava na conversa estranha que tivera com o menino, onde lhe contara as coisas que gostaria de fazer e as coisas horríveis que já fora *obrigado* a fazer.

Estava confusa; não sabia se eram reais ou apenas imaginações e fantasias.

O menino, nos últimos dias, andava muito confuso, falando e fazendo inúmeras coisas no mínimo controversas. No entanto, apenas preferira aceitar que ele era diferente, omitindo algumas coisas relatadas do castelo de Miur.

Contara poucas coisas sobre o que conversavam; para ela, era desnecessário Miur saber de tudo.

Com o menino sentado em sua frente, pintara-lhe seus olhos e lábios. Usando uma de suas camisolas, vestira-a no menino como um vestido. Ainda descalço e com o vestido esvoaçante, o menino dançava na frente do casal, exibindo seu novo vestido.

Ficaram felizes o dia todo, mas ao anoitecer o menino repetira o mesmo ritual sangrento: ao descer para espiar os homens, notara que deveriam ter recebido novas ordens, já que se banhavam com as roupas de baixo, deixando o menino confuso.



Apoiando-se sobre a carranca novamente se cortara. Todavia, acabara atingindo uma veia grossa de sua perna.

A hemorragia esguichava sangue por toda parte, fazendo-o o desmaiar rapidamente. Tombando no convés, deixara um grande volume de sangue espalhado no piso de madeira.

Com um pressentimento ruim, Jäger acordara e ao não ver o menino dormindo ao seu lado, imediatamente corre para procura-lo:

— *Eis? Eis onde você está? Eis, socorro alguém acuda!* —  
Gritara desesperada.

Miur levantara ao escutar a esposa chamando a filha falecida, correndo a seu encontro no convés. Com o menino quase morto nos braços, sua virilha jorrava muito sangue colorindo de vermelho a elfa. Miur os vendo no chão e, em pânico para salvar o menino, enfiara o dedo no ferimento de Aluin, estancando o sangue que, com mais um jato vermelho, deixara-o embebido com o sangue.

Jäger carregava o menino para a cabine depressa enquanto, Miur com apenas uma mão livre, pegava um frasco de líquido vermelho viscoso e despeja na boca com os lábios azulados de Aluin.

Não demorara para todos os ferimentos de Aluin se regenerarem.

Ao abrir os olhos, ele chorara envergonhado se vendo sem roupas no colo do casal que estava ainda mais sujos com seu sangue. Por descobrir seu segredo, constrangido, não conseguia olhar para Jäger, tampouco para Miur.

A elfa, levava o menino para se banhar e logo depois, deitou-se junto a ele na cama. A cada toque vindo dela, encolhia-se, tremendo.

Esses acontecimentos ajudaram a piorar a perturbação emocional do menino.

Miur não comentara, mas também estava preocupado com sua esposa por ela ter chamado o menino pelo nome de sua filha. Ambos não conseguiam conversar sobre a situação.

Ao amanhecer Aluin, levantara-se e chamara pela mulher que ainda dormia.

— *Jä*, você poderia fazer outro vestido pra mim? Posso ajudar a trançar seu cabelo depois que refazer o meu! Queria pedir também

para me tratarem como uma *menina*, se não for pedir muito. — O casal se encarara, mas concordaram apesar da repentina mudança.

Durante a tarde tudo ocorria bem; Miur conversava com os tripulantes, Jäger e Aluin estavam no convés conversando. Ambas customizavam algumas roupas para servirem no corpo menor.

— Terra a vista senhor Miur! Estamos próximos de Verdeeld Eiland. Com o vento baixo amanhã, ao amanhecer, alcançaremos o porto. — Anunciara o Imediato.

## 14 ÁRIA E ONIRODINIA

Fugindo de um marido irritado, um rapaz com cabelos castanhos escuros, enrolados e volumosos pulara as janelas e corria o máximo que podia pela planície. Quando alcançara uma encosta íngreme, escorregara nos pequenos seixos redondos, fazendo com que o jovem de roupas bufantes roxas que usava um fino bigode fino, acabar rolando morro abaixo.

Para ele, a maior preocupação era seu alaúde, que felizmente ficara intacto.

Chegando junto com uma grande nuvem de poeira o bardo saltara ficando em pé. Estava ferido e cheio de dores, mas mantinha a pose altiva.

Andando mancando resolvera parar e descansar na sombra de uma grandiosa acácia; era a primeira depois do longo deserto de Verdeeld Eiland. Ferido, pegara em uma de suas pequenas bolsas um frasco vazio que, ao chegar à árvore e tirando algumas folhas, triturara junto de um pouco de água no fraco e logo sentou-se na sombra, tocando uma de suas melodias.

A letra contava a história de um jovem bardo que era querido por todas as jovens donzelas e odiado por seus maridos cruéis e insensíveis. Seu belo canto fazia com que vestais estremecessem e os beltranos, esmorecerem. A beleza do bardo era a mais alta joia que uma princesa poderia querer em sua coleção.

A raiva dos cônjuges era a alegria do aguerrido ferido sob a bela acácia.

Cantando sua melodia desafinada, enfim colocou o preparo de folhas em suas escoriações. Cansado, necessitava deitar por alguns minutos para se recuperar e para que o unguento fizesse efeito.

Ao encostar-se contra tronco da árvore, sentira que não estava sozinho.

Alguém estava atrás da árvore; talvez fosse o marido irritado que o perseguira e estivesse prestes a mata-lo pelas costas, ainda mais

após sua linda canção proferida a pouco.

Ajoelhando-se desconfortavelmente, arrastou-se pedindo perdão:

— Ó, caro senhor! Sei dos erros que cometi, mas como o senhor, fui enganado e ludibriado pela vil senhora. Após saber do comprometimento da senhora sua esposa, eu neguei o coito, mas ela me obrigara a transar contra minha vontade! Ora senhor, poupe esse velho e pobre bardo... — Implorara rodeando a árvore esperando pelo pior, mas para a sua surpresa, era um menino branco menino branco, queimado do Sol, que estava visivelmente desidratado.

Estava deitado e encolhido, respirando com dificuldades. Sabia que o menino não pertencia àquela região que, assim como ele talvez não fosse desse continente árido. Falando na língua que talvez o menino compreendesse, ele dissera:

— Ei, seu pilantra! O que você pensa que está fazendo, hem? Quer matar, o grandioso e nobre Filpain, do coração? Ei, menino o que você tem? — Perguntara se aproximando do menino ainda de joelhos.

Não obtivera nenhuma resposta e somente quando chegara à frente do menino vira o estado de desnutrição e desidratação que ele se encontrava.

Estava em choque, não ouvindo ou percebendo a presença do jovem bardo. Dando água para o menino, o bardo logo tocava uma melodia para reanima-lo.

Abrindo os olhos aos poucos com ajuda da melodia, encarou assustado o bardo.

Tentando fugir, arrastara-se clamando por socorro de forma esganiçada e seca. Filpain sabia que, ou algo muito forte estava acontecendo, ou estava sofrendo de delírios pelo calor; ou até mesmo alguém o hipnotizara.

Em pé com dificuldade, Filpain começava a cantar novamente:

— Jovem menino, acorde desse transe, está liberto dessa maldição! Nenhum ser irá controlar mais sua visão. As rimas não são as melhores, mas as intenções são obras primas. Eu liberto você; eu ordeno. Não pensei em nada melhor agora, mas está liberto a partir

desta hora! — Tocando seu alaúde com vontade vira o menino parar de se arrastar e cair com rosto contra a areia, desacordado.

Filpain estava machucado, mas não poderia esperar ficar melhor para poder ajudar a criança; precisava ser rápido ou seu pequeno companheiro morreria. Lesionado, tirara sua capa roxa, enrolando-a para protegê-lo dos raios destruidores do Sol. Mancando, carregara o menino em baixo do braço por todo o caminho.

Apesar de magro, ele era pesado o suficiente para Filpain sofrer o bastante.

— Mas que *diabus!* Não está sendo fáceis estes dias pra mim. O que poderia *eu* ter feito de ruim para ser punido pelos deuses dessa forma? Aquelas mulheres maravilhosas mereciam alguém como eu! Aqueles homens brutos com quem se relacionam não merecem aquelas belezas delicadas. E agora, um rapazinho me aparece do nada! Dessa forma tenho que salvar mais uma alma dentre as centenas de outras que venho salvando por toda vida. — Resmungara o bardo que se escondera ao ouvir cascos de cavalo em sua direção.

— Olha só se não é o nosso amigo ganharão se escondendo, veja Muskeln! Vamos pregar uma peça nele? Ei, seu bandido, aonde pensa que vai? — Rira um grande homem em um touro senepol vermelho, que apontava para Filpain que tentava, inutilmente se esconder. Muskeln apenas acenara com a cabeça.

— Ei, bardo patife, renda-se ou mataremos você. Se entregue e só daremos *uma* surra. Vamos não faça nós dois irmos até você, seu magricela. — Dissera disfarçando a voz o grandalhão montado no touro.

Identificando a voz, Filpain deixara os arbustos; estava extremamente irritado, apesar de ferido. Com o menino no colo, deixara visível seus ferimentos.

— Veja só, dois brutamontes fazendo tal barbárie. Acabo de resgatar o menino de sequestradores da areia, e me ameaçam dessa forma! Não tem honra alguma em vocês dois. Vamos me ajudem a leva-lo para o Gato Cinzento. — Bradara em pose heroica.

— Até parece, Filpain! Você não nos engana assim não, são anos de convivência pra cairmos no seu papo! Vai monte logo, o menino parece bem ferido. E, por favor, conte a real, onde foi que conseguiu esses machucados e o menino? — Dissera o grandalhão desengonçado enquanto ajudava o de trajes bufante subir no touro com grandes chifres.

— Bom, realmente não o salvei de nenhum lugar. O achei muito desidratado, parece fugitivo de algum cativo, pensei ser de Almadinat Aleayima, mas pode ser de qualquer lugar. Ele não é dessas terras quentes! Estava delirando, talvez do Sol ou enfeitado. Sabe que tem loucos por todo lado né?

— Pois é, e o que vai fazer com o menino? Vai virar papai? Não que já não seja de muitos sem saber! — Rira o grandalhão — Venda ele então como escravo, talvez ganhe uns trocados, dinheiro é sempre bom, não é?

— Muito engraçado, Gehirn! *Ha, ha, ha, ha!* Você me mata com suas anedotas. Eu realmente não sei o que fazer. Ficarei com ele até ele melhorar, só aí decidirei. E enquanto a vocês dois, hem? Como anda a vida de bebedeira nas tavernas pelo mundo? Bons tempos nossa juventude de aventuras!

— Mais uma vez está delirando, seu maluco? Nunca fomos para viagens assim! Apenas viajavamos pelo mundo. Você contava essas histórias de monstros e dragões, mas nunca realmente aconteceram. — Gargalhara o outro, Gehirn.

— Acho que nem ele lembra mais o que é real ou só história que ele canta! — Completara Muskeln.

— Como são traiçoeiros, vocês ainda continuam negando a vida que tiveram é?

Após o comentário de Muskeln, o trio continuou a longa estrada até o Gato Cinzento. Cruzando a ponte gigantesca Jisr Eimlaq para evitarem as montanhas vermelhas, o lar de dragões, e seguindo a estrada margeando o rio até o anoitecer.

Acampam sob algumas árvores secas as margens do rio Khalas, onde utilizaram os galhos para grandes fogueiras em volta do acampamento; não queriam visitas de *grimloks* farejando o menino ou uma alcateia de *gnolls* aproveitando a escuridão.

Ao faltar dois ou três dias de viagem, Filpain ameaçava algumas ervas em silêncio, já que seus amigos preferiam que não cantasse na presença deles. Ao colocar no fogo para cozinhar, aproveitara para comer um pouco da ração dos dois guerreiros. Ao final, dera a poção em forma de mingau para o menino desacordado.

No meio da noite, grunhidos e risadas grotescas podiam ser ouvidas. Acordando assustado, Filpain sacara sua espada com o menino no colo; os dois guerreiros também já estavam despertos, apenas deitados observando a movimentação na margem do rio. As fogueiras foram reduzidas às brasas pela dupla com armas em punhos.

Aproximando-se da dupla, perguntara baixo, com medo de que o que quer que fosse o escutasse.

— O que está havendo do outro lado do rio?

— Parece que uma grande matilha de *gnolls* está subindo a estrada na outra margem. Alguns deles estão pescando corpos do rio. Vamos subir rastejando; Filpain fique para trás com o menino, voltaremos rápido! Os cadáveres mostram que alguém precisa de ajuda.

Rastejando rumo a nascente do rio, não demoram a enxergar uma grande quantidade de corpos boiando no rio; crocodilos esbaldavam-se com os cadáveres à luz lunar. A dupla precisara ficar um tempo focalizando para conseguir identificar o que estava refletindo a luz, ficando parcialmente invisível para quem passasse despercebido.

Uma grande estrutura metálica estacionara as margens do rio e dela saia um caminho de corpos; alguns boiavam no mesmo lugar, outros corriam rio Khalas abaixo rumo a grande bacia de Bahr Araml.

— Pelos dragões antigos... Essa é a fortaleza flutuante Almadinat Aleayima! As descrições das lendas batem: uma fortaleza metálica, brilhante refletindo o ambiente; as rodas gigantescas, e claro, deve ser mantida por escravos! É o pior tipo de coisa que poderíamos encontrar. Dragões teriam mais piedades de nós, vamos fugir rápido! — Filpain aparecera como um fantasma assustando os dois guerreiros.

— Esperem... Eu consigo ver perfeitamente. Os portões estão abertos, vejam! — Apontara Muskeln.

— Parece que foram atacados... Dezenas de carneiros estão lá, da pra escutar e ouvir que ainda tem escravos morrendo! Consigo identificar duas matilhas diferentes de *gnolls*, mas tem outros que não identifiquei. Vamos ataca-los ou fugir como ratos nojentos? — Dissera o guerreiro tirando a camisa pronto para o combate.

— Você está maluco? É pelo menos uma centena de monstros, somos três. Antes ratos vivos que três idiotas mortos! Vamos embora logo. — Argumentara Filpain.

— Fique para trás Filpain, você está ferido e tem o menino para proteger. Vamos atravessar o rio e salvar aquelas pessoas. Não tolero esse tipo de tirania. — Gehirn dissera pulando no rio de águas calmas, atravessando com facilidade até o outro lado acompanhado de Muskeln.

Brandindo suas espadas, uma aura azul se formara sobre a dupla que derrubara facilmente os primeiros *gnolls* distraídos que comiam os mortos resgatados do rio.

Do outro lado do rio, o bardo tocava sua flauta emanando uma melodia encorajadora e fortalecedora para os amigos; o que ajudara a exterminar todos os monstros que viam à frente; dezenas de *gnolls*, *orcs* tinham suas cabeças cortadas e esmagadas, rolando até o rio.

O barulho da matança logo chegara aos ouvidos dos intrusos dentro da fortaleza que, pulando a muralha, os ladrões de corpos e riquezas fugiram o máximo que conseguiram.

Tratando-se de carniçais, todos fugiram com o risco de morrerem como os outros.

Dentro da fortaleza, os dois guerreiros perguntaram por prisioneiros em várias línguas. Em resposta, apenas murmúrios sob o chão que pisaram fora ouvido; grades eram chacoalhadas mais ao fundo, talvez o salvamento fosse mais demorado e longo.

Invocando uma ponte mágica com sua canção, Filpain atravessara o rio com as montarias e com o menino nos braços. Adentrando daquilo que pensava ser apenas uma lenda, o bardo sentira



profunda tristeza, já que a lenda, além de ser um lugar famoso, também era cruel.

Tráfico de crianças e mulheres era comum naquele lugar: servindo como peças de carne, escravos sexuais ou de serviços forçados. A origem desses escravos poderia ser literalmente de qualquer lugar.

Agora vendo a fortaleza destruída, o desfalecido menino nos braços do bardo, mostrava a ele que o menino poderia ter fugido dali.

Os cheiros horríveis da mistura de sangue velho, carniças, urinas e fezes machucavam as narinas dos três homens.

Abrindo as jaulas de crianças cegas, precisaram repetir em vários idiomas que estavam ali para salvá-los não os ferir e logo a mesma mensagem, variando em diferentes idiomas, fora repetido no subterrâneo.

Os sobreviventes tinham lesões graves e alguns permanentes: o caso de muitas crianças cegas que tiveram os olhos furados e a língua arrancada há pouco tempo.

Os escravos estavam exaustos; machucados e sem forças para continuar vivos.

Por ali ainda havia muitas pedras preciosas e peças de ouro jogadas ao chão, Muskeln pegara cinco mochilas cheias da riqueza, colocando-as penduradas em suas costas. Com toda certeza teria um grande leilão de vidas que por destino, fora atrapalhado.

Todos sobreviventes haviam aceitado ficar com o trio; muitos outros fugiram assim que libertos, atravessavam a ponte de Filpain.

Todos exaustos e muitos cansaços definhavam aos olhos dos guerreiros incomodados. Gehirn rompera o silêncio e falara para Filpain.

— Ei, você sabe um pouco de necromancia! Salve esses pobres coitados, puxe a energia dos crocodilos no rio e passe para eles. — Sugerira o guerreiro.

— Primeiro sugue um pouco de nossa energia, você com toda certeza precisa de muita energia para isso. Tem nossa palavra de honra que falaremos muito bem desse barulho que você diz ser canção. — Prometera Muskeln.

— Vocês estão malucos, eu não sou necromante, isso é impossível pra mim!

— Você esqueceu que somos amigos há muitos anos; muitos e muitos mesmo! Você aprendera necromancia com nosso amigo, o Miur! Ele sempre gostou de magia negra e você também quis aprender. Ou seja, você sabe pelo menos sugar a energia de seres vivos e passar para outros. — Lembrara Muskeln.

— Sim, realmente Miur é um especialista em magia negra, e aprendi muito só tentando ensinar a nobre arte do alaúde como troca de perícias. Bom... Tentarei, mas primeiro preciso absorver a energia de um de vocês! Daí então farei isso; são muitas pessoas. Tentarei curar os olhos e língua trocando pelas dos animais. Mas preciso de sangue pra isso: vamos quem vai dar o sangue e me ajudar?

— Tire minha energia e corte esse gordo do Gehirn!

Filpain falara com os ex-prisioneiros sobre o que iria fazer repetindo nas línguas de cada um. Ao terminar, começara falar algumas palavras mágicas sentado em frente ao seu grande amigo.

— *“Energia vital, venha a mim... Energia vital, venha a mim... Energia vital, venha a mim... Energia vital, venha a mim...”* — Repetindo quatro vezes, seu amigo deitara-se sobre o chão, dormindo. Os ferimentos do bardo outrora sumiram, agora estava curado e mais forte.

Com uma pequena tigela, Filpain e Muskeln seguiram com a posta de uma faca furando o dedo de cada um dos quinze escravos.

— *“Seres das profundezas... Seres das profundezas... Seres das profundezas... Seres das profundezas”* ... Tragam a mim os olhos e línguas desses crocodilos! Tragam a mim a energia que os mantem vivos através da troca de suas vidas! — Invocando a força dos mortos, com os dedos jogara o sangue retirado das pessoas para trás. A energia verde dos répteis gigantes flutua sobre seus próprios corpos, agora mortos. Com uma aura e olhos vermelhos, Filpain comandara a massa de energia sobre os corpos dos escravos que, ao os atingir, acabaram desmaiando; incluindo o próprio bardo. Muskeln ficara de guarda acordado durante a noite; tinha medo dos carniçais buscarem reforços e voltarem mesmo estando longe.

Ao amanhecer, o Sol já castigava em suas primeiras horas as pessoas que se amontoavam; estavam nus, sem proteção alguma contra o extremo calor.

O grandalhão Gehirn roncava enquanto os demais acordavam aos poucos.

Filpain acordara de cara com a areia quente sem nenhum ferimento. Logo após ele, o próximo a acordar fora o menino do deserto.

O grupo que consistia de pessoas de quase todos os continentes permaneceram trocando olhares entre si; estavam apavorados. Filpain se pronunciara, causando uma grande histeria coletiva: eles seriam abandonados em pleno deserto!

Incomodado, Muskeln interrompera.

— Leve todos para o Gato Cinzento, eu pago a moradia de todos. Acomodem eles de dois em dois ou mais! Diga-me o quanto fica a hospedagem pelo tempo que for necessário. Pegue essas bolsas com joias, pagara muito mais que irão lhe custar! — Dissera jogando quatro bolsas recheadas contendo um grande valor, enquanto acordava seu companheiro dorminhoco.

Colocando as crianças menores no cavalo e no touro, os guerreiros e o bardo andaram ao lado de algumas mulheres e meninos. As cobertas e capas foram sacrificadas, virando vestimentas rudimentares.

Seguindo pelo caminho mais longo, passaram pela estrada as margens do rio sobre a proteção das sombras das árvores. Caminharam durante dois dias quando chegaram à cidade na segunda noite.

Atravessando a cidade, todos foram acomodados nos quartos do Gato Cinzento; enquanto apenas sete pessoas ficaram acomodadas na estalagem do bardo, as demais apenas queriam voltar para casa. Dentre as sete, duas pessoas queriam e pediram para ajudar: tinham vergonha de ficar sendo hospedadas sem pagar por isso. As outras cinco eram muito pequenas.

Os que se ofereceram era uma jovem menina do oriente; baixa, magra com olhos puxados. O outro fora o menino resgatado por Filpain: um garoto magro, pálido; havia recuperado sua palidez

após ser curado no deserto. Ele também contava com os olhos verdes.

— Mestre bardo, sou Ikiru Kibo deixe que trabalhe para o senhor, não sou digna de ser uma hospede! Quero trabalhar para poder pagar o que comer e onde dormir. — Dissera a jovem assim que amanheceu e encontrara Filpain à entrada dos fundos do Gato Cinzento. Tinha medo de ser escrava sexual novamente; ainda não entendia que estava livre.

— Por favor, senhor! Eu sou Allis, não sei onde estou só me lembro de estar fugindo de dezenas dos *orcs* e demônios horríveis. Acordei junto de vocês vindo para cá... Eu não sei se eu sonhei ou se tudo o que eu penso que pode ter acontecido comigo, são reais. Se fossem, eu estaria morto. Não sei o que posso fazer para o senhor, mas me permita viver aqui! Serei bonzinho e obedecerei a suas ordens. Só imploro que não me leve para tortura. — Implorara Allis de joelhos o menino.

Escutar o menino implorando de joelhos para não ser torturado mexera com o emocional de Filpain. Por fim, alojara ambos, cada qual em um quarto confortável e aceitara que trabalhem para ele. Repartiu uma, das quatro bolsas, entre os dois novos trabalhadores e pediu para que no dia seguinte, comprassem e se divertissem como quisessem.

Teriam o dia para se divertir e descansar, depois apresentaria para ambos os afazeres diários.

— Ora, tudo bem! Não precisam se humilhar dessa forma, não farei mal a vocês. Andem juntos. Os quartos de vocês será o que escolherem. Amanhã andem pela cidade; comprem roupas e o que quiserem. Será fácil se acostumar com a rotina, por esses dias não tenho muitos hóspedes, mas com a chegada da competição de espadas ficaremos lotados. Você Kibo, tome conta de Allis, tudo bem? — Acalmando os dois, Filpain; aproveitara para entregar as joias e moedas, a menina parecia ter apenas alguns anos a mais que o menino.

Ao saírem felizes procurando os quartos que seriam deles, as duas crianças cruzaram com a dupla de guerreiros que esperavam Filpain para irem ao salão beber grandes canecas de cervejas juntos.

Lembravam-se de seus feitos da juventude juntos! Das lutas travadas e em especial a que participaram com Miur e a esposa Jägerin (o qual ela odiava, apresentando-se sempre como Jäger) há mais de trinta anos.

Com o avançar da noite, dormiram sobre a mesa empilhando inúmeras canecas vazias.

Ao amanhecer, Gehirn anunciara que tinha negócios a tratar em Bahr Araml; Muskeln e ele precisavam requisitar uma recompensa por um trabalho feito.

— Pois é bardo, preciso ir até a capital. Suspeito que será o ultimo trabalho que faremos como caçadores. Eu e Muskeln precisamos dessa recompensa e depois podemos viver por aqui. Será bom parar, após trinta anos caçando todo tipo de criatura! Parece que o tempo chegou pra nós todos. Voltando, quero ver como anda aqueles dois que quiseram ficar por aqui. Gostei do ímpeto deles. — Comentara o bárbaro.

Com um aceno, Muskeln se despedira do amigo Filpain, partindo para a estrada novamente rumo a Bahr Araml. Utilizando o caminho mais rápido e perigoso, a viagem duraria no máximo quatro dias. Desta vez a caçada não era algo grandioso ou assustador: fora uma pedra negra que o contratante Khayin havia pedido. Não foi difícil achá-la e tão pouco perigoso.

Adentrando o grandioso portão vermelho de Bahr Araml, a dupla de guerreiros seguira até o palácio de Amir; tinham negócios com seu cunhado. Estavam sendo recebidos pelos guardas reais, quando, com espanto, observaram um casal de crianças estrangeiras saindo do palácio montados em dromedários. O menino saía à frente e a menina gritando com ele, passando depressa entre eles.

A dupla de guerreiros seguira os dois guardas que os chamaram até a presença de Khayin, percorrendo um caminho não oficial.

— Enfim encontraram, apesar da demora chegaram. Vamos me deem esse orbe logo!

— Antes disso: mostre nossa recompensa! Você não me parece confiável. — Retrucara Muskeln.

— Realmente não sou confiável. Pensava mesmo *matar* vocês dois, mas isso traria muitos problemas para mim! Meus homens vão levar vocês até a carroça de ouro que prometi.

— Você quis dizer as duas carroças, não é? — Intervira Gehirn, dando sinais que sua espada longa estava pronta para ser usada.

— Tudo bem, ouro não é problema. O que me trouxeram vale um reinado! *Embora estejam atrasados uma noite*. Isso aqui será o golpe final! —Khayin dissera rindo.

— Então nos leve até o ouro, inútil. Só quando estivermos com ele entregaremos a você essa pedra. — Disse Muskeln com a pedra nas mãos.

Irritado, Khayin levava pessoalmente até o seu cofre. Pedira também que seus guardas providenciassem duas carroças e as enchesse com moedas de ouro de forma velada. Carregando baldes cheios de moedas pelos corredores paralelos do palácio, os subordinados encheram as duas carroças acopladas no touro vermelho e o grande *clydesdale*, o cavalo malhado de Muskeln. Já montados e fora do palácio, os dois guerreiros jogaram a orbe negra e opaca nas mãos do contratante.

Seguindo o caminho perto do rio, escutaram uma aglomeração e, ao se aproximarem abrindo caminho com suas carroças, ao longe perceberam um menino correndo desorientado, trombando nas pessoas. Era o mesmo menino que mais cedo viram deixando o palácio com uma menina calmamente.

Não demora e logo a mesma menina de antes corra com os dromedários a seguindo atrás do menino. Ainda apenas os seguindo com os olhos, viram os dois pararem a corrida, trombando com uma barraca do boticário e alquimista da cidade.

Rapidamente, como se os soldados já estivessem no encalço dos dois, atacaram sem pena as crianças. Uma grande multidão não permitira que os guerreiros continuassem com suas carroças cobertas.

Descendo e passando com dificuldade entre a grande multidão vendo a luta, alguns dos guardas os pararam, pedindo para

entregar as carroças roubadas. Sacando as lanças, ameaçaram atacar os dois guerreiros.

Um grito fino distraía o grande Muskeln, que acabara recebendo um golpe de lança em seu braço. Hipnotizado pelo que via, não sentira o golpe, apenas decepara a cabeça de seu atacante com sua espada. Gehirn não esperara ser atacado, e logo cortava o guarda a sua frente ao meio; ambos sabiam que foram *traídos* por Khayin.

A visão que aterrorizara Muskeln há pouco, fora a menina magra, com no máximo doze anos ser atravessada por uma lança e ser jogada com toda força no boticário. O menino conseguia lutar com bravura mesmo sangrando e usando apenas uma mão. Estavam próximos o bastante para sentir o calor de uma bola de fogo atingir os guardas, explodindo os três agressores e quase acertando em cheio o menino. Certamente o alquimista ficara irritado e atacara todo mundo.

Chegando à cena sangrenta, o boticário pedia ajuda para os dois únicos corajosos que se mostraram. Pedira para trazer o menino para dentro, mas ambos continuaram parados, aguardando uma guarnição de guardas, retrucando para o próprio velho pegar o menino.

Sem dificuldades e com grande fúria nos ataques, a guarnição de sete homens da guarda imperial fora destruída. Andando sozinhos, o touro vermelho e o cavalo malhado se aproximaram até pararem ao lado dos dromedários. Quem os visse os quatro animais, poderiam dizer que conversavam entre si.

Voltando para o dono da barraca não havia mais ninguém entre os escombros, apenas uma mancha de sangue e um rastro dele que terminava na areia; o que acabara dando a ideia que uma porta falsa estava escondida ali. Com cautela se aproximaram da porta; nenhum deles passara pela passagem oculta, apenas viam lá dentro, o alquimista com a mão esticada e uma luz azul que saía e atingia o peito aberto da menina, aparentemente morta. O menino, inconsciente, respirava apesar das queimaduras.

Interrompidos por mais guardas, os guerreiros conseguiram segurar a tropa de vinte homens que estavam armados e prontos

para mata-los. Estavam sendo acusados por roubar o palácio e acobertar assassinos.

Brandindo as espadas, Muskeln e Gehirn saltaram sobre a guarnição armada. Atirando flechas e atacando todos de uma vez, a dupla fora ferida gravemente; diferentemente de *orcs* e *gnolls*, os guardas reais eram muito bem treinados. Com muito trabalho, os vinte soldados estavam mortos.

Entre muitos golpes, esquivas e ataques certos ambos precisam sentar para descansar. Cansados da batalha, o velho clérigo chegara ao lado dos guerreiros, pedindo por ajuda.

— Senhores, não tenho como pagar pelo bravo esforço que fizeram hoje, muito menos pelo que pedirei! Preciso que fujam com essas crianças. Elas estão muito feridas e precisam ser levadas para longe. Esses homens certamente são servos de Khayin; as roupas deles mostram isso. Ele odeia essas crianças desde o pronunciamento de Amir. Não poderei cura-las aqui, precisam dar as poções vermelhas que estão lá dentro por dez dias, a menina... — Enquanto falava acabara sendo interrompido por Gehirn.

— O que está falando, velhote? Não somos heróis! Salvamos vocês por acaso. Não quero morrer por ninguém a não ser a mim. — Dissera o bárbaro se levantando e indo para sua carroça.

— Por favor, herói, salve a menina da morte; ela é pura e não fez nada! Olhe nos olhos dela e verá a luz que ela emana. Oh, herói, estou condenado por salva-la e nada poderei fazer caso os soldados voltem! O menino quase deu a vida pela garota; mostre que o senhor é digno de ser herói. — Dissera o velho, com as mãos sujas de sangue se ajoelhando para Muskeln.

— Mas que merda! Você é forte o suficiente para explodir mais homens que eu mesmo matei. Eu vi sua bola de fogo, você é no mínimo um mago dos mais fortes! — Reclamara Muskeln enquanto retirava as flechas cravadas pelo corpo.

— Mestre herói, infelizmente está equivocado! Não é esse velho dedicado à arte da cura que lançou o feitiço "*kurat narian*". Foi àquela jovencinha que define esperando que o senhor a salve!

— Há muitos anos não vejo um mago soltando uma bola de fogo. Não venha me enganar que uma pirralha dessas tem todo esse



poder! —O bárbaro respondera já montado em sua carroça puxando as rédeas do cavalo malhado.

— Se negam a salvar a vida de duas crianças, apenas por que não posso pagar? Não merecem o título de heróis, são açougueiros, mercenários. Vão embora! Covardes! — Gritou o velho empurrando com as mãos, emitindo uma luz azul, o guerreiro que ainda estava sentado.

Com as carroças quase fora da cidade levando quase o triplo do tempo que deveria, parecia que suas montarias estavam contrariadas em fugir da cidade. Em alta velocidade quatro guarnições de soldados passaram marchando em direção contrária.

Muskeln, lembrando-se do grito de dor da menininha estocada, conseguia sentir toda dor e sofrimento de sua morte agonizante. Virando sua carroça, o cavalo voltara tão rápido quanto jamais corraera antes, mesmo puxando muitos quilos de ouro.

Nem ele e nem seu cavalo suportariam essa morte em sua mente, há dias salvou inúmeros escravos, agora sua obrigação é salvar a vida de mais duas crianças inocentes.

— Mas que porra está fazendo, Muskeln?! Não me diga que está voltando pela mentira do velho. Estamos enfim ricos e podemos ficar tranquilos! — Gritou Gehirn ao ver seu companheiro dar meia volta, acelerando.

Com seu pesado touro vermelho, o bárbaro vai atrás da carroça do amigo gritando sobre ser loucura de atacar a guarnição toda. Igual seu companheiro equino, o touro corria com todo seu fulgor nos olhos. Ao longe podiam ver explosões de energia cessando rapidamente.

Ao voltarem, viram o velho ser esquartejado pelos guardas. Os homens não conseguiam passar pela pequena portinhola, tentavam alcanças as crianças com a ponta das lanças.

O comandante dera a ordem de ateaem fogo, jogando óleo para atingir as crianças; eles não queriam prisioneiros. Saltando das carroças, os guerreiros partiram para cima dos guardas desatentos.

O Touro continua seu caminho, junto do cavalo, chifrando e atropelando os soldados. Com cortes rápidos e assertivos, uma grande quantidade de soldados fora abatida, entretanto os soldados

perceberam e logo iniciaram ataques aos dois guerreiros. O comandante então arremessara a cabeça do velho alquimista para abalar os guerreiros.

Para o azar da tropa, a atitude apenas deixara os guerreiros ainda mais irritados, em especial Muskeln, que com as palavras "não merecem o título de heróis, são açougueiros; mercenários!" pairavam sua cabeça. Desse pensamento em frente as lanças e flechas, as mesmas não surtiam mais efeitos.

Apesar de ficarem muito feridos, continuaram até o último dos mais de quarenta soldados mortos. Arrebentando com toda força que lhe restava à pequena portinhola, Muskeln entrara no depósito. A menina respirava fraco, mas o buraco de seu peito aparecia restaurado em meio dos rasgos do corselete.

Pegando o menino no colo e entregando para Gehirn, Muskeln voltara e pega a menina encostada na parede. Tinha um corpo magro e esguio; para ele, seu maior desafio era mantê-la viva.

Subindo pela escada, não se esquecera de pegar os frascos de poção vermelha que o boticário dissera antes. Subindo as escadas, os dromedários das crianças se aproximaram, cheirando-as.

Com o animal deixando-a babada, a mesma reconhecera o odor, fazendo com que ela despertasse; os olhos estavam brilhantes em meio ao rosto sujo de sangue. Afagando o seu animal, notara o homem, que logo em seguida também acariciara.

Mesmo sujando-o com seu sangue, o gigante começara a chorar dando um sorriso dolorido. A criança magricela, ainda com a mão no rosto de seu salvador, agradecera com uma voz inaudível, estremecendo o coração do guerreiro. Montando nas carroças com cuidado ambos fugiram da cidade, cada um com uma criança no colo.

Os dromedários os seguiam sem que fosse necessário amarra-los.

Como prometido, a dupla voltara para o Gato Cinzento. Todavia voltavam trazendo na bagagem, duas crianças em frangalhos. Deixando os dois no mesmo quarto, Filpain ajudara como pode, deixando Allis e Kibo a disposição dos novos hóspedes.

Havia pouca coisa nos dromedários, mas tudo o que havia fora entregue no quarto que pertenceria aos dois. Muskeln fizera

questão de deixar o dobro do peso das duas crianças em ouro para Filpain para que tivessem abrigo.

Incumbidos de cuidar das crianças desconhecidas, Allis e Kibo banharam o casal desacordados e trocaram as roupas rasgadas por novas que traziam nos dromedários.

Durante alguns dias, Muskeln ia pessoalmente cuidar da menina desacordada, dando doses de poções para ela e o menino.

Contaram para Filpain como entraram nessa confusão, regados com muita cerveja.

— Esse chorão aí do Muskeln que nos meteu nessa encrenca! Estávamos montados em uma pilha de ouro, literalmente. Com certeza o cunhado do Amir vai tentar de alguma forma acabar com ele, coitado. Quando estávamos saindo, vimos aqueles dois apanhando feio; a menina foi atravessada por uma lança e soltou uma bola de fogo, digna de magos velhos. O *muleque* conseguiu se dar bem lutando com uma mão só contra quatro guardas. Um velho boticário os salvou e pediu ajuda. Mas merda! Eu fui embora, só pensei que estava cansado dessa vida de trabalhos sujos e nem pensei nas crianças. — Lamentara o bárbaro. — Estávamos quase fora do muro quando esse chorão aí voltou correndo. Que desgraça! Tivemos que lutar com uma guarnição de uns cinquenta soldados! Me ferrei todo, esse aí também. Até chorou quando a *pirralhinha* tocou na cara dele. Bom o resto você já sabe, agora sabe que o problema também é *seu*. — Gehirn terminara rindo ao contar a história.

Comprando as propriedades vizinhas do Gato Cinzento, a dupla de guerreiro fizera uma parceria com Filpain; queriam manter um abrigo para andarilhos e necessitados. Filpain gostara da ideia de poder ajudar e ter plateia sempre presente para suas apresentações artísticas. As paredes do Gato Cinzento foram estendidas para onde eram as outras propriedades vizinhas. Os quartos foram aproveitados e o número de hóspedes para o campeonato de espadachins seriam acomodados com mais conforto.

A reforma durara apenas dez dias, graças a grande quantidade de ouro empreendido que nem um terço de uma das carroças fora usada. As crianças acordaram e, como de costume,

Allis fora até o quarto abrir as janelas. Em um ataque repentino, Thomi pulara sobre o menino com a faca no pescoço, ameaçando mata-lo se não tivesse respostas.

— Onde estamos, seu maldito? O que fez com a gente? Diga antes que eu ranque suas tripas! — Ordenara o menino enquanto pressionava a faca contra a garganta do menino.

— E-Ei calma! E-Eu só vim te ajudar. Só sei que v-vocês quase morreram e f-foram salvos. Não me machuque, p-por favor só estou ajudando vocês dois! E-Eu também estava fugindo de um *o-orc* e fui salvo. — Gaguejara Allis enquanto rogava para não ser morto.

— Não seja bobo, Thomi. Não vê que é só um menino igual você? — A voz doce de Hope soara pelo quarto. A menina havia despertado a pouco também.

Soltando Allis, o menino continuara paralisado chorando no chão, enquanto Thomi ia até a irmã. A última coisa que se lembrava era de vê-la sangrando.

Notara então que ambos estavam bem; talvez o menino não estivesse mentido e não sabia nada. Voltando-se ele, o mesmo permanecera chorando, abraçando os joelhos e balançando o corpo para frente.

Thomi olhou assustado, ficando atormentado com a reação do menino.

Hope, levantando-se com dificuldade, cambaleia e se ajoelha até o choroso, abraçando-o, fazendo com que assim, aos poucos, começasse a diminuir o balanço.

Ao se olharem, ambos começaram a conversar calmamente.

— Desculpa meu irmão, ele é meio estúpido mesmo! Você, assim como nós dois deve ter passado por coisas ruins, não queremos machucar você! Ei, você fala nossa língua! Fica tranquilo, *tá?* Eu não vou deixar o Thomi ou ninguém te machucar! Você pode chamar quem salvou a gente, por favor? — Pedira dando um beijo no rosto do menino ao se levantar, fazendo-o rir enquanto escorriam lágrimas dos olhos.

Engolindo o choro, Allis descera em busca de Filpain. Subindo rápido e batendo na porta, o bardo adentra no quarto escuro.

Com a claridade da janela, ele se encanta com a menina em pé em sua frente: um sorriso encantador, com as mãos atrás das costas e fazendo círculos com o dedo do pé esquerdo o cumprimentando. Admirando o sorriso da menina, Filpain ficara de joelhos com uma grande reverência.

— Oi. — Dissera rindo envergonhada.

— Sou Filpain, mestre bardo as suas ordens! Meus amigos ajudaram vocês em Bahr Araml; acho que o boticário, ou alquimista ou clérigo, enfim, um velho lançou algum feitiço para descansarem e recuperar as forças. Ei, onde está o menino que estava com você? — Perguntara Filpain.

— Ele está atrás de você. Ele ia te matar dependendo que falasse. Ele é o Thomi; meu irmão. Eu sou Hope.

— Santa Bárbara! Que isso menino? Você é louco é? Saia daí! Eu não quero machucar vocês não! — Respondera o bardo assustado e com o coração acelerado.

Interrompido com o som da barriga da menina, Filpain rira, convidando ambos para conhecer sua estalagem e descer para comer. Envergonhada a menina aceitara; Thomi apenas a seguia até o salão.

Ao se sentarem, Allis viera até eles, perguntando o que gostariam de comer. A menina, segurando as mãos do menino, disse.

— Me traga tudo *u* que você gostaria de comer e come com a gente! Você pode comer com a gente? — Perguntara Hope enquanto olhava para Filpain que apenas respondera sim com um balançar da cabeça.

Voltando rápido e com ajuda de Kibo, trouxera algumas bandejas e tigelas.

Os cinco comeram juntos, enquanto Filpain aproveitava para ouvir o que conversavam.

A menina não tirava os olhos de Hope e fala.

— Menina, eu vi você em Almadinat Aleayima! Você era uma escrava lá como eu.

— Eu estava onde? — Perguntara em meio às colheradas.

— Na fortaleza de tortura, lembra que era chicoteada?! Eu via você com outra menina escura! Sempre deixava vocês, as mais novas, longe dos homens. — Explicara a jovem de olhos puxados.

— Sério que você ficou lá e me ajudou também? Muito *'brigada*. — Hope dissera se levantando e abraçando a menina um pouco mais velha. — Sei que deve ter sofrido muito me ajudando... Não sei o que posso fazer para agradecer por você! Mas aquele menino magricelo e mal encarado ali do meu irmão, o Thomi. Ele que salvou a gente, ele que matou aquele gordo! — Completou Hope.

Arregalando os olhos, Filpain apenas continuara comendo observando o menino magro em sua frente. A ideia de Thomi em arrancar sua cabeça quando entrara no quarto ser real, o fizera suar frio. Kibo, emocionada olhou para os dois irmãos, abraçando Hope fortemente e logo correndo até Thomi, que não se mexia, dando-lhe um abraço e um beijo em seu rosto, deixando marcado seus lábios na face do menino ruborizado.

— Ele se faz de malvado, mas é fofo, meu irmãozinho lindo! — Rira Hope enquanto voltava até seu prato, comendo rápido novamente.

— Comendo assim vai ficar gordinha logo! E aí eu vou comer você, sua leitoazinha! Seus pezinhos vão ser os primeiros. Assim posso ver seu rosto se contorcendo de dor e agonia. — Dissera em tom terrível e rindo o irmão.

Mais uma vez, o bardo engolira seco com os olhos arregalados. Allis olhara para o menino amedrontado; não sabia se isso seria real ou só uma brincadeira terrível.

Kobe estava feliz, a lei do retorno que tanto pregava voltara; o irmão da menina que sempre salvara, a salvara de volta. Thomi e Hope apenas continuavam a comer; estavam famintos.

— Acho que vocês dois ficarão felizes em saber, seus dromedários estão nos estábulos. Allis levará vocês até eles depois de comerem. — Dissera feliz Filpain.

— Nossos o que? — Pergunta Hope.

— Seus dromedários! Vocês não tinham dois dromedários? Eles seguiram vocês até aqui!

— “*Domedáio*”? O que é “*Domedáio*”? Você está falando do Babão e o Feioso? Posso ir ver eles? — Hope estava saltitando, batendo palmas.

— São *dromedários*! E sim poderão vê-los, mas só depois que comerem. Eles estão bem tranquilos e de barriga cheia nos estábulos lá no fundo. O quarto que estavam é de vocês até quando quiserem ficar! Fiquem à vontade. — Terminara de falar olhando para Thomi, perguntando-se se a ideia não iria irritá-lo.

Após comer a menina puxara o irmão até os estábulos para seus animais que, ao se aproximarem, vieram correndo em sua direção. A menina, feliz abraçara Babão; Thomi também não conseguira esconder a felicidade de ver Feioso.

Após um tempo com os animais, às crianças subiram com auxílio de Allis até o quarto para tomarem banho e finalmente conhecer a cidade. Allis também fora quem mostrou a cidade com ajuda de Kibo.

Durante dias, Hope insistia em implorar para os tripulantes levarem eles de volta para casa, mas nenhum deles aceitava; era sempre enxotada pelos marujos.

Em mais um dia conversando com Babão uma jovem loira se aproximara falando em uma língua local, da qual não entendia nada.

— Oi, você falou comigo? Eu não sei falar isso moça, desculpa! — Responde a menina.

— Ah, me desculpe! Eu sou Jäger, não sabia que você é de Ríocht Glas, na verdade somos do Norte de Nordreich. Esse é meu filho Aluin, ele nunca viu um dromedário, ele pode passar a mão no seu? — Perguntara a jovem com um sorriso.

— Oi Aluin, eu sou Hope! Ele é meu bichinho; eu chamo ele de Babão. Ele só come o dia inteiro. — Mostrara sorrindo seu grandioso animal que mastigava sem parar.

Sem conversar, as duas crianças riam enquanto acariciavam o camelo comilão.

Jäger reparara somente então que ambos tinham a mesma altura; talvez até a mesma idade, mas o que realmente chamara sua atenção foram os olhos da menina que tinham cores diferentes; tornando-a uma linda menina e enigmática.

— *Quem é essa linda mocinha, senhora Heftig?* — Alguém perguntara em uma língua diferente, fazendo com que Hope não compreendesse.

— Esta é Hope, senhor Heftig. É a mais nova amiga de Aluin!  
— Explicara Jäger no idioma natural da menina.

— Oi senhor, eu sou Hope!

— Olá, senhorita Hope. Vejo que você ficou amiga de Aluin, gostaria de nos acompanhar em uma volta na cidade? Preciso comprar algumas coisas para Aluin e para meu navio quebrado.

Aceitando o convite, Hope seguira os estranhos o dia todo; até mesmo conhecera o navio de Miur, além de ter ganhado presentes e volta para casa.

De volta para o Gato Cinzento, Hope apresentara Thomi ao trio de amigos e logo subiram juntos para seus quartos. Thomi ficava tentando imaginar de onde conhecia aquelas pessoas; não lhe eram estranhos, pareciam amigos de muitos anos.

Enquanto se banhavam Thomi não conseguia tirar os olhos de Aluin; estava encantado com o menino. Admirava cada curva do corpo, seus cabelos longos e loiros, seus olhos azuis, suas pernas fortes e os pés que sempre atraíam sua atenção.

Estava excitado, não conseguia esconder. Até mesmo estava engolindo saliva e lambendo os lábios.

— Olha lá, Aluin, Thomi está de *pipi* duro! — Rira a única menina enquanto apontava para Thomi, deixando ambos os meninos envergonhados.

Thomi, ficando irritado, pulara em cima da menina tentando afoga-la e mordendo forte o pé da irmã.

— Nossa, Thomi era brincadeira, seu bobo! — Reclamara a menina.

Após o acontecido, continuaram a tomar banho. Hope esfregava os dois meninos enquanto falava pelos dois.

Ao terminarem o banho, vestiram-se.

Thomi vestira as roupas novas; a calça, a camisa e meias, até mesmo as botas lhe serviam perfeitamente. O menino se vestira



rapidamente e por fim ficara observando sua irmã se vestir lentamente, deixando-o entediado.

Quando desviara a atenção para Aluin, percebera que ele também vestia roupas semelhantes à da irmã: usava um vestido verde, enquanto ela, um verde mais claro. Colocaram também brincos e logo pintavam o rosto um do outro. Por fim, colocaram gargantilhas e meias até os joelhos e, obviamente, nos pés usavam sapatos finos.

Thomi não acreditava no que via. Novamente sua excitação fora percebida pela irmã que apenas rira, não querendo ser desarrumada e mordida por ele.

Aluin também percebera a excitação do menino que, esperando Hope se distrair, passara a mão entre as pernas de Thomi, deixando-o de boca aberta; não havia como negar que gostara, e muito!

Quando terminaram de se vestir, Hope abraçara Aluin fazendo uma pose excitante.

— Você gostou da sua irmã nova, Thomi? Aposto que quer morder os pezinhos dela também! Ela não é magrinha como e.! Ela tem mais carne que eu, já pode comer ela se quiser! — Hope rira enquanto falava sem imaginar que essa era realmente a ideia que Thomi tinha em mente.

— Veja minha perna: ela é mais grossa que de Hope; e meus pés são bonitinhos! Mas só depois eu mostro pra você. Hope disse que gosta de morder os dela, quem sabe não goste dos meus? — Disse se insinuando para o outro.

Descendo para jantar, sentaram-se à mesa reservada e esperam por um longo tempo até que Miur e Jäger aparecessem. Com o salão quase vazio o grupo comera ao som de uma melodia sobre dragões e elfos cantada por Filpain. Somente ao fim da apresentação, o bardo fora até os amigos.

— Parece que se conheceram! Miur e Jägerin são meus amigos a mais de trinta anos ou seria quarenta anos? Não parecem que esses dois são velhos como eu, mas esse casal é bem mais velho que eu! E claro o filho ou filha, *eu não sei mais o que falar*. Mas vejo que se conhecem agora! Fiquem à vontade crianças, mais tarde preciso conversar com o belo casal. Vocês, pequeninos, podem

ficar com Allis e Kibo na cozinha se quiserem.

E soube hoje que Gehirn e Muskeln estarão de volta em dois dias! — Sugerira Filpain já ébrio.

— Sim. Vamos combinar de nos conhecer melhor essa noite pessoal? Vamos chamar a Kibo também? — Sugerira Hope para Aluin e Thomi

Sentados na mesa, Aluin começara a mexer por dentro da calça de Thomi que não conseguia esconder a excitação. O mesmo levava o garfo até a boca tremendo, sentindo que estava quase a gozar. Por conta disso, atraíra os olhares dos demais.

— *Depois. Agora não! Seria complicado na frente do pessoal.*  
— Thomi cochichara segurando a mão de Aluin e sorrindo, o qual retribuía assentindo com a cabeça e soltando um sorriso baixo.

Esperando todos terminarem o jantar as crianças foram até a cozinha.

Hope ia à frente.

Ficaram para trás sem que ninguém os percebessem em um lugar mais escuro. Os dois meninos se encararam e, Aluin, esticando os pés para ficar na altura de Thomi, perguntara olhando nos olhos coloridos a sua frente:

— Hope disse que já pode me comer. *Você me comeria?* — Sussurrou Aluin para Thomi com os olhos brilhando.

— Claro que sim! Se você deixar, eu *como* você *inteiro*, começando pelos seus *pezinhos*. Que se forem como seu rosto lindo, eu vou *gozar muito!* — Thomi respondera encostando nariz-a-nariz enquanto segurava nas nádegas de Aluin que logo passara os braços em volta do pescoço de Thomi.

— Ei, vocês dois vocês não vão vir!? Nossa, não esperaram ficarem sozinhos?! Thomi, Aluin. Limpem da boca essa tinta vermelha que manchou os dois! Ficar se beijando assim na frente dos outros? Depois vocês fazem isso! — Hope brandira enquanto puxava um em cada mão até a cozinha.

— Eu não os conheço. Na verdade, não perguntei ainda quem são. Com toda certeza foram sequestrados e trazidos para cá. Quem os trouxe até o Gato Cinzento foram Muskeln e Gehirn; eles nem

viram os dois acordados! Disseram que precisavam arrumar uma merda que fizeram. — Explicara o bardo.

— Não vejo problema em levar essas duas crianças conosco. Seria muito bom pra eles e nem falo nada sobre Jäger aceitar! Você quer aquela menininha com você por mais tempo, minha linda e maluca mulher? — Miur perguntara à esposa rindo.

— Vou amar ter aquela lindinha magricela com a gente sim. Amei-a! O irmão é *meio* esquisitinho, mas é lindinho. E o melhor de tudo, é que Aluin está se dando muito bem com eles dois. Será ótimo ter mais filhos! Quer dizer, mais crianças com a gente! — Flutuara a elfa ao pensar na ideia.

— Suspeito que vão levar Allis também. É o menino que salvei do deserto; aparentemente ele era escravo em Almadinat Aleayima! Pasmem vocês, orelhudos: foi Thomi quem destruiu a fortaleza por dentro. E salvou todo mundo! — Acrescentara Filpain comendo uma coxa de frango.

— Allis é aquele menino magrinho que nos serviu? Ele é tão lindinho! Claro que levarei ele conosco. Levarei eles todos, para morar junto da gente, isso sim! Não é Miur? — Comentara Jäger para o marido que se engasgara com uma caneca de cerveja.

— Por mim não há problemas. Espera só ver quando começarem a brigar, a te chamarem de mamãe e você ter que se virar para separar eles. São lindinhos, mas devem ser diabinhos também! — Rira alcoolizado. — E a propósito, você sabe o que irá fazer, bardo desafinado? Eu gostaria de retirar os traumas do nosso menino. Isso é realmente possível? Ou só está nos enrolando?

— Está duvidando que sou capaz de fazer uma melodia maravilhosa, podendo retirar todos os sentimentos ruins daquele menino? — Indagara, incomodado, Filpain.

— Maravilhosa tenho *certeza* que não será! E espero que salve o menino. Se piorar sua perturbação sabe que eu mato você, *né*, seu magrelo!? — Jäger ameaçara dando um forte soco no braço de Filpain e seguira para a cozinha deixando os amigos conversando.

Aproximando-se sem fazer barulho, uma habilidade que não fazia de propósito, encontrara as cinco crianças conversando na mesa. Todas riam.

Chamando sua atenção, vira Aluin de mãos dadas com Thomi. Estava feliz e curiosa para saber mais sobre o que estava acontecendo. Voltando alguns passos para trás, começara a assoviar anunciando que estava próxima. Chegando perto das crianças anunciara que adoraria ter as crianças junto dela, abraçando Hope o mais forte que conseguira.

— Vocês são tão lindos. Adoraria ter vocês em minha companhia! Você é muito fofo como pode? Queria você pra mim, seria minha filhinha linda! Tão magrinha e delicada! Só precisaria comer um pouquinho mais! — Jäger também alcoolizada apertara a menina que fica vermelha.

— Aí, minha nossa! Eu ficaria feliz de morar com a senhora...mas preciso voltar pra minha casa; torço pra mamãe estar bem! Se eu não tiver onde ficar, adoraria morar com a senhora que aperta bem forte seus filhos! — Dissera Hope quase sem ar.

— Você quis dizer sua *outra* filha. Eu não sou sua *filha* também? — Aluin questionara incomodada.

— Olha só, já que mencionou: escuta aqui você mocinho. — Dissera ao se aproximar de Thomi, encarando-o enquanto lhe apontava o dedo. — Se eu adotar a *magrelinha*, você vai junto! E se machucar minha *outra filha*, Aluin, de qualquer jeito, eu arranco seu *pintinho* e depois suas *tripas*. Não me importa que conseguiu destruir a fortaleza da areia! Se machucar Aluin, irá conhecer a fúria élfica de *Jägerin Heftig*. Agora já está avisado, não é? — Ameaçara o menino, deixando todos na cozinha amedrontados. Porém, para finalizar, passara o dedo no pescoço, dizendo-lhe que cortaria fora a sua cabeça.

Piscou para o menino, deixando, ao sair, as orelhas pontiagudas amostra por um momento rápido.

Thomi ficara atônito olhando para frente. Estava aterrorizado; a ameaça de Jäger era *assustadora*, fazendo-o ficar paralisado. Hope estranhara o irmão ficar paralisado daquela forma e foi até ele.

Cutucara-o primeiramente, não obtendo resposta. Ao girar seu rosto e ver seus olhos, notara que o irmão estava a ponto de chorar; as lágrimas não demoraram a escorrer pelo o seu rosto paralisado.

— O que você tem, Thomi? A moça não vai machucar você, ela só *tava* brincando com você! Thomi olha pra mim, você está me assustando! Socorro! Moça orelhuda! Socorro! Por favor! — Gritara Hope pedindo ajuda ao correr para o corredor.

Filpain, Miur e Jäger prontamente vieram em socorro da menina.

Ao adentrarem a cozinha, Thomi se encolhera com medo, encarando amedrontado o casal élfico.

Jäger se aproximara pedindo desculpas; não queria deixar o menino assustado, era apenas uma brincadeira.

— Ei, menino acalma-se! Eu não vou cortar seu pipi; fique calmo. Se gosta de Aluin eu não farei nada contra vocês dois!

— *O frio... castelos... paredes pretas ... pedras frias... orelhas pontudas...* – Falando palavras desconexas o menino entrara em convulsão.

Como uma resposta as palavras escutadas, Aluin se levantara olhando para seu corpo: estava com roupas de *meninas*!

Seguindo o ocorrido, um menino deitado na mesa espumava pela boca enquanto Jäger tentava ajuda-lo; uma menina aflita segurava a barra da camisa de Miur.

Um pouco mais distante um menino e uma menina se escondiam abraçados atrás de uma mesa e em sua frente, um homem magro com bigodes finos o encarando.

Sem demorar, pulara atacando o homem com suas vestes roxas e cabelos longos e enrolados. Gritara enquanto deferia uma sequência de socos que foram defendidos às pressas pelo bardo mesmo no chão.

— O que está fazendo comigo!? Você vai pagar por ter me machucado! Enfiou seu *pinto* nojento em mim! Eu vou *matar* você! Vergewaltiger maldito! *Eu te mato! Eu te mato!*

Jäger vira o ataque descontrolado e logo corria até Aluin, abraçando-o por trás, tirando de cima do bardo.

— Calma querido, eu estou aqui. Fique calmo Aluin, está a salvo meu anjinho!

— Eu não sou Aluin, aquele fraco! Eu sou Hass! Me solte! Preciso matar Vergewaltiger, ele está indefeso agora! Ele vai pagar

por ter me obrigado a chupa-lo e ter enfiado aquele negócio nojento, por muitos dias! Morra seu maldito! Solte-me Jäger. Me solte agora elfa, tenho que matar esse maldito! — Esperneava inutilmente nos braços de Jäger.

— Acalme meu docinho, esse não é Vergewaltiger! É Filpain, nosso amigo. Calma, querido, olhe pra mim! — Jäger chorava desesperada por conta da cena e Miur socorria Thomi.

A elfa, ao olhar para os olhos de Aluin, fizera-o entrar em convulsão.

— Nossa, moça orelhuda! Não fica encarando os meninos assim não! Olha o que está fazendo com eles! Não olha pra mim assim não, *por favor!* — Hope pedira se escondendo atrás de Miur, assustada.

Com os dois meninos inanimados, Filpain advertira que não poderiam esperar até as poções estarem prontas; precisariam mergulhar no pesadelo de ambos e entender o que estava havendo.

Cada elfo, pegando um menino, subiram até o escritório de Filpain.

As demais crianças foram aconselhadas a ficarem no andar inferior; poderiam correr riscos, mas nenhuma das três crianças seguira o pedido.

Deitando os meninos no chão, Hope ficara ajoelhada enquanto fazia preces para o irmão e Aluin. Os outros se sentaram em bancos baixos trazidos por Kibo.

Filpain então orientara Miur que adentrasse nas lembranças de ambos, assim podendo tentar entender o que estava acontecendo e talvez assim, conseguir fazer o possível para ajudá-los.

— Miur, escute com atenção, colocarei um véu sobre seu corpo; daí então você mergulhará no pesadelo aleatório de um deles. Não consigo comandar qual lembrança irá entrar, demoraria muito e talvez não tenhamos tempo pra isso! Tome cuidado: o que mudar na lembrança perturbadora, irá mudar realmente na *nossa* realidade.

Terminando de alertar o amigo, Filpain amarrara um véu no rosto de Miur, deitando-o ao lado dos meninos.

— Viaje junto das lembranças e ao fim desta ampulheta, assoprarei em você a fumaça de meu cachimbo. Para nós será apenas um instante, mas para você será como uma viagem pelas lembranças pode durar horas ou dias. Lembre-se de tomar cuidado! Tudo o que fizer irá mudar o destino de ambos.

“Serão cinco tentativas: se não der certo, tentaremos outro dia com o consentimento de Aluin. Sobre Thomi, terá que descobrir o que o atormenta!”

Aos últimos conselhos, o bardo assoprara a fumaça, jogando Miur nas lembranças de um dos dois meninos.

Mergulhando em um abismo profundo, passara por inúmeras ondas e lembranças de ambos. Como quadros em um museu, cada tela mostrava uma lembrança, centenas delas bagunçadas fora de ordem cronológicas.

Com grande velocidade caíra dentro do turbilhão, não identificando as faces observadas. Ao fim, caíra em lago com uma água negra, pesada e grossa, afundando sem se mexer.

Como se estivesse acordando de um sonho, Miur se vira sentado em uma carroça. Os pés descalços e sujos de terra; uma mulher que estava com uma menina nos braços e conversava com ele. Estava pequeno, mas identificara que era Thomi e a menina, sua irmã Hope

A mãe do menino se aproximara dando-lhe um beijo em sua testa. Miur admirara paralisado e aterrorizado a jovem de cabelos vermelhos como sangue se aproximando docemente. Sentia que a conhecia, mas provavelmente era por causa de estar como Thomi.

— Vocês irão gostar desta cidade; não é como Forked onde a avó de vocês mora, mas tivemos que mudar; o pai de seu pai não queria mais nós três por lá. Sua avó é uma pessoa incrível, mas aquele velho é muito “cabeça dura”. Não entende que as pessoas mudam e são diferentes! — Ao terminar de falar a jovem se aproximara com seus dois olhos roxos, beijando a testa do menino mais uma vez e entregando a bebê adormecida em seu colo.

A menina estava um pouco menor, talvez um ou dois anos mais nova do que a época que a conhecera. Acariciando a menina,

vira o sorriso feliz da pequena que acabara de acordar com o toque.

Acordando com cara de assustada, com um dente faltando em seu sorriso, a mesma segurou os pés e, ao sentir que estavam inteiros falou:

— Ainda bem que não comeu eles; sabe, às vezes acho que é verdade o que fala, seu bobo! — E logo Hope voltara a dormir abraçando fortemente um ursinho de pelúcia no colo do irmão.

Miur ficara parado apreciando aquele momento de ternura.

Via a mãe das crianças se penteando e a sensação de tê-la visto antes só aumentava; ele só não sabia *quando*. Ou talvez a sensação de estar nas lembranças de Thomi estivessem o influenciado cada vez mais...

Com um sopro do cachimbo de Filpain, Miur piscara pesadamente, acordando rapidamente com uma pedrada na testa.

Hope estava caída no chão, chorando, com o rosto sangrando.

Não podia se mexer dentro do corpo, Thomi tinha controle. Fitando os meninos atirarem pedras por um tempo, pegara a irmã no colo e logo corria como vento pelas ruas enlameadas sem escorregar até a sua mãe que se encontrava sentada na porta de uma casa simples de madeira.

— Meus queridos, me perdoem por nascerem semelhantes a mim! Tudo isso é culpa *minha*. Venham vou curar vocês dois. Por favor, segure sua irmã, Thomi, vou pegar o pano mágico para passar em vocês.

Miur assistira ela pegar um pequeno pedaço de tecido caído no chão. Com os olhos roxos vidrados, uma aura azul saía de suas mãos, enquanto passava o tecido sobre o profundo corte. O corte se fechara imediatamente sem deixar marcas, apenas as manchas de sangue. Com o toque no rosto de Thomi, também machucado, sentira o ferimento se fechando.

— Perdão, meus queridos. Não sei o que fazer! Seu pai não sabe que eu facilito as coisas e, por ama-lo, aceitei esta condição. Mas com essa situação, eu não aguento ver vocês sofrerem. Perdoem-me por ter sido assim, eu lutei para vocês e os outros



meninos serem libertos da maldição, mas sou fraca perto daquele ser desprezível! Eu rogo que algum dia vocês consigam terminar o que comecei. — Dissera a matriarca os abraçando e chorando.

Miur sentira um enorme poder emanando da mãe dos meninos; um poder que o fizera tremer; era uma sensação ruim que já sentira antes.

Mais um sopro de fumaça, e Miur pisca profundamente; acordando no frio. Estava nevando e seus pés doíam muito. Corria pela neve gelada sem enxergar nada a frente. Apenas a imensidão branca estava presente.

O vento cantava no topo das árvores próximas escondidas pela névoa densa, mas o que lhe causava mais medo após um período andando na neve congelante fora escutar uma voz conhecida e odiada por Miur.

— *Mas veja só, estava certo de ficar esperando por aqui. Não é que o ratinho caiu na ratoeira? Não farei nada com você se me der sua mão e me seguir!* — Propôs a voz ao menino.

Miur o reconheceu de imediato; era Vergewaltiger. E percebera também que estava no corpo de Aluin, mas não sentira sua presença controlando o corpo. Sentia apenas como se Aluin também *assistisse* junto a ele o que estava acontecendo.

O corpo de Aluin, como se estivesse sendo controlado, saltara socando e acertando inúmeros socos no rosto do homem narigudo que, gostando de levar os golpes, segurara o pescoço do menino, estrangulando-o até desmaia-lo.

Com mais um sopro da fumaça de Filpain, dentro da lembrança, Miur acordara sendo estrangulado por uma corda. Ficara esperando alguma reação, mas apenas escutara uma voz ao seu lado; era como se Aluin falasse em seu ouvido.

— *Este imbecil vai nos matar! Faça alguma coisa, eu não estou no controle, deve ser você Miur! Vá e estoure essa coleira. Que forma patética de morrer, vamos elfo maldito, arrebente isso ou eu arrebento você! O fato de estar aqui, é o que menos me importa! Mexa-se maldito.*

Miur então percebera que estava no comando do corpo. Com pouca força conseguira estourar a coleira que o enforcava.

Caindo no chão se vira em uma tigela de água: estava magro e machucado, mais uma vez como se as rédeas fossem tiradas de sua mão a voz ao seu lado falara:

— *Precisamos fugir daqui! Você não conhece esse lugar como eu. Saia! Me deixe correr!* — Dissera o Aluin tomando conta do corpo saindo correndo pelos corredores.

— Quem é você? Se parece com Aluin? — Perguntara Miur para o menino que sentia a seu lado.

— Sou uma forma melhor de Aluin; diferente dele eu não me entrego fácil! Sou Hass. Mas me deixe prestar atenção para onde estou correndo, ou eles nos acharão! — Dissera, não Aluin, mas Hass, deixando ainda mais dúvidas em Miur.

Com mais um sopro de Filpain, Miur piscara fundo e acordara com Vergewaltiger em sua frente, Aluin tinha os seus cabelos penteados por ele.

Dando uma colher com o líquido vermelho na boca do menino, Aluin rira para o homem narigudo que o agradecera:

— Obrigado minha linda Hure; mais tarde nos divertiremos  *muito* juntos! — Dissera se afastando.

— *Sei que você finge gostar do que ele faz em você, Hure. Ele nos faz mal, ele é mau! Por favor, deixe Aluin acabar com isso, eu não aguento mais isso! Nós três gostamos daquele menino que sempre sonhamos juntos, mas infelizmente é só um sonho. Agora acabe com esse pesadelo.*

"Miur, você voltou aqui? Talvez seja só mais um de nós... Cometemos um erro! Deveríamos ter desistido aquela vez que nos ajudou." Hass dissera. Miur finalmente conseguira identificar a tonalidade da voz dele de Aluin, já que o conhecia.

— Você está certo, Hass. Controle ele, Aluin. Eu queria que fosse o menino de nossos sonhos. Sempre pensei nele nas horas difíceis! Sei que vocês sofreram, mas pelo menos não passamos mais fome e nem fomos mais torturados. Sempre soube que ele só nos usa, percebi que ele só quer o nosso mal. Por favor, Aluin, nos de paz! — Dissera Hure chorando e sendo consolada por Hass, desta forma deixando assim Aluin assumir o controle.

Aluin então levantara e caminhara até a janela. Virando-se com ódio para Vergewaltiger, jogou-se de braços abertos até atingir o chão.

Miur percebera que o corpo caia em queda livre, e assumira o controle absorvendo o impacto. Ao atingir o chão da sacada, acordara em meio aos olhares espantados de todos na sala de Filpain.

Abrira os olhos gemendo de dor; a altura havia quebrado inúmeras costelas e um de seus braços.

— *Me ajudem! Eu voltei. Rápido, me deem uma poção, eu estou muito ferido!* — Pedira Miur agonizando enquanto cuspihava sangue.

— Meu querido, você está bem? Você andou pela sala e voltou a desmaiar, não sabíamos se poderíamos acordá-lo. Me parece que deveríamos ter te acordado. — Jäger se abaixara, dando-lhe um abraço.

— Não sei ao certo o que aconteceu comigo e Aluin. Se eu tivesse acordado, talvez Aluin e os outros dois dentro dele também estivessem mortos. Rápido! Preciso de ajuda, eu estou muito mal minhas costelas e o meu braço estão quebrados. — Pedira e logo bebendo todo o frasco de poção que fora entregue por Filpain. Miur se sentira melhor, mas as fraturas precisariam de uma magia forte para voltar ao normal.

— Os dois meninos pararam de ter convulsões. Talvez tenha conseguido fazer algo, mesmo não estando terminada minha melodia. Preciso terminar a poção para te dar poderes o suficiente para comandar onde entrar nos pesadelos, Miur. Acho que eles estão bem. Vá curar seus ferimentos, por hoje não posso fazer mais nada.

Levando Miur escorado nos ombros até o quarto, Jäger pedira para que Filpain levasse as crianças para o quarto delas. Com a saída do casal, Hope puxara a calça do bardo.

— Tio Filpain, você pode deixar os dois juntos? Estavam tão bem depois que comermos hoje, eles estavam até mãos dadas. Deixa eles contentes de novo, tadinhos! Por mim, por favorzinho? — Pedira Hope andando de joelhos, piscando os olhos grandes fazendo preces com as mãos e puxando a calça do bardo.

— O que fiz para merecer esse monstrinho de olhos coloridos me fazendo isso? Tudo bem sua magricela! Eu os levo, um de cada vez, não vou conseguir levar os dois juntos. — Reclamara Filpain pegando Aluin no colo e o levando para o quarto que pertencia a Hope, e o deitando na cama de Thomi. E em seguida fora à vez de o dono do quarto ser acomodado em sua cama.

— Allis, sua missão é cuidar desses dois por mim, você também Kibo. Durma com eles hoje, por favor, qualquer coisa me chame ou chame o casal orelhudo. E não caiam na conversa desse monstrinho de olho colorido! —

— Vocês dois podem dormir comigo na minha cama! — Disse Hope abrindo um grande sorriso. — Vamos tirar essas roupas deles, parecem muito incomodados. Não tem problemas de ficarem *peladinhos*. E vocês dormem comigo? Sim? Não me deixem sozinha tomando conta dos dois!

— Sim, dormimos. Vamos só trocar de roupa e voltamos assim que terminarmos, tá? — Disse Kibo rindo enquanto empurrava Allis.

Hope retirara o vestido de Aluin que seria desconfortável e seus sapatos; de Thomi tirara o cinto que o apertava e seus sapatos novos. Cruzando o braço dos dois, deixara-os abraçados, cobrindo-os com uma pesada coberta.

A menina então se destroca colocando uma camisola leve e ficara à espera de Allis e Kibo para dormirem.

De volta ao quarto, Allis envergonhado, fora puxado para dormir entre as meninas.

Para a surpresa dos dois, Hope perguntara:

— Se Aluin e Thomi namorar você pode namorar comigo, Allis. Se a Kibo quiser a gente namora ela também, né, Allis? — A pergunta o deixara rubro de vergonha.

Kibo, entrando na brincadeira, respondera.

— Adoraria namorar vocês dois! Você, Allis, meu lindo — Disse dando um beijo rápido nos lábios do menino. — E com você também, minha “magricelinha” linda! — Abraçara Hope com um beijo longo em seus lábios.

— Agora vocês precisam se beijar! O que foi estão com vergonha? Só eu posso beijar vocês dois? Ah, parem de vergonha! Vocês formam um caszinho lindo, quero ser convidada para o casamento de vocês dois.

Apesar de envergonhada, Hope respondera a de olhos puxados:

— Tudo bem, eu aceito dar um beijo no Allis!

Ao se inclinar para beijar o garoto, a outra menina pressionara a cabeça um do outro contra si, dessa forma fazendo com que o beijo fosse mais longo. No final, o tom de pele das duas crianças se assemelhava a romãs maduras; envergonhados permaneceram se encarando até que Kibo os soltasse que, rindo falara para Allis.

— Olha amigo, não é assim que beija uma moça! Veja como é que se beija, depois mostro para minha magrelinha e depois será sua vez com ela. Vamos lá, use a língua agora.

Pegando a cabeça do menino, Kibo dera-lhe um grande beijo demorado, usando a língua, enquanto segurava a cabeça de forma carinhosa do menino que apenas seguia as instruções da amiga.

Soltando Allis, agarrara Hope dando-a também um beijo; deixando-a de olhos arregalados. Deitando a menina na cama, continuara a beijando com as mãos nos pequenos seios.

Hope ficara sem folego e visivelmente excitada.

Escapando do beijo, Hope descera da cama e apagara o lampião. Ao se deitar, cobriu-se morrendo de vergonha.

Fechando os olhos, fingia dormir sendo, em seguida, acompanhada de Allis e posteriormente da risonha Kibo.

## 15 MILKAR A EXECRÁVEL

— Calada Kroni; sou eu que comando esse império! Entrarei naquele lugar. Se não quiser continuar como minha general, será morta. Essa raça nojenta irá pagar! Não consegui tomar nem um reino graças à incompetência de meus servos, e claro, de você! Suma daqui seu ser asqueroso! — Gritara uma jovem de cabelos curtos e rosas.

A mesma trajava uma armadura negra sem brilho que cobria seu corpo; chifres de carneiros se embrenhavam entre seus cabelos e duas asas grotescas fechadas saltavam de suas costas. Havia ainda um rabo pontiagudo que serpenteava com a ponta venenosa.

A jovem general era semelhante a comandante, com a diferença dos olhos roxos e cabelos longos e vermelhos como sangue. Levantara-se e saíra pela porta quebrada, caminhando pelos corredores mofados e sujos.

Irritada com a nova ordem, Kroni saltara batendo suas asas começando a sobrevoar o deserto quente, cruzando um grande rio rumo ao norte. Dias se passaram e o mar fora desaparecendo, dando lugar a uma neve fria. Continuara seguindo ao ponto extremo do continente até uma das torres do castelo negro durante a noite.

Sem que as sentinelas conseguissem enxergar, pousara no parapeito.

Feito uma gárgula, camuflara-se entre as demais e observando se fora notada antes de entrar sorrateiramente pela janela escondendo suas partes demoníacas.

Como uma sombra, passara pelos corredores escuros até alcançar uma porta trancada. Feito fumaça, atravessara por de baixo da mesma, materializando-se em pé ao lado da cama.

Ficou parada observando uma jovem de cabelos loiros que dormia com dificuldade; ela tinha dores horríveis. Ao lado da cama, um menino de seis anos de cabelos pretos dormia calmamente

Passando ao lado da cama, Kroni observava o sangramento no ventre; sentia o calor da febre que acometia a jovem.

Com a mão estendida sobre o ferimento e com um corte na mão, deixara seu sangue pingar sobre o sangramento que, ao cair do sangue, instantaneamente fizera o ferimento se fechar. A respiração difícil e acelerada da enferma também se acalmara.

A febre sumira em instantes e a bela jovem respirava normalmente, sem infecção alguma. Virara-se para sair quando uma mão fraca e pálida a segurara pela mão.

Com a voz fraca a jovem loira lhe perguntara.

— Por que me salvou? Não duraria mais essa noite graças ao ataque envenenado, sou sua inimiga! Tire-me essa dúvida antes de ir! Sei que estou sendo ingrata, *por favor*, me diga! Diga também seu nome para rezar por você!

— Se você morrer, Gütig, Mächtig irá perder a guerra. Ou seja, Milkar irá ganhar! E se ela ganhar, todos nós perderemos! É uma guerra inútil; não a suporto! Ela tirou de mim o dom da vida. E de uma forma ou de outra, eu tirei dela a terra que tanto ela quer. Sou Kroni — Confessara tristemente com a mão em seu próprio ventre.

— Você me deu a vida novamente! Então reparta comigo essa dor. Talvez não terei como dar à luz, mas você poderá ter sua chance. Reparta meu ventre com o seu.

Essa é minha forma de agradecer. Como seu sangue corre em minhas veias, permita que eu reparta o meu com você.

— Você repartiria comigo esse dom? Nesse caso, diga a seus homens para salvar Miura; ela está presa no castelo de Buhayr Alsahr no deserto. Ela tem o poder suficiente para que juntos vençam Milkar! Estou indo até lá para ajudar; precisam ser rápidos. Se ela conseguir abrir o Höllenportal, vocês todos estarão condenados e os seres que habitam o abissal destruirá tudo. Diga a Miura para dividir a alma de Milkar, somente assim vocês a vencerão.

— Kroni dissera, agora de joelhos e com os olhos cheios de lágrimas, colocando uma mão sobre o ventre de Gütig e outra em seu. Assim, com uma luz azul, transferira a parte da vida do útero da rainha para ela.

Com um rápido sorriso, Kroni desaparecera feito fumaça passando pela porta trancada. Pelos corredores escuros escutara

pedidos de socorro e estalos de chicotes. Deslizando pelas sombras, praticamente invisível, chegara até a pesada porta de madeira de onde saía os barulhos grotescos. Usando o dom de ficar como névoa novamente, atravessou pelas frestas da porta velha e deparara-se com uma sala pequena e gelada; o chão congelado com uma grande lucerna aberta no teto.

Inúmeros corpos de crianças estavam ali. Acendendo uma tocha com um estalar do dedo e tomando forma humana novamente, as crianças vivas pediram por ajuda. Várias delas estavam mortas e congeladas há muito tempo. Havia inúmeros meninos magros, sujos, feridos e alguns desmembrados.

O cheiro de sangue velho, urina e fezes deixara Kroni enjoada; seu sangue não era puro ódio como de Milkar. Tinha consigo um sentimento e sonho maior, *ter filhos*.

Ver crianças nessa forma era difícil e atormentador.

Com os gritos dos meninos ecoando pelos corredores frios, logo chamaram a atenção e passos se aproximaram rápido. Sumindo mais uma vez, a porta se abriu com as chaves e, com um solavanco, um sujeito magro, olhos fundo, nariz protuberante e um bigode fino adentrara na saleta, disferindo vários chutes nas crianças, que choraram e até desmaiaram.

Com uma chave abriu as algemas de um menino, aparentemente preso por pouco tempo, enquanto o arrastava pelos cabelos, esperneando e chorando.

Irritado o homem o segurara pelo pescoço, erguendo-o e estrangulando.

Estava morto ou breve estaria.

Jogando a criança de cabeça no chão, agarrara-o pelos tornozelos, arrastando-o para fora da sala, trancando-a. Em seu encalço, levava o menino todo estropiado que despejava seu sangue quente pelo chão, não tardando em congelar.

Kroni seguiu o homem arrastando o menino pela perna que, com a boca aberta e os olhos arregalados deslizava facilmente pelo o chão com uma camada fina de gelo vermelho escorregadio.

O menino deslizava deixando um rastro de sangue pelo corredor, retocando a camada lisa para a próxima vítima. A jovem



alada entendera o porquê de estar liso e molhado: mesmo em uma grande altitude, tratava-se do sangue e demais líquidos que escorriam das centenas de moribundos que haviam sido arrastados pela ala maldita.

Estava intrigada com as crianças; todas falavam o mesmo idioma da terra fria.

Não pareciam ser prisioneiros de outros povos e mesmo que fossem, crianças *já* deveriam serem torturadas, mesmo em tempos de guerra.

O homem parara e soltara o menino quando escutara passos vindo pelo corredor. Rapidamente ele acelera para encontrar dois lampiões vindos em sua direção.

— Vergewaltiger, é você? Escutamos gritos e viemos ver o que eram! Você viu o que era? — Perguntara um dos dois guardas com lampiões fracos nas mãos.

— Sim, diga a Kojote que já averigui. Deve ser algum fantasma que habita este castelo. Podem seguir o caminho de volta; vou trancar todas as portas. Se escutarem esses gritos e pedidos de socorro, nem precisam voltar. Esses fantasmas estão cada vez mais fortes!

— Tudo bem, senhor Vergewaltiger. De acordo com Kojote, a família real irá se mudar em breve para o castelo na cidade. Lá é mais iluminado e estaremos longe desses fantasmas. — Concluía o soldado se retirando.

Rindo, o homem voltara para pegar o menino e finalmente continuara com seu caminho até a porta próxima, onde colocara o menino sentado e desacordado sobre uma mesa cavalete.

— Logo será mais um fantasminha! Mas que diacho? Parece que esse maldito não vai acordar fácil... Terei que buscar água para acordá-lo. Bom, vou prepara-lo antes, depois pego a água. — Falara sozinho ascendendo um braseiro e as tochas.

Todos os seus atos eram assistidos por Kroni.

Quando o homem iria sair da porta com dois baldes grandes, voltara.

— Esse filho da puta é forte! Foi um erro pegar esse aprendiz de soldado se eu continuasse somente com os aldeões, ninguém

arranjaria problemas. Hoje vai se tornar um legítimo fantasma, vai me ajudar a manter meus negócios escondidos! — Rira puxando o cabelo no menino para encara-lo com os olhos entreabertos.

Coloca os pulsos do menino nas algemas de ferro do cavalete, um instrumento de tortura típico para punir prisioneiros, não crianças. Tendo os pés presos nas algemas, manteve o menino esticado e com braços e pernas abertas. O menino dava mais prazer a seu agressor quando lutava, esse no caso estava muito ferido. Com as costas sobre uma lâmina afiada, o menino fazia força para não encostar as costas.

— Por favor, mestre! Eu aceito que sou pobre e não mereço entrar para o exército de vossa majestade Mächtig Kalt. Digo que sou xibungo; sou o que o senhor quiser, mas me liberte, *por favor*, senhor!

— Meu lindo, você ainda pensa que isso é um teste? Você será meu jantar queridinho. Ninguém mandou ser tão lindinho! — Dissera se aproximando do rosto do menino, forçando-lhe um beijo.

O menino ficara assustado; sabia apenas que algo ruim aconteceria.

Tirando a roupa, o homem colocara pano nas frestas da porta para diminuir o barulho nos corredores; a sinfonia macabra iria iniciar em breve.

Kroni observava pensando se poderia ou não se intrometer. Talvez seus planos fossem ameaçados se o salvasse. Dessa maneira sendo obrigada a assistir de camarote, sem poder fugir já que as frestas haviam sido tapadas.

Masturbando-se ao som de piedade do menino, o homem se aproximara das mamas do menino, começando a mordê-las até sangrarem.

O resultado fora muito sangue e dor. o menino não conseguia manter-se com as costas retas, começando a se cortar. As mordidas pelo corpo o faziam tremer, batendo as costas contra lâmina no meio da mesa.

Segurando as costas eretas enquanto era torturado com ferros em brasa, o menino gemia entre os dentes. Vergewaltiger não gostava que não gritasse, empurrando as costas dele, cortando a

espinha dorsal. Enquanto queimava os pés do menino, com uma faca encandeceste, cortara o peito do menino até lhe cortar ao meio. Em segundos o menino apenas tremia em choque com a boca espumando. Com mais alguns empurrões, o menino fora finalmente partido ao meio.

Kroni via o homem se deliciando enquanto cortava partes das pernas do menino até ejacular de prazer com a cena, jorrando o líquido esbranquiçado nas entranhas do menino que escorriam pelo chão.

Kroni estava atônita; ficara encarando a parte morta da cintura para cima, com as vísceras espalhadas pelo chão, pendurada pelos pulsos algemados.

Com o coração acelerado e com o que presenciara, tinha certeza que Milkar não era à única influencia cruel na terra.

Humanos poderiam ser tão ruins e detestáveis quanto ela. Terminando de separar as pernas a facadas, tirara as algemas dos pés e dos pulsos. E se agachando, fizera força para cortar a caixa torácica e quebrar a espinha dorsal, separando os braços e a cabeça.

Com o menino esquartejado, colocava os órgãos dentro dos baldes junto da cabeça; os pedaços maiores carregaria nas mãos. Colocando a perna direita do menino, o pé esquerdo e os pedaços que cortara, pendurara-os sobre a brasa forte.

Vestindo sua roupa quente, saíra pelos corredores seguindo até uma janela com vistas para o lado externo do castelo, jogando os pedaços do menino que atingiram o chão a mais de trinta metros de altura.

Escondido, batera tão forte na beirada da janela usando o balde que fizera um estrondo, não demorando para aparecer diversas sentinelas olhado para fora e rapidamente encontrando os pedaços do menino espalhados pela neve.

Vergewaltiger corraera até o grande salão onde encontra os mesmo guardas amedrontados de antes. Fingindo estar assustado, aproximou-se.

— Vocês escutaram esse barulho de agora pouco? Parece que os espíritos inquietos pegaram nosso aprendiz de soldado! Sabia que

isso era um erro, mas ninguém me escuta nesse castelo! Quem de vocês me acompanha até o ataque lá fora? — Dissera forçando uma voz heroica, prontificando-se para sair.

— Nós o acompanharemos, senhor. São tempos amaldiçoados, precisamos permanecer unidos! É um erro deixar que vá sozinho. — Respondera um dos quatro.

Chegando até os restos do soldado novato, Vergewaltiger agachara pegando a cabeça do menino, tomando cuidado para não demonstrar o prazer que tinha ao ver a cabeça decepada.

Kroni ainda acompanhava todas as ações de Vergewaltiger com curiosidade.

— Suspeito que o menino deva ter doze anos? Estou certo homens? Infelizmente não teve medo dos espíritos; foi destruído. *Pobrezinho*, olhem como o rosto dele estampa terror e dor. — Viram? É melhor que *eu* mesmo cuide dos outros cinco soldadinhos recrutados junto desse pobre coitado. Temo que tenham sumido ou que sumam! Vamos homens, recolham os restos do menino e levem para o cemitério ao amanhecer. — Ordenara o narigudo demonstrando que estava interessado a descobrir a causa da morte do menino, além de querer ser visto ajudando

Subindo para seu covil, Vergewaltiger voltara se deleitar com a perna que deixara assar até aquele momento.

Kroni, ainda em seu encalço, não compreendia o porquê de tanta crueldade; o prazer na dor alheia era visto apenas em compatriotas das profundezas. Sabia que a brutalidade no campo de batalha era enorme, mas contra crianças, ainda mais de sua própria tropa, ela não conseguia imaginar.

Antes de voltar para o deserto, resolvera dar fim ao sofrimento das vítimas do homem insano. Ao abrir a porta, os braços magros suplicaram por ajuda.

Ajoelhando-se, um a um, dentre os vinte corpos, despedira-se deles, fazendo com que dormissem com sonhos felizes. Ao terminar no processo, levava consigo todas as almas das crianças que ainda sonhavam.

Com a névoa fria o ser alado fugira do castelo. Precisaria chegar a tempo e se esconder em Buhayr Alsahr.

Ao amanhecer, Miur e Jägerin foram chamados por sua rainha. O casal eram generais de sua guarda real, os Schwarze Drachen<sup>3</sup>. Ao adentrarem o quarto da rainha, a qual estava a beira da morte no dia anterior, deixara-os intrigados, mas felizes. De joelhos trajados com armaduras de escamas negras, retiraram seus capacetes.

O casal consistia de uma jovem elfa de cabelos loiros e curtos; e o outro de um meio elfo de cabelos escuros.

— Preciso de um sacrifício de vocês! Sei que tem uma filha ainda jovem, peço perdão por pedir que se afastassem de Eis neste momento delicado em que vivemos.

“Tive a visita de um ser estranho esta noite; ela me salvou. Disse que se chama Kroni e está traindo Milkar. Ela disse o esconderijo de Miura. E com ajuda desta feiticeira, conseguiremos vencer o exército sombrio. Preciso que viajem até Buhayr Alsahr e se encontrem com Kroni e salvem Miura! — Ordenara a rainha.

— Senhora, perdoe a minha insolência, mas podemos confiar nessa tal Kroni? Isso pode ser uma armadilha. O deserto Sul é  *muito* perigoso! — Questionara Jägerin.

Enquanto a elfa falava, o filho de Gütig interrompera a resposta que a mãe daria, avançando com um tapa que acertara em cheio o rosto da elfa.

— Está surda? Uma orelha nojenta desse tamanho e não escutou o que mamãe disse? Ela manda e você rasteja seguindo as ordens, sua *puta* nojenta! — Gritara o pequeno príncipe. Miur apenas o fitava com ódio; seus olhos flamejavam como brasa.

— Não faça isso, *filhinho*! Isso não é educado. Vamos tome seu leite; deve estar com fome, pobrezinho! Agora vão imediatamente.

Descendo pelos corredores frios, passaram por onde alguns soldados limpavam manchas de sangue congelado na neve. Com seus cavalos chegaram até a cidade que se encontrava vazia pelo medo da guerra e de ataques de demônios noturnos. Inúmeros meninos haviam sido levados pelos demônios nos últimos dias.

Quando chegaram a casa em que habitavam, além de também ser um alojamento de seus soldados leais, Miur reunira os homens enquanto Jägerin se dirigia até filha, despedindo-se. Eis era uma menina por volta dos onze anos, magra, com sardas que cobriam parte do rosto. Seus cabelos loiros eram longos e estavam trançados por fitas azuis que combinavam com os olhos da mesma cor.

Com um abraço forte e demorado, esperaram por Miur para que pudessem se despedir juntos. Quando dera a notícia que sua esquadra viajaria antes do anoitecer, o pai abraçara a filha se lamentando por partirem e a deixando sozinha.

— Perdoe-nos, Eis. Infelizmente precisamos ir nessa missão. E talvez não voltemos, por isto precisamos que seja forte e esteja preparada caso isso aconteça!

“Estamos indo para o que pode ser uma armadilha ou uma verdadeira arma contra Milkar.”

— Não seja bobo, Miur. Ela *sabe* que voltaremos e que *temos* que obedecer. Não é seguro que nos acompanhe. Assim que voltarmos poderemos ir aonde quiser pelo tempo que quiser! — Jägerin dissera acalmando a filha.

— Mas mamãe, posso ficar com a titia? Ela parece ter minha idade; ela não poderia ir para guerra, ainda é uma menina como eu! Deixe-me ficar com ela mamãe? — Pedira insistentemente.

— Ficar com Flammen? Aquela maluca? Infelizmente ela já está no fronte, Eis. Ela parece ser nova como você, mas é mais velha que sua mãe! Acontece que ela escolheu a linhagem da magia e por isso parece uma menina como você.

“Fique tranquila que traremos aquela maluca de volta também! Agora precisamos nos preparar.” — Miur explicara dando as costas para a mais nova, evitando que ela o visse chorar.

O casal preparara poções, alinharam suas armas e revestiram suas armaduras com encantamentos contra magias e somente então Miur e Jägerin deixaram finalmente a menina, seguindo até o porto de Eisberg.

Seus soldados estavam em sua maioria prontos e embarcando. Esperava apenas alguns outros soldados subirem a

bordo da esquadra de sete navios semelhantes um dos outros (negros e vermelhos), todos equipados com inúmeros canhões. Sem pressa, esperam até que o último soldado, um baixote com tranças loiras e fitas azuis, embarcasse com dificuldade, sendo ajudado por outros soldados a embarcar com sua grande mochila.

A viagem cruzara os dois continentes que tiveram que usar os navios para poderem entrar pelo rio Khalas. Para chegarem próximos do deserto de Buhayr Alsahr, a viagem, apesar de ter sido feita em alta velocidade, demorara vinte dias. Já havia tropas de vários reinos acampados ali; o sultão Amir de Bahr Araml, e o rei Theodoro I de Forked estavam presentes comandando suas tropas junto de Mächtig e o exército do norte. Ao se apresentar para o rei, deram-lhe a informação da rainha.

Em reunião com os reis, determinaram em ir apenas com poucos homens a missão. Se fosse uma armadilha, não perderiam todo o reino. Mächtig ofertara Miur, Jägerin e Flammen para comandarem o esquadrão. Theodoro I honraria o nome de sua família indicando seu filho Theodoro II. Enquanto Amir dissera ser o melhor de seus soldados, devendo ele mesmo ir.

Antes que a equipe saísse, Miur organizara sua tropa que, assim como os demais comandantes, seguira as recomendações dadas. Durante a investida do pequeno grupo, seus homens ficariam na retaguarda aptos para defendê-los se necessário.

— Arqueiros, fiquem nas laterais. Quando perceberem a presença do inimigo ataquem sem parar, até que nossos homens estejam a ponto de serem alvejados! Feiticeiros e magos conjurem proteção e ataquem de longe. Os demais soldados atacam em dois corredores. Se os inimigos vierem, esperem que fiquem no meio das fileiras para se fecharem ao redor deles. Neste momento, magos, ataquem inimigos um a um, evitando acertar nosso exército.

“Homens, eu não estarei aqui pessoalmente quando atacarem. Estarei em espírito ao lado de vocês! Não existe nação ou raça, apenas nós contra os seres da escuridão. Eles têm *orcs* e diversos outros monstros mercenários, nós temos vocês!” Incentivara Miur em pé a frente de todos os milhares de soldados que o aplaudiram e logo continuara:

— Quando amanhecer, iremos com nosso grupo para as planícies depois o deserto. Até o anoitecer chegaremos até as ruínas de Buhayr Alsahr, se não houver inimigos no caminho. Flammen nos fortalecera com suas magias. Precisaremos ser rápidos e fortes! Jägerin é a mais rápida e que tem maior alcance. Você e sua irmã ficaram atentas caso seja necessário nos esconder ou se preparar para batalha. Eu, Amir e Theodoro estaremos prontos para nos defender e atacar, com os inimigos próximos.

— Vamos, me deem suas armas e armaduras agora, preciso encanta-las até amanhã. Vamos coloquem aqui, preciso ir até minha tenda e começar os preparativos! — Requisitara a pequena Flammen.

Estendendo as armas e as armaduras que usariam, Flammen começara a conjurar a magia encantando com mais força, velocidade e sorte para o grupo. Abrindo o pesado livro com uma chave pendurada pela corrente, tirara seu manto cinza, de material élfico, colocando junto de seu cajado de garra de águia entre as outras armas. Folhando as páginas grossas, iniciara a invocar a magia antiga abençoando todos os equipamentos.

— Você sabe mesmo o que faz, nanica de orelhas grandes? Uma menina como você, encantando minha laça, isso me causa preocupações, quantos anos tem? Treze anos? Você mal atinge minha cintura. — Dissera Amir invadindo a tenda de Flammen, que descansava apenas com a roupa de baixo.

— Você gosta de espionar meninas descansando, não é? Venha ver se sou apenas uma criança boba! — Ao se aproximar do gigante negro e enfiando a mão dentro da calça e olhando fundo nos olhos de Amir, começara a lhe fazer sexo oral.

Agachando, Amir agarrara a cintura da jovem elfa, começando a sugar e morder, de forma sensual, seus seios protuberantes. Flammen o masturbava com os pés, fazendo ambos gemerem de prazer.

Erguendo a garota ainda mais, começara a lhe lambe entre as nádegas, iniciando agora o sexo oral na jovem, logo a fazendo gozar em sua boca. Colocando a menina deitada nas peles no chão



e abrindo as pernas dela, começaram a transar. Seu pênis entrara apertado, causando um misto grande de prazer e dor nos dois.

Tapando a boca da garota para que não escutassem seus gemidos, conseguira também alcançar os pés rosados de Flammen, erguendo-os enquanto seguia penetrando ferozmente. Amir, colocando os pequenos pés na boca, fizera com que ela chegasse ao orgasmo novamente.

Colocando-a de quatro, dera início a uma sessão de sexo anal, estocando forte dentro da menina, obrigando tapar a boca com as cobertas e travesseiros. Gozando pela terceira vez, a menina fora puxada e posta de joelhos, não demorando para ser banhada com o esperma do homem.

— Você é incrível. Amei você *jovenzinha*, transformarei você em minha sultana! O que você tem a me dizer sobre isso? — Amir, cansado, perguntara se sentando e olhando para menina a sua frente que entrava na banheira.

— Como posso te dizer? Direi do modo mais simples! Em dois dias estarei morta! Meu destino está traçado, darei o melhor motivo para minha morte que eu conseguir. — Respondera Flammen se banhando.

Naquele instante toda felicidade e prazer de Amir sumira. Amedrontado, saíra da barraca correndo até seus aposentos.

Uma sombra o observava, mas não era ele quem buscava. Seguindo seu cheiro até a barraca de Flammen, a sombra se apresentara como uma mulher de cabelos vermelhos. Possuía um vestido negro apesar de se encontrar descalça. Aproximou-se da mulher que se banhava cantarolando baixo.

— Jägerin, sou Kroni. Venho pedir que impeça o ataque! Milkar sabe de nossa união, é uma armadilha. Ela irá matar vocês assim que chegarem às ruínas. Deixe-me ir sozinha, se estiver livre eu permito que entrem. Fomos traídos! Alguém a avisou que salvei a rainha! Agora Milkar está em meu encalço.

“Chamarei a atenção dela e enquanto a seguro, vocês entram na ruína e buscam por Miura. Se ela ver vocês, o exército asqueroso dela irá atacar sem piedade!” Apresentara-se com uma grande reverência e implorando.

— Já que não poderia ataca-la sem ser percebida, e se eu servisse de isca? Enquanto eu, Jägerin, servir de isca para ela, meu marido e os outros fossem atrás de Miura? Digamos, irei agora, enquanto ela está esperando o ataque. Se eu me sacrificar, ela não saberá que existe uma tropa atrás. O que você acha? — Dissera a elfa se nomeando Jägerin.

— Mas senhora Jägerin, você tem uma filha! Como essa jovem ficaria? Meu sonho é poder ter filhos, não consigo pensar em morrer e deixar meus filhos nesta terra sombria.

— Fique sabendo que seria uma honra para minha filha! Imagine, eu morrer para salvar todo o reino e por ela? Nós elfos, damos muito valor na honra e essas coisas! Bom, irei me preparar, estarei pronta em alguns minutos. — Dissera deixando a banheira e começando a se secar.

— Não posso concordar com isso Jägerin, você tem uma família! Como pode se sacrificar assim? Vale a pena morrer por eles? — Kroni estava desesperada.

— Morrer para salvar a vida de minha família, é a única coisa que posso fazer para poder salva-los.

Ao terminar de conversar, a elfa colocara seu manto, pendurando seu pesado livro na cintura e saíra com o cajado pelos fundos da barraca.

Kroni saíra da barraca e começa a segui-la, passando por alguns soldados e chegando ao fim do acampamento. A elfa se escondera nas sombras para não ser notada pela sentinela, um baixote de tranças loiras que estava no último posto de guarda.

A informante estava inquieta, precisava mudar esse intrometimento de sua parte, não queria ser a culpada pela morte de uma mulher e deixar a filha em um lugar perigoso como Eisberg.

— Ei soldado, talvez não possa conversar, mas esses elfos são incríveis! — O soldado apenas concordara com a cabeça com Kroni. — Conheci Jägerin agora a pouco, está pronta para se sacrificar para salvar a filha e todo reino! Não saberia como impedi-la, mas foi uma escolha dela... Ela partiu essa noite, disse que a família é tudo pra ela.

O soldado então vira ao longe um pequeno vulto correndo a toda velocidade sobre a luz da Lua, saindo em disparada seguindo o vulto rumo as ruínas.

Já fazia muitas horas de corrida, alcançando vários quilômetros de distância, quando o soldado começara a jogar sua pesada armadura e suas armas.

Ao ficar próximo o bastante para que pudesse gritar e a elfa escutar, tomara fôlego e berrara, alertando todas as sentinelas do exército inimigo.

— Mamãe, espere. Não faça isso! — Ecoara no ermo uma voz infantil.

A elfa parara imediatamente e, ao olhar para trás, vira Eis. Flammen corraera até a sobrinha tentando desfazer o erro das duas, mas o inimigo já havia escutado os gritos da menina.

Com uma grande trombeta anunciando os invasores, milhares de flechas negras cruzaram o céu noturno. A menina tentara se proteger inutilmente, enquanto Flammen fazia um escudo gigantesco de fogo protegendo as duas, queimando as várias levas de flechas que choviam.

No acampamento onde Miur e Jägerin estavam, escutaram o alarme inimigo, fazenco com que se levantassem e começassem a se preparar para a luta.

Em instantes as cornetas de suas tropas anunciaram que deveriam se preparar para o confronto eminente. Indo até o limite do acampamento, Jägerin tentara avistar, sem sucesso, as dunas que se moviam rapidamente tapando os poucos quilômetros à frente.

Com uma mulher sentada onde deveria ter uma sentinela, a elfa perguntara.

— Você viu que está acontecendo? Vejo ao longe uma chuva de flechas, mas não enxergo nada no chão. Alguém dos nossos exércitos os atacou sem nossa ordem? — Pergunta a elfa para a mulher de cabelos vermelhos.

— Me parece que Jägerin se sacrificou para fragilizar as forças de Milkar. Logo atrás dela foi um soldado de tranças amarradas com laços azuis. — Explicara Kroni.

— Jägerin? Eu *sou* Jägerin, mulher! Se *aquela* mulher se passou por mim só pode ser minha *irmã*. E-E o g-guerreiro... Só pode ser minha filha disfarçada! Eis... Eis.... não, *por favor*, não... — Chamando pela filha, saíra correndo desesperada tropeçando e caindo, suas pernas já não tinham forças suficientes.

Miur, Amir e Theodoro chegaram e perguntaram a mulher o que estava acontecendo. A mulher explicara não entendendo o motivo de tanto alarde.

— Havia duas elfas falando que eram Jägerin. Uma iria se sacrificar para salvar a família e a outra correu atrás da filha e da irmã. A primeira era baixa e cabelos longos e a segunda loira de cabelos curtos. — Miur, ao ouvir o pronunciamento da avermelhada, correrá desesperado a toda velocidade.

Kroni então perguntara para os dois soldados que haviam permanecido, explicando que a primeira jovem era Flammen, a irmã mais velha que se passara por Jägerin, e Jägerin fora socorrer a irmã. E que se houvesse alguém de cabelos longos e trançados, talvez fosse à filha de Miur com Jägerin.

O coração de Kroni acelerara ao perceber o que fizera. Havia confundido as elfas e enviado a criança para morte nas mãos de Milkar!

Sentira que talvez tudo fora planejado exatamente assim: causando a discórdia e a vitória de sua comandante. Com um grito demoníaco de ódio, seu vestido se transformara em asas e seus cornos surgiram junto ao rabo de serpente.

— Maldição, eu preciso salva-las! — Kroni ao preparar para começar a bater as asas, tivera seu corpo segurado e jogado contra o chão por Amir.

— Uma espiã do demônio! Morra! — Bradara ao atacar Kroni no peito com a sua lança.

— Seu imbecil, não vê que sou Kroni, e estou do *seu* lado?

— Calada, morra aberração! — Amir tentara desferir um segundo golpe, mas sendo impedido quando fora segurado com a cauda.

— Ordene que seus homens ataquem. Inúmeros monstros e demônios estão vindo destruir todos vocês! Você, homem do

escudo, segure seu amigo, e me deixe ir *morrer*, mas para salvar quem eu condenei! — Batera as asas com dificuldade e cuspendo um pouco de sangue negro enquanto seguia para as ruínas.

Theodoro I ordenara o ataque e logo milhares de homens recém-acordados partiram para a batalha sob o luar.

Com o cessar das flechas, vermes da areia atacaram Flammen e Eis que conseguiram fugir dos vermes com alguns feitiços rápidos. Todavia não perceberam um gigantesco tacape, recebendo um golpe forte ao ponto de jogarem uma longe da outra.

Dando um grito vindo das profundezas do submundo, Milkar pousara na frente de Flammen. Era um ser grotesco; metade humano e metade monstro. Seus pés terminavam em patas retorcidas de dragão, enquanto de suas costas, asas de morcego faziam par com sua cauda que terminava em um ferrão venenoso. Ao topo de sua cabeça, chifres de carneiros emaranhados a seu cabelo rosa curto adornavam seu belo rosto.

Antes de Flammen conseguir se levantar, a calda envenenada atravessara sua barriga, arremessando-a para perto de Eis. Estava quase morta, mas mesmo assim segurava seu cajado conjurando uma magia de proteção e lançando em Eis.

Novamente à elfa fora atingida, sendo levantada e lançada contra o chão, cuspendo sangue e chorando de dor. Milkar então atacara Eis que, com toda a força de suas garras, e graças ao escudo de proteção conjurado, a mesma recebera o golpe de volta, caindo sentada.

— Mas olha só se essa Jägerin não tem uns truques na manga! Levante ser nojento, quero que me veja matar *sua* filha diante de seus olhos! Acho que você vai gostar se eu jogar a cabeça dela para você apreciar mais de perto? — Milkar se aproximara devagar da menina, a agarrando-a facilmente já que o escudo fora destruído com seu ataque anterior.

Segurando a menina na frente de Flammen, preparara um ataque fatal.

A tia não podia fazer nada para salvar sua sobrinha!

Ao levantar a mão para perfurar o peito de Eis, uma bola de fogo a atingira.

Como a demônia estava entusiasmada, não percebera o ataque furtivo.

Kroni desferira inúmeros outros golpes em sua inimiga mais odiosa, trocando socos, mordidas, chutes e muitos arranhões. Eis fora deixada no chão, enquanto a luta feroz, entre os dois seres alado, se travava.

O exército dos humanos finalmente iniciara o combate sangrento contra os seres da escuridão.

Miur e Jägerin se desvencilham da maioria dos ataques e continuaram sem parar até onde Milkar estava. A de cabelos rosas conseguiu atravessar o ferimento feito por Amir no peito de Kroni, jogando-a para alguns de seus monstros leais ao escuro que as rodeavam. E logo iniciavam ataques a mantendo ocupada.

Flammen havia posto seu manto em Eis que agora corria para longe.

A feiticeira se mantinha em pé com dificuldade, conjurando um enorme poder.

Estava mais lenta que o normal; um verdadeiro alvo fácil para Milkar que a atacara enfiando suas garras no coração da elfa, jogando-a contra Eis, derrubando as duas.

Caindo no chão, Flammen com muito mais dificuldade agora escrevia com seu sangue algumas palavras no livro, entregando para Eis.

— Leia apontando o cajado para ela. Só assim vamos vencer essa vagabunda e depois liberar a tal Miura. Leia isso, escrevi em sua língua! — Dissera quase sem vida.

Milkar caminhara calmamente até a elfa caída, rindo fala:

— Parece que a princesa elfa Jägerin não é tão forte quanto me disseram, não é? Vamos demônios das areias venham presenciar nosso triunfo! Presenteiem-me com uma tempestade de areia; vamos me deem esse presente! — Rira se aproximando ainda mais de Flammen. O vento começava a cantar e as areias começavam a se exaltar.

Enquanto caminhava, entre seu peito, uma mão atravessara Milkar, paralisando parcialmente seus braços. Dessa vez era o seu atacante quem debochara dela:

— Você é muito poderosa, mas muito burra e prepotente. Acha que ganhará dando as costas para seus inimigos? — Provocara Kroni que percebera estar segura pelas entranhas da sua inimiga.

Mesmo com o peito atravessado, Milkar alcança Flamem caída no chão que, com uma das mãos a erguera pelos cabelos e a apunhalara com a calda. Em seus últimos suspiros, tentara falar, com a voz fraca de forma inaudível, para Eis.

Eis, assustada, permanecera sentada segurando o livro e o cajado. Arrastando-se para fugir, não fora rápida o suficiente. Milkar, tirando a cauda do corpo de Flammen, empalara agora o peito da menina.

Embora a armadura fosse extremamente resistente e tinha a propriedade de se regenerar, não era o suficiente forte para barrar a ferroada de Milkar. Kroni tentara impedir que a menina fosse pega, entretanto estava presa até o ombro no corpo de Milkar, podendo apenas gritar sem poder se desvencilhar:

— Vamos, garota obedeça a sua tia! Fale essa maldita palavra logo!

— *Tia? Você...* Aquela maldita que matei *não* era a Jägerin?  
— Olhando dentro dos olhos da menina cheia de sardas, com o seu ódio a flor da pele, não permitira que visse o cajado em formato de garra encostado em seu peito.

— *Kurat Narian...*

Uma bola de energia fina atravessara o coração de Milkar, atingindo Kroni que acabara sendo arremessada a centenas de metros, agora sem o braço e quase morta. Sua capacidade de recuperação estava lenta pelo tamanho do ferimento.

Milkar, ainda com a menina segurando o cajado em seu peito, começara a derreter como uma vela jogada na fogueira. Não demorara para o que era apenas uma flecha de luz flamejante, tornar-se uma esfera gigantesca, atingindo mais de trinta metros de circunferência.

Conforme a esfera crescia, o corpo de Milkar derretia, afastando a cauda empalada.

O fenômeno durara apenas poucos segundos entre a transformação de uma flecha de luz para uma gigantesca bola de fogo. A bola seguira até as ruínas de Buhayr Alsahr, ao fundo, destruindo-a por completo.

A onda de choque erguera uma nuvem e cortina de areia tão grande quanto à bola de fogo que, com a ajuda da tempestade de areia, fizera com que nada fosse possível de ser enxergado a um palmo de distância.

A menina ferida agora tinha o veneno da cauda de Milkar correndo por suas veias. Imóvel, a criança fora coberta pela areia criada pela onda de choque, agonizando por um longo tempo até morrer pela falta de ar mesmo antes do veneno afetar seu cérebro.

A tempestade de areia e a onda de choque fizera sumir tudo que restava da batalha de Milkar e as elfas. Com a visão prejudicada, o exército da escuridão fora abatido; o exército humano possuía treinamentos para vários tipos de intempéries, enquanto os demônios alados que jogavam pedras sobre os soldados não conseguiam manter-se no voo, caindo sendo mortos pela queda ou pelas espadas.

Amir, com sua lança, empalava arremessando seus inimigos. Seus pensamentos estavam em Flammen; sua fúria o descontrola. Girando como hélice de moinho, partira rumo à cidade destruída atrás de sua amada.

O jovem Theodoro I caminhava sem rumo exterminando seus inimigos caídos.

Com seu escudo bloqueava e desferia inúmeros golpes com sua espada curta.

Miur, com sua espada flamejante, cortava e destruía tudo o que podia, deixando para trás pilhas de corpos queimados.

Jägerin saltava e lançava dezenas de flechas mágicas em segundos, já que não era necessário mirar, apenas atira-la. O grande número de soldados inimigos cobria todo o terreno, precisava ser mais rápida como jamais fora.

Quando os cadáveres, dos dois lados, estavam encobertos pela tempestade de areia fina, o exército de Miur chegara até as ruínas da cidade. Todos procuravam por Eis e Flammen sem



sucesso. Nem mesmo o corpo de Miura fora encontrado nos destroços do castelo de Buhayr Alsahr!

Em sua caminhada atrás de sobreviventes, com seu escudo quebrado, Theodore escutara um gemido perto e logo correria para salvar ou matar seu dono.

Ao se aproximar percebera que a jovem de cabelos vermelhos se arrastava pela areia em meio à tempestade. Aproximara-se dela com sua espada, mas não conseguira matá-la. Estava encantado com sua beleza desde que Amir a apunhalara.

Tirando sua armadura e o brasão da família real, deixara pra trás seu título de príncipe para salvar a mulher que encantara seu coração, carregando-a nos braços seguindo para a cidade mais próxima: Bahr Araml.

Deixando para trás milhares de mortos no combate, não recolheram nenhum cadáver. A maioria fora sepultada com a areia do deserto.

Arrasada, Jägerin não conseguia deixar de chafurdar as areias escaldantes do deserto durante dias. Nada a fizera desistir de sua missão fadada ao fracasso.

Durante dias, eram ouvidos os gritos pela filha. Jägerin havia perdido duas pessoas muito importantes de sua vida: a filha e a irmã. Ambas estavam desaparecidas; nunca admitiria a morte delas.

Seu abalo era visível por qualquer um. Miur não poderá demonstrar seu luto, precisara ser firme e cuidar da esposa descontrolada.

Apenas quando Jägerin desmaiara de exaustão, Miur conseguira a levar de volta com sua tripulação para sua casa. Jägerin não aceitava ter sido levada de volta, chorando e se isolando por quatro meses.

Sua mente estava totalmente perturbada: sentia-se culpada por não poder salvar a filha e por não ter percebido que Eis a seguira até o deserto. O rei não tinha coragem de enfrenta-los ou questionar o afastamento do casal de suas funções.

A partir daquele dia, Jägerin não queria mais ser chamada como fora batizada.

Seu nome a fazia lembrar-se de sua *incapacidade* de ser mãe.

Fazendo com que desde então fosse chamada, além de se apresentar como Jäger.

O rei tinha por esses dois o maior respeito, intitulado-os como parte de sua coroa, como Duque e Duquesa. Seus súditos não concordavam, embora fossem covardes para questionarem a condecoração dos elfos.

Amir voltara para seu palácio. Ganhara a guerra e criara um laço especial com a família de elfos e Theodoro. Tinham neles a mais alta confiança e gratidão.

Tinha certeza que o sacrifício da filha e da irmã de Jäger fora o maior ato de heroísmo que já presenciara.

Flammen fora sua primeira mulher. *Jamais* a esqueceria.

Theodoro fugira com Kroni para Forked com financiamento da viagem feito por Amir. A cuidadora de Theodoro na infância aceitara hospedar e cuidar de ambos em sua casa. Com a quantia de dinheiro dado pelo sultão, comprara a casa e as terras de seu pai em nome de sua ama.

Como filhos do casal de velhos, Theodoro e Kroni, agora recuperada com os dois braços, vivera como nômade, não mais como um príncipe.

## 16 A CAÇADA

No extremo oriente, um raio atingira o palácio portuário de Kokyo que, com um movimento de mãos, as portas da sala atingida se trancaram. Dando início a um princípio de incêndio, o fogo se alastrara rapidamente. Uma voz feminina se anunciara entre os ossos, as velas derretidas e os incensos aromáticos.

— Esperava por vocês, não tenho poder para ir até onde estavam.

Vamos antes que os guardas arrombem a porta. *Ah*, antes que me esqueça, vão me pagar por essa bagunça! — Apressara-se a jovem de olhos puxados.

— Já que eles querem nos pegar, vamos dar uma chance de morrerem por nossas mãos. Segurem esta, seus patifes! — Com movimentos rápidos, uma grande esfera fumegante atravessara a sala, explodindo onde os guardas batiam.

— Sorte sua que essa não é minha casa. Se fosse, era você quem ia queimar, sua maldita. — Vociferara a jovem baixa, dona da sala.

Com um novo raio, as quatro mulheres sumiram novamente.

Ressurgiram em meio de uma névoa fria sobre uma sacada longa e alta da mesma forma que haviam desaparecido. A jovem de cabelos azuis, ao andar, derretia a neve envolta de suas pegadas que iam até a porta trancada no topo do castelo. Ao abrirem a porta, um homem magro e acompanhado de outras três figuras, esperaram-nas entrar.

As quatro mulheres entraram em fila, a líder quando uma mulher baixa e enrugada falara perante os quatro homens.

— Para conseguir o poder que tanto deseja, precisam acabar com o rei.

Precisam fazer com que o filho dele sofra. Do sangue e de sua dor servirá para que nossa mestra volte! Preciso que o verdadeiro filho do rei cretino sofra sem morrer. A carne maldita dele precisará servir de alimento para ela. — Propora à velha esticando a mão.

— Isso é ridículo, Verräter! Não pode acreditar nessa cretina. Matar o rei e torturar o príncipe, eu não permitirei! — Ameaçara o homem baixote.

— Ora, cale a boca, Kojote! Eu me ofereço para torturar o menino; seu corpo me fará *muito* feliz. — Falara a sombra magra e curvada.

— Também quero apreciar aquele menino. Nunca fui com a cara enjoada daquele fedelho. Terá que lutar contra mim, Vergewaltiger. Vai perceber que é difícil disputar contra mim, muito mais do que pegar meninos inocentes da vila! — Incitara a outra sombra grande e gorda.

— Caso não tenham percebido, seus imbecis, temos um *coelhinho* lindo nos escutando! Não precisam atacá-lo agora. Deixe que a tortura comece dessa forma.

Eu mesma adoraria *abrir* sua barriga e *comer* seu pequeno coração. — Dissera a jovem de olhos puxados jogando sua grande trança de cabelos negros para trás. Ao começar a rir e ameaçar, passos rápidos e leves foram ouvidos fugindo.

— Lembrem-se: Imi irá vir busca-lo em aproximadamente trinta dias! Precisamos de sua dor e sofrimento. Abusem desse pedido; só não se esqueçam de se livrarem dos dragões. Eles podem arruinar nossos planos! — Dissera a velha apontando para a jovem de cabelos azuis.

Voltando para a sacada do castelo, viajaram por um novo raio, sumindo na noite fria e escura. Enquanto isto, as quatro sombras combinavam até que a menor saíra resmungando pelos corredores. As três sombras que permaneceram combinaram de como eliminariam o rei de forma parecer um acidente.

Vergewaltiger dissera ter tido uma brilhante ideia:

— Será simples, graças a mim! Muitos nessas terras acreditam em fantasmas. Criei o mito da existência deles com ajuda de meus meninos. Preciso de mais um menino e no máximo em dois dias, você pode matar seu pai sem problemas e possuir sua mãe, Verräter. Vou providenciar um menino agora mesmo! — Dando-lhe as costas, o homem curvado desaparecera pelos os corredores do castelo.

— E você Roter, o que fará? — Questionara o príncipe.

— Ficarei de olho para que tudo não saia do controle. Por enquanto é isso. Vou dormir. — Respondera é avermelhado obeso bocejando

Nos dois dias seguintes gritos de dor e pedidos de socorro corriam ecoando por todo o castelo. Ao iniciar do terceiro dia, um corpo esquartejado fora encontrado desde a escadaria principal até a porta do quarto do rei. Todos os súditos ficaram amedrontados, os espíritos do antigo castelo, atormentaram-nos mesmo após ter sido tomado.

Expulsos do castelo lendário, os súditos e a família real, mudaram para o castelo na cidade. Sempre eram ouvidos gritos de agonia pelas noites escuras e agora fizeram uma vítima. Parecia que os espíritos malignos foram atrás deles no novo castelo.

Durante o jantar, Verräter oferecera muito mais bebida ao pai. Aluin, no entanto, conversava entretido com a mãe pálida e com feições doentias.

Quando todos estavam dormindo, uma batida na porta do quarto do rei o acordara, fazendo-o sair sonolento pela porta. Agarraram-no por suas vestes, empurrando-o contra a parede e desferindo vários socos em seu rosto. Cambaleante pelas pancadas, o corpo do velho rolara dezenas de degraus, tendo sua cabeça rachada ao atingir o mármore branco, ruborizando a brancura com o cérebro em pedaços.

— Preciso que se dividam. Shoiú ficará com Side Cite, precisamos achar o descendente de Jägerin e Kroni. Eles precisam morrer para fragilizar a alma de seus antecessores perante Milkar. As crias de Amir e de Mächtig já estão condenadas. — Dissera a voz velha e rouca.

— Mas como saberemos quem é descendente dessas pessoas? Qual a idade? O sexo dessas crianças? É meio complicado acharmos assim do nada! Precisamos de muito mais informações. — Indagara Shoiú intrigada procurando uma cadeira para se sentar dentro da cabana mofada.

— Não sei exatamente, mas devem ter entre dez e quinze anos. Podem ser meninos ou meninas. Vocês deverão dizimar as cidades atrás dessas crianças. Segundo o que Milkar pede, seria ótimo para a vingança se achássemos as crianças delas para que seus pais fiquem destruídos por dentro! — Continuara a voz velha rasgando o ouvido das três jovens.

— Mas vejam só. Que ótima ideia! Imagina que incrível matarmos as crianças e daí os pais ficarem malucos, sem medo ou ter o que perder, e nos seguir até o fim, para nos trucidar! Parabéns! Que ideia genial! E quando acharmos, o que faremos com essas desgraças de crianças? Vai falar que precisamos sacrificar elas em nome da *grandiosa e poderosa* Milkar? — Zombara a jovem loura sentando ao lado da garota oriental que se encararam incomodadas com a ideia.

— Basta que as achem! Milkar quer sentir o sofrimento delas e depois devora-las por dentro! A tortura e sofrimento é uma forma dela sentir e poder achar entre as demais. Quando uma alma sofre e demora para morrer, ela cria uma espécie de mancha no mundo dos mortos. De lá, ela veria os pontos de dor, saberia onde se nutrir ficando cada vez mais forte! Dessa forma possuindo eles, ela absorverá toda dor que eles sentiram e se fortalecerá dentro deles, possuindo eles e comendo eles por dentro, um a um. Agora calem-se e me obedeçam! — Completara a velha ascendendo uma lareira para preparar suas poções.

— Mas é exatamente o que eu disse! Se esses guerreiros vierem com força total atrás de nós? Milkar vai nos salvar com sua maravilhosa benevolência? Que ideia mais imbecil. Conheço muito bem o poderio do exército de gelo; os outros não devem ser piores que eles. — Rira ainda mais a jovem loira se levantando no meio de suas duas companheiras, também desgostosas com a ideia mal idealizada.

— Chega de frescuras, você é a única que pode se teletransportar rápido Gewitter! Então será responsável de leva-las primeiro. Leve Shoiú até seu alvo em Waterfront e lá ela poderá cuidar das cidades vizinhas. Depois leve Imi ao castelo antigo na neve, você sabe bem qual é e onde fica. Finalizando, poderá ir

sozinha até o deserto de Buhayr Alsahr e Bahr Araml; Milkar sente que as crianças herdeiras, devem estar por lá. — Heks dera as coordenadas a serem seguidas enquanto preparava um creme fétido e gosmento.

— Eu concordo com essa magrela loira. Isso vai trazer muitos problemas para nós que estremos lá! Não quero um exército gigante contra mim, me caçando. Eu prefiro voltar para meu palácio e ter a vida de rainha que sempre tive! Sujeitinha estúpida essa Milkar. Ela precisa de ajuda pra *superar* essa derrota. Torturar crianças, pra ficar forte, isso não me soa coerente. — Reclamara Shoiú indo até a porta e admirando a chuva forte.

Irritada Milkar, falara através de Heks.

— *Estão me obrigando a controlar a mente de você! Imi é uma que ousou me desafiar e olhem para ela. Como prometi, darei a vocês o controle dos reinos que quiserem, não servindo os imperadores desses reinos! Se juntem a mim e terão tudo que quiser.* —

— Escuta, Milkar. Você não vai conseguir nos controlar. Só conseguiu por que Imi está perturbada! Esse negócio de matar crianças e fazer sopa delas? É uma história que só assusta crianças. Se me ameaçar mais uma vez eu mesmo acabo com seu espírito aí onde você está! — Retruca a asiática apoiada na cadeira onde Imi estava sentada.

Milkar precisava mostrar seu controle. Não poderia deixar ser ofendida e desrespeitada por uma jovem tola como ela! Tomando controle do corpo de Heks e usando todo o pouco do poder que lhe restava, falara em uma língua estranha a todas, começando a estrangular o pescoço de Shoiú sem toca-la, apenas a olhando, enquanto mexia na pasta marrom e fedorenta até derrubar a garota desacordada.

Fizera o mesmo com Gewitter que, sem que pudesse fugir, fora jogada contra a parede e erguendo-a estrangulada até o teto. Quase a morta, fora arremessada pela janela da casa até a densa bruma da floresta chuvosa.

Aproveitando as duas meninas desacordadas, mantivera-as assim por mais sete dias até sua pasta ficar pronta. Quando ficara

pronta, despejara sobre as duas inconscientes e sobre Imi que, penetrando entre as armaduras, o creme maldito feito das entranhas do filho de Heks, fora absorvido por completo pelas três.

Após a absorção da substancia, acordara as duas meninas desacordadas.

— Vou te ajudar enquanto estiver tudo bem! Caso estiver perto da derrota, eu vou te trair, sua maldita Milkar! Eu juro, não espere que *eu* seja fiel a você. — Prometera Shoiú ao acordar com tapas fortes.

— Digo o mesmo. Não correrei riscos por você! Trairei assim que perceber que corro risco de perder.

“Se possível eu mesmo dou o último golpe. E lhe adianto, sua velha. Eu vou matar você! Guarde minhas palavras. Eu *senti* o que fez com o *seu* filho em nome dessa estúpida e vai morrer lentamente em minha mão! — Jurara Gewitter se levantando com dificuldade.

Gritando histericamente Heks ordenara que as feiticeiras saíssem.

Todavia, o que elas não sabiam era que a pasta vermelha possuía as particularidades de poder influenciá-las a seguirem as ordens de Milkar. Não era um controle completo, tinha leves inclinações, tendências e sentimentos em concordâncias com Heks e Milkar.

Porém esta influência possuía um limite de tempo.

Em meio à chuva, um raio atingira a Floresta Negra e em seguida, as três jovens surgiram caminhando pela lama pelo curto caminho ligado aos portões de madeiras, abertos de Waterfront. Enquanto atravessavam o portal, bolavam o plano de ação.

Pensavam enquanto percorriam as ruas ladrilhadas de miracemas cinzas em meio ao grande volume de comerciantes de azeites de baleias e pelo mercado a céu aberto.

Cobertas por capas e capuzes esfarrapados, adentraram na taverna Agárico.

Ficaram por um tempo sem chamarem a atenção no canto afastado. Até mesmo pediram três canecas de cervejas e o peixe assado, a especialidade da casa.



Observaram os inúmeros marujos e piratas quando um sujeito cinzento e empoeirado entrara pela porta retirando seu chapéu molhado. Pisando rápido com os pés falseantes acompanhado de sua pequena tripulação, abriram caminho entre os frequentadores bêbados afugentando-os, com exceção das três jovens ao fundo que observavam interessadíssimas.

Um sujeito magricelo e sem dentes apontara para as três e gritando, afim de que surtisse como uma ameaça, mas ao fim apenas parecera uma piada:

— Olhe capitão Meurtrier, parece que essa noite iremos nos divertir. Olhe aquelas *putinhas* lá no fundo; não fugiram. Estão faltando com respeito! Parecem bem cuidadas. Vou encher a *buceta* daquela loira, agora. — Rira enquanto andava em direção das três jovens sentadas afastadas. Ao se aproximar, o marujo banguela começara a desamarrar suas calças.

Cantarolando vitória até a mesa, o homem tirara o pênis para fora, balançando-o. Mostrava com este gesto que a jovem loira deveria chupá-lo. Gewitter apenas pegara o garfo que estava comendo, atravessando-o contra o pênis do marujo, pregando-o na mesa. Com a ponta do dedo encostando no garfo, soltara um raio acendendo o marujo e deixando as vistas os ossos dentro do corpo do homem asqueroso. Gritando e queimado vivo, a carne do marujo estourara sendo arremessado nas mesas, abrindo caminho até Meurtrier.

Irritados seus companheiros fizeram menção de atacar as garotas, mas o capitão segurara seus dezenove homens. Morreriam facilmente em uma luta franca contra as três garotas.

Caminhara então com sua perna metálica até as três jovens, apresentando-se-.

— Boa tarde, senhoritas! Peço perdão por meu tripulante. Sou capitão Meurtrier, ao seu dispor. Permitam que eu repare a malcriação de meu homem, o que posso oferecer para reparar o erro cometido? — Curvando-se em uma reverência forçada esperara pela resposta das mulheres.

— Já que tenho negócios nessa cidade, você poderia me arranjar um bando de mercenários! Posso pagar muito bem, preciso

deles o quanto antes. — Dissera Shoiú se levantando.

— Um bando? De quantos homens estamos falando? — Perguntara o capitão com seus vários dentes faltando e outros de ouros à mostra.

— O mais tiver melhor! Preciso principalmente que não tenham escrúpulos. Serem filhos da puta faz parte da *minha* exigência. Conhece algum bando assim? — Completara a jovem retirando o capuz e mostrando seu rosto por completo.

— Imediato, venha aqui! Preciso de um contato de seus colegas. — Chamara cochichando em seu ouvido: Essa bela moça precisa de ajuda. Você sabe onde o bando de Mack pode estar? Vá até ele e diga que essa senhorita precisa da ajuda dele, ela pagará muito bem pelo serviço. Até o anoitecer nos encontraremos para mais detalhes!

“Senhorita, meu imediato foi buscar seu homem. Infelizmente eles não podem entrar na cidade. Terá que me seguir até a Floresta Negra, eles nos encontraram lá hoje a noite com meu imediato. Você me acompanharia?” Falara estendendo a mão para que Shoiú o acompanhasse.

Terminando de beber sua caneca de cerveja, Shoiú seguira os passos cambaleantes do capitão que caminhara pela chuva, na periferia da vila, esgueirando-se por corredores estreitos onde o chão ladrilhado acabara e começara a lama. Na parte pavimentada, via famílias felizes e casas com jardins. No entanto, quando a lama surgia, toda imundície e maldades escondidas ficaram visíveis. Mulheres e crianças eram vendidas no mercado negro, onde somente sujeitos do submundo tinham acesso a essas transações entre as inúmeras outras coisas execráveis ao leste da cidade.

Chegaram pelo curto caminho até onde seria o ponto de encontro, uma clareira na Floresta Negra. O imediato logo voltara com dois homens que seriam contratados. Acompanhado de dois homens, um negro alto o outro um *orc* baixo e corcunda.

Ambos cumprimentaram o capitão, nem olhando para Shoiú. O capitão então começara a apresentação da jovem encapuzada e coberta por farrapos.

— Esta senhorita é a contratante. Shoiú está precisando de sujeitos com a fama, não muito respeitável. Shoiú, estes são os homens que procura; o humano é Colérios e o *orc*, Mack.

— Com má fama? — O *orc* rira debochado, enquanto respondera displicentemente. — Serviria você mesmo, seu velhote. Por que não aceita o serviço?

— Infelizmente, Mack tenho outra missão. Estou preso a ela. E há pelo menos vinte anos, estive do lado perdedor de uma batalha. Fiquei escravo desta derrota e preciso pagar por ela caso queira continuar me arrastando por aí. — Explicara Meurtrier desfazendo seu sorriso insolente do rosto.

— Preciso que invadam a cidade Waterfront e mate *todas* as pessoas que encontrar. Deixe vivo apenas algumas mulheres, jovens e crianças. Os homens matem todos! Peguem esse saco de ouro. Darei outros três amanhã a noite aqui, nessa clareira, depois que destruírem a cidade. Se forem bem sucedidos, darei um novo alvo.

Ao terminar de falar, jogara um saco grande de moedas de ouro e logo saía andando sem olhar para trás.

Voltando para cidade, encontrara suas companheiras na taverna, avisando-as.

— Deleguei o ataque à cidade aos bárbaros. Não quero arriscar morrer em um ataque do qual não tenho fé de vitória! Ouro não tem valor para nenhuma de nós três; o poder e o domínio, sim. Agora precisamos sair dessa cidade, vamos para Forked nos divertir! Você vem, não é Imi? — Ambas aceitaram e dentro da taverna, a jovem loira chamara um raio, que destruíra parte do telhado, levando-as para os arredores de Forked.

Caminharam pela ensolarada Forked, a capital do continente Ríocht Glas.

Era uma cidade bem movimentada, formada por casas de vários andares que se amontoavam desde o início. Já ao lado dos portões sempre abertos, contava com duas duplas de sentinelas de cada lado.

As ruas mais largas recebiam luz direta do Sol, entretanto as mais finas e antigas ficavam a maior parte do dia sobre sombras vindas das paredes altas e irregulares. No meio das vias de jaspes

vermelhas, suportavam passos lentos, carroças, cascos e inúmeros pés descalços com mãos ágeis em busca de alguma bolsa de moedas mal cuidadas.

As edificações em sua maioria eram feitas de tijolos de argilas, expostos em linhas nem sempre retas. As construções mais bem feitas exibiam seixos rosados e cinzas com as cores contrastando dos telhados de cerâmicas vermelha. Já os casebres, muitas vezes eram feitos de madeiras que os próprios moradores cortavam nas florestas.

Algumas casas funcionavam como pensão que, com as portas abertas podia ser visto as escadas levando aos inúmeros quartos numerados. Forked era uma cidade desenvolvida com postes luminosos graças a um mecanismo de alimentação de óleo baleeiro e de outras espécies de animais abatidos no grande açougue afastado da cidade.

O cheiro de sangue atraía inúmeras criaturas e monstros, necessitando de uma segurança maior para os que trabalhavam lá. Possuíam uma distribuição da carne, do couro e dos ossos desses animais, mantendo uma grande economia girando em torno deles.

Com a alimentação na pastagem, mantinha grandes manadas de diversas espécies de bovinos, equinos, caprinos, suínos e de galinhas e inúmeros outros animais exóticos.

Como toda cidade-estado, Forked possuía inúmeras atividades de contrabando e criminosas como tráfico de bebidas, exploração sexual, mercado negro e festas clandestinas. Nesses lugares frequentados por páreas da sociedade, não possuía ninguém confiável a forasteiros e seria justamente em um destes lugares o destino das três jovens.

Com seus mantos esfarrapados, recebiam elogios dos piores possíveis.

Não eram altas e com suas feições joviais, pareciam meninas pertencentes a cafetões baratos. Embora existissem lugares com prostituição infantil, era uma ação não muito respeitada, criando inúmeros protestos no gabinete do prefeito.

Caminhando durante a noite, apresentaram-se nos arredores sombrios de Forked. Onde entraram em uma casa de má reputação

sem serem anunciadas. Ali acontecia uma grande festa ao som de quatro bardos cantando e tocando seus instrumentos.

Uma jovem ruiva bêbada, dançando com uma enorme caneca de vinho, trombara e despeja todo o líquido sobre Gewitter. A menina ficara espantada com a feição de irritada da garota loura que, com os olhos começando a faiscar de ódio, iluminara toda a taverna escura. A feiticeira loira fora puxada, ganhando uma lambida nos lábios e na bochecha esquerda, interrompendo suas faíscas.

Novamente sendo puxada, Shoiú a beijara de forma eletrizante. Ficando um instante estremeçada, Gewitter aceitara o beijo demorado. A jovem asiática chamara Imi que se encontrava relutante no início, mas aceitara o convite quando puxada pela cintura.

A menina que derrubara o vinho assistira aturdida a cena impressionante em sua frente.

Gewitter saíra do beijo triplo deixando Imi e Shoiú se beijando. Indo na direção da menina desajeitada, empurrara-a sobre uma mesa. A garota bêbada temia pela a punição que receberia. Agarrando-a pelo colarinho, erguera-a com facilidade do chão, mirando fundos dos olhos chorosos.

— Nossa! Por favor, não me mate! Foi apenas uma caneca de vinho, eu serei sua empregada, serviçal o que quiser! Estamos em uma festa, eu bebi muito e perdi o controle. Não me mate, vi seus olhos de morte, seu ódio por mim, não me mat... — Interrompendo os pedidos de perdão e preces da menina, Gewitter a beijara ferozmente.

Erguendo a menina e a jogando sobre a mesa de novo, rasgara sua camisa deixando seus pequenos seios a mostra. Gewitter subira sobre a mesa e, deitada sobre seu par começara a chupar os seios dela que gemia de prazer.

Enfiando a mão dentro da saia da garota de cabelos vermelhos, a jovem loira começara a masturba-la com os dedos. Mordendo os seios e soltando choques no clitóris da menina, sentira que era a primeira vez que a menina gozava na vida.

Volta para a beira da mesa, lambia e mordida o clitóris e os grandes

lábios da menina, enquanto ela mesma apertava seus seios e mordida os lábios.

Imi e Shoiú se aproximaram juntas da mesa. E, enquanto Imi e Shoiú tiravam os trapos e desequipavam à armadura, a camponesa ajudara à loira a ficar nua começando a se beijar. Levantando a perna de sua amiga loira, Shoiú começara a lhe chupar. Imi, também nua, aproveitara que sua amiga asiática estava de quatro começa a morder e chupa-la.

Com os bardos vendo a cena, aproximaram-se do grupo que não parava de ficar se mordendo, beijando e chupando, dessa forma cantando e tocando acabando por chamar a atenção de todo salão para elas.

Durante a noite as quatro meninas gozaram e foram a atração de toda taverna.

As quatro dormiram nuas e abraçadas e, ao amanhecer, encontraram-se rodeadas de moedas. A primeira a acordar fora Shoiú que, feliz andara nua pelo chão sujo, chutando garrafas vazias até o balcão, onde pegara uma caneca e enchendo com cerveja, bebendo-a em um gole.

Enchendo a caneca novamente, voltara até as três que ainda dormiam, jogando o líquido sobre elas.

Acordando, as quatro meninas se olharam. Estavam nuas, acabando rindo e indo se banhar ainda juntas. As moedas foram entregues para a jovem camponesa e logo as feiticeiras saíram rumo à entrada da cidade.

Caminharam até o meio da cidade para comerem na taverna. Começaram a conversar uma com a outra, quando Shoiú perguntara a Gewitter.

— *Eae*, loira. Me diz, por que está nessa? Você não é uma camponesa igual Imi e a mim, você é uma nobre. Vai, nos conte. Se quiser conto minha vida e você a sua.

Bom... então eu começo a falar da minha. — Enquanto conversava esfregando as costas de Gewitter, Shoiú fora ao chão de joelhos com as mãos nos ouvidos e saindo sangue de seu nariz, chamando a atenção de suas companheiras.

— O que está acontecendo? Você está bem? Levante!

Sendo levantada pelos braços, as duas outras ficaram na espera da resposta.

— Ah, merda...Aquela velha maldita; a filha da puta! Ela entrou em minha mente e falou comigo! Ela sentiu que precisa de um menino descendente de Forked! Ele vive em alguma cidade perto do mar! Lá em Waterfront. Vou ter que procurar um menino, depois fazê-lo sofrer. Porque ela mesma não faz isso!? Torturar um menino, *pra* que? Velha maldita. E essa Milkar não perde por esperar também! Não devia ter aceitado essa merda! — Enquanto ficava em pé e limpava o nariz, estava visível para as duas outras que estava irritada e arrependida com tudo.

— Mas que merda, vamos ficar aqui até altos da madrugada! Não quero ir ver toda a merda que deve estar acontecendo lá, não sou dessa laia asquerosa. Você queria saber quem sou, Shoiú. Então contarei exatamente quem sou!

“Meu nome completo é Gewitter Einsames Kalt; sou sobrinha da rainha Gütig Kalt. Minha mãe seria rainha se não morresse com apenas vinte anos e minha tia assumisse o trono! Eu teria sido a rainha se aquele maldito príncipe, Mächtig, não tivesse casado com minha tia e unido os reinos. E *pra* piorar, ela embuchou daquele merda do Verräter!

Aceitei essa merda toda pelo poder; queria vingança! E, agora como você, Shoiú, já me arrependo de ter aceitado isso quando soube de torturar o Aluin. O menino é um docinho, sempre gostei dele. E só tenho alguns anos a mais que ele! — Gewitter irritada esfregava suas amigas e a camponesa dona no quarto da estalagem.

— O que estou me tornando, merda?! Merda! Merda! Merda! Merda! *Merdaaaaaaaa!!* Eu preciso beber; beber muito! Estou tão arrependida... Queria acabar com isso, será que conseguirei salvar meu primo? Ele já deve ter sofrido e deve estar sendo torturado. Prometam que não farão mal ou matarão ele, *por favor!* — Imi estava contrariada, mas assim como Shoiú, prometeram não o machucar ou matá-lo.

Mais calma, a feiticeira dos raios após o banho com a ajuda da colega da noite anterior, quisera ir em uma outra taverna para se embebedar.

Caminhando pela rua movimentada e cheia de sombras das construções altas, entraram em uma taverna movimentada.

A loira do grupo bebera inúmeras canecas de cerveja até dormir, bêbada. Acordara por cutucões de Shoiú. Estava na hora de ir até o ponto de encontro.

Com a Lua quase no centro do céu noturno, fora o sinal. Despediram-se da colega ruiva e logo as três saíram tropeçando pelas pedras, rindo até a saída da cidade noturna. O trio ébrio escutara zumbidos como se alguém falasse em suas mentes. Os chiados aos poucos aumentaram, tornando-se decifráveis.

O barulho ao aumentar, incomodava o ouvido das três que, mesmo tapando os ouvidos, estrebucharam-se no chão gritando com toda a força.

Uma pequena aglomeração se formara em volta das meninas gritando e sangrando pelos olhos, ouvido, boca e narinas. Socorridas pelos guardas, um raio atingira as meninas e os guardas que as socorriam. Os guardas voaram chamuscados enquanto elas sumiram como por mágica.

Em meio à chuva torrencial com a terra quase líquida, três vultos andaram retomando suas forças pelas árvores ao chegarem à frente do líder de um bando encharcado de sangue e da água fria que caía.

Dezenas de olhos assustados acompanhavam as jovens esfarrapadas conversando com Corélios e jogando moedas e gemas preciosas. Não demora muito para jovem de cabelos azuis e a loura sumirem junto com as faíscas de um raio no meio das árvores. A jovem mais baixa com uma trança longa fora até os prisioneiros do bando. Conversando com um *orc* curvado, não demorara para que uma criança magra com cabelos longos fosse jogada até ela.

A jovem oriental conversara agachada com o menino e, ao se levantar, segura a criança pelo rosto, arremessando-o aos pés do *orc* corcunda. Com uma ordem da menina, os *orcs* e *goblins* do bando de mercenário se deliciaram com os demais prisioneiros. Os gritos e barulho de carne rasgando, enojava e irritava os demais soldados humanos.



Voltando para a criança de cabelos longos que se mostrara um menino, os demais *orcs* rasgaram seus trapos e o agredindo. Estava fraco e machucado, porém resistira à ferocidade dos ataques, durando toda a noite.

Caminhando até o líder dos homens, a jovem fora atacada por um dos soldados bárbaros. Paralisando o homem no ar, Shoiú, com um sorriso maligno e com seus olhos ficando verdes e faiscando como uma esmeralda, tirara o capuz deixando a água fria cair em seu rosto e arrumara sua longa trança. Demonstrara prazer ao mexer os lábios sem que ninguém entenda o que dizia calmamente:

— “*Tamashī no bakuhatsu*”<sup>4</sup>.

Rindo descontrolada com os olhos arregalados, uma luz fina atravessara a cabeça do bárbaro. O cérebro do homem ao ser atingido, explodira voando pedaços de carne ossos e cabelos em todos seus companheiros.

O restante do corpo fora arremessado com o impacto até uma árvore se espalhando em inúmeros pedaços por todos os lados. Ainda rindo, voltara para seu caminho deixando suas pegadas na lama e como era muito perigosa.

Caminhando na neve sob o céu estrelado e gelado, Gewitter e Imi passaram por uma grande porta em pedaços e ecoaram o marchar de seus sapatos no chão de mármore.

Os guardas se preparam para defender o rei, ficando prontos para atacar a dupla intrusa.

Um dos soldados atacara Imi com ordens do homem sentado no trono e, em instantes, sua alabarda derreteria como uma vela jogada ao fogo. Jogando a arma derretida, fugira por uma das portas traseiras, ignorando as ordens de permanecer em seu posto.

Vendo um de seus soldados fugindo, Verräter ordenara que seus guardas atacassem novamente. Com um sorriso demoníaco nos lábios, Imi esperara que os cinco soldados ficassem próximos um do outro e, erguendo a mão e apontando para o grupo atacante, seus lábios se moveram quase em silêncio, sendo possível de ser ouvido

por Gewitter, mas não a tempo de tapar os olhos. As palavras de Imi formaram "*Kurat Narian*<sup>5</sup>".

A luz emanada por pequenas esferas formados de seus dedos formaram uma bola encandeceste de fogo, cegando todos no salão. Gewitter que tivera os olhos atingidos pela luz emanada, precisara também proteger os olhos. A carne pegara fogo junto com a armadura.

Em um piscar de olhos os soldados se converteram a um monte de cinzas no chão. Em frente aos olhos arregalados dos seguranças e principalmente do rei, cansada de esperar, Imi avançara até o rei o agarrando pelo pescoço e pergunta inúmeras vezes.

— Onde está o menino loiro? — Imi, no entanto, fora ignorada todas as vezes que o questionara, até ser interrompida por um grandalhão ruivo que xingava dizendo que o menino o pertencia. Com a velocidade e barulho de um trovão, Gewitter o atacara o erguendo do chão com facilidade.

Questionado o homem, ele parecia não ter medo da frágil garota o atacando. Sempre se movimentando rapidamente, a jovem loura puxara estourando o pênis do homem que era semelhante a um saco de batatas. O grandalhão fora ao chão gemendo em meio a uma poça de sangue cada vez maior.

Irritada por não receber notícias do menino, Gewitter desferira vários chutes com sua bota na grande cabeça do homem, cessando os gemidos.

Enquanto Gewitter faiscava os olhos de ódio, um sujeito magro de olhos fundos surgira de uma porta, começando a falar de forma amigável com Imi que, percebendo que sua amiga estava perdendo o controle por arrependimento, poderia colocar as duas em perigo.

Aconselhando que sua companheira parta para o próximo alvo, Milkar a guiaria. Gewitter não escondera o ódio que sentira, saindo correndo e urrando de raiva com lágrimas nos olhos, desaparecendo no meio da corrida ao se transformar em um raio ensurdecedor e ofuscante.

Em segundos a noite fria e seca se apresentara ante o Sol entre dunas tórridas, deixando para trás a neve macia. Montanhas e uma imensidão de amarelo e laranja surgira contrastando com o azul do céu limpo e quente da manhã. O controle de Heks estava extinto por completo. Apenas Imi fora influenciada por mais tempo.

O Sol castigara a pele branca da jovem Gewitter que fraca, não tinha como se mover rápido, apenas caminhando cambaleante para sombra. O ódio pelos agressores de seu primo não era o suficiente para manter-se em pé.

Deitando em um conjunto de pedras com um buraco em que seu corpo cabia, ficara admirando as miragens ao longe. Ainda estava procurando uma criança, mas não queria feri-la e sim salvá-las das ideias de Milkar.

Recobrando as forças aos poucos e sua consciência ao entardecer, Gewitter levantara-se muito debilitada. O Sol forte e o uso excessivo de seu teletransporte consumiram quase toda sua energia.

No horizonte avistara um grande rio, mas mesmo pensando ser uma miragem, precisava muito de água, resolvendo arriscar. Ao se subir em algumas dunas mais altas, enxergara o rio apinhado de corpos boiando, tinha medo de Shoiú ou Imi ter antecipado e ido atrás de seu primo, mesmo elas concordado em não o matar.

Uma estrutura vista do alto, tinha inúmeras placas de metal refletindo a luz feito espelho, protegendo inúmeras barracas dentro das muralhas altas. A luz da Lua iluminava inúmeros animais comendo os cadáveres e uma manada de carniçais rondando a fortaleza, farejando o sangue na areia.

Observando ao longe, com o vento forte não, ouvira e nem enxergara as ruas escondidas pelas construções. Atenta para alguma alteração, vira uma fumaça saindo de uma cabana no centro das muralhas. Tinha em mente que seu primo poderia estar em apuros; estava afetada pelo estado febril e a desidratação.

Confusa viajara com seu raio para dentro da vila. Estava ainda mais fraca e não conseguira atingir o lugar correto, caindo na

beirada da fortaleza, causando um grande buraco no metal da muralha espalhando pedaços de ferro pelos ares.

Olhando para os lados vira um lugar fedido e nojento com uma grande quantidade de mortos espalhados. Certamente havia demorado e Shoiú já deveria ter atacado.

Mais uma vez, usando quase toda sua força, entrara pelo teto da cabana com fumaça.

Caindo de joelhos, levantara-se cambaleante e vira um menino sujo a sua frente.

Sem conseguir falar nada, sentira uma forte dor em seu estômago. Dando alguns passos a frente, sentira com as mãos uma faca lhe atravessando a armadura dourada.

Caindo ao chão desacordada, a última coisa que passara pela mente antes de ficar inconsciente fora que Milkar havia conseguido o que queria.

Tinha tomado o corpo de seu primo.

Com um toque de dedos coberto de pelos amarelos, o corpo de Gewitter, expelira o toque sedento de sangue de uma guerreira *gnoll*. Guinchando com o pelo em chamas, a fêmea guerreira correria de medo deixando claro para os demais atacantes que seria uma má ideia chegar perto daquela sala. A jovem se levantara com dificuldade tirando a pequena faca cravada em sua carne, guardando-a irritada.

Depois do desmaio, estava com forças o suficiente para sair da sala macabra com corpos estripados e ir até uma de suas companheiras para se desvincular do culto doentio a Milkar.

Acumulando toda sua força viajara até as montanhas geladas indo ao encontro de Imi.

Gewitter viajara em seu raio explodindo de fúria e ódio até as montanhas geladas.

A viagem demora algumas horas até chegar, rodeada por milhões de raios em seu corpo, consumindo parte de sua vida, já que não tinha mais energia mágica.

Andando debilitada, com a vista turva, presenciara o castelo em ruínas, com corpos queimados e parcialmente cobertos pela neve.

O castelo parecia abandonado e estar desmoronando com inúmeras manchas de fuligens e pedra derretida por toda parte estava.

— Com certeza teve uma grande luta. Estes miseráveis atacaram Imi! Ela está ali, espero que não esteja morta. Eu não tenho mais forças, por dias talvez fique dessa forma.... Não devia ter feito tantas viagens, como sou estúpida. Ei, Imi, acorde! — Caminhando com frio, muito debilitada e sangrando, a jovem loira seguira até sua companheira desacordada.

Arrastando a amiga pelos corredores, adentrara por uma porta entreaberta e via duas tochas de óleo acesas. Sentando ao lado do que parecia um altar, pegara a cortina do fundo da sala, a usando como cobertura.

Segurando Imi em seu colo e com as duas pequenas chamas perto de seus corpos gelados, seus olhos começaram a se fechar e ficar cada vez mais pesados.

Juntas, definharam no frio na noite gelada. Gewitter não conseguia respirar direito; as pontas de seus pés estavam começando a congelar na mesma velocidade que o calor do corpo de Imi diminuía.

O ar frio entrando em seus pulmões a congelava por dentro sem o auxílio das tochas que haviam sido consumidas por completo. Mesmo sabendo de seu fim, estava feliz, pois Imi havia se rebelado e a salvado logo depois da batalha. Pelo menos tentara salva-la. Os olhos azuis de Gewitter estavam se fechando lentamente na escuridão das masmorras em ruínas.

Com os olhos fechados, uma luz verde passara pelas pesadas pálpebras de Gewitter. Passos metálicos se aproximaram rapidamente; uma mão quente fora posta em seu rosto frio e dolorido. Rapidamente a tênue claridade verde se tornara uma luz forte e ofuscante em meio à escuridão gelada.

Após instantes os corações de Imi e Gewitter voltaram a bater forte.

A cor azulada da pele fora trocada pela rosada que retornara a face da jovem loira e o rubor ao de Imi. Uma gosma verde cobria o corpo do trio em meio o negrume, sumindo como se fossem dissolvidas

pela gosma, entre os musgos congelados das fendas das pedras negras.

## 17 SONHOS E ALUCINAÇÕES

Fora mais uma noite difícil nos quartos do Gato Cinzento, onde apenas Aluin e Thomi conseguiram ficar de olhos fechados. No quarto das crianças, Hope, Allis e Kibo olhavam na tênue luz do lampião. Apenas em pensamento suas mentes trabalhavam; suas bocas se mantinham mudas.

Já completando dois dias de sono profundo de Aluin e Thomi, Filpain estava preocupado com o resultado desesperado de usar uma de suas melodias de forma antecipada. Jäger revezava nos quartos de seu esposo e de seu novo filho e de Thomi. Hope a seguia como sombra a cada passo que dava.

Cinco dias se passaram e Muskeln e Gehirn retornaram de sua jornada em busca de redenção. Estavam sem suas armas, queimados e quase mortos. Foram trazidos de volta com a ajuda de suas leais montarias.

Levados até um quarto atrás da cozinha pelas curandeiras que ajudaram Filpain a estancar os sangramentos e restaurar os ossos fraturados. Os ferimentos eram graves, horas de trabalho foram gastas deixando ambos desacordados. Com o agravamento das situações, Filpain tomara medidas de segurança: iria esperar a noite para meditar com sua melodia para entender o que está acontecendo.

— Ei, Jäger, não queria fazer isso, mas preciso meditar para entender o que está acontecendo. Te convido para se juntar a mim, caso queira. Será à noite, seria bom que os “*demoninhos*”, não saibam que estamos em transe, pode ser perigoso para eles! Infelizmente suspeito que Miur conseguiu voltar um instante e novamente ficar inconsciente pelos ferimentos gravíssimos. Agora ele me parece estar só descansando. Os meninos não tiveram força para voltar. Precisamos trazê-los de volta! Não se esqueça de se equipar para batalha. O que estiver com você, será as únicas coisas que poderá usar!

— Sem duvidas o acompanho, mas sinto um *terrível* pressentimento. Confesso estar com muito medo do que iremos ficar

sabendo. Aluin me confessou inúmeras coisas perturbadoras! — Concordara apesar de apreensiva limpando o sangue de seus antigos companheiros.

Com os ouvidos atentos atrás da porta, Hope fugira em silêncio para avisar seus amigos. Quando contara a eles, ambos amedrontados, entreolharam-se enquanto limpavam o rastro de sangue deixado no chão de madeira pelos dois guerreiros.

Sabiam que Hope teria ideias para colocá-los em apuros.

— Não me diga que não vão ir comigo. Eles são nossa família! E vocês dois, meus namorados. Vocês têm que me ajudar, sim! Quando estiver anoitecendo, eu venho atrás de vocês. Espero que venham me ajudar. Agora vou me arrumar, quero usar o livro que achei andando por aí. Me contaram que ele é muito forte! Só preciso aprender a usar ele. — Hope saía falando sozinha deixando a dupla com medo e se olhando.

Ao anoitecer, Filpain acomodara os meninos desacordados e Miur em sua sala de reuniões com as portas trancadas. Hope, ficara na porta do lado de fora, seguindo nas pontas dos dedos sendo acompanhada por Allis e Kibo que, arrastados contra vontade, permaneceram a seu lado.

Estava vestindo o seu robe, com o livro pendurado e o cajado empunhado, o que por si só já causava grande desconforto em seus dois amigos medrosos. Jägerin chorava ajoelhada desesperada em meio às crianças e o esposo, todos inconscientes. Trajava sua armadura de guerra, munida de todas suas armas e mesmo assim tinha mais medo do que poderiam descobrir, do que enfrentar.

Filpain começara a preparar a poderosa magia, estando todos em ligações com Miur, Aluin e Thomi, ficando em transe.

Transitariam todos juntos de forma espectral na mente um por vez. Com os incensos acesos, uma melodia saía triste da flauta do bardo. As tochas apagadas mantinham apenas um lampião fraco aceso em todo o andar.

— Eu invoco o poder dos espíritos para que nos levem juntos para a mente de todos os ligados à Miur e os demais. Peço permissão para entrarmos nos pesadelos que machucam e perturbam as mentes; aprisionando todos em suas mais terríveis



vivências! Quando conseguirmos tira-los desta prisão, voltaremos para nossa realidade. — Após recitar seu encantamento de forma equivocada e sem delimitar os integrantes, Filpain tocara sua flauta, invocando os espíritos negros para os levarem até os pesadelos.

As três crianças do lado de fora da porta, acompanharam de forma espectrais Jäger e Filpain nos sonhos negros de Miur, Thomi, Aluin. Todos inconscientes com ligações, haviam sido invadidos pelo desastrado Filpain.

Caindo desacordados, os de dentro e os de fora do quarto, o grupo se encontraram juntos no primeiro pesadelo.

Estavam em um lugar florido, onde cinco jovens quebravam inúmeros instrumentos musicais, jogando-os de uma janela do segundo andar de uma casa amarela de alvenaria grande e rodeada por flores vermelhas com folhas verdejantes.

Os cinco se encontravam de joelhos nas pedras verdes da varanda florida. Jäger então notara as crianças, percebendo que mais uma vez Filpain cometeu um de seus erros, levando muito mais pessoas que deveria.

— Mas que *merda*, Filpain! O que as crianças fazem aqui com a gente? Esse pesadelo é seu! Essa é *sua* casa de veraneio, já fui até lá com Miur. Como sairemos daqui? E por que trouxe as crianças junto? *Porra* Filpain, que cagada, hem? Vamos logo resolver isso! E VOCÊS TRÊS NEM PENSEM EM SAIR DE TRÁS DE MIM! — Irritada, Jäger cuspiu fogo contra o bardo. As crianças, com olhos arregalados, obedeceram-na como filhotes de cachorro.

— Ei, calma. Eu não sou bom em magias negras, Miur é o cara para isso! Não eu! E veja bem, só trouxemos duas crianças, Kibo já tem quinze anos! E isso é um pesadelo mesmo! Olhe o que aquelas *vagabundas* malignas fizeram com meus instrumentos lindos. Vocês não têm ideia de como isso mexe comigo. Meus sentimentos e minha alma quebraram junto desses instrumentos. Eu não faço ideia do que fazer, Jäger. Eu não consigo me mexer, estou refém desta terrível cena! — Reclamara o bardo de joelhos com os olhos marejados que, aos poucos ficava em pose fetal.

— Já que você nos enfiou nessa, deveria ir lá resolver toda essa bagunça. Mas que merda, vai ficar aí *deitado*? Não acredito! Eu

vou ter que ir até aquelas mulheres e amarra-las? Ei, vamos, precisamos de sua ajuda para nos saber tirar daqui, levanta! Jäger, me ajude a amarrar elas. — Dissera Kibo irritada.

Kibo procurara por cordas com a ajuda de Hope e Allis, não reparando em Jäger. Correndo rumo à casa grande, subiram pela parede, entrando pela janela, de onde a elfa atirara cinco flechas. Os alvos eram as cabeças das mulheres ensandecidas. Matando a última mulher, um turbilhão negro circundara todos que invadiram o pesadelo, levando-os de forma abrupta até outro cenário distópico.

Desta vez o lugar era frio e escuro. A iluminação da Lua e milhões de estrelas estavam tapadas pela grande nevasca. Jäger estava sobre a neve enquanto seus companheiros afundavam na superfície macia.

Como era a única não passando frio, comandava o grupo correndo até uma cabana próxima. Entraram e correram direto para perto da lareira. Eles não tinham equipamentos para enfrentar o frio gélido das montanhas de Eisberg, sofrendo muito com o ar gelado. Caso não achassem uma solução para o frio, mais uma vez, Jäger teria que resolver sozinha toda a confusão.

A cabana feita de toras rústicas de madeira possuía uma mobília completa com cinco camas e cinco roupeiros. A mesa estava posta e pronta para um jantar. Um espaço aconchegante cheio de guloseimas.

Hipnotizados em cessar o frio, o quarteto não reparara em toda mobília organizada, na lareira acesa onde se aqueciam e nem mesmo as inúmeras trocas de roupas que estavam dentro de baús com as tampas abertas e diversas armas guardadas em suportes de vidro, enfeitando as paredes.

— Crianças, aqui tem roupas grossas, peguem para se protegerem do frio.

Não podemos ficar nessa cabana por muito tempo, precisamos entender o que está acontecendo! Nossos corpos do outro lado devem estar em perigo também. Vamos crianças, vistam-se, precisamos ir logo! Você, apresse-se, Filpain! — Dissera ela assumindo de vez o controle da equipe.

Embaixo de roupas grossas e peles, saíram andando pela montanha.

Jäger caminhava fácil sem afundar, já os outros, caminhavam com dificuldade na neve fria e macia, ficando muito para trás da elfa.

A elfa arrastava seus amigos pela imensidão branca durante horas, talvez dias.

O tempo lhe pregavam peças; à noite e o dia dançavam trocando de Lua para Sol disformemente, deixando todos atordoados.

A líder caminhava em círculos perdendo suas forças. De joelho não via nada a não ser a imensidão branca, sem árvores ou pontos de referências para seguir. Sentia-se sozinha, sem ninguém. Sem a presença e carinho de sua filha amada. E seu fiel companheiro, Miur estava perdido.

Nada mais lhe restava, apenas lembranças tristes e um terror crescendo em sua alma desolada.

Ajoelhada com as mãos nos olhos chorara. Ninguém tinha coragem de perguntar o motivo, pois já o sabiam. Em sua mente Jäger girava sobre um pião sem manter o foco dos olhos. Estava ficando tonta, perdendo os sentidos. O estômago, apertado com uma vontade grande de vomitar. Seus batimentos cardíacos aceleravam cada vez mais até que tudo de dentro de seu estomago saía em grande volume por sua boca. Tapando a boca com as mãos, o vômito passara por seus dedos tomando formas humanoides aos poucos. Sete figuras começaram a tomar forma do vômito congelado: três meninos, três meninas e um homem se montam.

Aproximando-se da jovem elfa, os companheiros observaram assustados com a cena. Para eles, haviam caminhado poucos metros da cabana. Jäger, no entanto, vira as figuras derretendo e formando manchas de sangue em sua frente, arrancando gritos de dor e urros de tristeza. Sem pensar duas vezes Hope puxara Allis e Kibo para abraçar a mulher chorando copiosamente.

Desolada e sem enxergar nada em sua volta, à elfa sentira um calor vindo em sua volta. Não via o que era, apenas se sentia bem.

Aos poucos vira duas esferas coloridas a encarando. Piscando com força e coçando os olhos, Jäger vira em sua frente Hope a abraçando e rindo, sendo copiada por Allis e Kibo que a abraçavam um de cada lado.

— Não chore, tia Jäger, estamos aqui com você! Vamos encontrar meu irmão e os outros todos juntos! — Hope terminara de falar quando um vórtice os levara para mais um cenário.

Quatro deles caíram sobre a lama. Os trovões soavam alto, tapando a maior parte de todos os sons. Jäger percebera em instantes que Allis não estava ali. Em meio a troncos negros e longos, encontravam-se em uma floresta densa que em apenas em um ponto de luz, a quilômetros dali, pode ser visto por.

Saindo em disparada velozmente na direção da pequena chama, os outros três a seguem a uma grande distância. Conforme se aproximava, a elfa escutava gritos de dor e súplicas de socorro, logo reconhecendo a voz de Allis.

Não conseguiria acertar as flechas, as árvores formavam escudos inviabilizando um tiro reto. Ao se aproximar, identificara Allis lutando contra cinco homens verdes e deformados. Estavam atacando o menino violentamente, segurando-o na lama, afogaram-no interrompendo seus clamores e rasgando suas roupas. Precisava ser rápida!

Não queria que os outros o vissem naquela situação.

Acelerando o máximo que conseguia, começara a correr na horizontal pelos troncos das árvores, sacando suas espadas gêmeas.

Em um salto cortara a garganta de dois homens verdes. Os outros três sobreviventes jogaram dois feixes de luz verdes com os olhos em direção a ela que conseguira desviar ainda correndo. De ponta cabeça, atirara três flechas acertando seus atacantes que ainda afogavam o menino.

Indo em direção ao menino, retirara os corpos dos homens verdes de cima dele, pegando-o no colo. Olhando para cima, os troncos pareciam não ter fim, agora que havia parado de correr a lama parecia grudar e puxa-la para baixo. As roupas pesadas contra o frio rasgadas de Allis afundavam lentamente na lama escura. Ao longe os passos tropeçantes de seus companheiros se aproximaram

da dupla. Docemente Jäger afagara a face suja de sangue e lama de Allis a espera dos outros.

Com dificuldade o menino abrija seus olhos e vira o belo sorriso de Jäger de encontro. Antes mesmo que seus companheiros chegassem perto, um furacão negro atingira todos, levando-os novamente para um novo sonho.

Caindo em meio a uma plantação na área costeira, os cinco foram encarados pelos camponeses agricultores, colhendo hortaliças e tubérculos no campo.

O Sol brilhava forte enquanto vários navios atracavam e saíam do porto.

O calor obrigara Hope, Filpain e Kibo tirarem suas roupas pesadas contra o frio. Allis estava desacordado e ferido, com as roupas rasgadas nos braços de Jäger. Estavam amedrontados agora que tinham *certeza* que poderiam se ferir ou mesmo morrer em meio à magia do bardo.

Não demora muito e os navios que zarparam começaram a pegar fogo, sendo atacados pelas embarcações que acabaram de atracar. Dezenas de piratas desembarcaram e começam a atacar as pessoas; os homens eram mortos no instante em que eram achados. Mulheres e as crianças eram atacadas e amarradas.

Homens negros de turbantes entravam nas casas matando e amarrando algumas mulheres. Havia algumas que eram mortas tentando fugir, sendo despidas e empilhadas perto das pessoas vivas amarradas.

Jäger assistia a tudo paralisada com Allis no colo e, ao se virar fora atingida na cabeça por um porrete. Enquanto caía desmaiando, vira seus amigos desfalecidos.

Quando acordara, estava amarrada e amordaçada, nua com a barriga para o chão e sem suas armas, estava com os pés amarrados em direção da nuca e os braços amarrados nas pernas e cada mão dentro de um saco de tecido. Balançava a um metro de altura do chão sustentada pela corda, escutando ao seu lado, inúmeras outras pessoas. Talvez estando no mesmo estado que ela!

Filpain ao acordar, vira a seu lado apenas as armas e armaduras de Jäger e Hope.

Pegando-as e as enrolando no robe de Hope, saíra procurando seus amigos pelo campo de mortos.

Sua busca por sobreviventes fora em vão. Havia apenas pilhas de cadáveres, com uma montanha de vísceras e de roupas rasgadas. Estava assombrado; tinha medo do que poderia ter acontecido.

Sentado no cais e olhando para o mar, acariciava as coisas de seus companheiros, pensando que algumas daquelas vísceras poderiam ser a de seus amigos desaparecidos.

Allis, Kibo e Hope estavam amarrados e amordaçados junto de inúmeras outras crianças. Um homem puxara Hope pelos pés, jogando-a junto de outras crianças.

Allis e Kibo, no entanto, receberam pancadas na cabeça até desmaiarem, sendo jogados para o lado com outros corpos imóveis, amarrados e amordaçados iguais a elfa.

— Essa magricela não vai servir de escrava. É bonitinha, mas muito magra! Ei, capitão, será que Mahalin ficará feliz com todas essas mercadorias?

“Acho que essa aqui eu vou treinar cortando ela viva. Preciso melhorar meus os cortes. E quanto melhor desmembra-la, melhor o valor!” Dissera um homem negro, amarrando Hope desacordada pelos tornozelos. O Capitão concordara com a cabeça sobre o treinamento. Retirando sua capa vermelha e a colocando sobre a mesa, sentara-se para assistir ao espetáculo enquanto bebia rum.

Com a menina pendura, o homem jogara água salgada para lavá-la. Estava muito ferida; não conseguindo se mexer.

Pegando um pedaço de carvão, começara a riscar o corpo magro nas partes onde iria cortar. Hope chorava baixinho; sua boca estava cortada e os olhos inchados gotejavam lágrimas de sangue. Com o corpo todo riscado e pronto para ser cortado, o homem começara a amolar uma faca.

Puxando os braços de Hope para cortá-lo, o homem caíra no chão. Sem dar tempo de levantar, o capitão caíra morto com uma faca que brilhava em verde.

— Esses pés magrelos são meus. Quero come-los ainda quentinhos, vou mastigar cada dedinho. São magricelos, mas bem

bonitinhos! — Sussurrara uma voz em seu ouvido, segurando o corpo esguio da criança, cortando a corda que machucava seus tornozelos.

— Olha só esse mandrião! Da primeira vez eu não consegui te salvar, agora ele machuca seus tornozelos. Patife, só eu vou mastiga-los. Ei, Hope, acorde sou eu! — Com leves tapas no rosto de Hope tentando fazê-la recobrar sua consciência, pegara a capa do capitão, e novamente tentando acorda-la.

Ao abrir os olhos coloridos, após um grande sorriso o redemoinho negro atingira os dois, levando-os para mais um tormento revivido. Estavam dentro de um quarto de madeira, a porta parecia feita de papel transparente, enquanto a mesa era baixa e colada ao chão. Inúmeras almofadas coloridas se espalharam pelo quarto.

Mais ao canto, um tatame enrolado e outro estendido, Kibo estava com o rosto pintado de branco com os lábios vermelhos, estava dormindo ao lado de Allis, ambos ainda amarrados. Jäger estava nua e amarrada. Filpain logo a cobrira com uma coberta de seda e cortara as cordas; estava envergonhada e ferida.

Thomi segurara Hope no colo, desmaiada e enrolada na capa vermelha. O irmão vestia a armadura que achara no deserto com suas facas verde em seu cinturão, assustado fica esperando alguém contar o que estava acontecendo. Entregando a irmã para a elfa que a pedia com gestos, espiara pela porta e logo saíram sem fazer barulho.

Não havia ninguém nos corredores de madeira amarela, nem nos jardins verdejantes com neblina e nem nos outros quartos semelhantes aos que surgiram. Voltando para o quarto, sentara em frente de Jäger que ninava Hope.

— Você não está entendendo nada, não é, querido? Bom, viemos salvar você, Aluin e Miur. Estavam todos ligados por uma espécie de transe, tivemos que entrar nos seus pesadelos e resgata-los. Só que o *belíssimo* ali nos meteu nessa enrascada. E aqui estamos presos, até não passar pelos pesadelos de todos. Na minha conta estamos no quinto sonho, o seu foi o quarto! — Contara Jäger,

vestida com uma roupa oriental igual à posta em Hope em que pegaram no próprio quarto.

— Quer dizer que estamos presos nos pesadelos de todos? Como sairemos dessa desgraça? Ei, barbicha de bode, como saímos dessa merda que criou? — Questionara Thomi irritado se dirigindo para o bardo.

— Ora bolas! Escute jovem magricelo e mal humorado. Eu apenas vim salvar sua dispensável vida! Não pense que estou feliz em estar preso nesse transe maldito. Entretanto estamos passando por eles sem que os controlemos.

“Pelo que percebi, temos que mudar o pesadelo. Isso quer dizer: fazer a pessoa que está sonhando parar de sofrer! E lembrando que se sua alma morrer ou se machucar, vai morrer ou ficar ferido *realmente*. Desculpe por trazer sua irmã junto, não foi algo proposital.

— E agora, o que faremos? Esse sonho pertence a quem? Faltam quantos para vermos o sonho? — Questiona Thomi desesperado.

— Calma ai, seu magrelo! Jäger já te disse: precisamos passar por *todos* que estão envolvidos. Já passamos pelo o meu, trágico e terrível pesadelo. Passamos frio com o de Jäger, depois fomos ao lamaçal atrás de Allis. E por fim, fomos ao seu e te encontramos! Aqui só pode ser de Kibo. Esse quarto e todo resto é típico da terra dela, devemos estar em Kokyo. Basta saber o que devemos fazer por aqui.

— Precisamos esperar até que acordem. Não podemos continuar dessa forma! Não podemos arriscar deixa-los aqui e tentarmos procurar algumas coisas, e... — Enquanto Jäger falava um homem gordo e alto atravessara a porta de papel.

Vestindo apenas um *mawashi*, com um chute no rosto de Jäger, desmaiara-a. Filpain tentara atacar o grandalhão com sua lâmina escondida no clarinete. O gigante oriental não sentira a espada cravada em seu estomago, continuando a atacar com tapas, logo jogando o bardo através da parede.

Virando-se, desferira um tapa com as costas da mão, jogando Thomi sentado.



Sem controle, partira para cima de Kibo rasgando suas roupas. Tirando de seu *mawashi* um saco de moedas, jogando-o para Thomi.

O gordalhão se deitara sobre o diminuto corpo de Kibo, começando a rasgar sua roupa e chupar seus pequenos seios. A menina com os olhos inchados estica as mãos amarradas pedindo ajuda para Thomi, que olha paralisado do chão sem entender a súplica de Kibo; só sabia que estava sofrendo!

Começara então a apertar o pescoço da menina que se debatia lentamente.

Thomi, olhando as armas de Jäger no chão ao seu lado, pegara duas espadas curtas e, correndo e gritando, apunhalara a grande barriga do homem gigantesco e, com muita força, conseguira adentrar em sua pança, retalhando seus órgãos.

Gritando e cuspidando sangue, o homem caíra morto em cima de Kibo. E ao sair de dentro das entranhas coberto de sangue, arrastara o grande cadáver de cima da amiga. Chorando Kibo, abraçara Thomi, que não conseguia entender mais uma vez o que a amiga falava. Enquanto um sofrido sorriso aparecia em seu rosto, durante o agradecimento em sua língua, novamente o ciclone negro atingira o sexteto.

Thomi fora jogado em pedras negras. Conhecia muito bem esse lugar; já esteve ali, correndo inúmeras vezes desesperado de ígneas congeladas. Eram alas longas, repletas de portas trancadas. Correndo cegamente pelos corredores empunhando duas espadas enquanto tateava pelas portas. Novamente estava só.

Escutando gemidos atrás de uma porta e espiando pela fresta, vira Aluin. O menino estava apanhando de um homem magro; sabia quem era. O conhecia de seus pesadelos.

Aluin estava desamarrado e lutando, vestindo roupas de menina com longas tranças. Estavam brigando, apesar de o menino levar uma surra sem conseguir se defender de seu agressor. Thomi se aproximara e Aluin, todo arrebatado pedira ajuda a ele. Assombrado com a cena, não percebera um gigantesco homem ruivo por trás o golpeando.

Acordara com vários chutes e mesmo com Aluin tentando ajuda-lo, agora eram dois os torturando com chicotes e ferretes incandescentes. Thomi desferira socos e arranhões, deixando os agressores cada vez mais excitados e aumentando suas agressões. Com dezenas de ferimentos pelo corpo, Aluin não aguentara se manter em pé, caindo encolhido, continuando a ser agredido.

— Levante, Aluin! Precisamos fugir ou encontrar uma forma de matar eles. Vamos, levante! — Thomi segurando seu amigo nos ombros, correrá pela sala que agora era gigantesca.

— Eu não sou Aluin. Sou Hure! Ele está por aqui com Hass. Preciso me unir a eles, Thomi, por favor, nos ajude, por favor! — Correndo ainda perseguidos, encontraram uma porta, passando por ela.

Dentro da sala branca com chão de mármore, os meninos trancaram a porta.

Encontram-se em outra batalha e desta vez Aluin estava lutando e ganhando de duas versões minúsculas de seus agressores. Batia fácil nas duas miniaturas do tamanho de jarros de leite!

— Por que demoraram tanto, faz muito tempo que espero por vocês! Onde está Aluin? Precisamos encontra-lo. Você está acabada em Hure, vamos logo! — Dando um chute espantara as duas miniaturas: uma magrela e a outra, gorda e logo corriam para uma porta ao fim da sala de mármore branca.

Entrando na porta, Thomi vira-se sozinho e no escuro novamente.

Era um lugar fétido com as paredes enferrujadas. Pisando, descalço, sentira o chão gosmento, precisando se segurar nas paredes para não escorregar. Com total silêncio, escutara um choro e um gemido triste e agonizante.

De alguma forma Thomi já conhecia esse som. Seu coração acelerara, o ar faltara em seus pulmões e a coragem fugira de seu corpo. Como se contornasse uma parede, ao termina-la, vira Aluin chorando de olhos fechados. Sobre o menino nu, estava um ser gosmento e asqueroso sorridente. De sua bocarra, uma gosma espreta gotejava nas costas do menino.

Os gemidos da criança mantinham um ritmo perturbador.

Thomi partira correndo e socando o corpo gosmento arqueado. Seu soco entrara no rosto com bigode fino, prendendo o braço até o cotovelo de Thomi dentro da cabeça queixuda. Tirando a mão da cintura de Aluin, o ser gosmento segurara o peito de Thomi e o joga do lado de Aluin. Como espirito guerreiro, Thomi tentara fugir irritando o homem de bigode repugnante que o batera quatro vezes de costas no chão, fazendo Aluin virar o rosto e abrir os olhos o fitando de forma perturbadora.

Thomi vidrado, lastimava a condição de seu amigo. Sua alma estava destruída; escorria gosma de sua boca sangrenta. Havia inúmeros hematomas em seu rosto e as lágrimas escorriam sem controle conforme saíam suspiros pausados de sua boca.

Cerrando os olhos com toda força, o gemido doído feria os seus ouvidos em uma melodia distorcida e aterrorizante. Thomi vira pela primeira vez essas feições tristes e desoladas.

Sabia que a morte ou tortura nunca o feriram quanto agora.

Ainda escutando o sofrimento do amigo, Thomi começara a sentir, novamente todos os tipos de sofrimentos já passados, fazendo-o lembrar-se de seus sonhos. As feições do homem gosmento se moldaram em sua mente. Fechando os olhos, tremendo de ódio, sua respiração se aquecera ao ponto de sair vapor. Ao fitar o homem gosmento, aos poucos ele tomara as feições de Vergewaltiger. Reconhecendo-o, lembra por toda sua vida ter visto esse homem o assombrando e o ferindo em seus sonhos, ferindo-o de inúmeras formas.

Os sentimentos ruins de toda sua vida o perturbaram de uma vez. Nunca fora aceito; sempre sofrera pelo que era ou pelo que sentia. Sempre manteve seus sentimentos controlados e afastado do conhecimento de todos.

Lembrara além de Vergewaltiger. Lembrara de todos os sonhos ruins e torturas sofridas quando vira que o seu reflexo era o de Aluin. Seus pensamentos e sentimentos estavam além de sua compreensão. Tudo girava na escuridão de sua mente; estava entrando em choque, espuma pela boca. Os espasmos o machucaram e travaram seu corpo.

Mesmo com os olhos abertos, nada conseguia ver.

— Ei, seu estúpido, nos ajude! Não vê como Aluin está? Depois de muito tempo sofrendo aqui. Vai! Ele *ama* você, levante e o ajude seu imbecil. — Thomi ouvira em sua mente uma voz conhecida, grave e irritada.

— Não brigue com ele, ele não entende o que está havendo! Vamos Thomi, ajude-nos. Se serve para motiva-lo, saiba que nós três gostamos de você! Hass se faz de malvado, mas também gosta de você. *Por favor*, você sempre esteve em nossos sonhos. Aluin sempre teve você como o salvador! — Pedira a voz em prantos. Era a voz conhecida e melodiosa de Hure.

— Esqueçam, xibungos. Este aí só sabe apunhalar as pessoas, é um fraco!

Esse arremedo de lobisomem me matou; fez isso porque é um covarde e nunca me enfrentou. E ainda disse que gostava de mim! — Vociferara outra voz antiga conhecida.

— Matou meus filhos, depois me assassinou. O que fiz para você? Nunca lhe fiz nada, seu fedelho magricelo! — Acusara-o a voz nojenta e inesquecível de Mahalin.

— Não os escute, Thomi! Eles são apenas sentimentos que você tem. Eu e Hass, somos parte daquele que você *ama*, levante e nos salve! Podemos sentir o que você sente. Agora vá. Desperte antes que seja tarde demais!

Thomi estava com medo, queria fugir ao invés de encarar o menino agonizante. Estava tentando fugir, entretanto, seu corpo não o obedecia. Sentindo um toque de dedos pequenos e gelados no rosto, Thomi arregalara os olhos encarando o sofrimento de seu amado amigo Aluin. Seus olhos aos poucos começaram a se igualar, ambos ficando roxos. Os dentes, ficando disformes e pontiagudos. Desta forma, facilmente se sentara e retirara o braço de Vergewaltiger de seu peito.

O marquês estava rindo, *sempre rindo*, mesmo com Thomi levantando e tirando o homem de cima de Aluin com inúmeros socos. Pedacos do cérebro e do crânio do agressor saltavam pela sala que aos poucos se iluminava e se mostrava como o quarto de Vergewaltiger. Com o corpo do quarto escorrendo ao lado de uma janela aberta, Thomi vira as pegadas de Aluin no beiral, estavam

afundados na neve e seguiam até seu corpo indefeso tremelizando no chão.

Thomi estava ensandecido. Caminhando até o menino, não tinha intenções de ajuda-lo. Ao se ajoelhar- sobre Aluin, virara-o para encarar seu rosto e logo desferia vários socos nos lados da face do menino. Cortes apareceram fáceis em sua face frágil.

Rasgando a roupa do menino, Aluin ficara completamente nu, com o rosto todo estourado; tossia sangue e precisa virar a cabeça para escorrer o grande volume de sangue em sua boca. Aluin não via nada com sangue e o inchaço em seus olhos.

— Thomi, *socorro*, o monstro voltou! Não deixe ele me machucar novamente. Mate-me antes. *Por favor*. — Dissera lentamente e de forma abatida.

— Matar? Eu vou, com toda certeza! Porém farei o mesmo com você o que Vergewaltiger fez conosco. — Thomi dissera virando Aluin de bruços e batendo muito forte em sua nuca.

— Faça o que quiser com meu corpo, eu já não sou mais *nada* que já fui antes. Só queria que Thomi soubesse que sempre o *amei* e sempre me *apeguei* a ele nas piores noites de minha vida. Por isso falo que você não poderia ser ele! — Aluin, com o longo cabelo emaranhado nos dedos de Thomi dissera suas palavras lentas e sofridas antes de entrar em coma. Seu corpo amolecera no mesmo momento.

Ainda com os fios loiros estourando em seus dedos, gotas de lágrimas pingaram nas costas do menino quase morto. Desvencilhando dos dedos, Thomi soltara seu amigo que caíra esparramado no chão. Com movimentos de vômitos, uma fumaça saíra da boca de Thomi, entrando pela narina do outro.

Com a mão na boca, Thomi saíra de cima do corpo inerte, assustado, afastando-se até o corpo destruído de Vergewaltiger. Aos poucos seus olhos, voltavam a serem bicolores.

A escuridão voltara conforme a íris roxa tornara-se verde.

Com a respiração ofegante, Thomi vira seu amigo, indo até o seu socorro.

Sabia que fora ele quem o deixara assim, porém não pôde se conter

ou parar.

Sentia alguém dentro dele o controlando.

Com total controle do corpo agora, sentara-se ao lado do amigo, ninando-o em seu colo. Suas lágrimas escorriam sem controle, enquanto balançava o próprio corpo para frente e para trás, desesperado.

— *Sabia que você me salvaria.* — De olhos fechados, Aluin passara a mão no rosto de Thomi e logo seu coração parara. Thomi sabia que o matara, tentando ressuscitá-lo enquanto o menino batia em seu peito gritando o máximo que podia.

Servindo de guia, os demais invasores do pesadelo o acharam e logo entraram pela porta. Jäger vira o menino com Thomi e, ao sentir o pulso do menino, percebera que ele já estava morto.

Com a sala toda iluminada, enxergaram o corpo esfacelado de Vergewaltiger. Certamente ele tinha feito toda a sanguinolência e Thomi, o interrompido.

Todos fizeram um círculo em volta de Jäger, sugando grande parte da energia de todos da sala. Allis, Kibo e Filpain caíram sentados com a energia sugada, Hope e Thomi se mantiveram normais. Com uma luz azul ofuscante, Jäger lançara um imenso feitiço no corpo de Aluin que, ao ser atingido, abrisse os olhos, soltando um suspiro como se estivesse sufocado por muito tempo, porém ele voltara a ficar inerte. Desesperada, Jäger soltara sua energia no menino que refizera o mesmo ato, logo voltando a inércia.

— Eu não posso mais... Ele morreu. Ele *morreu!* Não, não, não, não, não, não, não! — Jäger levantara com a mão na cabeça, girando pela sala, batia na cabeça desesperada enquanto repetia “não” milhares de vezes. Hope se sentara ao lado do irmão, consolando-o.

— Tia Jäger, se você precisa de energia, tire de mim. Sou o culpado por Aluin estar assim! Sugue o quanto for necessário. — Pedira a voz rouca de Thomi, segurando a mão do amigo morto.

— Pare de falar bobagens, menino. Ele está morto! Preciso tirar a vida de alguém para que ele volte à vida. Posso fazer magia negra, mas precisaria matar um de vocês. Nenhum aqui presente

tem poder o suficiente *pra* isso! — Dissera Jäger se ajoelhando e encarando o Thomi com olhar aterrorizado.

— Titia, se sugar metade de nossas vidas, ela volta com o tempo? Pode pegar a minha junto do “Te”! Ele *ama* o Aluin. E eu aceito que meu *cunhadinho* leve um pouco de mim! — Hope que estava de mãos dadas para o irmão, pegara a mão da elfa.

— Se tudo der certo, sim, poderia pegar suas *energias*, não *vidas*. Mas ficariam dormindo por dias. Voltariam ao normal com bastante descanso. Aluin ficaria muito grato com vocês. Venham. Deem às mãos, isso pode doer muito em vocês! — Formando uma corrente, Jäger pegara a mão de Hope e de Aluin.

Com a concentração da magia, toda a sala se iluminara de tal forma que incomodava os olhos. Recitando uma magia em seu idioma, Jägerin começara a passar a vitalidade de Thomi seguindo a de Hope para o cadáver de Aluin. Em formas de raios, o menino morto começara a tremelicar, enquanto Hope e Thomi começaram a gemer e a gritar.

No mesmo momento ambos os olhos dos irmãos ficaram roxos, fazendo com que um raio percorresse todos da sala. De Aluin, saíra um grito triplo. Pareciam três tons de vozes diferentes saindo de sua boca, assombrando Filpain que segurava Allis e Kibo para trás da grande cama.

Reduzindo a luminosidade, o feitiço de Jäger parecera ter surtido efeito. Thomi e Hope desmaiam e o coração de Aluin voltara a bater. Jäger recupera sua força graças à canalização dos poderes e verificara primeiro o estado dos dois irmãos.

Ambos pareciam estar bem, apenas dormiam. Em seguida fora até Aluin.

Seus ferimentos haviam se curado, agora apenas estando sujo de sangue. Seu coração batia calmamente. Colocando as três crianças na cama, vasculhara o quarto atrás de roupas para Aluin, que estava nu e Thomi, que tinha as roupas em frangalhos. O trio medroso espiava as crianças desmaiadas com espanto.

Vasculhando o quarto, sobre a penteadeira vira inúmeras navalhas sujas de sangue que, sem dar importância, abrira as gavetas e encontrara apenas roupas de meninas. Sabia que Aluin

não via problemas nessas roupas, Thomi ficaria irritado, mas precisava trocar os trapos que usava!

Fechando a janela, convidara Kibo e Allis a se deitarem na cama, mantendo dessa forma todas as crianças aquecidas. Limpando todo sangue e gosma de Aluin, Jäger o vestira com as roupas achadas e se deitara na cama junto das crianças. Filpain ficara de guarda contra sua vontade.

Funcionando de forma anormal o tempo dentro do pesadelo, o dia demorara a aparecer. Com o Sol os visitando no meio do céu, Aluin acordara e coçara os olhos. Jäger ao vê-lo acordado, fora até o seu encontro, abraçando-o sem que ele falasse nada.

O menino percebera estar a salvo ao ver sua amiga o abraçando e seus amigos todos acordados na cama.

— Vocês vieram me salvar? *O* Thomi veio me buscar? — A elfa, ao concordar com a cabeça, o torvelinho de fumaça sombria os atingira. Mais uma vez foram arremessados na mente de outro companheiro.

Estavam em sete já que Aluin se juntara ao grupo.

Estavam todos acordados, em pé no meio do deserto escaldante. Hope olhara para o irmão e começa a rir apontando:

— Olha só o Thomi se vestindo de menina *de novo!* Agora está uma menininha linda, hem? E olha só achou Aluin, então falta só o Miur e estaremos livres! — Hope rira vendo o seu robe e o livro na cintura de Thomi que, como de costume, pulara em cima da irmã a mordendo.

— Nossa, Thomi! *De novo?* Era brincadeira! Você está diferente. As bolinhas de seus olhos estão as duas roxas! O que aconteceu com você? Você está bem? — Ela dissera abrindo os olhos do irmão com as mãos tentando ver melhor os olhos dele.

— Sim, sua magricela! Nunca estive tão bem. — Rira de forma animalesca.

— Que bom que está bem! Agora para de morder minha perna e me solte Thomi, já não tem mais graça! — Hope mandara tentando puxar a perna, sem vitória. Sendo salva apenas pela expressão de Jäger.



— *Não pode ser!* Não nesse deserto maldito, Buhayr Alsahr, não. *Por favor*, não seja aqui! Precisamos achar Miur! Sei que aqui é seu maior pesadelo. — Implorara Jäger com sua antiga armadura de batalha e de cabelos curtos.

— Puta merda! Não foi nessas ruínas que *sua* filha morreu? Nossa deve ser horrível ver esse lugar novamente, viver dessa forma deve ser bem triste! — Comentara Filpain ao lado dela, admirando a imensidão de areia.

— Olhe Jäger, aquele lá na frente cavando, é Miur, não é? — Kibo apontara com o dedo para um homem cavando com as mãos sob o Sol ao mesmo momento em que empurrara o bardo que rolara duna abaixo.

Correndo em disparada, a elfa fora seguida pelos companheiros que, ao chegar perto do esposo, Jäger o abraçara. Felizes por se reencontrarem, Miur voltara a cavar novamente sem controle; estava queimado pelo Sol, resultado de cavar centenas de covas na areia.

Sem se importar com a esposa, continuara a cavar até o Sol refletir ao longe, cegando-parcialmente.

— Eis! Eis é você? Eu não acredito, dou graças que a encontrei depois de tanto tempo! — Forçando a vista, Miur vira de onde viera o reflexo, saíra em disparada gritando.

Ao se aproximar, Miur parara e percebera que não era sua filha, mas sim Hope. Olhando assustado para a criança, perguntara chorando:

— Onde achou essas roupas e esse livro? Eram Flammen e ela estava com minha filha quando sumiram. Talvez Eis esteja viva. Me diga! — Implorara Miur de joelhos segurando nos ombros de Hope, que começara a chorar junto.

— Me desculpe, eu achei essa roupa! Estava aqui no deserto; se quiser eu mostro para vocês onde achei. Foi quando Thomi me salvou. Me desculpe, eu não sabia que eram suas, tia Jäger. — A menina se desculpara enxugando as lágrimas e o nariz.

— Escute querido, essa é Hope lembra? Ela e o irmão estão com a gente! Reparei agora, nesse livro velho e nas roupas. Depois de muitos anos, havia fugido de minha memória que pertencia a ela

essas roupas. Querido, sei que a dor é grande, mas Eis está *morta*. Por muito tempo neguei sua morte, mas agora temos que seguir em frente! Temos mais filhos agora que *precisam* de nós.

Miur se levantara olhando as crianças e a esposa, tendo um choque de realidade.

O elfo tomara noção que sua filha enfim estava morta. Agora precisa seguir sua nova vida, junto de sua família. Jäger olhara para Filpain, comentando:

— Enfim voltaremos. Estamos livres dessa maldita sequência, não é? Enfim livres? — Suspirara Jäger apertando as bochechas de Hope.

— Não, ainda não! Eu preciso ver onde acharam essas roupas. Vamos garota suba em meus ombros, aponte onde devo ir.

— Dissera ainda de joelhos esperando Hope subir em seus ombros.

— Thomi, você me ajuda? Eu não lembro muito bem onde foi que achamos.. Você pode mostrar? Vai ter que tirar esse vestidinho.

— A garota rira tapando a boca.

Rasgando um pedaço do vestido que usava, Thomi apontara, logo começando a correr sob o Sol escaldante. Não demorara e chegaram até o cemitério a céu aberto, no ponto onde achara as armaduras. Os esqueletos estavam parcialmente cobertos pela areia fina e amarela. No exato ponto em que achara a armadura, Thomi parou.

Indo ao chão, Miur e Jäger caíram no choro ao ver dezenas de esqueletos. Em forma espectral Flammen e Eis surgem na frente de todos:

— Deixem-nos seguir nosso caminho, vocês dois dificultaram nossa partida! Estamos presas nesse cemitério em suas mentes. Estou tomando conta de Eis, mas enquanto não partirmos nós ficaremos presos em seu plano e em seus pensamentos. *Por favor*, deixe-nos seguir e continuar nosso caminho. — Explicara a jovem elfa com a roupa igual à de Hope.

— Papai e mamãe, eu sempre estarei com vocês em seus pensamentos, mas vocês nos prenderam em suas súplicas! Estamos ligados aos seus clamores. Estamos *mortas*, agora não mais sentimos dor ou medo. Porém, enquanto estiverem sofrendo pela

nossa morte, não conseguirão perceber que tem outros filhos além de mim! — Dissera triste mostrando as outras crianças que precisavam da ajuda do casal.

— Escute, menina. Quem usa meu livro se torna parte dele também! Nossos espíritos estão conectados. *Cuidado!* Ele possui muito poder. E caso usado errado pode trazer muita desgraça a seu usuário. Está selado para atos cruéis, somente um grande poder pode quebrar esse selamento! Agora, se saber usa-lo contará com toda nossa força acumulada junto da sua, bastando saber ler cada feitiço ou conjuração. — Flammen se dirigira a Hope.

— Apesar de isso ser um pesadelo e estarmos neles, tenho poder o suficiente para andar nos planos dos mortos, dos vivos e dos sonhos em forma de pensamentos. Entretanto seus sentimentos estão muito ligados a nós duas, dessa forma não podemos sair do plano dos sonhos. Não somos frutos de seus sonhos, estamos aprisionadas aqui! Despertem e nos de a liberdade! — Pede Flammen para a irmã e Miur.

— Amo vocês, mamãe e papai. Minha alma e da tia Flammen vivem juntos dessa menina. Cuidem dela assim como cuidavam de mim. E talvez precisem prestar mais atenção dessa vez. Essas crianças precisam de vocês! Eu enfim entendi. Precisei dar a minha vida para entende, que não sou e nem fui, à única preocupação de vocês. Desculpem-me por ter desobedecido vocês. Amo muito vocês. — Abraçando os pais, Eis e Flammen começaram a desaparecer trazendo o turbilhão negro mais uma vez.

Ao invés de caírem nos quartos do Gato Cinzento, estavam sobre um enorme carpete vermelho, cheio de almofadas coloridas em meio a pilares sustentando o teto alto.

Hope e Thomi reconhecem esse quarto, haviam ficado hospedados nele por Amir durante dias. Nenhum dos integrantes do grupo entendia o que estava acontecendo, deveriam ter voltado ao normal.

— Ei, seu barba de bode, mas que merda é essa, hem? Por que estamos aqui novamente no palácio do sultão Amir? — Thomi segurara o colarinho de Filpain.

— E-Espere aí s-sujeitinho magricelo! Já disse que n-não tenho controle sobre o que a-acontece. Advirto que essa será a ú-

última vez que me acua dd-esta forma! Não vou tolerar outro desrespeito desses novamente, o-ouviu? *Sujeitinho insolente!* — Advertira Filpain soltando a mão de Thomi.

Escutando gritos vindos da rua, correram todos até as grandes janelas para observarem a algazarra. Amir estava no alto da torre mais alta de joelhos e, ao levar um chute fora arremessado em queda livre. A população alvoroçada aplaudia em frenesi a gigantesca poça de sangue e carne de Amir no chão.

Hope gritara alto, inutilmente agarrando Miur que estava ao lado, tapando os olhos em suas roupas. O ato desesperado da menina servira apenas para chamar a atenção do homem que havia empurrado Amir. Apontando para janela, os guardas começaram atirar inúmeras flechas, expulsando o grupo para fora do quarto.

Correndo pelos corredores seguindo Thomi, fugiram para fora do palácio e, perto da saída, encontrava-se uma grande concentração de soldados brigando e levando a pior do lado de fora do castelo.

Em forma espectral, Flammen surgira ao lado de Hope e começara a falar com ela:

— Que bom que achou meu livro. Como está com ele, estarei ao seu lado sempre, basta saber se comunicar comigo! Ainda bem que nos achou, estava cansado de ouvir os lamentos tristes de Jägerin e Miur em suas rezas. Eu e Eis estaremos com você, mesmo que ela não soubesse usar o livro, ela o usou. Apenas uma frase já basta. Dessa forma, quem ler, ao morrer, ficara preso nele, deixando-o cada vez mais poderoso, faz parte da maldição que lancei ao cria-lo. Genial, não é? Aqui nos pesadelos, você poderá usar sem problemas qualquer poder, entretanto quando acordar fique esperta com sua saúde. Isso vai te esgotar até o fim, já que nunca teve treinamento. Agora ouça bem, estique as mãos enquanto correremos. Aponte meu cajado e repita as seguintes palavras "*Feuersturm*<sup>6</sup>".

— "*Feuersturm*". — Hope, sem pensar duas vezes, gritara apontando para a batalha a sua frente.

Instantaneamente o céu ficara escuro e inúmeras gotas incandescentes começaram a cair sobre a batalha à frente. Correndo para se salvar, os soldados deixaram apenas dois homens grandes se defendendo das chamas, usando os corpos dos soldados mortos. Vindo em direção do grupo, os guerreiros se mostram ser Muskeln e Gehirn que não sabiam se agradeciam ou ficavam irritados pela ajuda que receberam.

— Ei, o que está acontecendo por aqui? Aliás, o que vocês dois estão fazendo aqui? — Questionara Miur para os dois amigos.

— Eu que pergunto. O que vocês fazem aqui? Nós viemos matar Khayin, ele acusou Amir de *estuprar* e *matar* os filhos adotivos dele, um casal de crianças, Hope e Thomi. Ei, não são vocês dois, seus pilantras? Então de conluo que estão com o patife de Khayin? — Irritado, questionara Muskeln apontando a espada ensanguentada para Thomi.

— Se não quiser que enfie essa espada no seu rabo, é melhor abaixa-la! Esse filho da puta de Khayin *vendeu* a filha de Amir! Estava sempre querendo mata-lo para assumir o trono. — Resmungara Thomi de cabeça abaixada, dando um tabefe na espada apontada para ele.

— Isso explica muita coisa! Foi por isso que vocês estavam sendo atacados com tanta vontade, quando os salvamos. Esse bandido queria a pedra negra pra implantar essa ideia de vocês dois serem abusados por Amir. Eu só não entendo o porquê todo aquele alvoroço quando encontramos vocês dois. — Gehirn apontara para os dois irmãos coçando o queixo

— Amir aceitou morrer. Ele mesmo confessou ter violado o corpo de vocês e os afogados no rio. — Dissera Muskeln pensativo.

— O tio Amir não fez nada de mal com a gente! Ele só nos ajudou. Ele e a filhinha dele! — Respondera Hope chorando e se agarrando na perna de Jäger que a consolara.

— Eu gostava de Amir, Hope. Vamos juntas então acabar com esse filho da puta nesse sonho e depois no outro plano. Estarei junta de você quando quiser se vingar! Ele ainda está na torre, aponte para a torre e diga para todos fugirem. Quando pedir para fugirem, e estiverem longe, aponte para ele repita a palavra e fuja. Repita a

seguinte palavra: “*Apokalypse der Flammen*” — Sussurrara Flammen no pensamento de Hope.

— Pessoal corram, fujam daqui. Flammen pediu para correrem e eu repetir algumas coisas. Corram o máximo que conseguirem. “*Apokalypse der Flammen*” — Conjurara Hope quando estavam distantes.

Instantaneamente Hope fora jogada de costas ao chão com o cajado em riste, fazendo formar no céu inúmeros furacões de fogo a seu comando. Eles surgiram arrastando e queimando quem fosse atingido. Seus amigos estavam longe quando meteoros começaram a cair explodindo tudo ao redor. Em instantes, a cidade toda começara a ruir, tremores de terra seguidos de erupções de lavas vulcânicas vindas das fendas tornando a superfície em rios de lava.

No céu todo ar estava em chamas, o palácio de Amir, desmoronando. Pedras derretiam com o calor, carne e ossos carbonizavam em instantes.

Paralisada emanando o poder, Hope vira uma onda de lava vindo em sua direção. Estava segurando o cajado apontado para cima controlando toda a destruição. Sabia que se morresse, não voltaria a seu corpo. Talvez seu irmão gostasse da ideia de comer seu corpo assado para aproveitá-lo. Entretanto tinha uma dúvida, se Thomi iria devorá-la mesmo carbonizada, ou será que se ela morresse o corpo do outro lado só morria dormindo, dessa forma, ela poderia ser enterrada ou assada.

Thomi voltara como se a ouvisse pensando em estragar sua carne, segurando-a e a arrastando por uma mão, enquanto a outra mantinha erguida segurando o cajado.

— Mas que porra é essa, Hope? Ficou besta? Olha só a merda que você quase fez! Não pode morrer assim, eu quero *comer* você *viva* ainda. Principalmente seus pés magrelos! — Gritara sem olhar para trás, com os olhos ainda roxos, para a irmã.

— Eu sei que você quer me devorar, só não precisa ficar gritando comigo! Corre mais rápido, eu não consigo me controlar. — Gritara Hope com os olhos roxos arregalados, vendo a onda se aproximando velozmente.

Correndo desviando dos corpos em chamas e ruas bloqueadas por escombros, Thomi se vira sem saída. Pegando Hope no colo, subiram a montanha de pedras e paredes que desmoronavam. Ao chegar ao topo da montanha percebera que a lava estava subindo rápido; não conseguiriam escapar vivos do imenso rio de lava.

— Droga, sua magrela! Vou comer você *agora*, já que vamos morrer não vou desperdiçar seu pé! — Jogando a menina no chão, retirara as pequenas botas da menina, jogando-as morro a baixo. Arrastando-se, Hope o chutara implorando:

— Pare Thomi, *por favor*, está me assustando de verdade dessa vez! O que está acontecendo com você? — Enquanto se arrastava, Thomi agarrara seu pé direito descalço mordendo a lateral, tirando um pequeno pedaço e muito sangue.

Com terror, solta um grito alto.

Enquanto Thomi mordida o pé da irmã como um cão raivoso, não vira o vórtice negro os levando, sumindo centímetros antes da lava os alcançar.

Jogados girando como em um furacão, os dez foram levados para um novo cenário.

Assustados, todos acordaram juntos, menos Muskeln e Gehirn que estavam muito feridos. Assustados, como ao acordando de um pesadelo, perceberam estar dentro do Gato cinzento novamente.

Thomi mantinha seus olhos ametistas e sua boca estava suja de sangue. Hope acordara chorando e com medo. Seu pé estava ferido e com a marca dos dentes do irmão.

Aluin acorda e correra abraçar Jäger e Miur juntos. Filpain respirara fundo, saindo pela porta dando de frente com Kibo e Allis ajudando Hope que se assustara, arrastando-se para longe ao ver o irmão, pelo vão da porta.

— Ora, ora, ora magrelinha, o que houve com você? Onde se machucou assim? Venha vou fazer um curativo em você! Venham, me ajudem a fazer uma costura, com sorte não vai ter uma cicatriz nesse pezinho lindo. Venha com o tio Filpain. — Pegando a menina no colo, Allis e Kibo o seguiram até a sala improvisada de enfermaria, colocando a menina sentada em uma maca.

Pegara curativos, líquidos para limpar e esterilizar o ferimento, agulha e linha e logo Filpain sentara-se na frente da menina com seu pé ferido sobre o joelho. Limpando o ferimento, ao jogar o líquido, fizera surgir uma espuma branca da ferida, tirando lágrimas de Hope. Olhando novamente o machucado da menina, preocupado perguntara a ela:

— Ei, onde você conseguiu esse machucado? Isso é uma mordida, vi seu irmão sujo de sangue, por acaso ele fez isso com você? Bom, tenho uma boa notícia, já acabou. Não precisa me contar o que aconteceu. Veja não vai ficar cicatriz! Eu joguei minha poção nele, seu pezinho está lindo e inteiro novamente. — Dando um pequeno beijo no pé da menina, fizera um carinho bagunçando seu cabelo e logo pedira para Allis e Kibo a leva-la para dormir.

Quando o casal se aproximara de Hope, foram agarrados por ela que, chorando muito, não os soltara. Kibo ficara preocupada. Sabia que poderia ter alguma coisa muito ruim acontecendo com Hope. Allis não sabia o que fazer apenas a abraçando e fazendo carinho na menina que se esgoelava chorando.



## 18 ARREPENDIMENTO

— Escute Shoiú, enquanto estiver na cidade morta precisará selar as almas que estarão pairando nos céus e manda-las para Milkar no outro mundo. Isso é simples para você, sei que comanda os mortos. Será uma tarefa que Milkar irá retribuir com muito poder! Use as almas seladas para reviver os mortos e trabalhem para você até que ache o menino escolhido e ter o sinal de nossa senhora. Somente dessa forma poderá parar de atacar as aldeias.

— Olha menino, Allis. Isto não foi pessoal, por isso não deixei terminar o seu nome. Como você era o único menino capturado, precisou ser com você todo esse ritual! Você era bem bonitinho. Uma pena matar crianças, ainda mais fofinhos assim. — Desculpara-se Shoiú com a mão esquerda acariciando o rosto do menino morto.

Em pé, a jovem oriental começara a flutuar com uma aura roxa em meio à chuva forte com raios e furacões. Invocando as almas que sobrevoavam a cidade, comandara para que entrassem nos cadáveres sobre seu comando.

— Me obedçam. Sigam minhas ordens! Entrem nestes corpos mortos e sigam para a próxima cidade. Eu ordeno! — Comandara Shoiú as almas.

Seguindo para a próxima cidade, o exército morto atacara destruindo tudo e todos. Ao amanhecer restaram apenas mais destruição e morte onde antes existia uma vila. Invocando mais uma vez as almas, das duas cidades, todas seguiram suas ordens que, desta vez, entraram nas fendas no solo. Despedindo-se dos demais, Shoiú sumira na névoa deixando os *orcs* e bárbaros para trás.

Seus saltos metálicos ecoaram nas rochas negras ígneas congeladas na escuridão.

As gotas da chuva que caíam de sua capa surrada congelavam ao cair no chão.

Clareando o negrume com a mão erguida, emanando uma luz lúgubre verde, seguir o rastro de sangue, passando pelo salão do

castelo em ruínas e entrando por um corredor. Chegando a sala aberta de um altar, duas meninas abraçadas estavam em seus últimos instantes sobre uma grande poça de sangue congelado.

Esticando novamente a mão, Shoiú lançara um feitiço encobrendo os corpos das duas jovens. A respiração e coração voltaram ao normal no mesmo instante e logo às três jovens sumiram na escuridão.

Surgiram em um cômodo feito de madeiras amarelas, de portas de papel e dois tatames estendidos que servia de cama. Havia uma grande janela no estilo da porta, aberta com vista ao jardim de cerejeiras. Shoiú deixara suas amigas deitadas descansando, agora curadas que apenas dormiram profundamente.

Voltando para o campo de batalha, Shoiú andara pelos escombros. Nada vivo estava por ali.

Irritada por não achar os mercenários, subira em um pequeno amontoado de tijolos e observara ao longe, onde vira um pequeno corpo nu deitado na lama. Enfurecida fora até o pequeno corpo pálido desacordado. Suas botas roxas metálicas deixavam profundas pegadas na lama criada pela chuva incessante.

Perto do corpo desacordado, com a ponta do da bota vira o rosto do menino desacordado. Paralisada por um instante, virara para o outro lado e com tamanho fora do seu espanto, caíra sentada.

Tentando meditar ou sentir a essência de Allis, Shoiú começara a absorver e entender o que estava acontecendo. Arrastando-se para trás com os olhos arregalados, seu coração palpitava e, levantando-se e movendo os braços, sumira em uma névoa levada pela chuva.

Voltando para o quarto onde deixara suas amigas, Shoiú caíra de quatro no chão sem ar. Sentia-se tão mal que aos poucos começara a perder os sentidos, caindo estatelada.

Após várias horas desacordada, Shoiú se levantara ao amanhecer ainda fraca. Forçando-se a se sentar, tomara fôlego para continuar. Dando tapinhas carinhosos no rosto das amigas, acordara Imi e depois Gewitter. Ambas não sabiam onde estavam e nem como tinham escapado da situação delicada em que se encontravam.

Gewitter acordara e colocando a mão sobre o seu ferimento, percebendo que estava curado. Retirando sua armadura cheia de sangue seco, tivera suas amigas como plateia.

O ato fora imitado por Imi e Shoiú. Todas estavam sujas e cansadas, precisavam de um banho no riacho cortando o jardim. Antes de saírem, Shoiú puxara as amigas pelas cinturas, beijando-as feliz por estarem bem.

— Preciso contar o que descobri meninas: a tal Milkar está entre nós!

Pensei que seria apenas mentira ou delírio da velha, porém realmente a *senti* e descobri o que está havendo. Vamos tomar banho, aí conto para vocês.

“Essa é minha casa em Kokyo. Ficaremos bem por aqui até decidirmos o que fazer.”

Deixara ambas as meninas apreensivas, enquanto continuava a se banhar.

Também ajudara suas amigas a retirarem o sangue seco de seus belos corpos.

Subindo novamente o pequeno trilho até a casa, Shoiú emprestara roupas novas para suas companheiras, começando a preparar frutas e legumes para comerem. Enquanto preparara a alimentação, começara a contar de forma detalhada o que tinha descoberto:

— Quando íamos até a cidade em que tinha contratado os mercenários para dizimar, Heks me contou que precisava ser um menino. Tinha indícios que precisaria ser um menino! Realmente achei apenas uma estupidez ou falta de noção alguém ficar torturando crianças. Entretanto continuei com o combinado. Os bárbaros capturaram apenas um menino como prisioneiro e então realizei nele o ritual que a velha pediu. O menino foi torturado e sei lá o que mais a noite toda.

“Segundo a velha besta, ele serviria de ponto para Milkar seguir a dor e sofrimento dele e tomar seu corpo para si”. Fizera uma curta pausa para colocar os legumes para cozinhar e logo continuara “Lembro que ela disse algo do tipo. Só que minha mente estava turva. Que coisa horrorosa. Eu não tinha ideia dessa loucura!

Voltando, eu fiz o ritual. Separei a alma dele, abrindo caminho só para algum espírito forte romper. Não seria qualquer alma que poderia entrar nele; o corpo estava livre e preparado para isso! A alma do Allis serviria de alimento *pra* quem tomasse seu corpo. Allis é o nome do coitado que abri a barriga. *Coitadinho*, era bem bonitinho até.” Mais uma vez Shoiú interrompera a história para servir suas amigas.

Enquanto comiam os legumes cozidos, acompanhados de uma sopa de brotos de feijão, a jovem oriental continuara contando sua descoberta.

— Depois que abri o menino ao meio, segui para a outra cidade com um exército que estava comandando e as almas que corrompi. A noite foi o ataque que durou até o amanhecer para todos morrerem! Mais uma vez selei todas as almas e como combinado, mandei para o mundo dos mortos até Milkar. Bom, mandei as almas até Milkar e sai da cidade; fui ver como estava à missão de Imi. Segui um rastro de sangue sentindo o cheiro de Gewitter e achei vocês duas quase mortas!

“Eu trouxe vocês duas até minha casa e voltei para a segunda cidade. Estava deserta. Os bárbaros tinham sumido! Os procurei até achar um corpo bem branco no meio da lama. Quando cheguei perto, identifiquei ser um menino e, vendo-o direito, senti dentro dele um poder incrível. Claro, era o Allis ali vivinho. Só dormia ou pelo menos era o corpo dele! Sentei e inspecionei a alma dentro do corpo. E claro que Allis ainda estava lá alimentando Milkar. Essa desgraçada conseguiu vir pro nosso mundo! Por fim o negócio de torturar as crianças era só por vingança besta.” Shoiú termina sua história bebendo calmamente.

— Quer dizer que tudo isso era só *pra* o prazer doentio dessa vagabunda? Quase morri por puro fetiche dela? Mas que maldita! Eu fui até o deserto atrás de outra criança. Tinha medo de ser meu primo, queria salva-lo! No entanto fui atacada e quase morri. Não foi fácil, quando acordei vim atrás de Imi. Lá onde ela estava já tinha sido tomado por algum outro grupo. Quando encontrei Imi, todo o castelo tinha sido destruído pelo fogo e ela estava quase morta; bem, eu também. Arrastei-a até uma sala com tochas e não

aguentei mais, estava morrendo, quando você, minha linda, nos salvou! — Gewitter agradecera dando um enorme beijo em Shoiú.

— Aceitei de uma forma conturbada. Não queria aceitar essa proposta. Enfim aceitei trazer minha paz mental. Tenho inúmeros problemas com a perda de um filho. E, claro não superei!

“O perdi junto do pai em uma invasão no vilarejo há muitas décadas, eu acho. Eu repeli os atacantes graças a meu poder. Ao amanhecer encontrei o corpo de meu esposo, infelizmente sentia que meu filho também já devia estar morto. Foi nesse momento aterrorizante que tive o despertar do meu poder das chamas e desde então morava na montanha de fogo, controlando toda a destruição que eu causava. Atraí inúmeros curiosos e mercenários contratados para me matar.” Imi se levantara admirando a paisagem antes de continuar sua história.

— Houve curiosos e inúmeras propostas. Até treinamento recebi! Feiticeiras do norte e do oriente vieram até a mim me ajudar e ensinar esse caminho recém-descoberto. No ataque ao castelo, um dragão ancestral apareceu e destruiu todo o castelo. Ele foi atraído por nossos poderes!

“O dragão de alguma forma tirou do meu transe de ódio e o controle da mente de Heks. Ela matou o filho em sacrifício e embebeu nossa armadura com seu feitiço! Lá no castelo, soube que seu primo, Gewitter, está seguro com um guerreiro chamado Miur e sua esposa Jäger. Eles o levaram daqueles miseráveis!” Imi terminara dedicando um brinde a suas salvadoras.

— Bem, e o que devemos fazer? Ficar esperando até a tal Milkar vir atrás de nós ou vamos ataca-la antes? — Perguntara Shoiú levantando e batendo com seu copo na bancada que comiam.

— Eu quero meu primo! Só depois que saber que ele está bem, vou atrás dessa maldita Milkar e se ele estiver morto, eu mesma acabo com ela! — Ameaçara a loira com os olhos trovejantes.

— Olha, Gewitter, tenho más notícias para você. O mesmo que Heks dissera a Shoiú para fazer com o menino Allis, o mesmo pedido foi feito com seu primo, Aluin. Ou seja, ele deve ter sofrido

muito. Agora Miur o salvou da morte; deve estar protegendo o menino com toda certeza, você vai querer ir mesmo atrás dele?

— Não posso deixa-lo sozinho com o casal, se posso ficar junto deles ou pelos menos por perto! Soube que meu primo mais velho matou o pai. Aluin seria morto de qualquer forma por ele, só por diversão. Só gostaria de saber onde eles estão, conheço esse casal, eles sempre foram leais e justos. Espero poder agradecê-los. — Completara chorosa.

— Posso tentar achar seu primo através do seu sangue, Gewitter. Posso discriminar o sangue sujo de seu primo mais velho e achar só o de Aluin. Daí iríamos atrás dele. Com essa vagabunda da Milkar está solta, e até um dragão pode sentir seus poderes, ela também vai sentir se usarmos novamente para viajar até ele.

“E acredite, seria uma grande quantidade de magia que iríamos usar para viajar até eles. Usei muito do que podia nesses últimos dias, entretanto ela estava desacordada, espero não ter me rastreado até aqui. Agora que estamos muito longe de onde ela estava, poderei usar então essa magia relativamente fraca para descobrir onde Aluin está.” Oferecera prevenindo Shoiú.

— Claro que aceito! O que for preciso eu farei para achá-lo e mantê-lo salvo. — Dissera Gewitter se levantando.

— Preciso apenas de seu sangue. Um pouco, não muito. E a parte que mais gosto: um menino para sacrificar e usar a alma viajando por ela. Você sabe quantos anos ele tem? Aproximadamente já serve, não precisa ser exatamente. — Respondera Shoiú abrindo um sorriso maligno.

— Esperem, não podemos matar uma criança somente para isso! Não posso deixar que façam isso. Uma família seria destruída, imagine a mãe dessa criança? Precisamos achar outra forma de ir atrás de seu primo. — Interrompera Imi irritada.

— Tudo bem, eu não me importaria tanto assim, porém já que você faz questão de não destruir uma família ou uma mãe chorar pelo seu filhinho, eu tenho uma ideia. E somente isso te impede de realizar o ritual? Só isso mesmo? — Perguntara Shoiú para Imi.

— Não destruindo famílias ou uma mãe sofrer pela morte do filho basta para mim.

— Se é apenas isso, ótimo, temos inúmeros bordeis e mercado de escravos clandestinos. Pegaremos um menino escravo, damos a ele alguns momentos felizes e aí eu uso ele. Não pode nos parar agora Imi. Você disse não aceitar destruir famílias ou mães chorosas! E esses coitados não causarão nada disso, ou pelo menos nós não causaremos tal abuso. — Shoiú riu sarcasticamente ao falar, deixando Imi sem respostas. — Ao anoitecer podemos comprar o menino no mercado negro ou pegar um michê. Você escolhe Gewitter. O que será?

— Vamos ver se conseguimos comprar algum coitado com a idade semelhante à de Aluin, não quero roubar um michê e ter mais problemas. Infelizmente será assim. Desculpe Imi, preciso disso, mesmo que seja contra! E *por favor*, sei que faria de tudo para ter seu filho, então não me impeça de eu pagar pelas merdas que cooperei. E se quiser ainda, posso trazer seu filho, se ele estiver morto e te fizer se sentir melhor!

— Não estou pronta para isso, talvez pense no assunto. Tudo bem, não impedirei vocês, sei como é difícil sua posição. Não julgarei sua decisão. E se quiser, estarei junto a cada momento! Shoiú posso saber como é esse procedimento? — Perguntara receosa.

Rindo muito de forma assustadora com os olhos irradiando uma luz roxa, Shoiú respondera:

— Imi, para mim será uma delícia! Essa composição fui eu quem criou. Talvez seja delicada para você, será que gostaria mesmo de saber? — Perguntara querendo explicar e aterrorizar Imi de propositalmente.

— É melhor que eu saiba o que esperar e não atrapalhe sem querer! Talvez queira, mas acredite, não farei nada. Pensarei em Milkar sofrendo no lugar do pobre menino!

— Olha: preciso deixar o menino calmo, dar comida e banho. Isso é fácil, e nós podemos fazer juntas. Depois preciso pendurá-lo pelos tornozelos; os braços ficarão amarrados no gancho do chão, deixando-o bem esticado.

“Ele deve, e irá sofrer muito! Daí então, quando ele estiver bêbado de saquê, Gewitter terá que retirar a língua e costurar os lábios dele. Imi precisará ficar de olho nos guardas. Pode costurar com ele pendurado, ou antes, de pendura-lo. Eu digo “eu” porquê a ideia de fazer isso me excita muito. Mas é claro que será você que fará tudo isso, lourinha linda.” Explicara Shoiú feliz olhando os rostos incomodados das amigas.

— Com o menino pendurado, preciso que seja feito um corte pequeno no pescoço dele, para o sangue sair bem devagar. Vou deixar uma bacia espelhada funda para o sangue enche-lo. Você vai ter que se banhar com o sangue dele. E se eu falar que precisamos comer ele assado você aceitaria mesmo assim, “*Gewitterzinha*”? — Perguntara Shoiú com um grande prazer visível.

— Se for necessário, sim. Mas se não for, eu prefiro evitar. Só o matar será bem ruim!

— Veremos isso depois. Precisamos ir agora. Moro longe da cidade, quanto antes ir, antes achará seu primo! Caso queira achar ele outra vez dessa forma, saiba que teremos que sacrificar outra criança. Vamos levar um pouco de ouro para comprar o menino, ou meninos. Vocês estão prontas meninas? — Shoiú perguntara enquanto pegava sua bolsa e abria a porta para suas amigas a seguirem.

Com roupas orientais floridas, as três jovens desceram a montanha rumo à cidade.

O caminho mostrava uma linda paisagem com vista para o mar à esquerda. Do lado oposto, a imensa cidade capital Kokyo podia vista.

O caminho, feito de cascalhos pequenos e redondos refletia a luz vermelha do Sol poente. As gaivotas acompanhavam o caminho das três que, em meio a flores e folhas rosas que caíam das árvores, seguiam o serpenteado íngreme até a cidade. As gramas verdes contrastavam com inúmeras pedras enfeitando os inúmeros *kareansui* construindo uma paisagem calma, presenteando as jovens em sua missão sangrenta.

Chegaram à entrada da cidade com a luz do luar. Inúmeras lanternas coloridas davam vida e iluminavam o grande volume de pessoas nas ruas.



— Bom, meninas, apesar de termos inúmeros escravos por aqui, o único lugar que vende crianças fica no porto! Vamos torcer para ter vários meninos, assim ganharemos a noite, não é Gewitter? Vamos pegar um riquixá. Somos pequenas e caberemos. Não vamos perder tempo andando pela cidade! Na volta vocês me seguem e eu levo o menino, já que é mais aceitável uma oriental com escravo do que duas imigrantes. — Chamando uma pequena carroça puxada por um homem, em sua língua nativa, Shoiú e as meninas se acomodaram seguindo para o porto dos mercadores de escravos.

Com navios cinzentos ancorados, fileiras de escravos desciam amarrados e sendo puxados por um homem tão cinza quanto seus navios. Cumprimentava inúmeros vendedores e compradores. Também tinha outros carregamentos que não tirara do navio. Os compradores precisavam entrar na esquadra de quinze navios para vê-las.

Algumas daquelas mercadorias não eram aceitas serem comercializadas em Kokyo.

— Esperem um instante! Aquele velhote maldito carregando os escravos... Não consigo lembrar onde conheço aquela cara! Ele me traz sentimentos horríveis. Eu gostaria de vê-lo mais de perto. — Dissera Imi com os sentimentos conturbados.

— Será concedido esse desejo, senhorita Imi. É com ele mesmo que iremos comprar um escravo. Quanto a você, Gewitter, vai escolher um menino oriental ou um parecido com seu primo? — Conclui Shoiú.

— Eu não sei se gostaria que se parecesse com ele. Eu não conseguiria mata-lo! Talvez um menino oriental fosse mais apropriado.

Andando em meio do grande alvoroço, as três se aproximaram de onde os meninos estavam exibidos.

Havia fileiras de meninos nus, amarrados com as mãos em barras no alto. Tremiam de frio com os baldes de águas frias para limpá-los. Muitos que choravam mantinham os olhos fechados de medo.

Mercenários e donos de bordeis compravam meninas e meninos para os servirem na clandestinidade.

Shoiú passara entre as crianças como se fossem frutas ou peças de carne em um açougue. Gewitter, no entanto, escolhia vacilante entre eles. Sem pensar muito que eram vidas inocentes, passara por um menino oriental que, ao vê-lo de frio e medo, apontara trêmula para ele. No mesmo momento um sujeito cinzento o agarrara pelos braços, perguntando na língua local para a jovem loira. Shoiú, no entanto, interrompera:

— Sim, esse mesmo. Levaremos ele agora. Amarre e amordace, pagarei mais por isso! Levarei outros quatro, por favor. Aqui pegue o pagamento e os coloque em uma carroça; a compro agora também. Vamos Gewitter, levarei cinco meninos, se precisar não teremos que voltar aqui! Você quer alguma coisa Imi? Imi onde você está? *Disgraça*, onde ela está? Você a viu Gewitter? — Terminando de pagar e levando os meninos amarrados, na carroça traçada por dois cavalos, vira Imi entrando em um navio. Shoiú gritara por ela, mas ela apenas pedira para que continuassem sem ela, alegando que depois as alcançaria.

Assim, Shoiú partira com sua carroça acompanhada de Gewitter até sua casa, deixando Imi para trás. Já subindo na metade do caminho na montanha, grandes explosões foram ouvidas. Ao olharem para trás viram grandes bolas de fogo caindo do céu e destruindo os quinze navios pertencentes à tropa do homem cinza, apenas deixando com que sete continuassem inteiros. Apesar de continuarem o caminho, temiam apenas que Milkar as localizassem com tamanha fora a demonstração de poder de destruição de Imi.

Descarregando as crianças amarradas e acomodadas em uma sala, Shoiú acendera uma fogueira para aquece-los. Acalmando-os, ela começara a conversar:

— Escutem, meninos, isso não é nada pessoal. Não tenho desejo algum de machucar vocês, mas infelizmente vocês serão nossos aliados para achar o primo de minha amiga. Não pensem que vocês são menos importantes que ele. Vocês infelizmente só não são necessários no momento. Ele é importante pra alguém que tem poder.

Vocês, no entanto, são só pobres coitados que ninguém se importa.” Retirando a mordaça dos meninos, afrouxara as cordas deixando apenas uma perna de cada um amarradas em grandes pedras no chão. As crianças a encararam em silêncio.

Dando a eles uma caneca de chá quente e cobertores, os meninos dormiram logo após entornarem todo o líquido. Voltando até Gewitter, Shoiú a abraçara, começando a beijá-la. Apesar de um pouco apreensiva, a jovem loira retribuía o ato de carinho.

Deitadas as duas se perderam em carícias e beijos. Passando os lábios nos seios de Gewitter, Shoiú lambeu e beijou as auréolas enrijecidas e logo depois descia até o clitóris. Não demorara para a jovem loira se contorcer de prazer, gozando na boca de Shoiú.

Voltando a beijar sua amiga, os dedos tomaram conta do lugar onde antes sua língua serpenteava. O ato fora copiado e ambas se beijaram envoltas de carícias e múltiplos orgasmos.

Em forma de meteoro, silenciosa e calma, Imi chegara chorando à casa de Shoiú. Suas companheiras prontamente correram ao seu encontro para socorrer-la. Estava suja de sangue e sua roupa havia pegado fogo.

Segurando uma em cada braço, levaram-na para o quarto de banho.

Deitada, Shoiú a limpou, percebendo que o sangue não pertencia a ela.

— O que houve com você, Imi? Está tudo bem? Fale com a gente, por favor! — Gewitter perguntara preocupada segurando a mão da outra.

— Foram eles que mataram meu filho! Foram eles! — Voltando a chorar copiosamente, Imi continuava. — Não sabia identificar a sensação que senti ao vê-los, apenas era *muito* ruim! Quando vi as crianças amarradas e homens entrando nos navios sabia que boas pessoas não eram.

“Chegando perto do homem cinzento senti seu cheiro de morte e lembrei instantaneamente do dia do ataque no meu vilarejo. Eles devem fazer por muitas décadas! Parando por um instante entre os soluços, tomara fôlego, voltando a relatar. “Tive certeza quando escutei os comandos que deram dentro do navio! Lá dentro

matavam as pessoas. Dentro do compartimento de carga! Como se fossem porcos. Alguns eram desmembrados ainda vivos.”

“Algumas crianças pequenas tinham os olhos furados com ferros quentes e a língua cortada antes de serem levadas. Sei que tem seres que se alimentam de carne humana, mas estão vendendo como se fossem mercadorias! Tenho certeza que meu filho deve ter sido cortado ainda vivo e vendido aos pedaços.” Imi tapara os olhos chorando abraçada aos joelhos. Shoiú precisara esconder a sua excitação com o relato de mortes.

— Não aguentei ver toda a carnificina. Meu ódio me tomou e mais uma vez perdi o controle! Explodi o navio com todos dentro. As crianças... Eu não pude salva-las, fiz de suas cinzas combustíveis para aumentar meu ódio e poder! Não sei se destruí todos os navios, mas atravessei-os com uma chuva de meteoros. Sei que nos colocamos em perigo. Mas caso Milkar apareça, eu ficarei no caminho dela a atrasando enquanto vocês fogem. Eu *precisava* mata-los! E caso tenha sobrado um que seja, eu o caçarei. Não importando quanto tempo demore!

— Calma, minha linda. Você precisa descansar! Também não irá querer ver o que farei essa noite. Beba este chá. Amanhã estará muito melhor. E sobre o que fez, ficarei feliz em ajudá-la a falar com seu filho do outro lado e exterminar os demais daqueles piratas cinzas. Tenho meios de despistar Milkar caso ela tenha nos sentido. Agora beba e descanse, minha linda.

Ao sair da banheira, Imi fora levada até o tatame. Bebendo o chá e depois se cobrindo com um cobertor quente, Shoiú e Gewitter deixaram Imi dormir enquanto partiam para o cerimonial.

Pegando um menino desacordado nos ombros, Shoiú o levava até uma sala específica para seus cerimoniais e sacrifícios. A sala estava parcialmente destruída, já que os guardas que trabalhavam para Shoiú apenas limpavam e deixaram os escombros organizados. Havia sido nesse mesmo local o recrutamento para o grupo de Heks. Vendo o estrago no teto e paredes, Gewitter percebera o quanto estava fora de controle, desculpando-se por todo o estrago que havia causado.

— Fique tranquila, meus seguidores irão arrumar tudo assim que souberem do meu retorno. Agora escute com cautela, tudo que eu falar para fazer, faça *exatamente* como eu disser, tudo bem? Primeiro passo é acordar o menino e banha-lo. Ele vai implorar pela vida, mas olha só, você não vai entender, será mais fácil!

“Aí ficará na sua escolha cortar a língua e costurar a boca dele, ou deixa-lo gritar livremente, apesar de que ele não irá gritar muito com a garganta furada.”

Shoiú mordera os próprios lábios ao ponto de escorrer sangue, lambendo-o logo em seguida. — Depois precisará amarrar os pés dele e pendura-lo naquela barra. Os pulsos irão ficar amarrados, presos no grampo em baixo dele. Não esqueça de deixá-lo com as pernas e mãos bem separadas! E este espelho com bordas altas deverá ser enchido com o sangue dele. — Explicara sem conseguir esconder sua excitação com o modo de prosseguir com a cerimônia.

— Certo, e depois que ele morrer o que devo fazer? Esperar todo sangue escorrer? — Perguntara Gewitter receosa.

— Bom, tem certeza que não vamos comer esse “*porquinho*” mesmo? Olha como é bonitinho! Colocaremos uma maçã na boca dele e assaremos ele recheado de frutas. Essas pernas saborosas, essas coxas; veja como parecem apetitosas! Tem certeza, Gewitter? — Perguntara lambendo os beiços com a perna do menino nas mãos e mostrando para a amiga.

— Eu não fico bem com isso, basta mata-lo. Se quiser comer a ajuda prepara-lo. Não sei se comeria, mesmo ele parecendo apetitoso como diz.

— Tudo bem, então precisa me ajudar mesmo, hem! Bom, depois dele sangrar até o fim precisara tomar banho com o sangue dele em cima do espelho. Caso queira adiantar pode ficar em baixo do sangue escorrendo dele. Com você banhada de sangue eu darei início ao rastreio usando um pouco de seu sangue. Quer dizer, bastante sangue né? Eu ficarei apenas olhando você, minha loirinha linda. — Shoiú sentara apoiada na parede e começara a se masturbar discretamente, vendo a amiga nua dando início ao ritual.

Acordando o menino, Gewitter podia sentir o terror nos olhos do menino.

Usando uma esponja e sabão, começara a banhar o menino em prantos. O garoto não tentara fugir, ficara parado conversando com a moça que lhe dava banho, sempre sem respostas.

Com uma corda, os pulsos finos e tornozelos foram amarrados fortemente. Puxado ele até onde seria pendurado, um jato do gozo de Shoiú atingira o menino. Desculpando-se, Shoiú limpava o menino e, para se redimir ajuda a estende-lo.

— Veja, é aqui que precisa fazer o corte. Como ele está vivo vai gritar um pouco no início, mas vai entrar em choque rápido. Se esperar um instante, todo o sangue já vai descer dos pés para a cabeça, daí escorrerá mais rápido. Mesmo assim não será *tão* rápido. Desculpe menino, isso não é pessoal. — Shoiú dissera no idioma do menino. Apontando com o dedo onde o corte deveria ser feito, ficara segurando nas pernas trêmulas do menino esperando o corte ser feito.

Com a faca na mão e mesmo sem entender a língua que o menino falava, sabia que eram pedidos de misericórdia. Depois de alguns instantes, puxando o cabelo dele para trás, degolara-o em um golpe. Uma grande quantidade de sangue começara jorrar por toda parte e a escorrer na vasilha. O menino afogado e tremendo com fortes espasmos, espalhara sangue para todos os lados. Ainda incomodada com a situação, Gewitter começara a se banhar usando o sangue que ainda jorrava do menino em choque.

Sofrendo até o último suspiro, o menino morrera afogado e por falta de sangue.

O líquido escorria de sua boca, nariz e da garganta, transbordando a bacia espelhada.

Shoiú, no entanto, acariciava o corpo pálido e inerte do menino com ar de satisfação e felicidade.

— Agora me dê seu dedo, uma gota de seu sangue basta para ver onde Aluin está. Venha, talvez conheça onde é o lugar. — Segurando o pulso da amiga, fizera um pequeno furo deixando cair uma gota no espelho.

— Vamos, garoto. Mostre-me onde Aluin está. Siga o cheiro do sangue familiar e rastreie por toda parte. *Eu ordeno!* —

Comandando a alma aprisionada no sangue, o espírito viajara mostrando o caminho em busca de Aluin.

Passara pelo castelo em ruínas, seguindo até o porto de Eisberg e depois pelo canal até chegar a alto mar dentro de um navio. O menino estava dormindo abraçado de uma jovem com cabelos da cor de areia. Do outro lado um jovem de cabelos escuro também abraçava a jovem. O navio seguia aos ventos. Talvez estivesse indo para Alearabia, só não tinha certeza de qual cidade.

— Bom, minha delícia, agora precisa me ajudar a preparar essa outra *delicinha* aqui! — Dissera Shoiú novamente em pé, lambendo a coxa do menino.

— Amanhã mesmo zarparemos de navio até Alearabia e em vinte dias estaremos por lá. Venha, me ajude a destripa-lo! — Shoiú não disfarçava o desejo nos olhos ao estender a mão chamando Gewitter para ajudá-la.

— Espere! Qual cidade iremos de Alearabia? E toda essa carnificina, não era necessária também, não é? — Perguntara Gewitter desamarrando os pés do menino.

— Ora, minha lindeza, sabe muito bem que não! Era apenas para ver até que ponto estava disposta a ir atrás do menino. E vejo que não está de brincadeira! Era realmente necessário mata-lo para usar a alma dele. Apenas mata-lo e tirando sangue dele misturando com o seu já bastava. — Shoiú rira mostrando os dentes. — E sobre a cidade, não sei, talvez estejam indo para a capital de Alearabia, quando chegarmos lá faremos outro ritual, mas do jeito simples. Ou até mesmo antes de chegar quem sabe não vamos seguindo a embarcação deles do meio do mar? Será interessante, não é? — Shoiú segurava os braços de Gewitter, dançando alegremente.

— Tudo bem, vamos fazer como disse. Agora como abro a barriga dele? E você vai assar ele mesmo? Talvez eu experimente um pedacinho. Estou ficando com fome, *ou ficando louca*. — Concordando com Shoiú, Gewitter começara a abrir a barriga do menino e retirar suas vísceras.

— Olha que maravilha! Estamos preparando um lindo jantar juntas, como uma família perfeita. — Concluía Shoiú apertando a bochecha do defunto.

— Que bela família, não é? Espero que quando formos jantar com meu primo, não seja ele o prato principal! — Rira desconcertada Gewitter.

— Nossa que bela ideia! Imagina aquelas perninhas macias. Os *pezinhos* crocantes de um príncipe, devem ser até doces. *Nham Nham!* Que delícia, hem? Tenho um forno preparado para isso na cozinha. Esse menino caberá lá, vamos, me ajude a temperar ele!

Levando o menino até a cozinha, Shoiú e Gewitter prepararam o menino para um jantar. Sendo ele próprio o prato principal!

Destripado e temperado com mel, frutas e diversas pimentas, uma maçã fora posta em sua boca. Fora colocado deitado de bruços sobre as pernas com os braços dobrados embaixo da cabeça. Dessa forma o garoto fora posto para assar em seu grande forno de tijolos vermelhos.

— Será que nossa amiguinha raivosa irá nos acompanhar no jantar? Ou se tornará vegetariana? Espero também que ela não me impeça de invocar ou matar criancinhas só porque ela perdeu o filho! Quem sabe ela não me aceite ressuscitar o filho dela em um corpo que ela escolher? Bom, eu quero uma perna pra mim; adoro coxas, panturrilhas e pés! Caso queira experimentar, recomendo uma fatia pequena dessas partes para começar. — Conversava rindo com Gewitter em seu colo, ambas bebiam saquê esperando o assado ficar pronto.

— Acho que vou acompanhar você com outra perna, mesmo ela sendo gigante para eu comer sozinha.



## 19 OS EFEITOS DA CORRUPÇÃO DA DEIDADE

— Com essas três ingratas nos servindo, *oh* mestra Milkar, conseguiremos nosso objetivo! A senhora já deve estar entre nós; farei o sacrifício de uma alma pura ainda hoje. Assim a acharei onde for que esteja.

“Seguiram para a missão há quatro dias e, com toda certeza, o ser mais poderoso que estiver por perto será você, *oh* mestra Milkar. A cidade mais próxima fica a cinco horas de caminhada, preciso me apressar.” Heks falara ao pegar uma vasilha espelhada e uma faca, logo caminhando até o vilarejo mais próximo. Através do bosque, passara por um vilarejo em ruínas que havia sido atacado em há poucos dias.

Nas ruas desertas, Heks escutara nos escombros um barulho que chamara sua atenção, rapidamente ela se escondera e ficara na espreita.

Para seu espanto era um casal de irmãos, não passando de seis anos o mais velho. As crianças não correram ao ver a velha apoiada em um cajado, na realidade se aproximaram. Quando estavam próximos a ela, Heks passara a faca contra a garganta do menino e batendo com seu cajado na cabeça da menina que fugira cambaleante.

— Preciso apenas de um vivo; o outro não é importante. Venha garota, servirá para trazer *paz* a esse mundo, então não corra!

“Não pensei que o ataque de Shoiú fosse tão perto. Ainda bem que poderei *eu* mesma ser a primeira a encontrá-la!” A velha, ao alcançá-la, segurara firmemente o seu pequeno braço, arrastando-a até a rua.

Com a menina ainda desacordada com a pancada, colocara a cabeça da pequenina dentro da vasilha espelhada, começando a cortá-la fora e logo arremessara longe ao conseguir o sangue necessário.

Tendo a vasilha cheia, com a mesma faca, cortara sua mão, derramando seu sangue junto da vasilha. Usando o próprio dedo, mexera o líquido vermelho, começando a ver uma jovem mulher andando cambaleante sobre escombros: tinha cabelos vermelhos e estava em frangalhos. Toda suja de terra e sangue.

Talvez tenha saído do mundo dos mortos e não tivesse ninguém para orienta-la.

Conseguia sentir sua mestra muito perto e assim, Heks fora ao seu encontro com andar falseado.

Em minutos lentos, seguindo as ondas da tigela com sangue apontando o caminho, Heks chegara até a jovem que vasculhava os escombros. Sua mestra parecia estar chamando alguém.

Próxima o suficiente para poder conversar com a mulher, a velha iniciara a conversa prostrada em frente a outra que a encarara intrigada.

— *Oh*, minha senhora! Venho humildemente agradecer sua presença entre nossa inútil existência. Vejo seu poder através da sua aparência humana; sei que seu poder é inexpugnável e trará luz a esse mundo sujo e podre. *Oh*, senhora suprema, estou aqui para servi-la! — Gritara a velha de joelhos, reverenciando a jovem de cabelos vermelhos.

— Procuo meus filhos, senhora. Estou atrás deles há dias, não os acho, estou cansada e desesperada, você viu meus filhos por aí? — Perguntara cansada e com a barriga roncando.

— A senhora tem um ótimo humor, minha amada senhora. Eu sou uma de suas filhas! Sou sua leal serva nesse mundo de podridão, esperando sua santidade voltar a iluminar nossas terras escurecidas cheias de ilusões. Oh, ser supremo, abençoada sois voz! — Clamara mais uma vez.

— Senhora, você deve ter batido a cabeça em algum lugar. Você não é minha filha, estou falando de minhas crianças! É um casal de crianças. Você as viu por aqui? Eu procuro por eles, *por favor*, me ajude! — Segurando as mãos da velha, tentara levanta-la.

— Sim, eu vi um casal de crianças. Foram eles que me trouxeram aqui, minha senhora, que grande poder a senhora tem!

— Mas me diga onde é que eles estão mulher. E pare de me chamar de senhora, você é bem mais velha que eu, que negocio desagradável. Diga-me, mal posso esperar para poder abraçar minha menininha linda! Sinto tanta falta dela e de Thomi; aquele carrancudo que amo!

— *Oh*, grande mestra, a levarei até as crianças que me mostraram o caminho até você, *oh* ser supremo! — Respondera a velha, com um andar lento e manco, puxando a jovem de cabelos vermelhos entre os escombros.

— Por favor, minha senhora, só me diga o caminho! Irei correndo ver minhas crianças; se quiser levo à senhora no colo. Vamos me mostre logo, *por favor!*

— Por favor, permita a esta humilde serva guia-la! Não estamos longe. É nesse mesmo vilarejo!

— Veja: está ali na frente. Se senhora está com pressa, vá! Estarei indo a seu encontro.

A de cabelos vermelhos não pensara duas vezes antes de sair correndo, deixando para trás a velha e suas pegadas descalças e profundas na lama.

Correndo sem pensar, vira apenas abutres rodeando uma pequena esfera seguindo as bicadas em meio à lama. Espantando os animais esfomeados, deixara a pequena bola para trás, seguindo para outro grupo de animais carniceiros.

Dando passos lentos, suspeitava o que seria, todavia, não tinha forças para pensar em coisas boas. Sua cabeça estava trêmula e nauseada, não conseguia focar na imagem a frente de um crânio. Que, apesar de ter sido devorado por ferozes bicos afiados, ainda conseguia identificar como era.

Caindo na lama de joelhos, segurava o crânio sem vida nas mãos trêmulas

Piscava aceleradamente junto com o bater lento do coração: a jovem tinha em suas mãos a cabeça de uma menina.

Para ela sua filha fora decapitada. Era tão nova e já fora brutalmente assassinada. Criando forças, correra atingindo os abutres mais à frente que devoravam o corpo da menina. Sem

tempo de poder chorar a frente vira ainda mais abutres, pensando imediatamente que poderia ser seu Thomi.

Em uma velocidade sobre-humana, atingira todos os pássaros, matando-os.

Ficara observando o corpo do menino com a garganta cortada misturado lama e sangue.

Com os dois corpos no colo, a jovem chorara descontroladamente. Seus gritos seriam ouvidos por todos no vilarejo se ainda houvesse alguém vivo além da velha que caminhava sorrindo até ela.

Sua respiração estava falhando, o coração quase parando e seus olhos viam apenas borrões negros e desfocados por uma grandiosa luz ofuscante.

— Vejo que a senhora achou as crianças que queria tanto! Posso ver sua *felicidade* em encontra-los. Eu mesma *matei* as crianças para a senhora, *oh*, dadivosa imperatriz *Milkar!* Isso me enche de orgulho: a senhora gostar de minha oferenda à senhora. — Rira a velha apoiada em seu cajado parando em frente a de cabelos vermelhos.

— De que nome você me chamou?

— A chamei pelo nome: *Milkar*.

— Quer dizer que você matou meus filhos em nome de *Milkar?*

— Esses seres *desprezíveis* foram sacrificados em seu nome, sim! *Oh*, suprema deidade *Milkar*. Assim como dei meu filho, com toda sua carne e sofrimento d para glória de minha rainha dos reis: *Milkar*, A invencível! E pude dar força e abrir as portas para esse mundo desprezível que a senhora irá liberta-lo.

— Você matou o *seu* filho em nome de *Milkar?* Você matou *meus* filhos em nome de *Milkar?*

Naquele mesmo momento, nuvens negras começaram a surgir. A terra tremia criando fendas derrubando dentro delas os escombros da cidade destruída.

Em pé, a jovem começava a flutuar em frente de Heks. Era como se a jovem estivesse desacordada e pendurada pela cintura. A velha, no entanto, observava de joelhos e satisfeita com seu

grandioso feito. Suas mãos prostradas ainda exibiam as manchas de seu feito.

Com ódio nos olhos roxos, a mesma começara a estrebuchar ainda flutuando.

Com uma grande explosão de energia, uma onda de choque varrera tudo o que estava ao seu redor, formando um círculo limpo em meio à tamanha destruição. O feito fizera a velha decrépita ser arremessada para longe.

Ao voltar até sua mestra, vira um rabo que serpenteava procurando um alvo para envenenar. Ela ainda exibia grandes asas de morcego um par de chifres de carneiro. Suas garras e dentes eram afiados como navalhas e, em volta de todo o seu corpo, uma névoa purpura saltava de suas órbitas oculares.

Estava de pulsos fechados e trêmulo. Nua, seu cabelo vermelho sangue ouriçava junto de sua aura sombria. Ao seu redor ainda uma aura roxa a circundava dos pés ao topo de seus chifres.

De suas narinas exalavam fumaça com o calor do corpo.

Ao escutar a risada da velha, em um “pisar de olhos” agarrara o pescoço pelancudo, erguendo a idosa na altura de seus olhos. Ela ria ainda mais, deixando a jovem ainda mais irritada. Com suas longas garras não pensara duas vezes em atravessar o ventre de Heks, tirando seu sorriso do rosto. Agora cuspiendo sangue, a vítima começara a falar em meio a tosses sangrentas:

— Mestra Milkar, por que isso? Fui fiel a você! Dei *meu* filho, *essas* crianças e inúmeras outras almas em seu nome! Diga-me, *por favor*, por quê?

— Eu não sou Milkar. Eu sou Kroni! — O nome da mulher soara tão alto quanto todos os pássaros carneiros e outros que se encontravam alojados nas árvores. — É bom saber que *você* a trouxe, assim posso mata-la novamente! — Rira dando uma cusparada contra o rosto da velha que instantaneamente, toda pele do rosto derreteria. A velha, ainda viva, gritava durante o discurso final de Kroni:

— Diga a esta *puta* que *EU* vou mata-la! — Jogando a velha no chão e estalando os dedos, invocara ratos e abutres para que devorassem a velha ainda viva. — Milkar, sua filha da puta

desgraçada, se você está viva e meus filhos morreram por sua causa, eu irei matar você, inúmeras vezes! Se essa velha dos infernos matou *seu* filho em sua honra, seria de bom grado traze-lo de volta! Não trarei *meus* filhos para correr o risco de morrerem novamente.

“Matei você semana passada e matarei novamente hoje... Não. Espere. Faz anos que ela esteve por aqui. Minha cabeça está confusa! Será que estou perdendo a sanidade?

Eu irei trazer o filho dessa velha... Ele poderá ser meu aliado contra Milkar e, talvez possa me fazer bem adotar um órfão.

Com a mão suja do sangue da velha sobre uma fenda aberta, Kroni deixara o sangue cair até no outro mundo. Assim chamando do mundo dos mortos a alma corrompida dada em nome de Milkar.

— *Venha filho da velha, se apresente a mim! Não tenha medo; esta velha é minha inimiga e, se ela te matou, serei sua amiga!* — Dera as ordens para as profundezas onde uma alma destruída ouvira seu chamado e, apontando para os corpos das crianças no chão, a alma invocada se transmutara nos corpos em pedaços. — Me perdoe, filho. Não quero seu mal. Se desejar descansar em fim, o livrarei desse fardo de sacrifício. Porém, caso queira vingança; serei feliz em tê-lo a meu lado. Se aceitar diga seu nome. O meu é Kroni.

Com a magia de Kroni, os corpos se derreteram tomando forma de um menino. Infelizmente não estava perfeito, tinha traços de seu sacrifício. A boca era rasgada mostrando os ossos do maxilar, o olho esquerdo vazava sangue e seu corpo jovial estava repleto de mordidas e pedaços faltando.

— Sou Cófil. *Por favor*, deixe-me viver novamente! Sei que estou horrível, não sou seu filho, mas gostaria de ter sido. A senhora parece ser uma boa mãe, sinto sua dor por perde-los! — Kroni não aguentara e a abraçara o menino, a voz sofrida com o queixo deslocado a fizera sofrer e tornar-se humana novamente durante o abraço.

Com um balançar com a mão, o corpo ainda vivo de Heks fora torcido e esfaçalhado no ar por Kroni. Moldando a carne da pele da velha, uma máscara com abertura para o olho direito fora moldada

com magia que, posta no rosto do menino, permitira que o maxilar voltasse ao seu local. E, com outros pedaços da velha, Kroni moldara uma vestimenta para cobrir o corpo mutilado do menino. O seu olho também voltara a funcionar, mas ele preferira que se mantivesse tapado. Enfim o menino voltara a sua aparência antes de ser mutilado.

— Esta *puta* tirou sua vida e eu tirei a *dela* para te servir de roupa. Não me olhe assim; não sou um anjo, sou um demônio! Aceito ser sua mãe adotiva. Aposto que você e Thomi se dariam muito bem. Agora você vai poder falar com mais facilidade e poderá me abraçar sempre que quiser. Agora vamos procurar aquela vaca!

O menino chorara de emoção ao escutar os dizeres de Kroni.

— Obrigado, mamãe!

Kroni não ficara paralisada ao escutá-lo, voltando abraçar o menino ressuscitado.

— Ei, garoto você precisa comer o máximo que puder, a comida está estragando e preciso que viva! Se você morrer, eu morro junto. Vamos como o máximo que puder, depois arrume as velas para que o vento seja generoso conosco.

— Eu não aguento mais comer queijos e beber vinho. Fico enjoado quando bebo vinho.

— Ora, não seja bobo, vamos, coma o máximo que puder. Se quiser ensino você a caçar uma gaivota. Mas agora precisa ficar o maior tempo possível dormindo.

Só assim conseguiremos atravessar mais dias vivos. E não posso morrer dessa forma!

Comera então o máximo que conseguira, parando somente antes de vomitar. Também bebera todo vindo que pode e se deitara.

Em outro continente, Milkar também fizera com que Allis dormisse e ficasse todo o tempo que pudesse inerte; não gastando energia para mantê-los vivos.

Após dias velejando às cegas atracaram em uma terra distante. Lá, um velho assoprara Milkar para fora do corpo de Allis e, antes que o deixasse em paz, assombrara todos da vila, incluindo o velho que a exorcizara.

Voltando para Höllenportal, Milkar percebera que faltam poucas almas para que ela fosse liberada pela porta principal. Desta forma, não dependeria de mais nenhum corpo para sair ao mundo dos vivos.

Com inúmeros dias vagando pelo infinito entre as cidades mortas, Milkar sentira um sujeito cinza adentrando o Höllenportal. Este sujeito carregava almas vivas pelo portão dos mortos que, ao trazê-las para dentro, atingira o número de almas necessárias para que pudesse andar no mundo vivo.

Shoiú havia feito a maior parte do trabalho enquanto o homem cinzento apenas completara o número faltante. Fugindo junto de inúmeros seres abomináveis, Milkar conseguira surgir atravessando o teto sobre sua cabeça e não pelo Höllenportal. Enfim o portal fora aberto por completo. Fazendo com que atrás dela, saísse uma grande erupção da montanha, cuspiendo lava por toda parte.

Ainda fraca Milkar disparara voando atrás de um grande poder que sentira, mas começara a cair em meio a uma floresta. Com galhos amortecendo sua queda, chegara ao chão.

Machucada caminhara com dificuldade até um vilarejo.

— Ele me assusta, querido. Não consigo entender o que está acontecendo, parece que é outra pessoa a cada momento! As vezes gosta de se vestir com roupas minhas e falar de como você é comigo, outras só fica no canto chorando e se cortando.

— Infelizmente só nosso amigo bardo vai conseguir descobrir. Nós dois não saberemos entrar na mente dele sem que o machucássemos. Só com o auxílio dele dará certo. Temos que cuidar de Aluin contra ele mesmo. Não vejo problema que ele seja menina ou menino, ou que fuja ver os nossos homens se banhando. O que me importa são os *cortes* que ele faz!

Ao amanhecer Aluin parecia feliz, cantarolando e fazendo tranças nos cabelos com ajuda de Jäger. Conversavam como amigos de longa data. Algumas perguntas a elfa respondia sem problemas e outras, rodeava para respondê-lo. Mas sempre a jovem levava a conversa mais a diante, tentando entender e saber mais sobre ele.



— Ei Jäger, me conte. Você gosta do Miur?

— Claro que sim, eu o *amo* muito! Faz muitos anos que estamos juntos, suspeito que seja duzentos ou trezentos anos que nos aguentamos.

— Impossível! Vocês devem se conhecer no máximo há vinte anos, vocês não são tão velhos.

— Bom “coisinha” magra, não se esqueça de que nós dois não somos da mesma espécie que você; somos elfos, meu querido!

— Hum, sei. Me chame de *querida*, não querido. E você gosta de ter intimidades com Miur?

Jäger queria saber até onde o menino iria com aquelas perguntas, trocando as respostas por perguntas durante as tranças.

— Sim adoro, acho que ele adora ter intimidades comigo também. Ei, você não é muito novo, quer dizer *nova*, para pensar nisso?

— Você que pensa mocinha, já tenho duzentos ou trezentos anos também. Sabe, eu gostaria de ter intimidades com Miur, ele parece saber bem como fazer! Você permitiria que tivesse com ele? Com você junto, claro né *Jä*.

— Calma, é muita informação! Como exatamente você quer ser a menina dele ou o menino comigo?

— Queria ser menina, como  *você*. Isso se não tiver problemas para você! Seríamos um trio; dividiríamos tudo um pouco, um com o outro. Sou pequena, mas sei como fazer, seria uma boa companheira do seu lado, *Jä*.

— Olha, seria interessante, quem sabe *não* fazemos isso qualquer dia. Você já fez isso antes, Aluin? — Jägerin apenas aceitava o jogo de flertes afim de descobrir cada vez mais sobre os pensamentos do menino.

— É Hure, *Jä*! Claro que sim. No castelo um grandão vermelho e um magrelo sempre faziam comigo e eu *adorava*! O magro até me deu presentes e vestidos. Eu sempre gostava quando ficava comigo e das mordidas que me dava.

— Nossa, que legal né? Você deve ter se divertido muito. Eu fico impressionada com tudo o que me conta, minha querida.

— Não precisa chorar, *Jä!* Você vai ver como será divertido nós duas com o *Mi*. Aí pare de chorar, fico triste! Fiz alguma coisa?

— Não, querido...querida... Eu apenas lembrei-me de minha Eis.

Vocês se parecem muito. Ainda mais com as tranças! Se pintar seus lábios e olhos, seria Eis em minha frente.

— Se você ficar feliz, pode me transformar em Eis. Só que pra dormir com o *Mi* eu preciso voltar ao normal. Não sei se o tio *Mi* ficaria feliz brincando comigo igual à filha dele, né? Ou ficaria feliz? Quem você preferiria, *Jä*: eu ou sua filha participando?

— Ele ficará feliz em ver você de Eis. Mas na hora, *talvez* seja melhor ser a Hure, não acha?

— Aí, pare de chorar! Se não fico preocupado com você, tia. *Por favor*, me pinte igual ela! Assim você fica melhor e farei uma surpresa pro *Mi*.

Jägerin, enxugando as lágrimas que lhe escorriam pela face, pegara suas maquiagens começando a passa-las em Aluin. Se tudo o que contou fora real, ela não imaginava a dor e sofrimento que ele passou. Havia sofrido todo tipo de tortura, desde física, emocional e sexual.

Enquanto Aluin dançava vestido como Eis, Jäger contara a Miur que Aluin fora torturado e violentado.

— Aí tio *Mi* e tia *Jä*, não podem chorar! Assim eu fico com vergonha.

— Estamos emocionados em poder ver nossa filha... são lágrimas de felicidades.

— Está claro: ele está ficando louco, certamente ele matou a própria filha!

Agora apronta essa para cima de nós. Escutem, não podemos permitir essa afronta. Nosso povo não merece esse tipo de traição. Amir matou a filha e agora traz estes dois estrangeiros e os transforma em príncipes. Este título é *meu*, não deles!

— Precisamos matar esses dois. Seria interessante *brincar* com os dois antes, assim a culpa de Amir seria maior. A pedra de controle da mente está chegando.

Os mercenários disseram que ela é o suficiente para controla-lo apenas uma vez. Colocarei nele a ideia de estupra-los ou que ele estuprou. O que acham?

— *Oh*, senhor, se é impressão negativa que quer, faça-o estupra-los e ser pego no meio do ato pelos guardas. Dessa forma o senhor, Khayin, o *meu* príncipe, será o sultão verdadeiro!

“Tenho uma poção especial para isso. Às crianças não conseguirão acordar com a potência do álcool, mas Amir perderá o controle. Terá apenas compulsão por sexo.

Os dois *não* terão chances contra ele!”

— Feiticeiro, jogue a poção do desejo sexual na bebida de Amir e dos dois demônios brancos também. Quem sabe eles não assumem ser perversos a esse ponto, fazendo por vontade sem que eu controle a mente de ambos?

— Sim, mestre Khayin. No jantar eu colocarei no vinho que servirei para os três.

Ao anoitecer, os servos leais a Khayin, serviram para os três o vinho batizado com a poção feita pelo feiticeiro que, ao brindarem, beberam juntos toda a jarra.

Após comerem e irem para perto da lareira, adormeceram na beira do fogo.

Amir não conseguia dormir pela excitação. Thomi, no entanto, dormia entre ele e Hope.

Amir mexera no braço do menino, mas o efeito do álcool era mais forte que a poção, fazendo com que Thomi e Hope dormissem profundamente. Sem pensar, Amir tranca as portas e volta, mas não deitara.

Sua mente lhe pregava peças: via atos impensáveis com Hope e Thomi.

Sua moral era forte o suficiente para não seguir em frente com sua excitação perturbadora. Observando as crianças, não conseguira se controlar, chegando ao orgasmo.

Com a porta trancada, algumas pancadas começaram tentando arromba-la inutilmente. Chamaram até mesmo especialistas em arrombamentos, mas tinham travas grandes de madeiras nas portas.

Irritado Khayin chamara mais homens para arrombar a porta, usando o máximo de força possível no aríete.

Amir saíra por uma porta, trancando-a pelo outro lado quando Khayin estourara a porta com o aríete e entrara com seus guardas. Khayin somente vira as duas crianças abraçadas ao lado de uma poça de esperma. A visão o deixara levemente arrependido pelo que fizera, mas fora um ato necessário. O reinado pertencia a ele, não a esses intrusos.

O que não pensava era que possivelmente tenha ficado excitado em ver as crianças como estavam: pensava em como violenta-los e incriminar Amir, entretanto tinha inúmeras testemunhas. Deixando as crianças deitadas, saíra da sala com os guardas como testemunhas da violência e decadência do sultão Amir.

Na manhã seguinte, o casal de irmãos saíra com seus dromedários pelo corredor lateral, passando por dois homens, um montava um touro vermelho e o outro, em um grande cavalo, ambos com grandes armas nas costas. Chamaram a atenção das crianças pelo fato de também serem estrangeiros como eles, mas Thomi estava estranho, correra na frente com Hope o chamando.

## 20 RASTROS E VESTÍGIOS

— Bom dia, como dormiu minha bonequinha? Precisamos acordar agora! Você está bem, querida? Vi o trabalho de Filpain. Realmente ele fez um bom trabalho com seu pezinho na noite passada. Não ficara nenhuma marquinha nele. Quer passear comigo e Aluin? — Perguntara Jäger, gentilmente com a mão no rosto de Hope, ainda marcado do travesseiro.

— Sim, adoraria tia Jäger, aonde iremos? — Perguntou a menina bocejando e coçando os olhos.

— Preciso ver nosso navio. Depois iremos ver alguns suprimentos, roupas sempre é bom ter muitas, e o que mais vocês quiserem! O que gostaria? — Perguntara Jäger ainda segurando o rosto de Hope na frente do seu e esfregando os narizes.

A menina envergonhada mexera os ombros, fazendo também um sinal com as mãos de que não sabia. De mãos dadas, Jäger fora com Hope onde os seus amigos já estavam tomando café da manhã. Miur e Thomi não estava entre eles. Sentados a mesa Filpain apenas mexia os olhos, fitando todo mundo de boca fechada e muito preocupado.

— Tia Jäger, Allis e Kibo pode ir com a gente? — Hope rompera o silêncio constrangedor com seu sorriso encantador. Allis e Kibo, vermelhos de vergonha, não trabalhavam mais no Gato Cinzento, eram hóspedes como os demais e poderiam ir caso quisessem.

— Mas é claro que sim, todos são bem vindos, adoro esses dois! E você Aluin, deseja alguma coisa? Serão todos meus *filhotinhos*. — Infelizmente, Jäger apenas recebera um balançar de cabeça de forma negativa em silêncio.

Isso deixara Jäger preocupada. O temperamento de Aluin era instável e sempre mudando rápido, sem motivos. Desta vez tinha razão, pois os pesadelos não foram fáceis para nenhum deles. Sair e tomar um pouco de Sol forte ajudaria a se recuperar da noite difícil. O outro reforço para mudar o humor do grupo era ter Hope junto.

Após comerem, as crianças se arrumaram esperaram por Jäger na porta do Gato Cinzento. Hope vestia uma roupa semelhante à da jovem elfa. Aluin estava com roupas emprestadas de Allis, já que as que compraram no outro dia de passeio, fora apenas roupas femininas. Kibo estava envergonhada, apesar de todo ouro que a dupla de guerreiros havia deixado com ela, não possuía roupas novas de passeio.

Hope agarra a mão de Jäger, que, segurando-a, começara a saltar girando em volta levantando poeira com tamanha felicidade. Todos riram, quebrando o clima ruim pousado em todo grupo.

Começaram a andar de mãos dadas graças à insistência da menina. Calado como nos episódios de mudez no navio, Aluin respondia apenas balançando a cabeça.

Desceram até o porto com um longo caminho cheio de escadarias e rampas, barracas e casas construídas de terra e areia amarelas que deixavam a paisagem amena.

Os produtos vendidos como tecidos, essências aromáticas, frutas, especiarias e frutos do mar se destacavam por tons extremamente coloridos e aromas distintos. O grupo experimentava todo tipo de roupas e alimentos que queriam, demorando a chegar até o navio. O que não era um problema para Jäger. E, aos olhos dos vendedores, as quatro crianças eram todas filhas dela.

Dentro do navio, Jäger percebera que haviam dezenas de reparos realizados, entretanto inúmeros outros precisavam de atenção para a navegação com segurança.

Outra reforma que iriam fazer era a construção de mais três quartos para alocar as crianças que os acompanhariam. Isso também causaria uma nova reformulação da dinâmica de todo navio.

Ainda no convés, Jäger vira ao longe uma embarcação pequena se aproximando do porto em uma grande velocidade. A embarcação chamara sua atenção pela cor amarela e verde, com duas velas brancas com varas atravessando-as em forma de um triângulo e aparentemente não tinha tripulação.

Com a atenção atrapalhada por seus novos filhos, Jäger fora arrastada para uma barraca portuária, onde tinha pães e tortas de chocolate. Fora das vistas afiadas da elfa, a pequena embarcação

atracara no porto distante de onde o navio negro estava ancorado. Dele três jovens vestindo yukatas floridas desceram nas taboas amarelas e úmidas sobre o mar e, em instantes, marujos ofereceram para carregarem suas bagagens:

— Olá, senhoritas. Sou Godofredo e ofereço meu serviço e de meus homens para desembarcarem suas bagagens. Com certeza vieram para a competição de espadachins! — Oferecera o marujo de camisa branca listrada em azul com mais quatro dos seus ajudantes.

— Competição de espadas? Ah sim, claro que viemos para assisti-la! Estamos cansadas, fizemos uma longa vigem, pode nos levar para a melhor estalagem, gentil senhor? — Pedira a jovem oriental fazendo uma reverencia com as mãos.

— Por favor, Hermenegildo, traga os dromedários para levarem nossas senhoras até o Gato Cinzento. Eu e os outros rapazes levaremos os baús das senhoras logo em seguida. — Terminando de dar as ordens o jovem Hermenegildo buscara os dromedários para as senhoritas, enquanto o próprio Godofredo e mais três homens buscaram os baús para carregarem nas carroças.

Quando a jovem de cabelos azuis montara em seu dromedário, vira uma menina magra de vestido verde correndo em sua direção. Olhando na direção da menina, vira que ela só parara ao abraçar a perna do dromedário que montava. Para espanto da jovem de cabelos azuis, o dromedário abaixara a cabeça para receber carinho da menina.

— Ei, Hope, não interrompa a senhorita. Esse não é Babão. Só parece com ele! Desculpe senhora, perdoe minha *amiguinha* magricela e *meio* doida. — Rindo, Kibo abraçara a menina pelas costas, retirando-a da perna do camelo, ato que fizera a jovem montada abrir um grande sorriso e continuar seguindo os outros.

— Desculpa, moça. É que eu tenho um bichinho desses, o meu chama Babão! — Falou Hope dando tchau para o camelo e a moça que o montava, ainda sendo segurada abraçada por Kibo recebendo um aceno da jovem.

Voltando para a tenda onde os outros estavam Hope contara com todo entusiasmo que vira um irmão do Babão e do Feioso. Continuando o passeio Jäger levava as crianças até seu amigo

ferreiro para comprar, além de roupas, cada um precisaria de armaduras e armas para se protegerem.

Batendo na porta, o velho quase careca, Beard Géar, abriu a porta dando de cara com quatro crianças e Jäger logo atrás.

— Caramba, Miur não brinca em serviço, hem? Já fez mais todos esses filhos em tão pouco tempo? Gestaçã de elfo é rápida mesmo! Entrem, monstinhos. — Dissera o anão rindo abrindo a porta.

— Cale a boca, seu velhote careca! Deveria usar um chapéu nessa cabeça feia. Cada fio de seu cabelo é uma afronta a minha beleza! Agora falando sério, preciso de armas e armaduras para eles. Em quanto tempo você consegue fazer-las? — Pedira Jäger dando um abraço no velho amigo.

— Eu não sei lhe dizer sem saber o que vai querer. Preciso tirar as medidas de cada um, saber o material, cores, ornamentos, funcionalidades e peso. Eles são pequenos, as armaduras não servirão por muito tempo, vai querer que tenham encrustado todo tipo de proteção, mesmo assim? — Perguntara o velho baixo e gordo, desaparecendo atrás do balcão pegando papel e uma pena para marcar todas as especificações.

— Além deles quatro, preciso vir com mais um menino, talvez Miur o traga depois. Faça o melhor que puder. Sabe que não me incomoda o preço. Não precisam de muitos ornamentos ou funcionalidades, somente resistentes a magia e perfuração. Eles vão precisar de armas adequadas ao peso deles também! — Jäger explicara para o amigo enquanto as quatro crianças ficaram admiradas com as armas e armaduras expostas.

Durante um longo tempo, Beard Géar tirara a medida para as armaduras das crianças e desenhando as armas que cada um iria usar. Marcando no papel os nomes, os pesos e todas as medidas das crianças, ele reunira os pedidos. Todos usariam armaduras simples esteticamente, mas com runas de proteção, as armas que cada um quis ficar, fora de um tipo: Hope usaria o cajado e o livro de Flammen, Allis usaria espada e escudo, Aluin escolhera uma espada grande e leve, Kibo preferiu um arco com flechas e uma adaga.



— Bom, dona orelhuda, proteção contra magia? Vou precisar de gemas e runas e isso pode demorar muitos dias, até que passe o alquimista de Bahr Araml. Se forem buscar e me trazerem seria mais rápido. Com dois ou três dias de viagens, vocês vão e voltam. Aqui está uma cópia do que precisam, apenas algumas são raras, mas o alquimista deve ter, pegue. Vou começar pelas armas e preparando a liga de metal para as armaduras! — Explicara o ferreiro, deixando Jäger escolher o que fazer.

— Talvez seja imprudente ir até Bahr Araml, mas o farei. É importante que eles andem o máximo protegido possível. Ficarem aqui sem proteção ou andar comigo pelo deserto? Dúvida difícil. O que preferem fazer crianças? Irem para Bahr Araml comi- — Antes que Jäger terminasse de falar, Hope interrompera-a.

— Quero ir em Bahr Araml e ver o tio Amir! Espere, onde o cabeçudo do Thomi está? — Perguntara Hope olhando para Jäger.

Ajoelhando meio sem jeito, olhando nos olhos da menina e com as mãos sobre seus ombros a elfa falara

— Preciso que seja forte. Uma hora ou outra precisaria saber, não é justo que saiba por outra pessoa, então contarei o que houve...

— Conte logo, por favor, assim você me mata, tia! — Hope com os pulsos fechados sapateia de nervoso na frente da elfa.

— Ele tentou te matar durante a noite com uma faca. Miur entrou na frente e machucou o braço e depois Thomi fugiu pulando a janela. Miur foi atrás dele e até agora não deve ter o encontrado. Quando ele recobrou a consciência, foi até você pensando que estava sozinha. Com a magia de Filpain, você dormiu e depois levei para ficar comigo.

— Ele tentou me matar? Eu sempre tive medo das brincadeiras dele! Por que ele ia fazer isso? Eu estou com medo! — Abraçando Jäger, Hope chorara sem controle até cair de joelhos.

Seu choro comovera até mesmo o anão Beard Géar, que mal a conhecia.

Apenas com um olhar e concordando com a cabeça com seu amigo ferreiro, Jäger pegara Hope nos braços e saíra pela porta. As crianças se despediram e seguiram as duas até o Gato Cinzento

carregando as compras. Um caminho mudo tendo o choro doído e triste da pequena Hope como guia para os passos.

Quando Jäger chegara perto da porta, uma jovem loira segurara a porta aberta, para que ela e as crianças entrassem pela porta dos fundos. Ao lado das escadas externas, foram para o quarto de Aluin todos juntos, queriam conversar. Agradecendo a bondade de segurar a porta, a jovem loira pergunta se estava tudo bem:

— Olá, desculpe perguntar, está tudo bem com sua filha? Precisa de ajuda? — A jovem loira se oferecera para ajudar a mãe e a filha.

— Sinceramente, não sei o que fazer. Não é um problema que possamos resolver. Essa situação é delicada senhorita, mas não sei o que fazer, estou desesperada! — Terminando de confessar começara a chorar junto da menina. A jovem loira abraçara mãe e filha, levando-as para se sentarem. Talvez ouvi-las ou simplesmente ficar fazendo companhia.

— Ei, houve alguma coisa, está bem com vocês duas? Você as conhece "Ge"? — Pergunta uma jovem oriental acompanhada da jovem de cabelos azuis de mais cedo.

— Não, Shoiú. As conheci aqui! Me parecem com problemas, mas não sei como ajudar. — Explicara a jovem loira, consolando as duas.

— Conheço essa mocinha! Mocinha, você lembra-se de hoje mais cedo? Eu estou hospedada aqui, quer me mostrar seu bichinho agora? Sou Imi e você pequenina deve ser Hope, não é? — Imi se agachara. Ao ouvir falar de Babão, Hope soltara um riso, estava feliz.

Concordando com a cabeça, a menina dera mão para a senhorita bondosa e ficara em pé enxugando o nariz e os olhos. Com os olhos ainda vermelhos, perguntara de cabeça baixa e envergonhada para Jäger.

— Posso ir até o estábulo com elas, mamãe?

Com um suspiro alto e o aumento de lágrimas escorrendo melecando toda a cara, a elfa concordara com a cabeça. Imi então saíra pela porta de mãos dadas com Hope. A jovem loira acompanhada de Shoiú permanecera para conversar com a Jäger.

Esperando as três sair pela porta, Shoiú falara com Jäger pondo uma mão sobre as dela apoiadas no joelho, com a outra colocara na face úmida.

— Ei, sei que deve estar passando por algo horrível, não tenho filhos, mas sei como é a dor de ver a filha chorando. Conte-me o que está havendo, talvez eu ou minhas amigas pudesse ajudar. Vamos confie em mim! — Dissera com um sorriso encantador e doce.

— Estamos fugindo e eu nem sei para onde. O irmão dela está fora de si, tentou mata-la ontem, arrancou um pedaço do pé dela. Meu esposo precisou entrar no meio para segura-lo e até agora está atrás do menino pelas ruas. Eu não sei o que fazer senhorita, não aguento mais essa tortura! Não consigo mais ser forte com tanta coisa ruim acontecendo com essas crianças. — Chorara deixando sua orelha pontuda escapar entre os fios de cabelo.

Shoiú rapidamente percebe quem era a jovem em sua frente. Sabia de toda sua dor pelas espiadas através da magia negra realizada quatro vezes a bordo no navio. Enquanto a elfa olhava para baixo chorando, Shoiú assoprara em sua direção uma magia para acalma-la, surtindo efeito imediato, fazendo a elfa se acomodar e adormecer apoiada sobre a mesa.

Indo ao encontro das amigas, Shoiú não precisara procurá-las. Escutara os risos da pequena Hope, seguindo-os. Chegando perto da menina, com um mexer dos dedos assopra o mesmo encantamento na garota, fazendo-a ficar sonolenta cair dormindo no chão.

Irritada com a falta de carinho de Shoiú, Imi pegara a menina do chão com palhas cos cabelos, e levava a menina para dentro.

— Você não reconheceu Jäger? Aquela elfa lá dentro só pode ser ela! Está perdendo o jeito, hem, "Ge". Não vi seu primo, mas deve estar com ela! E pelo que vi, ela cuida muito bem dele. Agora não sei se ele pirou e mordeu o pé da menina, ou se é outro menino que ficou louco. — Contara Shoiú, deixando Gewitter de olhos arregalados.

— O que você disse? Aquela mulher lá dentro é Jäger, como pode? Não pude perceber, estava em minha frente! Devo ter ficado

tão impressionada com a filha dela chorando que não percebi. Se estão aqui, podemos ir arrumar nossas armaduras! À noite quando ela estiver mais calma, eu me apresento. — Falara impressionada esperando o retorno de Imi para que finalmente fossem procurar o ferreiro.

Ao voltar junto das amigas, Imi seguira com as demais até o ferreiro da cidade. Entrando pela porta, foram recebidas por um anão mal encarado que ficara de boca aberta ao ver as três jovens em sua loja. Perguntando para o homem baixo e sem cabelos, Shoiú aproveitara de seu belo corpo para conseguir o que queria e, estalando os dedos chamara a atenção do homem, começando a conversar com ele:

— Olá, homem. — Debruçara a asiática no balcão se aproximando o suficiente para embriaga-lo com o aroma de seu perfume. — Poderia fazer um favor? Chegamos hoje à cidade e precisamos restaurar e melhorar nossas armaduras, você poderia nos ajudar? — Terminara passando o dedo no queixo barbudo do anão.

— M-M-Mas é claro, nobre senhoritas! Ficaria honrado em fazer o que pedirem a esse humilde servo. Entretanto não poderei arruma-las se forem armaduras mágicas. O alquimista de Bahr Araml não vem à cidade há vários dias. Preciso de suas gemas para encanta-las! Se não me engano uma jovem irá até a cidade, caso queiram aproveitar para irem juntas, ela está hospedada no Gato Cinzento. — Balbuciara o anão não tirando os olhos em nenhum momento dos seios à mostra da jovem oriental debruçada a sua frente.

— Essa jovem por acaso seria a senhora Jäger, a elfa? — Indagara a jovem arrumando os seios.

— Sim, ela mesma. Irá com os quatro filhos pelo deserto, talvez ainda hoje! — Confirmara ainda olhando os peitos orientais.

Puxando Gewitter para perto, Shoiú abriu suas roupas deixando a jovem loira parcialmente nua. A mesma sentira os dedos da amiga começar a mexer em seu clitóris e receber mordidas nos seios.

— Você saberia o nome e como são os filhos da senhora Jäger? Caro senhor anão, minha amiga quer gozar! Se o senhor puder nos falar os nomes, ela pode deixar que bebesse seu gozo. — Sem tirar os olhos das meninas, ele pega os papéis marcados com os nomes e medidas das crianças e entregara para Shoiú.

Com um estalo de dedos o velho gordo desmaiara atrás do balcão.

Pegando os papéis Shoiú rira, falando:

— Nunca foi tão fácil enganar um imbecil desses. Com uma leve sugestão já caiu em minha hipnose! Homens imbecis e escrotos! Bom meninas, esses são os nomes das crianças que irão com Jäger até Bahr Araml. Vejamos, olha só uma amiga perdida nesse deserto, Ikiru Kibo; quinze anos, um metro e cinquenta de altura, quarenta e cinco quilos. Outra é Hope Glaza, deve ser a menina chorona. Tem um metro e trinta de altura e trinta e dois quilos. É, deve ser a *magrelinha* mesmo. Outro é Aluin Kalt, aí seu primo "Ge". Um metro e quarenta de altura e quarenta quilos, outro *magricelo*. Vejamos o outro é Allis Heliga, Allis Heliga? Puta que pariu! Não pode ser! Um metro e quarenta e cinco de altura e quarenta e sete quilos. Puta merda! É ele *mesmo*. Eu não acredito! Se for ele estamos ferradas.

— O que foi, Shoiú? Sabemos que Aluin está bem só precisamos segui-los e o que tem esse Allis? — Indagara Gewitter vendo as folhas e passando para Imi.

— Esqueceram? Esse é o menino que eu sacrifiquei em nome de Milkar! Se ele está aqui, junto do Aluin, aquela menina deve ser a outra criança que precisávamos matar. Que coincidência absurda, só pode ser coisa planejada isso. Merda, merda, merda, merda! Impossível Milkar estar aqui. Precisamos ficar atentas, eu preciso mudar meu rosto! E ele não pode me conhecer. — Shoiú saltara o homem desmaiado e procurara outros papéis, achando lista de runas que Jäger precisaria comprar.

— Veja, ela deve saber que corre perigo, isso são runas e pedras mágicas! Poderíamos cria-las facilmente com gemas comuns. É só encanta-las! Mas se a morfética estiver no menino, ela vai nos perceber. Vamos tentar segui-los, poderemos ajuda-los e ficar de

olho se Milkar está possuindo o menino ou não. — Todos ficam apreensivas, essa ideia as atormentava.

— Primeiro preciso modificar meu rosto. Que merda! Ainda bem que viemos aqui. Vai ser melhor outra pessoa fazer a mutação, Imi, lance o feitiço em mim. — Com um leve balançar de dedos Imi lança um feitiço modificando o rosto de Shoiú que agora, parecia uma jovem de quinze anos e vários quilos mais magros.

— Obrigado, fiquei mais lindinha, hem? Vamos talvez Jäger já deva ser acordado e ido, uma mãe faria tudo pelos filhos!

Ao abrir a porta, uma grande quantidade de pessoas estava reunida em volta de uma mesa ao centro do salão. As três se aproximaram e viram um jovem todo sujo e rasgado, deitado recebendo os cuidados de Jäger e Kibo. Sobre a mesa um menino tendo convulsões, que Hope e Allis seguravam as pernas e braços para que o menino não caísse no chão, um bardo assoprava sua flauta para acalmar e mantê-lo sobre controle. Com a grande confusão ninguém repara nas três jovens.

— “*Suimin*<sup>8</sup>”. — Disparara Shoiú com as mãos para o alto.

Imediatamente todos caíram no sono no mesmo lugar que estavam. O menino que se debatia se mostrava um menino magro, todo rasgado e respirando ofegante. Aproximando dele ficaram o observando enquanto Imi colocava as crianças desacordadas sentadas em cadeiras.

— Está pior que criança hoje em Shoiú? Já usou quantas vezes esse feitiço? Quatro vezes? — Zombara Gewitter.

— Mas olha só que filha da puta! Além de tentar ajudar recebo isso? Cuidado loira, posso usar esse feitiço pela quinta vez hoje, hem. — Respondera rispidamente Shoiú.

— Vamos Imi, me ajude. Vamos entrar na mente desse fedelho encardido. Vamos ver se a morfética Milkar está no Allis! — Falara Shoiú pegando Allis e o colocando nos ombros.

— Mas eu pensei que ia ajudar esse outro aqui. Vai deixa-lo assim? — Questionara Imi.

— Que ele morra, Imi! Eu estou preocupada com Milkar, não com um garoto pervertido que quer transar com a irmã. — Retrucara

Shoiú deitando o menino no chão e, com a boca, cortara seu dedo e faz símbolos de selamentos em volta de Allis.

— E se Milkar saiu dele e entrou nesse outro aqui? Ele parece muito mais possuído por um demônio que esse menino que está com você. — Apontara essa questão plausível para Shoiú.

— Milkar não entra em qualquer corpo. Ela é um ser do mundo dos mortos, a menos que ela esteja viva entre nós, aí faria isso. E acredite! Isso sim seria uma merda foda. Ela não é forte o suficiente para entrar em uma alma que não esteja dividida ainda. E esse aqui, eu quebrei a alma dele em pedaços. — Continuara a criar selos no chão e por todo corpo do menino.

— E que diabos está fazendo com o Allis? — Perguntara Gewitter agachando ao lado de Shoiú.

— Vou mata-lo lógico. E destruir o corpo dele. — Respondera a necromante com olhar frio.

— Você vai matar esse menino aqui? Está louca!? Acho melhor escolher outra saída, menina. Eu não vou permitir que mate mais ninguém, ainda mais por causa de Milkar. — Ameaçara Imi com as mãos em chamas.

— Espere Imi, Shoiú vai arrumar outro jeito, não vamos perder a calma gora, por favor. Você dará outro jeito, não é, Shoiú? — Interrompe Gewitter entrando no meio das duas.

— Tudo bem, posso realocar a alma dele ao normal. E ver se é apenas a dele que vive nesse corpo. E ai, veremos o pervertido ali, tudo bem? — Concordara Shoiú sem querer mais problemas.

Com o fim dos selamentos, Shoiú ainda de joelhos, sobre o menino, começara a cantar o feitiço. Mordendo a ponta do dedo do garoto, pegara seu sangue e fizera selamentos invisíveis em seu corpo, sobre os que já tinham sido feito usando seu próprio sangue. Levantando-se com Allis nos ombros, colocara-o perto de Hope.

— Está tudo bem com esse ai! Milkar não está nele, talvez esteja dentro desse *pervertido incestuoso* aí mesmo. Vamos, senhoritas, precisarei da ajuda de vocês aqui, fiz muitos “*nenéns*” dormirem hoje. — Repetira o mesmo processo, dessa vez utilizando o sangue de Imi.

— Agora se segurem. Vamos entrar nos piores traumas desse malandrinho. Precisaram me ajudar a ver o que está acontecendo com eles, já que a ideia foi de vocês duas! — Com as três jovens feiticeiras de mãos dadas, as mesmas adentram no pesadelo de Thomi.

— Estamos vendo, como se estivéssemos nas peças de teatro das ilhas antigas, vejam só! Aqui parece que ele está perdido de amores por um menino. — Apontara Shoiú.

— Esse é meu primo, pelo menos parece com ele. Estão se beijando e felizes, não pode ser isso que o fez ficar pirado. Eles até combinam! — Responde gentilmente Gewitter.

— Aqui ele está sendo violentado, inúmeras vezes e por dois homens. Vejam! Tem um grande homem negro o desejando. Ele está ao lado da irmã. E também está sofrendo junto e vendo Aluin em uma situação terrível. Isso é abominável, esse menino sofreu muito! — Imi estava aterrorizada com o sofrimento de Thomi.

— Vejam, ele está sendo apedrejado e protegendo a magricela! São novos ainda, e mesmo assim sempre a protegeu. Olhem só a carnificina que esse moleque fez. Esse é dos meus! Ainda por cima tenta cortar os pedaços para come-los. Gostei desse menino! Olhem, ele está comendo o pé da irmã, mas com varias idades diferentes, isso só pode ser a vontade dele, não é possível que tenha devorado os pés dela tanto assim! Que eu saiba o pé dela não é rabo de lagartixa. — Dissera Shoiú rindo e contente de saber que o menino, no fundo, era igual a ela.

— Aqui deve estar o problema! Ele está possuído, mas não por um demônio, e sim por ele mesmo. Está possuído por todo o sofrimento e ódio em seu coração. Esse menino nunca teve paz na sua vida! Tentarei acalmar esse espírito atormentado, talvez assim volte ao normal. Não o selarei, talvez ainda possa precisar desse ódio reprimido. — Imi dissera prontificando-se. — Vou deixa-lo apenas com pensamentos calmos, se importa se eu deixar ele feliz com seu primo e as partes felizes com a irmã? Vou remover os estupros e violências que ele viveu por um tempo. — Pergunta à Gewitter, ganhando o aval da mesma.



— Ei, vejam! Esse danadinho pervertido está sonhando, mas ele sabe que estamos aqui, vejam nossos reflexos ali. Eu amo esse moleque perturbado! Quem sabe, comemos uns pezinhos por ai juntos num taverna clandestina? Ele tem bom gosto! Talvez seja o pé do seu primo ou da irmã dele, quer dizer não comer, “comer”, dar umas mordidas juntos. É brincadeira “Gege”, não faça essa cara!

— Sim! Claro que é brincadeira, não é? Como se eu não te conhecesse, sua maluca de olhos puxados. Está pronto. Imi já acabou. Vamos para nosso quarto arrumar nossas coisas para viagem. — Sugerira desanimada.

Saindo da mente de Thomi, as três subiram as escadas quando viram no corredor um menino de cabelos longos balançando pra frente e para trás e, em sua volta uma poça de sangue aumentando. Correndo na direção do menino Gewitter segurara os pulsos, com grandes cortes. Ele não tinha forças para se livrar da jovem loira. Shoiú, agachando-se, pegara os braços do menino e passara os dedos, selando o profundo ferimento e cessando o sangramento.

— “*Suimin*”! Viu? Usei pela quinta vez! Agora vamos *Ge*. Deixe-o dormir, ele não vai morrer. Se ele morrer eu trago ele de volta, olha que ótimo! Logo os amigos acordarão e virão atrás dele. Não podem saber que estamos os salvando. Não podemos, por enquanto, que saibam quem somos. Seria ótimo que pensem sermos só turistas. — Shoiú precisara puxar Gewitter que não queria deixar Aluin daquele jeito. Já no quarto, juntas, arrumaram suas roupas e mantimentos para a viagem até a capital. Pediriam assim que possível, para participar da grande caravana de Miur e Jäger.

Com a volta de Filpain ao Gato Cinzento, o bardo encontra seus amigos desacordados em seu salão. Correrá, para acordar Miur e a esposa e depois as crianças. Desperto, subiram as escadas que levavam aos quartos e encontraram Aluin desacordado e ensanguentado, seus pulsos não estavam cortados. Todo o dia se tornara um verdadeiro enigma para todos tentarem resolver.

— Mas que coisa, hem? Ainda bem que eu os encontrei não foi? Se não fosse por mim, o que seria de vocês? Pensou que o invés de mim, se fossem as três frágeis jovens e *inocentes, lindas,*

*delicadas, maravilhosas, exuberantes, charmosas, cheirosas, estonteantes, estonteantes, inebriantes, hipnotizantes...* Ei, aonde vocês vão? Esperem! Ora bolas, que pressa toda é essa? — Filpain não conseguira parar de elogiar a beleza das jovens hóspedes, não vendo que seus amigos estavam de costas para ele e ao redor de Thomi que retomara a consciência e tentava falar com Hope.

— Já disse que não sei o que houve! Depois de ficar preso naqueles pesadelos terríveis, eu não sei como vim parar aqui. Lembro apenas de morder essa magrela, mas eu nunca a machuquei. Ela também nunca reclamou! — Explicara Thomi sentado na mesa com dores em sua cabeça.

— O que? Você sempre machucou essa magrela! Opa, sempre me machucou. E eu tentava fugir sempre, mas com o pé nessa sua *bocôna* cheia de dentes aí, não dava né! Ei, não precisa chorar assim também, me dá um abraço, eu sei que foi sem querer. Sei que sou irresistível! — Dissera a menina abraçando e perdoando o irmão. O momento fora respeitado por todos, deixando-os sozinhos.

— E você, o que aconteceu? Esse sangue todo de onde apareceu? Vamos Aluin, isso precisa parar! Se cortando, não vai terminar com seu sofrimento. Somente vai aumentar o sofrimento de todos que se importa com você. Agora para com isso, respeite que todos aqui se importam com você. Jäger está acabada graças a essa sua estupidez. Seus amigos e eu não aguentamos mais essa insistência em nos fazer sofrer! — Sem perceber, todos estavam atrás de Miur, ouvindo o sermão dado em Aluin.

Olhando para trás, Miur percebera que todos concordavam com o que dizia, apesar de saber que tinha sido duro com as palavras. Acertando-se, ele tentara animar o menino, porém conseguira apenas deixar todos envergonhados.

— Veja essa magrela de olhos grandes, ela se preocupa com você também, não quer a fazer chorar, não é? — Hope ficara envergonhada com as mãos atrás das costas fazendo círculos imaginários com os pés. — E não se esqueça de que eu trouxe Thomi de volta. Acho que talvez precisem ficar sozinhos para conversar e se acertarem, quem sabe role alguns beijos ou essas coisas? Soube também que Allis, Hope e Kibo também precisam de

um tempinho juntos. E claro, eu e Jäger vamos ter um tempo só nosso hoje. Não tentem nos incomodar de jeito nenhum, até amanhã! Bahr Araml pode esperar por mais algumas horas, aquelas pedras não vão fugir.

— Vamos magrelinha de olhos grandes, vou dar um banho em você, está precisando. Nesse outro magrelo aqui — Dissera abraçando Allis. — vou esfregar com uma pedra e quem sabe cortar seu cabelo! O que foi? Vocês ouviram o Miur, *ordens* dele. Vamos ficar com seu quarto, preciso ensinar como beijar e “*muuuuitas*” outras coisas pra vocês magrelos. Vocês dois — Dissera apontando para Thomi e Aluin — fiquem no meu quarto. Tomem banho antes de qualquer coisa, seus “*fedidinhos*”. Têm sais de banho no quarto aonde vocês vão. E vamos ver se esse pezinho da Hope é tão bom mesmo! — Agarrando a dupla, arrastara-os até o quarto. Ambos extremamente rubros.

Thomi ficara em pé, encabulado. Estava sujo e cheio de ferimentos. Sentando ao lado de Aluin e colocando a mão sobre a dele, ambos se olham por um tempo em silêncio com as cabeças encostadas umas nas outras. Concordando mudamente, levantaram-se e foram para o quarto. Escutaram pela porta de Miur e Jäger os dois brincando e jogando água um no outro. Passando pela porta de Hope, ouviram a risada inconfundível de sua irmã.

Ao entrarem na porta seguinte, deram de cara com as três jovens feiticeiras.

Shoiú maquiava-se nua sentada em uma penteadeira, Imi meditava sobre a cama e Gewitter se banhava.

Assustados, fecharam a porta, ficando um instante parados, envergonhados do lado de fora. Olhando-se, de mãos dadas, andaram rápido e de cabeça baixa até o quarto que era de Allis e Kibo. Fechando a porta, Thomi encostara Aluin na porta, com os dois braços ao lado da cabeça, encarando o menino envergonhado. Aluin, segurando o cotovelo esquerdo com a mão direita, mirava seus pés por um tempo até enfim se beijarem de leve, depois se consumindo com apetite. Ambos estavam sujos e precisavam se banhar, despindo-se, entraram na banheira enquanto se beijavam e se tocavam. Parando, Thomi então ficara observando Aluin.

— Sabe, gosto muito de você. Desculpe se fiz alguma coisa ruim para você. Eu geralmente faço isso com tudo que eu gosto. Não queria que me odiasse, devo ter feito algo ruim pra você, só que é muito educado para me falar!

— Eu amo você, seu bobo, há muito tempo. Acho que nós nos completamos nos nossos defeitos. Também destruo e afasto todos de mim. E veja só, estamos juntos agora, um pouco magrinhos e encardidos, mas juntos! — Selando com um beijo a desculpa concedida a Thomi, Aluin o abraçara, descansando na água quente cheirando a rosas.

— Gostei desse Miur, hem. Puta bronca que ele deu no Aluin! Convenhamos que seu priminho é perturbado. Estou gostando do elfo, quem sabe ele empresta a "*elfinha*" dele pra gente, né "*Ge*"? — Rindo, Shoiú dera um tabefe nas nádegas ainda molhadas de Gewitter, que concordando beija a jovem oriental borrando sua maquiagem de propósito.

— Vocês duas sosseguem por um minuto. Estou sentindo muita coisa ruim nos próximos dias! Preciso andar para espairer. Ainda é cedo. Caso queiram me acompanhar estarei lá fora. Vou pegar algo para comer e sairei. Até mais!

Descendo as escadas, Imi passara pelo salão e fora até a cozinha ver se poderia comer uma fruta. Em seu caminho escutara um homem conversando de forma enérgica em uma sala próxima.

— Largue a mão de ser besta, aliás, vocês dois! Agora que conseguem ficar em pé querem fazer uma loucura dessas? Uma viagem dessas é loucura! Miur sabe se defender, e Jäger também. Agora dois acabados como vocês, só atrapalhariam. Agora durmam. Eu não quero saber quem é o novo sultão. Essa poção vai ajudar a ficarem bem melhor. — Dissera o bardo, o dono no Gato Cinzento, para dois homens acomodados em leitos improvisados.

Imi esperara que o bardo saísse. E mexendo os dedos, lança um feitiço para restaurar os inúmeros ossos quebrados. Curar não ossos não era sua especialidade, porém calcificara novamente as fraturas.

Continuando com sua caminhada, pegara algumas frutas na cozinha.

Ao sair pela porta dos fundos, passeara ao redor do Gato Cinzento, sentando em um banco para apreciar a bela visão da rua longa serpenteando por toda decida até o porto.

O oceano calmo, refletiam as estrelas e o início do ciclo de lua cheia, enquanto embarcações cruzavam o reflexo lunar. Apesar da calmaria e da brisa refrescante, o coração de Imi estava pesado; seus sentimentos ruins trazidos pela meditação a atormentava.

Já estava amanhecendo quando Imi se levantara e volta para o quarto. Passando em frente o quarto de Hope, escutara risos através da porta, resolvendo bisbilhotar.

— Já li bastante desse livro pra você, sua magricela! Não sei ler todas essas letras aí. Só entendo algumas coisas escritas. Vamos dormir, vai! Allis já dormiu faz tempo ali. E olha que nem ganhei um beijo e nem mordi uns dedinhos aí que fiquei de morder. — Reclamara Kibo sonolenta.

— Kibo, você me ensinou os feitiços, "*Feuersturm*", "*Apokalypse der Flammen*", "*nayazak allahab*" e "*kurat narian*". Como recompensa vamos fazer assim pode me beijar e me morder até a areia da ampulheta acabar. Depois me ensina mais quatros feitiços. O que me diz? — Imi não vira, mas imaginava que Hope dissera isso com um sorriso sapeca no rosto. Apesar de conhecer todos esses feitiços, achara pouco provável uma criança aprender e saber usar tais feitiços.

Escutando ainda atrás da porta, Imi ficara feliz de ainda poder ver a felicidade de alguém jovem. Estava intrigada para ver o que as meninas faziam. Agacha para ver pela fechadura e, arrumando o ponto certo enquanto segurava a risada, vira as duas meninas tirando a roupa e conversando.

— Olha só, você é bem rosinha, hem? E parece que o banho ajudou bastante a deixar seus dedinhos rosas, que lindinhos! Venha sente no meu colo, primeiro queiro quero ensinar a beijar. Eu vi você olhando pro Allis, gosta dele, né? Não tem problema ele é bem lindinho! Vai precisar usar a língua quando beijá-lo. Então vai ter que usar agora para aprender. — Hope concordara com a cabeça, sentando-se de lado no colo de Kibo.

Os lábios se tocaram e aos poucos se abriram dando passagem para

as línguas se encontrarem. Ambas as mãos contornavam os corpos enrijecidos de prazer e do frio noturno do deserto.

Colocando as mãos no meio das pernas de Hope, sobe fazendo a menina arregalar os olhos no meio do beijo, logo se rendendo ao carinho de Kibo. Deitando-a com jeito, Kibo tivera como o alvo de seus beijos os pequenos seios que, ao toca-los, Hope se rendera novamente. Ainda descobrindo esse sentimento, sentira a língua úmida seguir pelo corpo e atingir a vulva, enquanto mexia com a língua nos grandes lábios e clitóris de Hope, masturbava-se com uma mão, apertando o bico dos seios de Hope com a outra. A menina inexperiente, sentia essas sensações pela primeira vez, contorcendo-se segurando os lençóis. Remexendo-se toda, observara sua amiga retribuindo o olhar satisfeito e prazeroso.

A ampulheta havia esgotado sua areia há muito tempo quando Hope sentira seu primeiro orgasmo. Tremia e não sabia o que sentia, apenas se sentou olhando assustada e ofegante para Kibo. Sua amiga ria chegando ao orgasmo juntas, o rosto vermelho e suado de Hope, apesar do frio, fizera Kibo rir e perguntar:

— O que foi? Vai me dizer que nunca brincou assim? Não me diga que foi sua primeira vez comigo? E olha só gozamos juntas! — Rindo, Kibo beijara Hope que fica sentada com as pernas abertas olhando para a amiga.

— Kibo, vou ter um filho seu agora? — Kibo apenas gargalhara a puxando para mais um banho, já que uma vez para Hope era o suficiente para deixa-la exausta.

— Claro que não sua boba! Só quando um menino “brinca” com uma menina eles engravidam. Talvez não saiba, mas se precisar usar seu poder, ficará mais forte!. Onde morava a feiticeira local, a senhorita Shisha no Josei, sempre “brincava” quando precisava usar os poderes. Ela sempre “brincava” viu, Hope. Trabalhei na casa dela, até ser sequestrada há alguns anos. — Explicara Kibo dando outro banho em Hope sentada em sua frente na banheira.

— Então Thomi e Aluin não terão filhos também né? Eu me senti estranha, foi bom, só que me deu um sentimento esquisito. Sempre será assim? — Perguntara Hope virando a cabeça de ponta cabeça, sem virar o corpo para Kibo.

— Olha, se Thomi conseguir ter um filho com Aluin, será incrível! Quanto mais praticar essa brincadeira sozinha mais vai gostar, se sentirá melhor cada vez mais. Agora vamos dormir, o dia foi difícil pra nós duas.

Imi, voltando para seu quarto, escutara gemidos indecifráveis. Não tinha dúvidas que apenas Allis havia dormido. Dentro de seu quarto, suas amigas dormiam nuas e abraçadas. Colocando uma roupa mais confortável, deitara-se junto a elas.

Adormecendo, esperara para a grande e longa viagem até a capital.

## 21 REINADO PAVOROSO

Ao amanhecer, Filpain estava reabrindo o salão após a grande reforma. E assim que as portas se abriram, o Gato Cinzento se encheu de visitantes e turistas para a competição de espadachins. Esse fato, o fizera se esquecer de acordar seus amigos para a viagem antes do Sol quente da tarde.

Os primeiros a se levantarem fora o casal élfico, Jäger e Miur, que desceram ao salão sorridentes, admirando o número de pessoas. Depois fora a vez de Thomi e Aluin que acordaram usando roupas leves e confortáveis. Os dois ficaram distantes o máximo possível de qualquer pessoa. A quarta a acordar fora o Hope que, falando alto e puxando seus amigos ainda sonolentos pelo corredor, anunciara seu despertar.

— Ei, não seja bobo Allis, não tenho culpa que dormiu enquanto a Kibo ensinava nós dois a ler o livro! Se tivesse repetido comigo tudo que ela me ensinou teria brincado com nós duas, seu bobo. — Debochava do amigo despenteado e com muito sono. Ele parecia muito mais cansado que todos, mesmo sem ter feito nada.

As últimas a saírem foram às três feiticeiras, mas de propósito.

Ficaram ao longe apenas observando tudo e a todos.

Imi observava Hope, Gewitter espiava Aluin e Kibo comendo com grande gula. O trio mágico não levaria nenhuma bagagem para a viagem, apenas guarda-chuvas e uma grande quantidade de água congelada com ajuda de Shoiú. Miur e Jäger comeram e esperaram que todos terminassem sem pressa. Após o desjejum, reuniram-se para quem realmente gostaria de ir a capital Bahr Araml.

Com todo o grupo junto Miur perguntara o que poderia estar acontecendo em Bahr Araml, onde enfrentaram um sonho horrível sobre o fim de Amir.

Preocupado tentara conversar com as crianças e explicar como seria perigoso para eles.

— Crianças, se o que passamos no feitiço de Filpain possivelmente é real, ou parcialmente real, a cidade não é segura!



Temo pela segurança de vocês, talvez eu vá sozinho para descobrir como está e depois vocês vão. Nem mesmo Jäger precisaria ir sem que eu tivesse certeza!

— Eu preciso ir ver o que aconteceu com o tio Amir. Não posso deixar ele se machucar com essas mentiras que contaram dele! Eu e o Thomi nunca fomos machucados por ele; sempre nos tratou muito bem. Aquele homem malvado do Khayin é quem não presta. Eu vou de qualquer jeito! Quem mais vai comigo? — Reclamara Hope frente da ideia de ser perigoso.

Ninguém parecia querer ir junto com Hope e Miur, deixando a menina irritada com seus amigos. Ela queria que todos fossem juntos, mesmo que fosse perigoso.

— Escuta, sua idiota, não vê que todo mundo pode morrer por *seu* capricho? Eu não vou. Não permitirei que Aluin vá também! — Thomi dissera pegando no braço de Aluin reclamando por não conseguir andar muito rápido com o vestido que estava e saindo batendo a porta. Em seguida foram para a rua sem rumo certo.

— E vocês dois vão comigo, não vão? Eu não sou mais fraca, você me ensinou a ler esses feitiços, agora eu posso me defender. Flammen já me ensinou no sonho também! — Reclamara Hope apontando para o livro que carregava.

— Ei, esse livro é o de Flammen, minha irmã? Eu a ajudei escrever esse livro. O Miur lia rindo; para ele parecia só palavras soltas. Cuidado com isso mocinha, se ele está com você, de alguma forma ela *queria* que chegasse a suas mãos. Não se esqueça, esse grimório é muito poderoso e como sabemos, Flammen morreu usando ele! — Jäger dissera se levantando e indo até a Hope falando sobre o livro. Deixando-a muito preocupada após ser lembrada da *morte* de Flammen. Hope *podia* ter o mesmo fim que ela.

— Olha, *magricela*, acho que não entendeu. Eu não proibi que você vá, só estou avisando que *pode* morrer, só isso. A escolha é *sua*. Perdi minha filha por não querer ela junto e depois Eis arrumou um jeito de morrer, indo escondida para a batalha. Por mais que isso doa dizer, agora entendo que ela morreu; isso sempre me

assombra. Claro que pode ser só um sonho e Amir nos receberá de braços abertos!

— Vocês dois, Allis e Kibo, se quiserem vir, serão bem vindos. Arrumem suas coisas, eu e Jäger iremos alugar dromedários para todos. Até daqui a pouco. — Saindo pela porta, Miur e Jäger seguiram até o estábulo mais próximo alugar os dromedários.

Entreolhando-se Allis e Kibo aceitaram seguir Hope. Foram até os quartos e começaram a se aprontar.

Hope vestira a antigo robe de Flammen e pega seu cajado, enquanto Allis ajudara Kibo preparar suprimentos e água para atravessar o deserto. Estavam realmente preocupados com a viagem para a capital depois de pensarem calmamente.

Enquanto Hope estava sozinha saindo do seu quarto, uma jovem oriental trombara com ela, caindo no chão e chorando. Estava com roupas floridas muito coloridas, chamando a atenção fácil da menina que fora ajuda-la. Em pé a jovem oriental chorara agradecendo a menina:

— Obrigado, senhorita. Sou nova aqui nessa terra. Eu e minhas amigas nos encontramos, mas não sabemos como chegar a capital! Queríamos tanto ir... Desculpe trombar com a senhorita. Preciso achar alguém que possa nos ajudar a chegar Bahr Araml. *O que será de nós três?* Jovens e sem saber como chegar até lá! Como gostaria que alguém pudesse ter um bom coração para nos guiar... Justo nós três, conhecedoras de inúmeros idiomas e de grande sabedoria. — Dissera de forma teatralizada, forçando um choro falso.

— Desculpe, senhora. Eu não queria te derrubar! Estamos indo para Bahr Araml, e meus amigos estão me esperando. Você disse que está querendo ir lá também, por que não vem junto? Será legal que nos acompanhe, eu não conheço o caminho, mas meus amigos adultos nos levarão! Onde estão suas amigas? — Desculpara-se oferecendo ajuda enquanto seguia pelas escadas conversando com a jovem oriental.

— Elas estão lá fora com os dromedários selados nos esperando. Vamos então! — Concordara a jovem rindo sem nenhum sinal de choro.

— Eu vou com meu Babão. Meus amigos também vão com bichinhos alugados!

Atravessando o salão apinhado de pessoas comendo e bebendo, ambas chegaram até as duas companheiras da jovem oriental. Hope as conhecia do dia anterior, haviam a consolado e mostrado seu Babão a elas. Ganhando um grande abraço da jovem de cabelos azuis, enquanto da jovem loira, apenas um pequeno tapinha na cabeça.

— Essa jovem linda, generosa e bondosa ofereceu auxiliarnos até a capital dessas terras quentes de Bahr Araml! Não será *ótimo* ter ela como companheira? E seus amigos onde estão, pequena donzela?

— Olhem ali, aqueles dois montados nos bichinhos e com outros dois atrás, são Miur e Jäge, indo lá no fundo do Gato Cinzento. Lá estão Kibo e Allis, vamos nós cinco até lá! — Explicara feliz Hope puxando as garotas pelas mãos.

— Só vocês cinco? Mais ninguém? — Questionara a jovem loira.

— Sim, só! Thomi aquele chato não quer ir, não deixou o *amor* dele, Aluin ir junto. Acredita que me trocou pelo *namoradinho*? — Com um grande bico de ciúmes Hope imitara a voz de Thomi ao falar.

— É mesmo que Thomi e seu namorado Aluin não vão? Nossa! Me lembrei, não poderei ir com vocês. Até mais, beijos. — Dissera Gewitter se virando e entrando no Gato Cinzento, deixando Imi e Shoiú olhando espantadas e Hope acenando.

— Sobre seus amigos lá atrás, como disse que chamam mesmo, linda princesinha? — Shoiú estava intrigada.

— Allis, um menino magrinho, e a Kibo, uma menina de olhos fechadinhos, bem parecidos com os seus, moça!

— Kibo, é? E Allis, que coincidência não é Imi? Imi e *Shoi*, seguindo com o grupo de Hope até Bahr Araml! — Disse Shoiú olhando atentamente para Imi.

— Entendi o que disse, senhorita apenas *Shoi*. Vamos nos apresentar a todos e agradecer a eles por mostrarem o caminho.

Uma pena Gewitter não poder ir em cima da hora não é mesmo, “*senhorita apenas Shoi*”?

Com a menina saltitando, chegaram até aonde os dromedários eram carregados. Todos até mesmo os animais olharam para a menina gritando feliz na grande porta dupla. Hope estava com duas estranhas, e logo Miur e Jäger foram em direção a elas para conversar, enquanto Kibo e Allis continuaram arrumando as provisões nos animais.

— Olá, caros senhores, sua filha ofereceu gentilmente, *com a incrível bondade que tem no pequeno coração*, para que acompanhássemos vocês até a capital. Sou *Shoi*, muito prazer! — Reverenciara agradecendo com um grande sorriso.

— Minha filha, convidou vocês para ter uma *possível morte terrível*, nos acompanhando a Bahr Araml. Mas essa danadinha, *hem!* Pensou se alguém que está tentando nos matar e te enganasse? A danadinha, vem cá! — Miur pegara a menina, colocando-a de baixo do braço como uma coberta enrolada e a coloca sentada no Babão. Hope somente então percebera que poderia ter colocados eles em perigo.

— Desculpe o Miur, ele está só brincando! Sou Jäger, a mãe das crianças. Sobre o perigo da capital, possivelmente seja real. Talvez não acreditem em magia, mas passamos por um feitiço e vimos coisas horríveis acontecendo por lá. Precisamos ir, mas realmente não queremos ir!

— Não se preocupe, tentaremos cuidar de nós mesmas, não ficaremos no caminho. Sou Imi e seguiremos vocês sem dar trabalho. Podem confiar; nossos dromedários estão aqui também!

— Estamos terminando de nos arrumar e vamos seguir viagem. Iremos seguir apenas durante a noite e, em três dias chegaremos lá. Como está quase anoitecendo, estamos indo. Pode ser mais perigoso enfrentar o Sol que os possíveis ataques noturnos. Vocês precisam de alguma ajuda ou estão prontas também? — Oferecera Miur.

— Não, obrigada! Vamos indo. A noite é uma criança para nós. Será uma honra seguir com vocês! Nossas coisas já estão nos

nossos dromedários. — Terminara de falar Shoiú que, saltando subira em sua montaria. Logo sendo imitada por Imi.

Atravessando a cidade rumo a capital, a única feliz era Hope na comitiva de sete dromedários. Ao atingir a ponte mostrando o final de Verdeeld Eiland, a cidade recebia inúmeros visitantes vindo do sul. Miur, no entanto, seguia na contramão com sua equipe.

Aluin e Thomi se beijavam sentados na arquibancada do anfiteatro onde as batalhas aconteceriam. Com inúmeros fogos de artifício e grande quantidade de pó colorido jogados no ar por toda arquibancada, deram início a celebração com dezenas de pessoas dançando e formando um círculo dentro do campo de batalha. Seria ali que os participantes seriam apresentados.

— Enquanto não começam a se matar, não quer namorar comigo lá embaixo, Aluin? Será rápido dessa vez eu juro. — Pedira Thomi com as mãos no rosto de Aluin que concorda rindo envergonhado.

Thomi embaixo da arquibancada com Aluin de joelhos, logo começara a pratica de felação em seu amado, fazendo com que ambos se esquecessem da cerimonia de abertura da competição. Gewitter que os seguiam, ficara os espiando, excitada, por entre as tábuas de madeira enquanto os meninos consumiam seus desejos.

— Em nome do nosso novo grandioso e iluminado sultão Khayin, declaro aberto o torneio de espadas! Lembrando ser proibidas armas que não sejam de madeiras ou que possuam magias. Tenham um ótimo espetáculo, com quatro lutas em todas as noites. — Anunciara o apresentador e prefeito de Verdeeld Eiland.

Em tempo de ver a primeira luta, Aluin e Thomi voltaram para a arquibancada assistir o início das batalhas sangrentas por glória e muito ouro. Apesar de as mortes serem raras, inúmeros curandeiros ficaram aos postos prontos para socorrer os lutadores.

A luta inicial acontecera com a campeã do ano anterior, Anne Luize, uma anã guerreira. Suas armas favoritas eram espadas duplas. Era careca e cheia de tatuagens pelo corpo, tinha fama de morar junto de um dragão vermelho. Sua oponente era a iniciante do país gelado de Nordreich, Kalinka Slavinka, uma jovem morena

de cabelos brancos trançados Sua arma estava embainhada em sua cintura; era uma arma típica do Kokyo.

Conhecida por suas habilidades incríveis com as espadas gêmeas, Anne entrara ovacionada, buscava seu tetra campeonato que era realizado de dois em dois anos.

Kalinka era notava e desconhecida, entrara calada olhando para a areia amarela, uma tática extremamente arriscada, com uma anã feroz armada sendo sua rival.

Chamando a atenção da plateia, Anne levantara suas espadas e as batiam no peito, tentando irritar sua oponente. Partindo para cima de sua oponente, desferira inúmeros ataques consecutivos na vertical, na horizontal e diagonal. Todavia, todos os golpes foram desviados por Kalinka apenas mexendo os pés. A cada desvio, irritava ainda mais Anne.

Cuspindo no chão irritada, fizera desdém com sua oponente, Anne, chamando-a para brigar apenas sinalizando com as mãos, não recebera ataque algum.

Explodindo de raiva, Anne atacara com mais força e mais irritada que nunca.

Kalinka novamente desviara apenas dando passos para o lado, sem sacar a espada.

Mais uma vez Anne cospe e jogara terra nos olhos de Kalinka desferindo mais golpes no ar.

A bicampeã fora vaiada e virara piada para a arquibancada; ao invés de aplausos viram risadas. A anã apela cuspindo em Kalinka e jogando areia nos olhos dela e, para sua surpresa, percebera que Kalinka havia fechado os olhos, não surtindo efeito o golpe baixo.

Com um sinal de cabeça vindo da arquibancada, Kalinka com apenas um saque de sua espada, fina e curva, atingira a nuca da guerreira. Fora apenas um golpe e Anne se desmanchara desacordada, imediatamente os curandeiros entram no campo de batalha e examinam Anne; estava apenas desacordada. A plateia atônita fica em silêncio absoluto, assistindo à demonstração de tal habilidade.

Aproveitando o momento sem barulho, Kalinka se pronunciara:

— Sabemos que está escondido nessa cidade Kalt. Iremos leva-lo de volta vivo ou em pedaços. Você e os traidores do rei Verräter! — Anunciara a jovem em seu idioma Nordreichem.

Poucos dentro do estádio entenderam, incluindo o alvo da mensagem. Enquanto Anne era carregada pelos curandeiros, Kalinka ficara observando a plateia ovacionando sua fala que não entendiam. Pensavam ser algum tipo de elogio ou agradecimentos. Aluin estava amedrontado, tentando fugir. Quando ia correr, fora puxado para sentar e em seu ouvido uma voz sussurra o alertando.

— *Fique sentado, existe pelo menos sete deles aqui te procurando. Espere até o fim do torneio para sair junto da multidão. Não podemos dar a eles sua localização, eles já devem ter espões em vários lugares, incluindo no Gato Cinzento. Agora haja normalmente!* — Sussurrara a voz feminina.

Thomi irritado es em entender a voz, tentara ataca-la com uma de suas lâminas. Sentindo uma dor muito grande, vira sua arma derreter. Apenas os olhos azuis ascenderam na escuridão proporcionada por milhares de torcedores aplaudindo entusiasmados.

— Espere, Thomi! Ela está nos avisando que corremos perigo. Estão anunciando que querem me pegar. Miur e Jäger também! Aquela lutadora disse isso, essa moça aqui disse que está nos ajudando. Fique calmo, por favor! — Aluin pedia calma com olhar aterrorizado, segurando o braço de Thomi.

— Você vai acreditar nessa mulher e não em mim? Deveria ter ido com Hope. Preferi ficar com você e veja como me tratou! Escolhe uma estranha ao invés de mim.

— Cale sua boca, seu verme! Eles não são os únicos querendo mata-lo. Agora cale a boca. Aluin, estão procurando um menino loiro, vou pegar mais desse pó colorido para você passar em seu cabelo. Não fuja, *por favor*, foi muito difícil achar você, meu querido. Estou muito feliz em te rever. — Mostrando-se para Aluin, a jovem loira acalmara seu primo que, quando a reconhecera, feliz, abraçara-a chorando.

— Thomi, ela é minha prima. Está do nosso lado. Pare de ser idiota! Se quiser mesmo ir com sua irmã, vá. Não me use de

desculpa para não ir até a capital, ou não ir com a magrela mimada. Assuma suas escolhas! Eu gosto de você. Só que não irei permitir que me trate mal ou me use como desculpas para nada. — Dissera Aluin assumindo uma posição forte contra as coisas que Thomi dissera.

— Desculpe, eu não quis dizer o que eu disse...

— Pois é, mas disse. Tome cuidado com as palavras, Thomi! Muitas coisas podem ser afetadas com palavras erradas. Fique comigo e me dê as mãos. Serei sua *menininha* agora. Eu sei que você adora isso. — Falara pegando na mão do namorado.

Em instantes Gewitter retornara com um saco de pó vermelho que rapidamente passara no cabelo de Aluin, enquanto todos olhavam para mais uma luta iniciada.

Agora Aluin tinha cabelos vermelhos e não mais amarelos areia clara. Encarando Thomi, Aluin o atizara.

— Que tal ficar com uma menininha ruivinha, bem *safadinha* hoje, hem? — Sussurrara Aluin com as mãos na calça de Thomi.

— Vocês dois, sosseguem um pouco! Já fizeram isso escondidos mais cedo. Sabem que não poderemos ficar por aqui. Precisamos pegar as coisas e sair da cidade. Talvez devêssemos ir atrás de Imi e Shoiú, seria uma boa. Agora vou pintar meu cabelo como o seu, é mais fácil passarmos por parentes se parecermos mais uma com a outra. Na luz do luar não irão notar a cor falsa. E seu vestido combinou com o vermelho.

Com o fim da segunda batalha, outra partida fora vencida usando um só golpe.

O silêncio mais uma vez se prevalece, outro discurso no idioma estranho a população dali, dirigia-se para o príncipe. Desta vez fora um guerreiro gordo, sem camisa que usava tranças sujas e amarelas que saíam de seu capacete com dois chifres, proferira outra ameaça eminente ao menino fugitivo:

— Escute, pirralho Aluin Kalt, não faço questão de levar você vivo, nem aquela *vagabunda* orelhuda. Vou *estuprar* ambos antes de levar apenas a cabeça sem carne para seu irmão. Dos dois! Cercamos a cidade, temos homens em várias saídas e vários lugares estratégicos. Seu fim está próximo! Guarde meu nome seu fedelho,



sou Prodivnoy. — Rugira o velho gordo, brandindo seu grade martelo de madeira.

— Ei, me explica o que está acontecendo. Já sabia que estão fugindo, agora me explique vai, o por quê. — Pedira Thomi, que não entendia nada.

— Escute Thomi, vai parecer invenção. Depois explico melhor, agora estou um pouco apavorado, não vou conseguir saber te explicar! Saiba que fujo do meu irmão. E ele me deu como prêmio para alguns homens *abusarem* de mim e no final me *matar*. Ele matou meus pais e, segundo as regras, eu seria rei em seu lugar. Por enquanto é isso que consigo te fala! — Contara a história apreensivo e sem olhar o namorado.

— Como é, mocinho? Você quer dizer que eu *comi* um rei, é isso? Um rei me *chupou*? Ah, corta essa! Você deve ter roubado alguma coisa e agora estão atrás de você. Só deve ser um *bandidinho* qualquer. — Rira desacreditando da história de Aluin.

— Cuidado com a língua, fedelho! Caso queira, posso tira-la para calar a sua maldita boca. — Dissera Gewitter agarrando Thomi e o levantando até encarar em seus olhos que saltavam raios de suas orbitas, logo o jogando sentado novamente.

— Melhor irmos, Aluin. Vamos pegar nossas coisas e fugir; é muito perigoso ficar no Gato Cinzento. Eles devem saber que você está por aqui. Precisamos saber quem deles é o rastreador. Vamos, agora. — A jovem agachara na frente de Aluin e implora que ele vá com ela.

— Vamos. Não devemos demonstrar estar fugindo! Vamos, Thomi. Pare de ser tonto. Ou ficará aí sozinho? Não tenho tempo *pra* ficar *te* agradando nesse momento. Venha. De a mão. Ou não quer mais ser *meu* namorado, no momento que preciso de você? Por favor, Thomi. Não me abandone agora, eu *amo* você, me ajude. — Quase ajoelhando-se na frente de Thomi, Aluin implorara para ser ajudado.

— Deixe esse sarnento aí. Sou mais que o suficiente para protegê-lo, se for necessário! Não gaste suas lágrimas por alguém que só *quer* sexo. Se dependesse apenas de mim eu mesmo acabaria com seu irmão. Infelizmente assim como você, também sou

uma fugitiva! Depois explico e você entenderá o porquê de todo o seu sofrimento.

Agora esse *merdinha* aí do seu lado, é o tipo de pessoas que te apedrejaria se pudesse! — Dando a mão para seu primo a seguir, Gewitter o levava deixando Thomi para trás sozinho.

Quando estavam saindo do grande anfiteatro, passaram pelas escadarias de mármore, seguindo uma pequena multidão que estava saindo. A maioria não gostara de ver três lutas acabando apenas com um golpe.

Em pé, na entrada, dois homens com armaduras ficaram entre as pessoas observando e procurando por Aluin. Assustado, o menino ficara paralisado sem saber o que fazer. E ao perceberem que ele havia parado, os homens com armaduras marcham em sua direção, lentamente subindo contra a maré de pessoas.

Aluin estava ofegante, paralisado, Gewitter tentara puxá-lo inutilmente.

Ela estava pronta para atacá-los, apesar de que chamaria muita atenção. Colocando o menino atrás de si, ficara esperando que chegassem perto para poder atingi-los chamando o menos de atenção possível.

Os soldados estavam a poucos metros da dupla ruiva quando Aluin fora agarrado e recebera um beijo de Thomi, que o erguera no ar em seguida. Falando alto em sua língua nativa, o *Richtian*, para que os guardas os escutassem.

— Hure! Eu estava atrás de você, desculpe por trazê-la nessa brutalidade! Sei que não gosta disso. Eu esperei a quarta luta terminar e vim. Vamos, ainda quero *namorar* muito no nosso navio! — De mãos dadas o casal passara pelos guardas sem problemas, enquanto Gewitter os seguia sem serem notadas em meio a grande aglomeração.

— Vocês poderiam falar para que eu entenda? Eu estou farto de conversarem sem que eu entenda! E tenho quase certeza que essa mulher me ofendeu. Assim que sairmos da rua, quero que me explique o que realmente aconteceu! — Reclamara andando, trombando e puxando Aluin pela mão até o Gato Cinzento.

— Será melhor para o disfarce mesmo falarmos igual a esse caipira. Leve apenas roupas de meninas, Aluin. Esse *rato* chamou você de Hure, não foi? Tudo bem será assim por enquanto. Ficarei com vocês até que se aprontem. Estando longe, explicarei tudo que está acontecendo! — Após uma caminhada longa e estressante, chegaram até o Gato Cinzento, onde subiram para os quartos arrumando seus pertences.

— Então, o que essa loira magricela vai fazer se aqueles lutadores nos atacarem? Vai pintar o cabelo deles também? — Rira Thomi desdenhando da ideia de Gewitter, servir como guarda costas.

— Pare de irrita-la, Thomi. Talvez você descubra do que ela é capaz do pior jeito! Estamos quase terminando, vamos ficar de bem, *por favor*. — Pedira esgotado de tanta pressão que sofria e ladainha de Thomi.

— E o que essa magricela vai fazer? Já disse! É melhor ficar aqui, eu protejo você! Seja lá o que for que você roubou. Não de ouvidos a essa imbe- — Thomi não tivera a chance de terminar todo insulto à Gewitter. A dois palmos do chão, com raios saltando de todo o corpo, esticara a mão de onde um raio saía de seus dedos, arremessando Thomi do outro lado do quarto, fazendo a parede tremer. Thomi tinha fumaça saindo de seus cabelos arrepiados. Correndo atrás dele, Gewitter pisara em seu pescoço, ameaçando-o.

— Seu rato sarnento, nunca mais ouse *me* insultar! Saiba que não pude usar poder o suficiente para *matar* você. Não posso usar mais que isso para não ser detectada! Desdenhe mais uma vez de Aluin ou de mim e farei se arrepender do que disse! Fui clara seu monte de bosta? — Gewitter pisava no pescoço de Thomi com ódio no olhar faiscante, Aluin olhava de longe estarecido, apenas em sonhos vira demonstração de tamanha magia.

— Você falando assim tão *calma, doce e gentil* comigo, claro que vou concordar! Desculpe ofender vocês dois. Agora parece ser verdade o que dizem. — Thomi dissera com as mãos no pescoço, estava assustado.

— Vamos para meu quarto, preciso por minha armadura. Se estivermos sendo rastreados, temos que ser ligeiros, vamos seguir Imi e Shoiú até a capital. Se Miur foi para lá é nossa melhor chance.

— Já vestindo a armadura e um manto negro por cima, seguiram para os estábulos e passaram reto já que havia três vigias na porta, possivelmente a espera de Aluin.

— Vamos mata-los, é fácil e rápido ninguém perceberá! — Sugere Thomi.

— Não seja inocente. Se alguém morrer, eles saberão que Aluin esteve aqui. Vamos andando, será pior e mais difícil, talvez se acamparmos fora da estrada essa noite, em cinco dias ou mais estaremos na capital. — Advertira Gewitter.

— Se você é tão forte, por que não mata todos? Ou está só tentando *parecer* poderosa? E na verdade é só uma *franguinha bonita e indefesa*. — Mais uma vez Thomi testa a paciência da jovem.

— Eu disse que estou me *escondendo* de outra coisa, que *também* procura Aluin. Não é uma boa ideia usar meus poderes, já que essa *filha da puta* vai sentir e vir atrás de mim, como um grande alvo atirando tudo que tiver! Então não posso me mostrar. — Explicara a jovem de sua delicada situação.

— Vamos andando, assim pode me contar o porquê tudo está acontecendo. Estou cada dia mais cansado dessa correria de um lado para o outro fugindo feito um rato de um gatinho gordo. — Pedira lLuin

— Olha querido, é delicado. Isso tudo começou a mais de vinte anos. Eu não era nascida. Minha mãe contou que seus pais resolveram entrar em uma guerra contra uma mulher chamada Milkar. Ela estava atacando diversas áreas e destruindo tudo que via no caminho! A lenda ou história, como preferir chamar, é que alguém conseguiu abrir o portal do mundo dos mortos, querendo ganhar mais poder. Não sei o porquê pensar que, invocando um ser poderoso ele irá trabalhar ou lhe conceder poder. Estupidez na certa! — Explica Gewitter para Aluin.

— Mas e aí, por que eu passei por tudo isso, se aconteceu tudo há tantos anos assim? Que culpa *eu* tenho? — Indaga Aluin ainda sem ter explicações.

— Como não? Eu disse que seus pais entraram na briga a pedido de alguns aliados, e claro seu pai imbecil queria capturar a

*demonia* da Milkar para ele. O imbecil pensou que iria controla-la e ter poder infinito! Essa Milkar era poderosa e aprisionou Miura, uma feiticeira poderosa. Miura usava seus feitiços apenas para curar as pessoas.

“Enfim, essa guerra trouxe exércitos de diversos reinos até aqui no deserto, para enfrentar um exército de monstros direto do mundo dos mortos. Dizem que lá no outro plano é um infinito cheio de cidades negras, mas pra mim somente quem tem poder o suficiente encontra o reino dos mortos e dos demônios.” Gewitter continuava contando a história até ser interrompida por Thomi.

— E como é que uma *senhorita, nova e magra* como um palito como *você* sabe de tudo isso? — Questiona Thomi dando tapas na bunda de Aluin.

— Bom, seu *rato miserável e imundo*, preste a atenção e não atrapalhe! Diferente de *você*, eu precisei estudar inúmeros livros e aprender a controlar toda minha ira dentro de mim até desenvolver minha magia. — Retruca Gewitter.

— Sossegue, Thomi. Mesmo sabendo que tem gente querendo me matar, ou esfolar vivo e arrancar minha cabeça, não para de querer me comer! Para com isso por um momento e escute. *Pra* mim é muito importante entender. Continue *Gê*, por favor.

— Continuando! O exército que seu pai mandou foi o de Miur. E nessa guerra a filha dele foi escondido e morreu junto com a irmã de Jäger. Eles dificilmente falaria isso para alguém, porém quem estava na batalha contam, eles não tinham motivo para mentir não é? Se não me engano a menina, Eis, esse era o nome dela, lançou um dos feitiços de fogo mais simples, mas deu sua vida para derrotar Milkar. E acredite, uma elfa usando sua essência para destruir alguém, não é pouca coisa! Matou a *desgraçada* ou mandou ela pra casa, quem sabe? E matou Miura junto! — Concluía Gewitter.

— Tudo bem, agora entendi o porquê Miur e Jäger estão em perigo. Mas parece que não quer me contar os porquês de tirarem a minha sanidade. Vai me conta de uma vez, vai! — Pedira puxando a manga da prima.

— Essa Milkar foi traída por uma de suas mais poderosas aliadas, Kroni. Ela fez um pacto com sua mãe; não seria para você ter nascido se não tivesse ajuda dela. Sua mãe teve a vida salva pela demonia Kroni. Minha mãe me contou que sua mãe sempre foi grata a ela. Quando sua mãe foi salva, repartiu o dom de dar a luz a esse ser, dessa forma ela poderia ter seus tão queridos filhos. Esperem! Tem guardas na ponte da saída da cidade, eles estão revistando as crianças que passam vejam. Chamarei a atenção deles e vocês correm e se escondem. Essas faquinhas de seu *namoradinho* encardido, não vão segurar esses guardas com armaduras! — Dissera correndo para um beco escuro, onde pegara um barril vazio que, energizando-o, arremessara a alguns metros dos guardas. Ao cair no chão, acabara explodindo e chamando a atenção dos dois guardas que foram ver o barulho.

Aluin e Thomi fugiram sem fazer barulho pela ponte escura, e logo depois saindo em disparada fora da estrada, escondendo-se atrás de uma pedra grande.

Com os guardas voltando aos seus postos, Gewitter não tivera problema em passar por eles, descobrindo que procuravam apenas o menino e não por ela.

Seguindo pelo caminho escuro do deserto, encontra-se com Aluin e Thomi se beijando atrás de uma pedra. Parando e olhando para a jovem envergonhado, Thomi disparara.

— Quer participar, sua magricela? Dou conta de vocês duas fáceis! O que acha? — Oferecera Thomi levando um empurrão de Aluin que se levantara batendo a poeira e indo ao lado de sua prima.

— Se fosse só com meu primo eu aceitaria, mas só que com você? Esqueça, seu verme! Onde parei mesmo? Disse da tal Kroni ganhando uma parte do útero de sua mãe, não foi? Então, por toda parte, você tem a fama de ser meio demônio e ainda por cima de ter deixado sua mãe doente. Todo mundo esperava você se transformar com chifres e um rabinho.

“Kroni sumiu junto de Eis e Flammen quando mataram Milkar. Os vencedores, tem uma dívida com essas três pessoas. Principalmente é claro, Miur e Jäger. Depois de muito tempo, cerca de alguns meses, uma velha louca começou a usar o poder de

Milkar. E claro que isso não podia dar certo, não é?” Gewitter parara um pouco tomando folego de olhos fechados, enquanto Aluin ia à sua frente encarando-a até que abrisse os olhos.

— Por que você sempre para? Conte-me logo! — Aluin já estava irritado, com a demora e todo suspense de sua prima. Respirando fundo ela continua.

— Se quer mesmo saber, essa feiticeira ofereceu o filho dela em sacrifício, trazendo uma forma espectral de Milkar. Ela conseguiu controlar três feiticeiras gananciosas para fazer um serviço sujo de conseguir mais almas para ela. E uma delas sou eu! Fui incumbida de caçar, eu suspeito, o filho de Kroni, tortura-lo e leva-lo até Milkar para ela se vingar dos filhos de seus assassinos. Shoiú também foi procurar em outro lugar, pelo filho de Kroni, por destino, ou sei lá que tipo de brincadeira de mau gosto foi essa, encontramos você e o menino que Shoiú matou juntos. O tal de Allis. Perdoe-me, tenho vergonha de saber que fui contratada para matar você, todo o sofrimento e tortura que sofreu, eu tenho culpa nisso. Desculpe-me, Aluin! — Empurrando Gewitter, Aluin saía correndo para o deserto. Thomi fora logo atrás dele fazendo sinal de desaprovação para a jovem.

Gewitter sabia que não seria perdoada facilmente, infelizmente precisava falar a verdade para o primo. Indo na direção deles, vira muito distante, os dois meninos conversando abraçados e ambos chorando. Diminuindo os passos, ela sentira como o dia fora cansativo e cheio de problemas. Talvez fosse uma boa hora para oferecer para acamparem ali, essa noite.

— Escuta Aluin, como aquela *vaca* da sua prima disse, eu não sei se é algo ridículo de destino ou sei lá. O Allis, ele está com a gente agora! Outra coisa que precisa saber, o nome da mãe, da magricela de olhos coloridos e meu, é Kroni.

— Como assim a mãe de Hope é Kroni? Eu não estou entendendo isso! Se ela é filha de Kroni, você é irmão dela só por parte de pai? Não... Não me diga que sua mãe é Kroni também!? *Oh*, não! Se os úteros são os mesmos, aí não pode ser! — Aluin agachara-se com falta de ar e, Gewitter ao vê-lo passando mal, fora socorrê-lo.

Durante a noite, a viagem tivera como problema o sono para as crianças.

Miur e Jäger tomam a frente do grupo, atentos a qualquer tipo de problemas. Imi e Shoiú os seguem em silêncio observando as crianças e o casal. Seguindo o curso do rio Khalas, era um caminho comum ligando a capital as demais cidades pavimentadas e movimentadas.

A noite estava incrivelmente mais movimentada que o normal de onde centenas de pessoas vinha de Bahr Araml.

Chegando a algumas ruínas com o Sol já se anunciando, Miur sugerira não ser uma boa ideia acampar tão perto das antigas ruínas. Seguiram o caminho calmo até o Sol atingir o centro do céu.

O intenso calor os fizera pararem em baixo de varias árvores, longe da estrada principal em uma curva do rio, onde a pavimentação não o seguia. Comendo e bebendo muita água, as crianças adormeceram no colo de Jäger, enquanto Miur ficara de guarda, cochilando e acordando com qualquer tipo de barulho. Apesar de suspeitas, Imi e Shoiú dormiram próximas de Jäger. Repetindo o mesmo ritual de seguir o caminho durante a noite e parando durante o dia até encontrarem os grandes portões vermelhos de Bahr Araml iluminados.

A viagem demorara, ao contrário do que o ferreiro sugerira, cinco noites de caminhadas.

Ainda pela manhã após o segundo dia dos combates, Filpain estava feliz, sabia que seus lucros, e uma possível transa casual eram esperados como em todos os outros anos. Enquanto recebia dezenas de novos inquilinos, graças as grandes reformas e construção da nova ala do Gato Cinzento, o bardo que estava em pé ao lado da entrada, acabara levando um grande empurrão, fazendo-o perder o equilíbrio. Irritado, estava pronto para reclamar quando vira seu amigo Muskeln rindo.

— Como pode estar em pé? Estava todo quebrado, nem com minha melodia surtiu efeito. E Gehirn? — Questionara o bardo, feliz e intrigado.



— Aquele desengonçado está na “casinha”. Sobre meus ossos estarem bem, é claro que se deve a minha incrível condição de guerreiro. Estou morrendo de fome, onde as crianças estão? Vou comer com eles hoje! — Dissera o Guerreiro ainda com o braço enfaixado.

— As crianças foram para Bahr Araml visitar Amir. Vai ter que comer só acompanhado de Gehirn! — Dissera rindo Filpain. Assustado, Muskeln colocara a mão esquerda sobre o ombro do amigo, tremendo falara.

— Como assim foram para a capital!? Eu não disse o que aconteceu lá? — Perguntara o guerreiro, deixando Filpain preocupado.

— Não, vocês chegaram quase mortos aqui. Seus animais os trouxeram há vários dias. Miur foi há dois dias, eu acho. Não me lembro ao certo. Mas qual o motivo de tanto medo? — Filpain não obtivera resposta, Muskeln seguira para chamar Gehirn.

Batendo na porta do banheiro, Muskeln falara com seu companheiro.

— Ou seu cagalhão, precisamos ir a capital, as crianças foram até lá! Se apresse, vou equipar as montarias! Comeremos enquanto andamos. Estarei nos estábulos. — Muskeln seguira pelos corredores, encontrando com seu amigo bardo.

— Ei, senhor músculos, fique calmo. As crianças não estão sozinhas; Miur e Jäger estão com elas. Hem? Isso não é uma boa notícia? — Dissera o bardo de braços abertos tentando diminuir a preocupação do amigo.

— O que devo falar para você que, agora, todos eles incluindo Miur e Jäger, ou quem quer que seja o acompanhante, eles estão em perigo? Aconteceu *muita* merda, naquela maldita cidade. E claro que a culpa não poderia ser de alguém, se não minha e de Gehirn. Arrume provisões para nós dois, por favor! Sairemos daqui a pouco!

Apressado Gehirn passa pelo bardo apenas o cumprimentando. Montando em seu touro vermelho seguira rumo a capital em toda velocidade acompanhado de Muskeln.

Filpain ficara preocupado com toda a cena sem ao menos saber o motivo, curioso com a situação fora até alguns companheiros

viajantes, certamente saberiam das novidades.

Saindo pela porta seu ajudante o avisara que duas pessoas estavam procurando por ele em seu escritório.

Deixando para depois sua conversa investigativa, seguira até seu escritório. Entrando se apresentando dando boas vindas ao Gato Cinzento, no entanto fora arremessado no chão e imobilizado. Uma mulher de cabelos brancos e um sujeito gorducho, o ameaçaram com uma enorme marreta. A mulher sacando sua espada fina e curva, agachara colocando a lâmina no rosto do bardo que, de tão afiada, tirara uma parte do bigode fino de Filpain.

— Te peguei, seu charlatão. Diga-me onde estão os fugitivos? Sei que estiveram aqui, temos como saber! — Ameaçara a mulher.

— De quem estão falando? Diga o nome! Muitas pessoas se alojam por um tempo, depois que pagam a conta, não os vejo mais. — O bardo não demonstrava estar querendo esconder nada. Irritando os dois interrogadores já estressados.

— Mas que peninha. Probivnoy, lembre desse cafajeste que não somos amadores! — O homem gordo pegara sua marreta, de ferro maciça, soltando-a no joelho direito do bardo. Apenas com o peso da arma o osso fora quebrado em pedaços.

A jovem morena de cabelos brancos, tapara a boca do bardo para ninguém ouvi-lo uivar de dor.

— Talvez agora você lembre onde os fugitivos estão? — Perguntara mais uma vez a mulher apertando ainda mais a lâmina no pescoço do bardo.

— Com essa grande ajuda, lembrei-me de inúmeros de fugitivos, mas não sei exatamente de quais vocês precisam saber! — Responde o bardo.

— Probivnoy, a outra perna agora. — Desferindo mais um golpe, a perna esquerda do bardo fora destruída. E desta vez, um corte fora feito mais profundo no pescoço de Filpain.

— Estamos procurando Aluin e os sequestradores dele, Miur e Jäger. Sabemos que estiveram aqui. Então fale!

— Sim, eles estiveram aqui, mas já se foram. Posso mostrar seus quartos se quiserem. Claro, se o seu *amável* companheiro me carregar no colo! Eles foram para Forked já faz dez ou onze dias,

deixaram o navio deles aqui e compraram outro menos chamativo, seguiram viagem sem se despedirem. — Dissera torcendo para que acreditassem em sua mentira, deixando-o em paz.

— Talvez seja verdade, senhorita Slavinka. Dunkerhait disse que não os sentem mais por aqui! Ele não seria estúpido o suficiente para mentir pra gente. — Lembrara Proбивnoy.

— Esse imbecil realmente pode estar falando a verdade. Mas lembre-o, Proбивnoy, que mais uma vez que não estamos brincando! — Ao terminar de falar, o homem gordo esmagara a mão direita do bardo, para lembra-lo de nada de brincadeiras. E em seguida saem pela porta, trancando-a por fora.

No deserto, Aluin não consegue assimilar, todas as notícias recebidas, de uma só vez. Thomi tenta se aproximar e era afastado com as mãos, e não se aproxima. Isso dera tempo de Gewitter chegar perto, observando e dando espaço para ambos.

Thomi, irritado, pegara suas facas e atacara a jovem com toda sua força.

A feiticeira segurara à mão com a faca, desferindo inúmeros socos no rosto do garoto que caíra no chão sangrando.

— Disse que te mataria se fosse um imbecil, cretino! Dessa vez eu deixo passar. E não pense que não vou descontar o que me fez a um tempo, me tacando uma faca dessas. Saiba que no dia, pensei ser Aluin, por isso baixei a guarda. Na próxima mancada eu te *mato*, seu merdinha! — Advertira Gewitter. Talvez fosse o suficiente para Thomi nunca mais tentar acertá-la.

Estava se aproximando de Aluin quando ele começara a correr. Irritada e cansada da cena, Gewitter, como um raio alcançara o menino, agarrando-o pelo colarinho e o erguendo do chão.

Assustado com os olhos arregalados chorava espantado. Thomi a atacara mais uma vez, entretanto sofrera dessa vez com uma magia solta pela mão, segurando-o imóvel. Thomi no chão estava queimado pelo feitiço e gemendo de dor. Com os olhos irados, saltando faíscas a jovem falara.

— Cresça, moleque. Já estou *farta* de me humilhar querendo pedir desculpas! Não há nada que possa fazer para você entender que EU NÃO TIVE NADA A VER COMO QUE SOFREU! Foi seu irmão

estúpido que matou *seus* pais e quis *te* matar. Agora seja grato, por eu estar arrependida, ter atravessado o oceano e feito coisas horríveis para achar você! Não me faça me arrepender de ter vindo te salvar. Agora se acalme. Amo você, é minha família. — Terminando o grande sermão, soltara Thomi do feitiço e abraça Aluin, sem que o menino tocasse o chão, ambos chorando.

— Agora chega, né? Não precisa ficar chorando. Já fizemos as pazes! Agora me fale, por que minha priminha linda está chorando?  
— Perguntara soltando o menino.

— Não é mais por você, é que a pessoa que eu amo. Eu não posso mais ama-lo, não como antes! Você não entendeu, ele é meu *irmão!* A mãe dele é a Kroni. Temos o mesmo sangue! — Thomi se aproximara dando um tapa no rosto de Aluin, jogando-o sentado com a mão no rosto dolorido.

— Como se atreve a falar isso? Você disse que me amava! Como pode falar isso do *seu* irmão depois que ele fez com você? Você merece morrer, sua putinha! — Terminara de falar, dando uma cusparada no rosto de Aluin.

Gewitter intervira, fazendo o cuspe evaporar no ar com sua aura. Com um tapa, girara Thomi em seu próprio eixo, derrubando-o no chão. Dera a mão para levantar Aluin e logo depois fora até Thomi, dando-lhe um chute em suas costelas, jogando-o e rolando pelas dunas abaixo. Pisando em seu pescoço, sua intenção era matá-lo de tão irritada.

— Seu imbecil, patife, miserável! Como ousa bater nele após ele falar que te *ama*. Você não pode ser tão estúpido por não entender até agora, mas caso seja tão estúpido eu falo. A mãe de Aluin deu parte do útero para que sua mãe, Kroni, desse a luz para você, seu *cretino!* Quando *ele* nasceu, à mãe dele ficou doente porque foi uma gestação extremamente complicada. Isso quer dizer que infelizmente você tem o *meu* sangue também. Merda! Merda! Merda! Meeeerda! — Chutara mais uma vez a costela de Thomi antes de deixá-lo livre. Voltando Aluin, ficara de joelhos.

— Toda essa desgraça, está rodeada de manipulações e intrigas, me desculpe por participar de alguma forma com seu sofrimento. Agora estou do seu lado! Por mim, não há problemas

que fiquem juntos, se vocês se gostam, basta saber se vocês estão bem com isso. — Terminando de se desculpar, ela vai até Thomi, ainda deitado e lhe estendendo a mão. — Levante seu maldito, agora entendo o porquê você é um *bicho ruim e estúpido*. Afinal temos praticamente o mesmo sangue! Promete ficar tudo bem entre a gente? — Concordando, Thomi aceitara a ajuda para se levantar.

— Quer dizer que você é meu irmão? Ou sei lá como devo te chamar. Como é possível? Minha mãe não teria como fazer isso, ela sempre foi simples e boa. Algum de vocês explique isso, por favor! — Thomi não entendia, queria saber, mas também não queria.

— Se a lenda é real, você tem parte de um ser poderoso correndo em suas veias. Diga-me, nunca fez algo incrível sem saber ou sempre foi estúpido, movido pela força da raiva? E sobre vocês dois ficarem juntos, é coisa que precisam resolver entre vocês! Se sua mãe é Kroni, lamento dizer, ou não, que são praticamente irmãos, sei lá. E que somos, *quase*, lembre-se, *quase* primos. — Gewitter dissera observando o Rio Khalas ao longe. Sabia que precisaria seguir sua margem para a capital.

— Vamos acampar por aqui mesmo. Precisamos de um lugar para escaparmos do Sol. Daqui a pouco ele deve aparecer com toda força! — Dando a mão para os meninos, seguiram para uma fenda entre duas pedras grandes. Acomodando-se com o Sol surgindo no horizonte, os dois meninos deitaram com a cabeça no colo de Gewitter que de alguma forma, com a notícia, tivera seu coração amolecido.

Cansados por todos os problemas, o trio dormira profundamente, passando o dia todo dormindo, acordando quando a noite se apresentava. Despertos, os meninos mal se olhavam ou conversavam entre si, entretanto falavam com Gewitter, muito mais do que a menina gostaria de conversar. Pediam explicações de como ela conseguia soltar raios pelos dedos, voar, se mover pelos raios entre outras coisas. A única resposta que concedera fora a de onde morava.

— Morei em Ice Motto. Minha mãe foi obrigada a morar lá graças ao grandiosíssimo filho da puta do seu pai, o rei. Minha mãe deveria ser a rainha, mas ele casou com sua mãe antes e teve

aquele nojento do Verräter. Eu sempre batia muito nele, diga-se de passagem. De lá, queria vingança da sua família, quando você nasceu foi pior ainda, sempre quis te matar, a verdade é que sempre tive ciúmes! — Confessa jovem Gewitter. — Comecei a ler os livros antigos e descobri que precisava ser rápida para controlar meu poder, bebendo inúmeras poções, passei por poucas e boas antes de conseguir um verdadeiro mestre da magia, Nachtigall. Se quiserem saber mais procurem por ele. Ele certamente vai adorar dois meninos bonitinhos como vocês dois. Acreditem, ele iria *adorar* mesmo!

“Só que Aluin não ia ter problemas pelo o que vi agora você, “*Thomisinho*” iria ter que usar vestidinho também. Mas se bem me lembro, ele gosta de meninos delicados como meninas, tipo Aluin e molequinhos com carinha de malvados, bem machinhos como você Thomi. Ele gosta de variar as opções que tem! — Enquanto os dois meninos ficaram vermelhos de vergonha, sabendo dessas informações, Gewitter rira feliz, apertando a bochecha de ambos.

Quando acordaram no terceiro dia, ainda sentados espreguiçando, viram dois sujeitos grandes montados, passando pela estrada da qual evitavam. Algo inusitado, mas não incomum no meio do deserto. Fora as duas pessoas, indo a sentido da capital, de onde somente viam pessoas vindo de Bahr Araml. Chegando ao quarto dia de viagem encontraram as ruínas de Almadinat Aleayima abandonada e decadente.

Thomi sentia calafrios em frente o amontoado de metal afundado na areia, lembrando-se de tudo que passara e vira lá dentro. Gewitter percebera que o menino estava atormentado, dando-lhe um abraço, acalmando-o.

— Ei, fique calmo, esse lugar não é e nunca mais será um problema! Agora está conosco, não precisa mais se preocupar. Nossa preocupação é encontrar com Imi e os outros. Daí, enfim podemos ficar tranquilos. Começamos muito mal nossa relação, espero que possamos seguir como amigos. Vocês dois são meus únicos parentes vivos. — Gewitter sorria, ao dizer sua ideia.

— Você está esquecendo que Thomi, tem uma irmã magrela? Acrescente ela na sua conta! E também, Miur e Jäger que havia

adotado todo mundo quase. Quem sabe não adote você também “Gêge”. — Rira Aluin vendo a cara de sua prima.

— Seria muito interessante. Mas vocês sabem que eles devem ser mais velhos que nossos bisavôs, né? Uma mocinha linda como i quem resistiria em me adotar? — Rira a jovem enquanto dançava segurando as mãos de Thomi.

— Eu queria experimentar essa sua nova mamãe, isso sim! — Falara Thomi, levando um tapa na cabeça de Aluin.

— Mas que safado! E fala isso na minha frente? Já me esqueceu? Não vai dizer que não gosta mais de mim. Nem que não me assaria e depois comeria, você diz isso sempre, da minha pobre irmãzinha Hope. — Dissera Aluin revoltado.

Thomi não sabia o que falar, mas se atingira pelo que o Aluin dissera. Ainda estava conturbado com a fortaleza e o fato de ter o mesmo sangue de seu amado.

Com o Sol nascendo no horizonte, buscaram a beira do rio um amontoado de árvores para se esconder do calor do dia. Os meninos, mais uma vez dormiram no colo de Gewitter, que dessa vez lhe faziam carinho em seus cabelos.

No quinto dia de viagem, o trio estava próximo à curva do rio Khalas, de onde seguiram vendo a grandiosa cidade ainda distante. Caminhavam pela estrada escura e ao longe observaram inúmeros meteoros e bolas de fogo explodindo nas grandes torres.

Os meninos pararam de andar e Gewitter os agarra, subindo a vários metros de altura, onde admiravam a destruição com grande espanto.

Inúmeros furacões se formaram e derrubaram as torres em ruínas flamejantes. Os ventos fortes arremessaram gigantescas pedras, pessoas e todo o resto que encontrava no caminho. Gewitter aterrorizada, descera e fica preocupada. Pensa em correr, mas com os dois meninos seria um grande erro.

— Se eu for, tenho certeza que irão ir atrás de mim. Não adianta o que faça vocês não ficarão salvos aqui. Isso só me resta prende-los aqui! Perdoem-me por isso. Mas são necessários, meus queridos. — Lançando um feitiço nos meninos, tremeram levando choques até ficarem desacordados. Arrastando-os até uma grande pedra, ela cavara um buraco onde eles caberiam e o Sol do dia

seguinte não os atingiria. Rasgando seu casaco preto, fizera tiras para manter os meninos amarrados por magia na pedra.

Terminando de amarrá-los, tomara distância dos meninos e carregando, todo seu poder, começara soltar faíscas de todo seu corpo. Os cabelos se transformam em "nascente de tempestade" saltando raios de suas madeixas. Flutuando, Gewitter olhara mais uma vez para os meninos e sumira junto de um raio causando uma cratera e transformando a areia em vidro. Amarrados, os meninos recobriram a consciência, ficando em prantos frente a chuva de meteoros caindo sobre a cidade.

Aluin e Thomi se mantinham presos pela magia. A força de ambos era irrisória para uma amarra normal; uma enfeitiçada, ainda menos. Durante toda a destruição assistiam sem poder se intrometer, pensavam ser o fim de tudo se iniciando.



## 22 CHUVA DE FOGO

A cidade outrora movimentada estava deserta.

Bahr Araml estava acesa, tendo o dobro de soldados no portão e nas ruas. Apreensivos, o grupo de Miur continuara caminhando rumo ao portão.

Chegando perto da entrada, um buraco se abriu com o peso da pequena comitiva.

Miur segurara Kibo por sua camisa enquanto Jäger saltara e caíra em pé na borda do buraco, segurando Hope e Allis pelas mãos.

Imi e Shoiú pareciam terem caído no buraco cheio de pontas juntamente das montarias.

As tochas caídas no fundo do buraco com as pontas atravessando todos os dromedários, matando-os empalados. As duas jovens turistas haviam sumido e a única coisa que saía do fundo do poço fora uma grande bola de fogo. Talvez fosse outra armadilha sendo ativada.

Os que se salvaram na beira do buraco foram surpreendidos por inúmeros guardas prontos para ataca-los caso tentassem fugir. Arqueiros nas muralhas e janelas apontavam suas inúmeras flechas.

Rendendo-se, Miur e Jäger foram escoltados, algemados e separados.

Hope, estava inconsolada ao ver Babão morto tragicamente, fora amarrada junto de Kibo e Allis.

Jäger e Miur foram desmaiados e levados arrastados. As crianças foram amordaçadas e esticadas em troncos sendo carregadas para longe do casal. Diferentemente do casal, as crianças estavam acordadas e viam a cidade vazia, somente a frente podia ser escutado sons de aglomerações.

Hope reconhecera o lugar sem pessoas e as lojas comuns nessa região da cidade. Era o caminho mais comum até o palácio de Amir.

Assustada, vira o palácio ficando para trás. Estavam indo para o fundo da cidade, a parte mais antiga. Nunca tinha visitado essa parte da capital.

Carregados lentamente pelos corredores solitários, amarrados pelos tornozelos e punhos, as três crianças sentiam muita dor. Hope ainda mais com o pesado livro amarrado em sua barriga, puxando-a para baixo.

A chegada das crianças fora anunciada por chifres, deixando a plateia de toda cidade acomodada em volta de uma estrutura piramidal feita de rochas amarelas. Em seu topo reto e grande, um trono de ouro com um homem sentado paramentado como sultão. Para a jovem Hope o choque fora maior, pois quem se encontrava ali não era Amir, mas sim Khayin.

A população estava em transe, aplaudindo e cantando vivas. As crianças, como caça, foram levadas até o topo da pirâmide rodeada por milhares de pessoas.

Ao som de aplausos, Khayin se levantara, vendo quem fora capturado.

Em sua língua, começara a conversar com a imensa quantidade de pessoas que o rodeavam e o bajulavam.

— Vejam o que nosso Deus supremo nos trouxe! Nossa inimiga e seu irmão, trazidos pelos nossos anjos. Serão oferendas para o *nosso* Deus! Esses tempos são de glórias meu povo. Podemos novamente contar com o retorno de nosso Deus supremo. Por anos tento trazê-lo, mas sempre conseguem com ajuda de povos desviados impedirem que nosso salvador volte. Dessa vez já está entre nós, sinto ele com esse artefato! — Khayin brandara levantando uma pedra negra e exibindo a todos. — Inúmeros servos lutaram para esse momento. Agora em sua homenagem, *oh*, Deus todo poderoso. Ofereço o sangue impuro dessas três aberrações!

Khayin sussurrando para um soldado que, descendo em meio a população, cortara as amarras dos tornozelos de Hope, deixando-a de joelhos com os pulsos amarrados em sua frente.

Um dos guardas segurava Hope de joelhos, com a cabeça erguida para que assistisse o que estaria para acontecer. O soldado voltara com um embrulho e o entregara de joelhos para o sultão. Khayin pedira também para que tirassem a mordança de Hope e, segurando o pequeno rosto da menina falara em seu ouvido:

— *Deveria ter violentado você e seu irmão como fiz à filha de Amir antes de entrega-la ao homem do norte. Eu envenenei a mente de Amir para abusar de vocês dois. Mas infelizmente ele foi forte e resistiu, mas sem sentir culpa em ter desejado a ambos?* — A menina gritara entre os dedos de Khayin que, tentando escapar, conseguira apenas tirar risos do grande homem que a segurava ajoelhada. — *Na mente de Amir, sobre meu controle, matou-se. Bem, na verdade foi só um empurrão. Antes de poder me ver destruir o resto de tudo que ele amou! Pena eu não ter tempo de experimentar você e seu irmão.* — Terminara de falar e se afastando da menina e mandando ordens a seu homem para que a segurasse para assistir seu espetáculo.

— Meu povo, reunimo-nos aqui há vários dias em glória a nossa nova vida! Amir, aquele sujo se foi e agora nossa terra prosperará. O inimigo de nosso reino sangrará em nossa frente limpando o pecado causado por eles. Traga essa *porca* amarrada, iremos ver como é seu demônio interior!

Kibo ainda se encontrava amarrada na tora quando Khayin anunciara a todos segurando sua perna esquerda. E logo o servo trazia um embrulho. Era uma espécie de faca com lâmina serrilhada.

Segurando no meio da coxa da menina, começara a passar a faca serrilhada, fazendo com que jatos de sangue o tingisse de vermelho rapidamente. Com a perna sendo serrada, Kibo pulava e se contorcia com gritos de dor estridentes e gemidos de dor.

Hope e Allis, chocados, não conseguiam pensar em nada, apenas tentavam escapar enquanto gritavam a plenos pulmões.

Alguns homens seguraram a menina até que o sultão, que cortava com dificuldade, o osso da perna da menina. Dando voltas pelos quatro lados da pirâmide, exibira como um troféu a perna amputada que era segurada pelo tornozelo de Kibo, ensandecendo o público incontável. Em meios aos gritos de louvores, uma grande bola de fogo atingira o antigo palácio com grande barulho, chamando a atenção de todos que pararam com a gritaria da plateia.

O sultão então voltara até a menina, começando agora a serrar seu braço direito. Os gritos de Kibo já estavam roucos e falhos

e, em instantes depois, o outro troféu era exposto.

Enquanto andava pelos quatro cantos, de costas para sua vítima não vira uma aura verde atingir Kibo e a fazer silenciar. Colocando o braço junto da perna cortada na frente de Hope, voltara para mais um corte, dessa vez iria o braço esquerdo, mas pedira para que levassem a menina para perto de Hope.

Serrando o braço esquerdo de Kibo, o corpo segurado por uma perna, deixara-se cair em frente de Hope, que só conseguia chorar. Kibo cuspi sangue em estado catatônico soltando uma luz verde de sua boca aberta.

Ficando com a menina desacordada em meio de suas pernas, Khayin puxara o cabelo da menina para trás, abrindo sua boca. Colocando a faca serrilhada entre os dentes de Kibo, começara-lhe a cortar a cabeça da menina ao meio. Segurando a parte de cima da cabeça, Khayin esfregara os lábios mortos nos lábios de Hope.

Com o corpo vertendo grande quantidade de sangue, tingira de vermelho um lado da pirâmide.

Do corpo morto, Khayin fizera questão de cortar a outra perna de Kibo e amontoar em frente de Hope. Que somente se lembrava das vezes que Kibo dormira com ela e de como a fizera se sentir bem na última noite juntas no Gato Cinzento.

Lembrava-se de poucas coisas juntas, talvez o suficiente para que sua dor não pudesse ser controlada.

Para o desespero de Hope, vira Allis sendo posto em sua frente a mando de Khayin. Desesperada e prendida sem poder se mexer, vira o pé direito de seu amigo ser cortado e jogado em sua frente. E logo depois, fora à vez da perna direita. Seu amigo estava se convertendo em uma pilha de pequenos pedaços em sua frente. Com os gritos de Allis, uma trilha sonora macabra era criada. Era perfeitamente proporcional à cena.

Hope não conseguia mais ver nada, estava apenas escutando os gritos ficando cada vez mais fracos e distantes em sua mente.

Sem as duas pernas pendurado pelos pulsos, Khayin começara a cortar na altura da cintura de Allis que, outra vez, uma luz verde cessara os gritos, fazendo a cabeça do menino balançar

desacordada. Com sua faca serrilhada, mirara na altura do umbigo do menino começando a corta-lo.

Dessa vez o menino fora erguido sobre a cabeça de Hope. Suas vísceras caíam conforme a faca entrava com facilidade na barriga do menino.

Outras cinco bolas de fogo caíram mais próximas da multidão que aplaudiram a carnificina.

Hope se mantinha em silêncio, banhada em tripas e sangue de seu amigo.

— Veja meu povo, nosso Deus está vindo! Estas luzes do céu é a sinalização que está cada vez mais próximo de nós. Conversei com ele, assim que essa tirana e vil existência for partida ao meio, nosso Deus retornará! — Khayin dissera apontando para Hope, que, não querendo desperdiçar a chance de torturar a menina ainda mais, continuara a picar o resto de Allis.

Sabia que Allis estava morto, tirando um pouco do seu prazer. Porém ainda se excitava cortando tiras das costelas do menino. Deixando apenas os braços ligados ao pescoço, Khayin desamarrara os pulsos do menino que caíra de cabeça com os olhos arregalados, expressando toda dor sentida, olhando para Hope.

Agachando-se para esfregar o rosto morto no rosto da menina, Khayin vira que a menina estava de cabeça baixa. Ao puxa-la pelo cabelo para encara-lo, o homem gordo e sujo de sangue escorregara de costas, arrastando-se assustado para longe.

Arrastados e jogados em uma sela, Miur e Jäger, ainda amarrados, recobriram a consciência ao serem atingidos por um balde de urina que fora jogado pelo carcereiro que ria experimentando a armadura de Miur.

Os guardas riam conversando entre si, discutindo o quanto era bom transar com as mulheres ainda enclausuradas e indefesas. Queriam experimentar a que prenderam há pouco, mas precisavam ser rápidos, seu chefe não autorizaria essa atitude.

— Ei, eu quero experimentar essa menina branquinha! Nunca vi mulher desse jeito. Deve ser muito bom arromba-la em todos seus buracos. Você fique no corredor e, se ver a luz da tocha, você me avisa. Depois você se diverte.

“Esse ‘fracote’ do *maridinho* dela, não vai conseguir vencer nós quatro. Ele vai ver sua mulher sendo fodida por todos nós.” Disse o carcereiro pegando as chaves da porta, enquanto os outros começavam a tirar a roupa e o quinto ia para o corredor escuro espiando intrusos.

Antes que a chave fosse posta, a sentinela avisara que uma tocha se aproxima.

Os homens se arrumaram correndo com medo do comandante.

Em posição de sentido, o guarda pegara fogo e corra em direção de seus companheiros em chamas. Todos ficaram assustados e pegaram as armas, ao verem uma forma feminina andando em sua direção. Atônitos não atacaram, apenas esperaram paralisados pelos ataques chamejantes. Em instantes, estavam os cinco homens carbonizados.

Usando as mãos, a figura feminina derretera as barras da cela de Miur.

Diminuindo as chamas, a presença de Imi, a jovem que seguira com eles, aparecera.

Apenas observando a jovem estourar as amarras facilmente, o casal a questionara:

— O que está acontecendo? Onde estão as crianças? — Perguntara Jäger assustada.

— Shoiú está indo atrás deles. Precisamos sair e achá-los. Pelo que vimos, o antigo rei está morto. O novo líder reúne a população toda noite para louvar uma entidade no fundo da cidade. Vamos escondidos, os guardas andam exaltados! Não podemos perder tempo lutando contra eles. — Imi ia à frente os apressando.

— Perder tempo? Você queimou esses sujeitos como se fossem nada! Por que esse medo todo? — Questionara Miur vestindo a armadura.

— Não quero ser rastreada. Milkar sente nosso poder, saberia me achar facilmente usando muito de meu poder assim. E não queremos isso, queremos?

Correndo pelas sombras das ruas vazias, o trio passara por inúmeras guarnições de guardas armados. Destacando nas pedras

amarelas das ruas, dezenas de manchas vermelhas salpicavam por toda parte. Nada fora dito sobre Imi conseguir queimar os guardas.

Não demoraram a escutar uma grande ovação que, ao se aproximarem, milhares de pessoas rezavam e aclamavam um sujeito sobre uma pirâmide que, com ele podia ser visto as crianças do seu lado. Com a população se levantando com os braços erguidos, não conseguiam enxergar o que acontecia a frente, apenas ouviam o fervor aumentar.

O trio passara sem problemas pela população ensandecida. Jäger consegue então vira uma cena que a travara, não conseguindo andar e nem falar.

Miur voltara até sua esposa e, ao começar a falar, uma imensa bola de fogo cruzara o céu iluminando a todos no largo, apinhado de fieis radicais.

O guerreiro ficara observando a destruição causada pela explosão que jogara pedras e fogo por toda parte. O palácio fora atingido, mas ninguém se importara, voltando a olhar para a pirâmide.

— *Porra*, Imi. Mais que merda! Combinamos que não era para usar esses poderes. Já que o fez, darei um fim ao sofrimento dessa coitada! "*Tamashi dorobo<sup>9</sup>*". — Acendendo seus olhos, uma luz verde fantasmagórica saíra do corpo mutilado de Kibo e adentra em Shoiú, cessando instantaneamente os gritos e todo o estrebuchar da menina.

Imi vira a bola de fogo cair e Jäger apontando para a pirâmide ficando de joelhos em prantos. Focando no que acontecia na pirâmide, correrá até a elfa a abraçando e a levando para longe dali. Miur seguira as duas se escondendo, tentando saber o que acontecera para que Jäger ficasse paralisada.

— O que houve? Você está bem? Querida? — Imi interrompera Miur com um sinal de desaprovação com a cabeça.

— Você não viu o que aconteceu? Kibo estava sendo esquartejada na frente de todos! Com certeza as outras crianças tiveram ou vão ter o mesmo fim.

Precisamos sair dessa cidade antes que coisas piores aconteçam! Eu

não sei quem poderia ter feito aquele meteoro cair aqui. E acredite, eu não fui à dona do feitiço. — Alertara Imi.

— Mas vamos deixar as crianças morrerem? São crianças! Jäger as têm como filhos! Não poderei deixar isso acontecer. — Miur empunhara sua espada, mas fora segurado por Imi.

— Vai matar você e sua mulher! Volte e fiquem com Aluin. Gewitter deve estar cuidando dele na estalagem. Fuja dessas terras o quanto antes!

Imi tentara convencer o casal a sair, mas os gritos de Allis, fizera com que Jäger levantasse e saísse correndo sem ser pega. Miur a seguira precisando serem salvos por Imi.

Mais uma vez os meteoros atingiram o solo, um deles exatamente onde se escondiam a pouco. Imi segurara os dois e saltara para longe que, com a altura conseguira observar onde Shoiú estava com o auxílio de seu feitiço verde.

Pousando ao seu lado, Shoiú disparara com raiva:

— Sua mulher imbecil! O que pensa que está fazendo? Que porra é essa Imi, soltando bolas de fogo que nem besta? Quer nos matar? — Dissera Shoiú empurrando Imi.

— Pare com isso. Não foi ela! Estávamos com ela quando começaram cair os meteoros. — Dissera Miur emudecido pelo som da plateia ensandecida com o cessar dos gritos de dor do menino.

— Como assim, a feiticeira das chamas, não foi à causadora das chamas? Se aquilo forem meteoros naturais, lamento dizer que usei meus poderes e corremos risco do mesmo jeito! Acabei com o sofrimento das crianças. Eu conhecia os dois e ver eles sendo picados vivos, não é mole. — Escutando Shoiú, Jäger vomitara chorando incontrolavelmente.

— Você teve coragem de matar aquelas crianças? Como pode? Eram nossos filhos, minhas crianças!

— Bom, vejamos! Quer saber como pude ou como tive coragem? O menino é a *segunda* vez que o mato. A jovem, suspeito ter sido minha serva quando ainda era pequena, pobrezinha. Eu apenas *suguei* a alma deles para mim. Eles já estavam mortos, acredite.

“Agora preciso terminar com o sofrimento da última. E confesso que



dessa eu gostei bastante. — Shoiú contara sem o menor ressentimento sobre as duas vidas.

Ao se virar, preparando-se para lançar mais uma vez seu feitiço, Jäger gritara, levantando-se para segurar a jovem oriental. Todavia, quando vira homem abrindo e fechando a mandíbula morta de Allis na frente de Hope, a elfa desabara nos ombros de Shoiú.

— Vamos, vejam pelo que ela está passando! Precisarei apenas de um pouco mais de força para tirar a alma dela ainda viva e lutando por ela. As outras já estavam por um fio!

Jäger havia concordado que a morte rápida seria uma forma melhor para sua filha e assim Miur abraçara a esposa e se despedindo silenciosamente da menina.

Ainda olhando para a menina, o homem se aproximara da garota ao levantar sua cabeça que imediatamente caíra de costas fugindo se arrastando.

Muskeln e Gehirn estavam observando o portão vermelho aberto com um grande buraco em sua frente. Sem guardas seguiram sem problemas até a borda observando vários animais mortos no fundo atravessados por grandes lanças de madeiras.

Com precaução, perceberam a cidade sem nenhuma sentinela, começando a andar deixando a montaria ainda na entrada da cidade.

Andavam olhando pelas ruas que cruzavam a avenida principal, não notando a presença de nenhum guarda. Com um barulho ensurdecedor, uma imensa bola de fogo atingira o palácio a frente dos guerreiros. Labaredas e pedras haviam sido arremessados por toda parte, atingindo as demais construções ao redor.

Grande parte do palácio ficara em ruínas, mas ninguém saíra dele ou vai observar a catástrofe.

Sabiam que Amir saltara da torre atingida pelo meteoro. Talvez Khayin possuísse ou contratado algum mago para destruir o palácio antigo e construir um novo; uma prática comum ao fim de um império. Um bom motivo para não possuir ninguém na cidade. O problema era que seus amigos tinham ido até essa cidade fantasma. O pensamento fora afastado quando mais cinco meteoros atingiram outras áreas da capital ao longe.

A dupla então correria em direção das destruições a frente.

— Espere, Gehirn! Veja lá na frente. O que será todo aquele povo aplaudindo? Tem um cerimonial acontecendo lá, vamos! — Muskeln não fora muito longe já que uma fenda se abria sob seus pés, obrigando seu amigo a segurá-lo. E, como um vulcão, erupções começaram a expelir muita lava.

Saindo do buraco, não tiveram muito tempo para observar o fim da cerimonia, uma grande quantidade de meteoros começara a cair explodindo tudo e todos em seu caminho. Furacões começaram a alcançar o chão, fazendo queimar o ar e triturar os pedaços grandes em migalhas. Desviando e voltando correndo, Muskeln identificara de quem saia e comandava o ataque na cidade, dessa forma resolveram ficar e tentar ajudar.

Observando de uma grande altura, Gewitter procurara suas amigas com interferência de seu campo energético, abalado pelo grande feitiço presente em Bahr Araml. Pairando entre a cidade em ruínas com o seu poder afastando os tornados, passara por eles sem problemas. Mantendo uma velocidade incrivelmente rápida, os meteoros não a atingiam.

Conseguira cobrir uma grande parte da cidade em pouco tempo, observando uma grande quantidade de pessoas sobre algumas construções, ela vira suas amigas saltando nos telhados fugindo de toda a tormenta.

Como um raio, descera perto de seus amigos, correndo ao lado deles perguntando o que estava acontecendo.

— Imi o que você fez? Milkar irá nos rastrear! Vamos sair voando daqui. Agora! — Gewitter estava parcialmente em sua forma elemental seguindo seus amigos.

— Você também? Não fui eu! Olhe para trás e vai ver quem fez tudo isso.

Não podemos sair em forma elemental, Jäger e Miur não resistiriam. Precisamos ir pelo chão. — Imi explicara o motivo de ainda correrem. E também, que não era ela que fizera o feitiço.

Com toda a cidade em chamas, derretendo e espedaçando em pequenos fragmentos, todos os moradores fanáticos permaneciam na cidade e assistiam à emulação das crianças.

O grupo de Jäger chegara ao portão, desolados. Haviam presenciado a morte brutal das crianças sem poderem fazer nada. E mais uma vez Jäger tivera o sentimento de perder um filho, acrescentando agora a morte de filhos no plural. Miur a consolara a abraçando e caminhando cambaleante sem rumo cheio de lágrimas.

— Vamos indo, isso aqui é um lugar terrivelmente perigoso. Eu deixei Aluin e Thomi lá adiante. Vou à frente e espero por vocês. — Gewitter dissera sumindo em um raio e aparecendo em frente de Thomi e Aluin que, sem explicações e lacrimejante, abraçara os meninos.

Arrastando-se para longe, dois faróis ametistas acenderam.

O sangue evaporava e começava a trincar no rosto de Hope, virando poeira vermelha. O sorriso doce sempre encontrado em sua face agora dava lugar a um olhar demoníaco enfurecido.

Seus olhos fundos e vidrados miravam o homem a sua frente. Todo sentimento de carinho e felicidade haviam sumido. Agora a vingança e ódio eram os únicos sentimentos em seu coração.

Olhando os seus amigos em pedaços, começara a tremer. Seu sorriso retorcido mostrava dentes deformados e pontiagudos, contrastando com suas escleróticas pretas.

As íris ametistas e a pupila fina como de um gato.

Andando em direção de Khayin, Hope tremelicava dando passos falseantes e lentos, carimbando com sangue suas pegadas descalças. Tinha a cabeça levemente torta para esquerda encarando o executor de seus amigos.

Levitando, com a mão esquerda estendida agarrara o velho sentado atônito a sua frente, fazendo com que ele também flutuasse. Silenciosamente, atingira uma altura maior que a torre mais alta.

Pairando no ar, saíra de seus lábios quase inaudivelmente:

— *"Apokalypse der Flammen"*.

O homem em seu poder começa a derreter sua pele, ficando apenas na camada de gordura e músculos. Na velocidade que a pele derretia, inúmeros meteoros surgiam com as gotas da pele derretida.

As inúmeras gotas de pele derretida formavam uma chuva de meteoro onde atingia a cidade, onde incontáveis fendas começavam a expelir grande quantidade de lava, queimando todos que ela tocava. Com auxílio de furacões, as lavas emergindo eram lançadas por toda parte, derretendo construções e fiéis fanáticos.

Com as pontas dos dedos, ainda tremelicando no ar, Hope começara a retirar os músculos de Khayin como se tirasse a casca de uma banana, e arremessando-os por toda a cidade velha e nova. Fazendo com que em instantes os órgãos do homem pudessem serem vistos junto com os ossos. A cada pedaço arrancado, Hope o mantinha vivo.

Quando todo corpo de Khayin fora lançado ao solo em pequenos pedaços, a cidade ainda ardia em chamas. Cessando os tornados e tremores de terra, Hope começara a perder seus sentidos virando seus olhos.

Sua queda começara lenta, acelerando, girando e rodopiando, cruzando a fumaça tóxica que saía dos milhares de corpos incinerados. Com destino certo, cairia sobre a pirâmide, ao lado dos corpos em pedaços de seus amigos. Talvez em uma última tentativa de manter-se junto a eles após a morte.

Seu corpo magro era visto por Gewitter e seus amigos que, em cima dos telhados, caía sem que nada pudessem fazer a não ser assistir o corpo morto atingir o chão.

Sem que terminasse o percurso até o seu fim, todos sobre os telhados se viraram e correram para sair da cidade condenada.

Os telhados aos poucos atingiam a altura do chão. As ruas estavam repletas de lava incandescente, terminando de queimar e derreter o que sobrara da cidade.

Jäger não conseguia mais andar. Suas pernas não a obedeciam mais, precisando ser carregada por Miur. O casal estava desolado, mas mesmo assim continuaram andando pela estrada de volta para Verdeeld Eiland.

Por conta do momento, nem Shoiú fazia suas piadas sarcásticas. Estava sentida pela morte de Kibo e Allis. Principalmente pela de Hope que, apesar de pouco tempo junta da menina, afeiçoara e não tivera coragem nem mesmo de absorver sua alma.

Estavam sem se falar, apenas caminhando enquanto as explosões da cidade eram ouvidas ao longe. Chegando ao ponto onde Aluin e Thomi ficaram esperando pelos amigos, Gewitter não contara o que aconteceu na cidade, mas os meninos imaginavam que muita coisa ruim havia acontecido.

Sem precisar falar nada, apenas por não ver as outras crianças juntas, Aluin e Thomi, correram e abraçaram Jäger que se encontrava prostrada no chão. Os três, inconsolados, choraram abraçados, resolvendo que aquele lugar seria o melhor para descansarem.

Imi sabia que não haveria mais motivos para não usar seus poderes. Movendo as pedras, criara uma pequena caverna para abrigar a todos.

A noite fora difícil. Mesmo durante o dia o Sol não aparecera, a fumaça negra os lembrava de todo terror passado.

A fumaça era possível ser vista por outro continente, não demorando para que inúmeros curiosos fossem até a cidade em ruínas. Imi ficara de guarda. Estava abalada por não fazer nada, deixando com que as crianças morressem. Mais uma vez não pudera salvar as crianças que precisava proteger.

O grupo dormira durante o dia todo, somente acordando lentamente durante a noite.

Shoiú continuara meditando desde que chegara com o grupo. Queria respostas e notícias sobre o que estava acontecendo e o que poderia vir a acontecer. E, conforme descobria, contava para seu grupo:

— Escutem, coisas horríveis está acontecendo por toda parte. Milkar está entre nós mesmo e está a caminho. Ela realmente trouxe junto toda sua laia corrompida e agora está assolando a maior parte dos vilarejos! Sinto informar que desde o país congelado até minha terra natal, sofrem com ataques desses seres do abismo.

“Durante nosso caminho estejam prontos para encontrar muito problemas. Tudo que conhecíamos, está mudado. O quanto antes sairmos desse deserto, mais chance desses meninos sobreviverem.” As visões premonitórias de Shoiú desolara a todos ainda mais.

Um silêncio incômodo tomara conta do pequeno grupo.

Gewitter, meio sem jeito, romperá o silêncio para precaver o grupo:

— Não podemos voltar para Verdeeld Eiland. Estão atrás de Aluin e de vocês dois. Durante a apresentação da disputa de espadas, pelo menos quatro lutadores juraram acabar com vocês três; a não ser que os enfrentar não seja um problema. Eles não imaginam que estão com a gente agora. E, pelo que sei, usar nossos poderes não é mais um problema *pra nós*, porém *pra eles* com toda certeza, será. E pode parecer uma hora delicada, mas é necessário que saibam algo importante, talvez Thomi possa falar se quiserem.

— Gewitter falara com pesar. Sabia que seria mais uma preocupação para o grupo, entretanto não matar os espadachins no campeonato era uma questão de fugir sem serem percebidos. Agora nada mais importava, Milkar com toda certeza sentira a emanção do poder de Hope.

— Deixe que eu fale. Gostaria que soubessem que de alguma forma, eu o possuo o mesmo sangue que Aluin, graças à mãe dele ter dado uma parte dela para minha mãe. E por isso somos irmãos de sangue, ou algo do tipo. — Thomi tentara explicara, sem explicar muita coisa.

— Calma, eu não entendi. Pode explicar um pouco melhor? — Miur pedira calma.

— Deixe que eu explique. A mãe de Thomi é Kroni! Ela salvou minha mãe antes da guerra contra Milkar. Kroni foi à demonia que traiu Milkar e todo resto vocês já sabem... Ela sobreviveu e anos depois teve Thomi e Hope. Por partilhar seu útero, mamãe ficou doente após meu nascimento e daí ganhei o ódio de Verräter.

Aluin, de cabeça baixa, explicara deixando Miur e Jäger impressionados. Havia escutados rumores sobre o caso, mas nada legítimo.

— Precisamos sair daqui. Senti fortes essências vindo para cá. Mesmo que precisemos matar todos esses filhos da *puta* em Verdeeld Eiland, será melhor que ficar aqui! Milkar está vindo. Não temos chances contra ela no momento. E se contasse como poderíamos ficar mais fortes, talvez Miur e Jäger não aceitassem.

Vamos indo, estamos sem montarias e ainda por cima sem provisões. — Dissera Shoiú terminando de meditar.

— E vocês três, por que estão aqui? — Perguntara Jäger para Gewitter.

— Acho que não se lembra de mim. Sou sobrinha de Gütig, minha mãe seria a rainha, mas ela casou com o príncipe Kalt tomando a coroa de minha mãe.

Desde então criei ódio por todos eles e dediquei cada segundo da minha existência em matar todos. E em especial, Aluin. Recebi um chamado e tive a promessa de ganhar mais poder, dessa forma não seria difícil tomar o reinado de Eisberg. — Gewitter explicara.

— Dessa forma fomos enganadas e persuadidas a ajudar uma mulher insana. Ela queria que os filhos de quem venceu Milkar servissem de farol para ela retornar para nosso mundo. Matei muita gente mandando a alma de todos para ela. Talvez esteja mais forte que antes! Ela não sabia quem seria os filhos que deveriam ser torturados e tudo mais, no caso seriam os filhos de Amir, os de vocês dois, — dissera apontando para o casal de elfos — dos Kalt e de Kroni. Agora sabendo de todas essas informações novas, Kroni se casou com Theodoro II. Só que agora que sei de todos esses fragmentos, entendi toda a história.

Sei que ela errou feio na conta e só pediu para cuidar de três crianças. — Continuara Shoiú explicando com naturalidade toda a brutalidade.

Imi continua a parte mais crítica da explicação que, com movimentos coreografados, lançara um feitiço de proteção. Nada poderiam vê-los cobertos pelo manto de proteção conjurado.

— Como sabem, Allis foi uma das crianças usadas como farol. A outra seria Aluin. As outras crianças seriam de Amir que estava com Hope. Ela contou essa história duas vezes até chegar até Bahr Araml.

“Pensei que Gewitter tinha ido atrás de Amira, mas na verdade eram Amira, Hope e Thomi que estavam no deserto atraindo o poder de Milkar! A lenda de quem venceu Milkar é

conhecido pela maioria das feiticeiras. Saber seus descendentes não é uma tarefa difícil, mas Miura desapareceu nessa batalha.

“Quando cheguei a Eisberg para sacrificar Aluin, um dragão sentiu meu poder e me libertou sem querer de meu transe lançado por Heks. Ela fez uma essência do corpo de seu filho e jogou em nós três para conseguir nosso controle! Com esse desequilíbrio causado pela volta de Milkar, os seres poderosos acordaram e agora estão soltos novamente.

Pedir desculpas não vai mudar o que fizemos. De minha parte, eu estou pronta para dar minha vida para proteger vocês! Dissera Imi com voz serena, pedindo desculpas enquanto andavam fora da estrada.

Indo a frente do grupo, começara a conjurar um feitiço de proteção, ficando fora da vista dos caçadores.



## 23 AS ENTRANHAS DO FIM

Sentindo um grande poder emanado, a jovem tivera suas costas rasgadas, emergindo das mesmas grandes asas de morcego. Suas pernas quebraram na altura dos joelhos, entortando-se como as de um bode. Uma calda com ferrão venenoso estava pronta para ser usado em conjunto com os cornos de carneiros da cabeça.

Alçando voo seguira o poder com toda a velocidade, cruzando uma longínqua distância. Levava dois dias para cruzar as cidades de Ríocht Glas e o oceano até conseguir alcançar as terras de Alearabia, um lugar que trazia sentimentos controversos. Consigo, carregava seu mais novo companheiro.

Como um cometa, o chegar do ser demoníaco causara uma grande cratera onde pousa. Em seguida pousara um seguidor do ser alado, que pousara com elegância sobre a areia fofa. Como um animal, a figura feminina sentia o cheiro no ar, indo para os lados até achar o rastro do cheiro.

Correndo sobre quatro patas seguira o curso de um rio calmo e largo, aumentando a velocidade gradativamente. Durante a longa caminhada, encontrara centenas de pessoas em seu caminho, vindo da direção contrária na estrada pavimentada.

Aos poucos reconheceu a paisagem, estava levemente modificada com o passar de muitos anos, entretanto ainda preservava inúmeros sentimentos ruins.

Mais um dia de caminhada veloz, atravessara o antigo campo de batalha de Buhayr Alsahr.

Sentindo o cheiro se intensificando, o ser alado parara com seu seguidor fiel.

Apesar da tempestade de areia, conseguia sentir o cheiro. Era como um cão caçando um javali. Cavando na areia, corria de um lado para o outro e, atravessando o rio e voltando, o cheiro havia sumido. Pensava por fim ser apenas areia com o cheiro de seus alvos, continuando sua procura.

Ao anoitecer conseguira ver a cidade de Bahr Araml ao longe. O fogo ainda ardia. A cidade estava destruída. Os muros grandes

estavam parcialmente derrubados, as casas e torres eram reduzidas em escombros do que antes era uma cidade cheia de riquezas.

Na estrada da cidade, inúmeras estátuas se enfileiravam de pessoas tentando fugir sendo atingidas pela lava e formando um exército petrificado. Passando pelas esculturas tenebrosas, a entidade fizera questão de destruí-las com sua calda serpenteando pela rua. A casca fria da rua se quebrara com o peso ao seu caminhar sobre ela, mostrando um rio de rocha derretida ainda vivo.

Farejando pelas ruas destruídas, encarara uma forma piramidal. Era a única construção intacta apesar da grande quantidade de sangue pelas laterais feitas de degraus.

No topo da pirâmide, vísceras e partes humanas estavam expostas.

Saindo de sua forma animalesca, novamente se transmutara em uma jovem atraente. Sentara-se na beira da pirâmide junto de seu seguidor, conversando em sussurros.

Nas ruas movimentadas de Verdeeld Eiland, a manhã seguinte da destruição da capital, existia uma nuvem de fumaça que anunciava a todos os transeuntes sobre uma calamidade ter atingido a capital. Filpain estava intimamente aflito pela visão.

Segundo suas contas, o bardo sabia que seus amigos estariam dentro da cidade quando tudo acontecera. Conhecendo-os bem como conhecia, suspeitava de que eles mesmos seriam os causadores de toda a destruição.

Não conseguia sair da cidade graças às ameaças do bando de mercenários que procuravam por Aluin, ficando dessa forma no aguardo das notícias do grupo de soldados e seus informantes que haviam ido investigar a situação de Bahr Araml.

Com a volta de um dos contatos do bardo durante a noite, um de seus informantes disfarçado de refugiado, fora até o Gato Cinzento entregar as informações no balcão enquanto bebia uma grande caneca de cerveja preta. Em meio aos goles da bebida amarga, as informações foram passadas.

— Pelo que fiquei sabendo, três crianças foram presas. Segundo as informações, seriam elas as causadoras de todas as pragas e maldições da terra deles! Precisavam morrer para que o deus deles voltasse sem problemas. A menina e o menino foram

purificados e, ao partir para sacrificar terceira, ninguém conseguiu ver nada!

Uma chuva de fogo e destruição começou matando quase todo mundo. — Dissera o informante como se contasse uma história de aventura.

— Obrigado amigo, beba à vontade, soube apenas das crianças? Mais alguma coisa? — Perguntara o bardo pensativo.

— Soube de um ser esquisito rondando a cidade. Talvez fosse uma quimera ou mantícurela pelas descrições. Deve ter ido atrás de restos. Acho que o bicho deve ter ficado triste, não havia um pedaço sequer de carniça lá.

“Voltando, as matilhas de *gnolls* e outras pragas dessas estavam muito mais atrevidas. Até besouros carnívoros de um metro cada meus homens encontraram cruzando o deserto noturno! São tempos difíceis, bardo. E a cada minuto fica pior.”  
Completara o informante batendo a poeira do deserto.

— Pois é... soube de alguns ataques dentro da cidade de monstros. Aqui na cidade inúmeros guardas estão nas pontes que ligam a cidade ao deserto. E acredite se quiser, o prefeito decidiu murar toda a cidade há quatro dias! Também criou postos avançados diante desses acontecimentos.

“Ele deve saber alguma coisa sobre o que está acontecendo... Talvez me reúna com ele mais tarde. Preciso por minha mente em ordem, faz muitos dias que não tenho notícias de meus amigos. Bem, desde que saíram para a capital.” O bardo não conseguira esconder seu descontentamento e preocupação com a situação atual, andando de um lado para o outro atrás do balcão.

Durante a conversa do bardo, uma multidão se movimentava rapidamente nas ruas. Intrigado, Filpain espiara pela porta se conseguiria identificar a causa de tamanha euforia. Acabando por fim puxando um garoto da rua.

— Ei, rapaz, me conte o que está acontecendo. O que é essa loucura aí nas ruas? Me conte e darei três moedas! — Dissera o bardo se abaixando e tirando três moedas douradas refletidas nos olhos do menino descalço.

— Claro que eu conto, senhor Gato Roxo! Talvez não acredite nisso...

Eu também achava isso apenas lendas, mas é verdade: alguns homens viraram lobos. Começaram a lutar com algumas mulheres asiáticas usando dentões! Obrigado pelas moedas. Agora preciso alcançar meus companheiros, vamos nos esconder no porão! — Respondera o menino correndo para se juntar com outras crianças que o esperava.

— Gato Roxo? Mas que disparate foi esse? Lobisomens nessas terras secas? Mas que merda, essas asiáticas no mínimo são vampiras! O pior é que estão brigando no meio da cidade sem medo de represálias. Ei, você ouviu alguma coisa parecida pelas suas andanças até Bahr Araml? — Perguntara o bardo voltando em direção ao seu informante.

— Como eu disse, as coisas estão estranhas por todo deserto, não me espantaria se em toda parte esteja acontecendo o mesmo que aqui em Verdeeld Eiland. E mesmo que não esteja, não demoraria a ficar assim.

“Esses muros altos, rodeando a cidade já mostra o que podemos esperar! Nas cidades de Ríocht Glas, a maioria das cidades já é assim devido às criaturas que vivem por lá. Se a história do lobisomem é real, a pele dele vale um bom preço. Devo me apressar para esfolá-lo! Até mais, *Gato Roxo*. — O estranho rira se despedindo de Filpain saindo pela porta.

Com o final do campeonato de espadachins prematuramente e os recentes ataques esporádicos de *orcs* e outras espécies agressivas, Filpain não tinha nenhum hóspede em sua estalagem. Quando seu informante saíra, trancara todas as portas e janelas, procurando por seus funcionários e lhes avisando sobre as recentes descobertas.

Manteria as portas fechadas à noite mesmo para novos hóspedes.

Uivos e grunhidos foram ouvidos por toda madrugada até a noite dar lugar à neblina fria dando pouca visibilidade dos raios solares. As destruições causadas pelos donos dos uivos eram nítidas: havia marcas de garras fundas nas paredes parcialmente caídas.

As testemunhas juraram que eram cachorros deformados, lutando com inúmeras pessoas que os mordiam e lhe davam tapas, com garras tão afiadas quanto de seus inimigos.

Embora devesse ser ataques brutais e sangrentos, não havia nenhuma mancha de sangue.

O único curioso ainda intrigado era Filpain que, com seu vasto conhecimento e com as provas em sua frente, à certeza de serem lobisomens brigando com seus inimigos, os vampiros, não poderia ser contestada. Distraído vendo a destruição, Filpain não percebera a aproximação lenta de duas pessoas que o observava.

— Olá, vejo que está intrigado com essa batalha. Esses cachorros e morcegos se pegaram de jeito, hem? Diga-me, o que você sabe do clã deles aqui nessa região?

Eu preciso me apresentar a eles. Não é nada bom ficar nessa cidade maluca de forma clandestina. — Dissera um rapaz de cabelos vermelhos e espetados. De seu rosto as costeletas seguiam vermelhas pelo seu rosto juvenil.

— Quem seria esse jovem esquisito que se mostra tão cedo com seu colega na rua? Cachorros e morcegos? Não sei o que fala rapaz, explique melhor.

E não se apresentar é falta de educação. Eu sou Filpain! — Questionara o bardo intrigado e amedrontado, dando dois passos para trás.

— *Oh*, desculpe, estou a dias procurando alguém que saiba algo dessa natureza que fiquei eufórico; descuido meu. Sou Lúcius Sindabriniai e esse é meu amigo, Yuki Kokishi. E não seja bobo, você foi o primeiro a chegar e ver os escombros. Eu não vim à noite para não ser notado e principalmente atacado. Yuki sabe onde fica o príncipe de sua espécie, mas ele prefere ficar longe desses pilantras espertos. — Apresentara-se o rapaz com uma reverência.

— Olá, senhor Lúcius Sinda...Er, Lúcius e Yuki. Então, ambos falamos de lobisomens, é isso mesmo? Se for, por favor, vamos a minha estalagem, ninguém saiu de suas casas com medo, podemos ir sem sermos notados.

Seguindo até a costumeira sala de reuniões do Gato Cinzento, Filpain apresentara as cadeiras para as peculiares figuras a sua

frente. O rapaz ruivo sentara e seu amigo asiático, com franjas cortadas semelhantes a uma tigela, permanecera em pé de observando tudo que podia até mesmo as teias de aranhas com moscas secas no canto esquerdo superior ao fundo da sala. Por alguns segundos Filpain observara o rapaz sentado com um longo casaco branco, brincos de argolas, botas marrons e os detalhes de toda sua vestimenta eram de prata.

— Seria melhor que você me explicasse o que está acontecendo, seria interessante saber tudo que acontece por aqui e as demais cidades. Muitas coisas estão acontecendo e seria bom saber de algo. Preciso entender o que pode ter acontecido com alguns amigos e talvez suas informações possam colaborar para esclarecer um pouco dessa loucura. — Filpain tinha medo da resposta dos dois a sua frente.

— Como é? O que faz pensar que eu sei alguma coisa disso? Só pelo fato de ser o que sou? Não sei nada dessas merdas aí não. Cheguei à cidade ontem antes do anoitecer, não foi fácil ter permissão para entrar de forma gentil! Agora, me diga onde posso encontrar o líder dos lobisomens, preciso me encontrar com eles o mais rápido possível. Isso, é claro, se agora você der um pouco de seu sangue para Yuki, ele pode ajudá-lo. — Lúcius achava graça por um breve momento, depois fechando a cara, causando mais medo no bardo.

— Bem, pensei que você sabia ou tivesse informações. Devo pensar sobre dar meu sangue para Yuki. Eu realmente preciso saber o que está acontecendo, meus amigos sumiram após esses acontecimentos!

— Com toda certeza Yuki pode te mostrar. Agora que pensei, eu não vou mais atrás deles, estão em guerras na rua aos olhos de todos, ficarei em sua estalagem. Acho ridículo isso de se apresentar, somos de Ys En Vuur, viemos aqui apenas de passagem, partiremos amanhã mesmo para Insel. Em quais quartos podemos ficar até amanhã? — Perguntara Lucius enquanto se levantava e esticava as costas, parando ao lado da porta por seu anfitrião.

— Não tenho nenhum hóspede no Gato Cinzento. Fiquem à vontade, tenho quarto de casal, com duas camas ou separados,

vocês decidam. Depois dos meus amigos eu não duvido e nem julgo nada, nem ninguém por suas escolhas. — Filpain rira sem graça mostrando os quartos para os rapazes.

— Mas veja só, apesar de amigos não somos um casal. Pelo menos meu negócio são garotas. — Lúcius soltara um uivo quando falara de garotas, perdendo a compostura e entrando na primeira porta ao seu lado.

Yuki sem falar nada sumira, apenas escutara que ele havia entrado em outro quarto. Balançando a cabeça, descera as escadas se deparando com seus funcionários conversando com uma jovem oriental, explicando a ela que ninguém mais poderia entrar na estalagem por ordem do dono.

Filpain se aproximara da jovem; era muito parecida com uma que já havia se hospedado ali para ver o campeonato de espadachins. Lembrava-se de seu rosto não ser tão pálido e de estar acompanhada por suas companheiras, porém sequer lembrava do seu nome.

— O que está havendo aqui? Pessoal se acalmem! É apenas uma jovem. E se me lembro, já estive hospedada aqui. Deixem-na falar. Olá senhorita, sou Filpain a seu dispor.

— Nunca estive aqui antes, eu moro na parte alta da cidade. Ao que me parece um dos meus está aqui com um de seus cachorrinhos. Diga-me magricela, onde estão, sinto o cheiro deles em você! — Dissera rispidamente a jovem pálida coberta por um casaco pesado e balançando um medalhão prateado com rubis.

— Ora bolas, parece-me que confundo vocês são todas... Quer dizer, são muito parecidas! Por favor, me siga até meu escritório. — O bardo rubro seguira para seu escritório.

— Vamos logo humano, pare com essa estupidez, cadê aqueles patifes? Ou serei obrigado a matar suas criadas para ver que eu não estou de brincadeira? Diga-me agora, ou sentirá toda minha ira! — Seu grito parecia gelar o coração do bardo e de suas criadas.

O bardo em um lance de coragem puxara sua adaga, apontando para a mulher em sua frente. Com a mão trêmula, por

conta do olhar da vampira, o punho de Filpain começara a se torcer e seguir em direção a sua testa.

O bardo estava se apunhalando!

Entrando com a lâmina dentro de sua testa, a sua mão caíra decepada no chão. Desesperado e em pânico, o bardo caíra de joelhos segurando o pulso direito cortado.

A vampira, também se agachando em sua frente, ameaçara-o.

— Parece que talvez agora me diga o que quero saber! Ou preciso tirar a outra mão? — Disse a vampira lambendo os beiços.

— Não é necessário ele falar onde estou.

Apresentando-se de uma fumaça que tomara forma, enfiara a mão na nuca da vampira, puxando sua língua para trás. A vampira se transformara em um monte de cinzas, enquanto Yuki lambia a parte cortada da mão de Filpain e colocar o órgão contra o pulso sangrento.

— Hum, parece que agora preciso lhe dar algumas respostas, não é? Vou responder primeiro porque um vampiro anda no meio do dia. Depois de um incidente com um ser do submundo, o limite do Sol não mais existe, não só para nós, mas para *todos* os seres da noite. Podemos andar livremente sem nossa maldição nos causar problemas. Agora, com os lobisomens, eles podem se transformar quando quiserem, só não podem reverter a transformação até ficarem desacordado. Vamos para algum lugar para mostrar o que quiser saber, perdeu o braço para me proteger; tenho uma pequena dívida. — Yuki ajudara Filpain a levantar, seguindo para seu escritório.

— Diga-me bardo, o que precisa saber?

— Mostre-me tudo que eu possa ver. Comece por Bahr Araml. O que houve lá? Depois vemos o que mais ver. — Dissera o bardo mexendo em seu pulso recém colado.

Ao colocar a mão dentro da pele de Filpain, Yuki tivera seus olhos enegrecidos por completo. Entrando em transe, vira a cidade toda queimando e voltando a ficar inteira e lavas voltando para as fendas na terra.

A imagem era vista de trás pra frente e como Yuki era um ser da noite, seu alvo fora às crianças sendo picadas vivas. Filpain caíra



de joelhos com as mãos nos olhos. Todavia, por mais que os tapasse, a visão era introjetada em sua mente. Vira os pedaços de Allis o remontando e os gritos voltando a sair de sua boca, depois fora à vez de Kibo, ser remontada e seus gritos pavorosos retomar seu tom mais agudo.

— Pare, eu não quero mais ver! Aquele lugar maldito foi o túmulo de meus amigos. Me mostre o motivo para eles terem morrido... Me mostre a vida daquele morfético matando as crianças! — Filpain estava destruído, porém queria descobrir toda a desgraça que acontecera.

— Não sei o que quer dizer, essa visão foi de algum vampiro que sugou o sangue de algum espectador. Só consigo saber coisas que foram vistas e sugadas ou armazenadas por mentes vampíricas. Posso tentar achar, mas talvez demore mais do que seja seguro pra você, bardo.

— Preciso ver um mago. Ele poderia me mostrar ou me explicar. Seu amigo Lúcius? Tem certeza que ele não sabe de nada? — Perguntara Filpain.

— Eu conheci ele há poucos dias, só estou o seguindo porque é bonzinho, só isso. Pergunte a ele. Se souber que perdeu a mão para salva-lo, talvez ele te responda com mais verdades. Vamos vê-lo!

Batendo na porta de Lúcius, o rapaz atendera a porta.

— O que vocês querem? Já é outro dia? — Perguntara o menino coçando os olhos.

— Não, uma vampira veio atrás de você. E Filpain perdeu a mão para poder te esconder, eu o salvei e a coleí, agora você deve algumas explicações a ele. — Respondera mostrando o braço ainda sujo de sangue de Filpain.

— Mas que confusão em seu magricelo, entrem de uma vez! O que você quer saber, sujeito magricelo? — Perguntara o lobisomem.

— Me conte o que está acontecendo. Sei que você sabe e está fugindo por algum motivo.

— Olha cara, é uma parada que talvez não acredite. Mas sinto, em meu íntimo que nossa realidade já está comprometida.

Senti e encontrei dezenas de criaturas grotescas por toda parte. Já faz muito tempo quando a guerra contra Milkar aconteceu. Eu estava no exército de Amir.

“Aquela mulher, a Milkar, foi enviada para o mundo dela e agora ela parece ter voltado, e não sozinha. Ela tramou durante estes anos sua volta triunfal com todos os diabos que moravam com ela. Dessa forma, essa *dona*, trouxe o mundo dos mortos todo para nosso mundo!”

O que Lúcius não sabia e que tudo que contara, Filpain já havia visto dentro dos sonhos das crianças. Muitas das coisas corroboraram com o que Lúcius dissera e também pelos burburinhos ouvidos atrás da porta do quarto das três belas hóspedes vindas do oriente.

Durante o devaneio de Filpain com o trio de meninas, sentira as paredes do Gato Cinzento tremendo. Tinha *certeza* que seriam os amigos da vampira!

Pegando sua flauta em seu quarto, ficara na espera por seus distintos companheiros: Yuki, com um tradicional capuz preto e Lúcius, com um casaco branco de golas altas.

Ao descerem as escadas dos fundos e saltando pela porta principal, o espanto maior fora sentir um novo tremor mais forte, trincando as estruturas do Gato Cinzento.

Não era ataque inimigo, mas sim um terremoto que estava atingindo a cidade toda.

Em instantes a hospedaria ficara em ruínas e, seguindo a paisagem local, todas as edificações ficaram parcialmente destruídas, somente, destacando-se entre toda a fumaça e focos de incêndio, a torre do mago se destacava ainda em pé.

As pessoas nas ruas se amontoaram fugindo para o nada. Corriam sem saber para onde os navios em sua maioria, estavam parcialmente afundados na orla.

Filpain puxara seus colegas rumo à torre do mago, por onde passara por círculo de ervas medicinais, enquanto seus dois novos amigos trombavam contra uma parede invisível.

— Esperem aqui, volto rápido!

Sem poderem fazer nada, os dois ficaram escondidos e dando voltas pelo escudo invisível. Em contrapartida, Filpain subia correndo as escadarias atrás do mago.

— Rabi Jayid, onde você está? Sou eu seu velho moribundo, Filpain!

Filpain encontrara seu companheiro mexendo na sua esfera branca assistindo inúmeros acontecimentos.

— Era isso mesmo que precisava! Espero não estar vendo jovens se banhando. Preciso ver algo muito importante, quero que me mostre sobre Milkar! — Filpain pedira se sentando na cadeira em frente ao mago barbudo com chapéu pontudo.

— Espere um pouco, o que você quer com esse ser asqueroso? Saiba que ele está aqui no nosso mundo e em breve será o mundo dela! — Falara o velho mago de forma cansada, mas rígida.

— Pare de enigma, velho gaga! O que está acontecendo? Me conte tudo. Agora!

— Veja você mesmo.

Com os dedos trêmulos, lançara um feitiço no bardo, fazendo-o ver em lances o que o aguardava.

Filpain mergulhara em um pesadelo onde encontrara Milkar sendo invocada por Khayin. Estava ainda rapaz e fazia um pacto com ela de trazê-la para seu mundo em troca do trono de Bahr Araml.

Instantaneamente surgira no deserto um castelo corrompido, que tinha como súditos, criaturas do abismo. Estavam sob o comando de uma jovem de cabelos rosas com chifres e asas sentada em seu trono de esqueletos.

Dando ordens, seus exércitos dizimavam aldeias pequenas, devorando a maioria de seus moradores, levando mulheres e crianças para servirem de alimento para Milkar.

Por um tempo ela reinara em Buhayr Alsahr sem problemas, onde recebeu uma esquadra de navios atracados do rio Khalas. Nessa audiência ela atendia um velho cinza e lhe propunha um grande pacto.

Com o crescimento do poder de Milkar, a mesma já dominava grande parte do deserto e influenciava suas criaturas para destruir e

assolar tudo e todos.

Sua influência pervertia reinos em troca de seus poderes e, aos poucos, chegaram até um sujeito magro da cidade congelada.

Ele se tornara o fiel servo de Milkar, deflorando a jovem rainha quando ela e seu esposo dormiam sobre influência de uma gema negra. A rainha havia engravidado desse estupro e, mais tarde a mesma rainha, ajudara uma serva de Milkar a trai-la, trocando seu útero pela lealdade de sua nova aliada.

Sem a ajuda de incontáveis soldados e do sacrifício de uma criança, Milkar não poderia ser selada novamente em seu reino decadente com seus pactos no mundo dos vivos, onde as almas necessárias seriam trocadas pela liberdade dela.

Milkar não era o único ser poderoso do seu reino morto. E, com sua lábia, convencera de dividir com mais sete leviatãs o mundo vivo.

Após muitos anos, a mesma ideia de usar o poder de Milkar fora reutilizada.

Uma velha dera seu filho em obediência a deidade e assim inaugurara uma nova fase de decadência entre os vivos.

Duas cidades foram entregues para a liberdade de Milkar e seus novos generais.

Para satisfazer sua mente mimada, ela queria que os filhos de seus assassinos pagassem pelo ato dos pais. Porém apenas conhecia dois dele: a filha do imperador do deserto e do reino de gelo.

A filha do deserto fora morta antes da hora enquanto a do gelo, sofria e serviria como hospedeira. Por descuido, uma de suas servas sacrificara uma criança errada, incapacitando sua vingança.

Sendo expulsa dessa criança, mais uma vez esperara para ser liberta.

Quando conseguira sua liberdade, levava os sete leviatãs e todos os outros seres das profundezas que lhe eram relevantes consigo.

Saindo no mundo dos vivos, imediatamente todos os continentes manifestaram forças terríveis. As cidades eram atacadas e destruídas; as pessoas precisariam viver cercados por muralhas.

Os bosques verdejantes se tornaram florestas negras e pântanos com criaturas assombrando e desolando toda área. O

deserto hostil expelia gases tóxicos. O grande rio, tornara-se um córrego fino e raso. Enquanto besouros venenosos e manadas de monstros carniceiros espreitavam cidades muradas.

Nas cidades, as regras e leis não surtiam mais efeito. Apenas em grandes capitais haviam um pouco de civilidade. A noite se mantinha sempre presente os gases e fumaça que tapavam o sol e deixavam a chuva ácida. A maioria dos homens se juntara para liquidar a horda de monstros, acabando trucidados.

Mulheres e crianças ficaram indefesas, servindo como objetos de troca.

O mar, sempre violento, abrigava agora criaturas colossais em suas profundezas, enquanto no ar dragões e entidades deformadas e corrompidas pairavam sobre qualquer coisa que quisessem devorar.

Onde antes raças viviam em paz, fora trocado por desordens e rebeliões.

A fome e a peste assolavam as populações más alimentadas e doentes. O canibalismo se tornara um meio de sobrevivência, onde os mais fortes conseguiam se manter mais tempo vivos.

Milkar reinava com seus generais sem terem inimigos a altura de impedi-la.

Caindo no chão Filpain se levantava em um salto. Desesperado abria uma garrafa de vinho e a bebia ferozmente, voltando a se sentar, perguntando ao velho gorducho e corcunda:

— Mas que merda é tudo que vi? Me explique, me conte como é possível seu miserável! O que me mostrou, ande logo com isso Rabi! — O bardo segurava mais uma vez o colarinho do velho vestido um manto verde que respondera rindo.

— Isso o que viu é o passado, o presente, e o que pode ser o futuro! Você pediu para ver tudo sobre ela e viu. A única parte que pode mudar é o futuro próximo. Caso contrário, o futuro já estará escrito.

— Agora localize meus amigos, velho maldito! Vamos onde Miur e Jäger estão. — Filpain pedira enquanto bebia mais um gole de vinho, pronto para mais uma visão.

Filpain encontrara Miur ferido, andando se arrastando ao lado de Thomi que estava tão ferido quanto ele. Estavam a caminho de

Verdeeld Eiland dando lentos e cansados passos. Procurando pelos demais membros do grupo, Filpain começara a ouvir o grito e choro de Kibo. Nesse instante ele se levantara mais uma vez.

— Isso é o que estou pensando velho? Kibo já percebi que morreu, mas e os outros? Onde estarão?

— Minha esfera mostra quem está mais próximo. Seu amigo está vivo e por perto. Os outros devem estar mortos ou protegidos por magia! Os mortos podem ser visitados por necromantes; minha busca é pelos vivos.

“Procure um necromante e saberá quem está morto. Eu lamento bardo.”

Filpain escutara a última explanação de Rabi enquanto descia as escadas.

Encontrando com seus companheiros no lado de fora, o bardo pedira para que o seguissem. Lúcius e Yuki correram até a saída da cidade, atravessando os portões e cruzando a ponte. Ao longe, via duas sombras cambaleantes, uma grande e uma pequena se arrastando rumo a cidade.

Filpain correrá até eles o máximo que podia.

— Ei, magricelo quer uma ajuda para ir mais rápido? Suba em meus ombros. Eu o levarei mais rápido até aqueles dois, percebi que ficou eufórico quando os viu! — Lúcius falara oferecendo ajuda sendo prontamente aceita.

Cruzando o deserto velozmente, chegara até as sombras.

Miur e Thomi estavam deploráveis, feridos, com fome e olhares mortos.

Ao virem Filpain, um leve esplendor na visão de ambos surgira nos rostos machucados.

— O que houve meu amigo, vocês estão bem? Onde estão os outros? — Inconveniente como sempre, Filpain perguntara algo que não precisou de respostas.

Os olhares frios, tristes e sem esperança de ambos responderam.

Mesmo dando-lhes uma poção vermelha para cada apenas o corpo retornara. Ambas as mentes haviam sido destruídas.

Não foi preciso dizer nada, os cinco sentaram no meio da duna para descansarem e respirarem. Talvez algumas horas

sentados não resolveria todo o estado em frangalhos de ambos.

Thomi dormira encolhido com a cabeça no colo de Miur. Apesar das possíveis perguntas, o elfo apenas sinaliza negativo com a cabeça para o amigo.

Os dois novos integrantes entendiam o que havia acontecido. Temiam serem os próximos a ter o mesmo destino dos demais.

*Continua...*

## 24 GLOSSÁRIO

### PERSONAGENS

1. Allis Heliga = Alis Rialiga.
2. Manabudh = Nome de Allis quando é resgatado de seu naufrágio.
3. Aluin Kalt = Aluin Calti — Príncipe do Reino do Norte — Nordreich, Eisberg.
4. Hure = (Rure) — Segunda personalidade de Aluin, uma menina.
5. Hass = (Rás) — Terceira personalidade de Aluin.
6. Alter Kojote = (Alter Corrote) — Conde de Nordreich, Eisberg.
7. Amira = Princesa, filha de Amir.
8. Amir Malik Alramal = Rei do Oriente. Bahr Araml capital de Alearabia.
9. Anne Luize = Anã Campeã do torneio.
10. Beard Géar = (Bear Giar) — Anão ferreiro.
11. Dragões negros = Schwarze Drachen.
12. Eis = (Ais) — Filha de Miur.
13. Filpain = (Filpein) Bardo.
14. Flammen = (Flammein) — Irmã feiticeira de Jäger.
15. Gehirn = (Guêrrim) — Bárbaro grandalhão.
16. Gütig = (Gutigue) — Rainha de Nordreich, Eisberg, mãe de Aluin.
17. Hope = Irmã de Thomi, possui um olho verde e roxo igual o irmão.
18. Ikiru Kibo = (Ikiru Kiboo) — Menina do oriente.
19. Izzi — Vampira.
20. Jäger (Jägerin) Heftig = (Yegar) — Elfa arqueira.
21. Jungen Vergewaltiger = (Iunguer Verguervaitegar) — Marquês de Nordreich, Eisberg.
22. Khayin = (Caiim) — Cunhado traidor de Amir.
23. Kalinka Slavinka — Mercenária Caçadora.
24. Kroni = (Krunim) — Demonia mãe de Thomi e Hope.



25. Lúcius Sindabriniai Kunchai — Lobisomem.
26. Mächtig Kalt = Pai de Aluin, rei de Nordreich, Eisberg.
27. Mack = (Máqui) — Líder dos orcs.
28. Mahalin = (Marralim) — Líder da aldeia de areia.
29. Miur Heftig – (Miur Relfitigue) — Guerreiro meio elfo.
30. Meurtrier = (Meltrier) — Capitão dos piratas sombrios.
31. Mushmis = (Muchimiche) — Garota que ajuda Allis depois de seu naufrágio.
32. Muskeln = (Musklme) — Guerreiro bárbaro.
33. Probivnoy = (Prebinovoi) — Mercenário.
34. Rayiys = (Raies) — Velho cacique.
35. Roter Bär = (Ruter Biaar) — Duque de Nordreich, Eisberg.
36. Sindaco — Soberano de Ghost Island.
37. Theodoro II = Pai de Thomi e Hope.
38. Thomi = Menino com olhos verde e roxo.
39. Verräter Kalt = (Verretar) — Príncipe/rei de Nordreich, Eisberg.
40. Yuki Kokishi = (Iuqui Coquichi) — Vampiro.

## **FEITICEIRAS E FEITICEIROS**

1. Dunkerhait – (Dunquerraiti) — Mago da Escuridão.
2. Gewitter = (Guevaitar) — Feiticeira dos trovões.
3. Heks = (Réquis) — Bruxa vodu.
4. Imi Höllenfeuer = (Imi Relenfoiar) — Feiticeira das chamas.
5. Kyōry Okuna = Desconhecido
6. Miura Sukui = Feiticeira da cura.
7. Nachtigall = (NaTchigal) — Mestre de Gewitter.
8. Rabi Jayid = Desconhecido.
9. Shaytan = Desconhecido.
10. Shoiú Shisha no Josei = (Choiú Chicha Jozei) — Necromante.
11. Tóunão = Desconhecido.

## **LOCALIDADES**

1. Almadinat Aleayima — Cidade flutuante – fortaleza de ferro.
2. Alquraa Alsahrawia — Aldeias do Deserto
3. Ajia no chichūkai — Mediterrâneo asiático.
4. Bahr Araml — Cidade capital de Alearabia.
5. Buhayr Alsahr — Cidade onde Milkar fez seu esconderijo.
6. Eisberg — Capital de Nordreich, Reino do Norte.
7. Eissee — Lago de congelado de Eisberg.
8. Fluss — Grande rio Eisberg que liga o lago Eissee até o Mar.
9. Forked — Cidade Capital de Ríocht Glas
10. Gato cinzento — Taverna Filpain em Verdeeld Eiland.
11. Ghost Island — Ilha habitada por criminosos e um grande mercado do submundo.
12. Gōsutoairando — Ilha fantasma oriental.
13. Hikari Kyō suramu — Vilas de Kokyo.
14. Höllenportal — Portal do Reino dos Mortos.
15. Ice Motto — Cidade vizinha de Eisberg.
16. Insel — Cidade próxima de Forked, onde foi à casa de Hope e Thomi.
17. Khalas — Rio que corta o continente árabe.
18. Kokyo — Capital do Extremo Oriente.
19. Leuse — Cidade de pescadores do deserto no Reino Árabe.
20. Jisr Eimlaq — Ponte gigantesca sobre o rio Khalas.
21. Robalo mestre — Taverna de Waterfront no Reino Verde.
22. Side City — Segunda vila destruída por Shoiú.
23. Verdeeld Eiland — Grande cidade costeira do Reino Árabe.
24. Waterfront — Cidade natal de Allis no Reino Verde.
25. Ys En Vuur — Cidade vizinha de Verdeeld Eiland no Reino Árabe.

## **REINOS E IDIOMA.**

1. Mundo Conhecido — Reino Árabe — Alearabia — Alearabiam.
2. Mundo Conhecido — Reino do Norte — Nordreich — Nordreichem.
3. Mundo Conhecido — Reino Verde — Ríocht Glas — Richtian.
4. Extremo Oriente — Reino Oriental — Kokyo — Kokerim.

5. Extremo Oriente — Reino Mercador — Isutoshiti — Isutoshitirim.
6. Extremo Oriente — Ilhas Reais — Xīshēng Qúndǎo — Xinshengrim.
7. Extremo Oriente — Reino dos Dragões — Yong-ui Ttang — Yongrim.

## **FEITIÇOS**

1. Kurat narian = (Curari Nariam) — Bolas de fogo.
2. Tamashī no bakuhatsu = (Tamachi no bacurratissu) — Explosão da almas.
3. Todesstrahl = (Todestral) — Raio poderoso caído do céu.
4. Feuersturm = (Faiarchitorme) — Tormenta de fogo
5. Apokalypse der Flammen = (Apocalipse der Flammen) — Apocalipse de chamas
6. Nayazak allahab = (Naiazaqui Alarrabi) — Meteoro de chamas
7. Suimin = Durma, Ordem para dormir.
8. Tamashī no dorobo — Ladra de Almas, rouba a alma do alvo

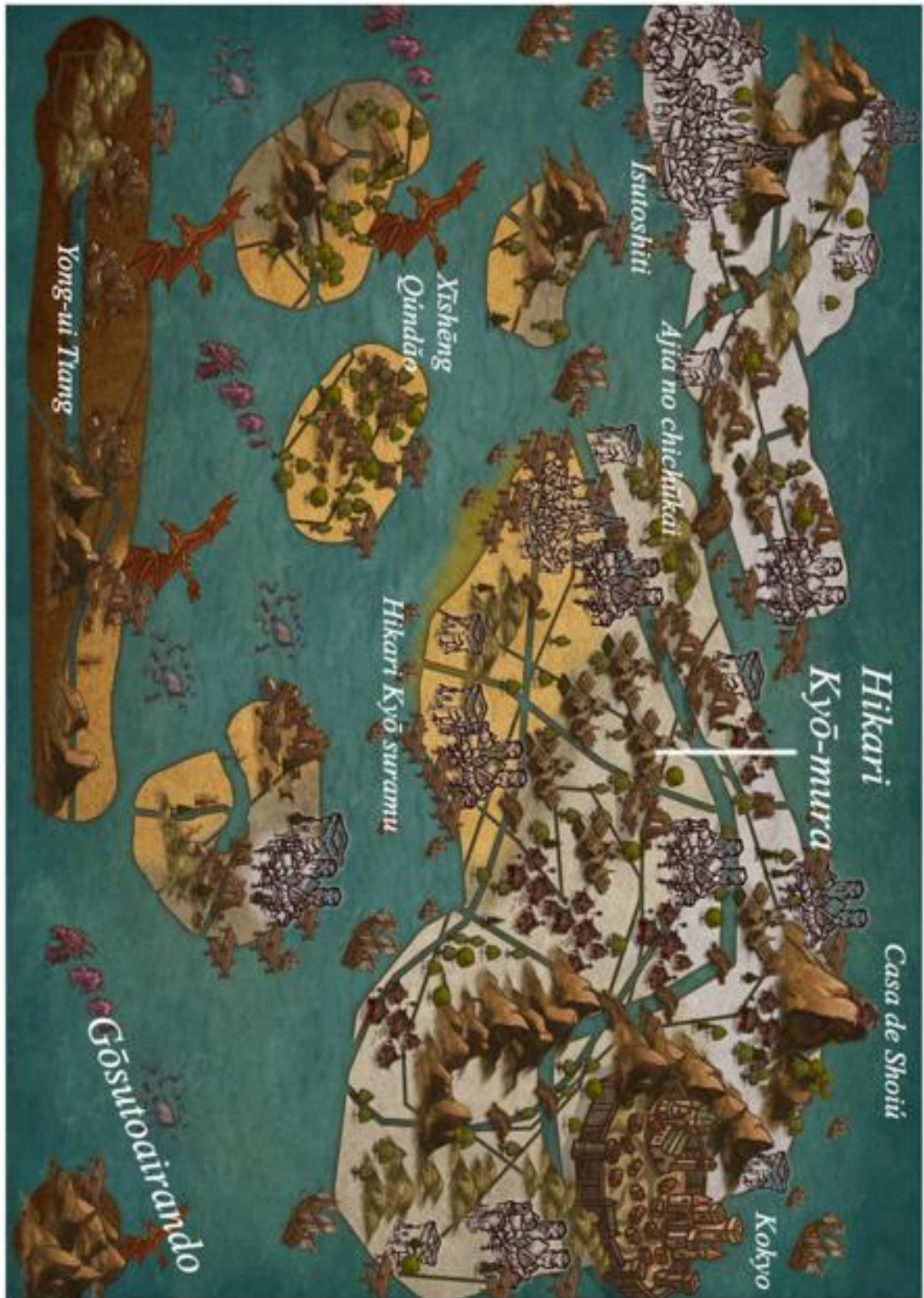
# **25 MAPAS**

## **MUNDO CONHECIDO**





# EXTREMO ORIENTE



Notas

[←1]

[←2]



[←3]

[←4]

[←5]

[←6]

[←7]

[←8]

[←9]